

cherish
BOOKS

Em queda
LIVRE

L.M. HALLORAN



cherish
BOOKS

Em queda
LIVRE

L.M. HALLORAN

Título original: The Flight Before the Fall
Copyright © 2018 por L.M. Halloran
Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Luísa Lopes
Preparo de originais: Bia Carvalho
Revisão: Elimar Souza
Diagramação: AJ Ventura
Capa: Gisele Souza

Halloran, L.M.

Em queda livre / L.M. Halloran; tradução de Luísa Lopes. Rio de Janeiro: Cherish Books,
2020.

Tradução de: The Flight Before the Fall

1. Ficção americana I. Lopes, Luísa. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Cherish Books

SUMÁRIO

capa

parte um: a queda

prólogo

1. as histórias que contamos
 2. o mistério das geleiras
 3. peças de quebra-cabeças
 4. malucos pela fazenda
 5. toca de coelho
 6. afogando-se, não acenando
 7. sacrifícios
 8. estrada da memória
 9. amor e guerra
 10. jogos de fumaça
 11. dores de crescimento
 12. insanidade grupal
 13. lavar o chão
 14. e aí vem o chão
 15. corra corra corra
 16. o labirinto
 17. águas calmas
 18. cortinas de fumaça
 19. basofobia
 20. luz do luar
 21. iluminados pela lua
 22. levante e ande
 23. tempestades de raios
 24. passo para o abismo
 25. contagem para a liberdade
 26. adeus
- parte dois: o voo
27. mundo novo
 28. algodão doce

29. [implosão](#)
30. [andar na prancha](#)
31. [matéria cinza](#)
32. [incendiário](#)
33. [cuidado com o que deseja](#)
34. [brilho incandescente](#)
35. [consequências](#)
36. [aceleração](#)
37. [desconcertada](#)
38. [o problema](#)
39. [escapada tropical](#)
40. [abraça o vento](#)
41. [brilho](#)
42. [uma onda perfeita](#)
43. [vista aérea](#)
44. [ache as estrelas](#)
45. [um passo para frente](#)
46. [flash verde](#)

[epílogo](#)

[agradecimentos](#)

Amor é isto: voar para um céu secreto, causar a queda de mil véus a todo momento. Primeiro libertar a vida. Depois, dar um passo ao além.
Rumi

*Para Cece e Marika
&
qualquer um que
sentiu as limitações da gravidade*

Trilha sonora

“Middle Fingers”—MISSIO

“Youth”—Daughter

“Astronaut”—Mansionair

“Sweater Weather”—The Neighbourhood

“Don’t Move”—Phantogram

“Stressed Out”—Twenty One Pilots

“Skinny Love”—Bon Iver

“Cleopatra”—The Lumineers

“Genghis Khan”—Miike Snow

and more...

Escute no Spotify

parte 1 – a queda



prólogo



Dia 0

Eu não tentei me matar. Foi um acidente. Não – mais que um acidente. Um desastre natural, imprevisto e repentino. O inconstante relâmpago do destino. Forças ocultas se juntando para o cataclismo. Não havia maneira de pará-las. Não havia como se preparar.

Et cetera.

Ninguém acredita em mim, é claro. Tente explicar para seu pai obtuso que não foi uma tentativa, mas a má sorte, que lançou o carro precipício abaixo. Nem era um precipício. Eu já vi maiores. Já me joguei de abismos mais vezes do que posso contar – lábios curvados em risos, braços retos em direção a águas turbulentas.

Não era um precipício. Um morro, no máximo. Gramado e rochoso, com uma leve inclinação depois de uma baixa e precária barreira de proteção. Não há mais barreira, ao menos, não depois que o impacto do meu carro arrancou uma parte, onde o empurrão pressurizado deixou faíscas, porque seus parafusos enferrujados não eram páreo para um carro de luxo indo a setenta e cinco quilômetros por hora.

— É para o seu bem, Mia.

Afastando de mim pensamentos persistentes de fumaça e faíscas, olho para meu irmão gêmeo. A cara abatida de Jameson conta a história de sua preocupação, assim como seus olhos vermelhos e delineados por uma sombra. O estresse do meu acidente ativou sua insônia.

Nossos demônios cobram preços diferentes.

— Me desculpe — minha voz é um sussurro entre nós, uma vibração sem sentido. Eu não sinto remorso, e ele sabe disso.

Dedos gelados tocam os meus, que se agarram mais forte contra o apoio de braço acolchoado.

— Esse lugar é altamente recomendado. Seguro e privado. Você ficará bem.

Sua voz, ao contrário da minha, tem alguma réstia de emoção. Súplica, talvez. Com um leve toque de pesar. Ou seria alívio?

Eu não sei por que me dou ao trabalho, mas tento de novo.

— Foi um acidente. Meu sapato...

— Está tudo bem.

Engulo minhas palavras. Engasgo com o pico de insatisfação. Ninguém acredita em mim. E não tem ninguém a culpar a não ser eu mesma – eu flertei com o perigo com ousadia crescente desde que tinha sete anos de idade, quando quebrei o braço pulando do telhado.

Mas a lembrança da dor, mesmo aquele solavanco inicial, sempre ficou em segundo plano em comparação com a sensação transcendente de leveza. Por alguns meros momentos, eu me sentia livre.

Há uma leve batida na porta. Algo inútil, porque ela se abre imediatamente depois. Jameson se ajeita na cadeira ao lado da minha, correndo os dedos pelas suas madeixas marrons desleixadas.

— Está na hora de cortar o cabelo, J — eu murmuro.

Ele olha para mim, censurando e divertido ao mesmo tempo, antes de olhar para o nosso visitante.

— O carro está aqui?

Meu pai confirma, seu olhar passando por mim e desviando. Sua evasão não me incomoda – não é algo novo. Ele pigarreia, e eu observo seu pomo de adão subir e descer debaixo de seu queixo quadrado.

— Você tem certeza de que esse local é melhor que... que... — ele não termina, mas as palavras flutuam no ar.

Hospital psiquiátrico.

Sanatório. Casa de maluco. Manicômio.

Eu quase dou risada com a situação.

Quase.

— Sim — responde meu irmão. Seus dedos tremem perto de sua cabeça, mas ele resiste ao impulso ao colocar as mãos no bolso. — O programa deles tem noventa e quatro por cento de sucesso.

Eu bufo.

Jameson faz uma careta para mim. Ele, ao menos, não tem medo de me encarar.

— Foi um pesadelo para te aceitarem, Mia. Você não faz ideia do que eu tive de fazer para convencê-los...

— Jameson — nosso pai interrompe.

Os lábios de meu irmão se comprimem em uma linha fina. Depois, ele dá um longo suspiro, enquanto tensão se desprende de seus ombros. Seus olhos, no entanto, se mantêm fixos nos meus, as profundezas azuis obscurecidas com emoção. Medo. Ressentimento. Esperança.

Desvio o olhar primeiro.

Agarrando os dois apoios de braços, eu me levanto. Uma dor cega irradia do meu ombro machucado para minha coluna, e meus músculos mandam um recado, alertando sobre as minhas enfermidades. As limitações da carne e dos ossos.

As pressões da gravidade.

Jameson tenta alcançar meu braço, mas eu me esquivo, gemendo quando meu ombro protesta.

— Não seja teimosa — ele diz, mas seus lábios estão tremendo.

Lutando contra a isca familiar do nosso humor macabro e compartilhado, eu sorrio.

— Ao menos me diga que este lugar tem boas drogas.

Ele ri, mas com cautela.

— Se por drogas você quer dizer terapia, então, sim. As melhores drogas da Costa Oeste.

Penso em uma resposta ácida, mas o que sai é uma súplica quebrada.

— Eu juro, J, por mamãe e por Philip, foi um acidente.

Meu pai solta um murmúrio. Do canto do olho, eu o vejo sair da sala. Jameson se empertiga como se cada palavra minha fosse um soco. Sua mandíbula trava e destrava enquanto ele luta. Ele quer acreditar. Já é alguma coisa.

Mas não o suficiente.

Seus ombros caem. Seus olhos — tão cansados, a pálpebra esquerda tremendo — encontram os meus.

— Faça isso por mim, Miau — ele diz suavemente.

Ele me pegou.

Cerro os dentes, enquanto assinto.

— Por você, sim, Javali.

Meu olhar avalia o quarto de visitas estéril mais uma vez. Meu precário armário já está arrumado, a mala está do lado de fora. A única evidência restante da minha estadia ali é meu celular descansando na escrivaninha. As pequenas fissuras de sua tela quebrada e sem vida me hipnotizaram momentaneamente. A lembrança das rachaduras em forma de teia de aranha do parabrisa do carro assombraram minha mente.

Jameson dá dois passos e pega o telefone, colocando-o no bolso da frente de seu blazer. Arrancada de meu transe, eu suspiro. Agora não há um único resquício meu na casa de Malibu de meu pai. Não que jamais tivesse havido; aquele lar nunca foi meu.

— Vamos, Mia.

Em silêncio, sigo meu irmão para fora do cômodo, para um corredor ventilado, pelo salão de piso frio e até uma tarde ensolarada e dourada. Erguendo uma mão para sombrear meus olhos, paro sobre um piso de terracota e encaro o carro de passeio fortemente colorido. Minha mala já está no bagageiro. A porta de trás está aberta, sendo mantida assim pelas mãos enluvadas de um homem de terno. Ele é discreto em todos os seus gestos, sua individualidade esmagada pelas regras de etiqueta.

Eu me pergunto se ele sabe que sou prisioneira ou se ele sequer liga para isso.

Sorrindo tensamente, pergunto ao meu irmão:

— As paredes acolchoadas serão de pelúcia? Terei caviar e champanhe após meu tratamento de choque diário?

Jameson bufa, curvando-se para depositar um beijo no topo da minha cabeça. Eu bato nele com meu braço bom, então ando até a porta do banco de trás do carro. Não tenho medo, meus passos são retos e firmes. Apenas mais um dia, mais um desastre.

Nada me assusta mais. Poucas coisas me comovem. Nem a beleza. Nem mesmo a morte. Nem a dor. Nem a alegria.

Tenho certeza de que meu pai pensa que sou uma sociopata. O primeiro diagnóstico veio de um psiquiatra que me tratou aos treze anos, depois de um incidente em que quase me afoguei. O segundo foi gritado por uma empregada aterrorizada que me encontrou fazendo malabarismo com facas na cozinha. O terceiro e último julgamento veio do meu ex-noivo quando fiz uma fogueira com a sua coleção inestimável de discos.

Talvez eu seja uma sociopata, mas não acho isso. Eu tenho sentimentos,

apenas não sinto medo. Eu amo meu irmão gêmeo, adoro vinhos, panquecas de amoras e filmes dos anos oitenta. E eu até mesmo amo meu pai.

Odeio meu ex e a vaca estúpida que ele comeu na nossa cama. Abomino o cheiro, a textura e o gosto de pickles. Filhotes me fazem chorar, e não há nada mais engraçados que piadas de baixo calão.

Vê? Sentimentos.

E eu tenho uma consciência. Não machucho nem manipulo outros de propósito, a não ser que eles mereçam. Eu não sou louca.

Mas, no entanto, loucos geralmente nunca pensam que o são.

Ajeitando-me no confortável assento de couro, eu me viro para ver meu irmão uma última vez. Sombras me cegam enquanto a luz do sol realça sua bela e cansada face.

Muito apropriado.

— Vejo você mais tarde.

Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso.

— Até breve.

As portas se fecham.

1

as histórias que contamos



Dia 06

Não há muito a contar desta história. A minha. Minha mãe e meu irmão mais novo morreram em um acidente de carro quando eu e Jameson tínhamos sete anos. A morte deles destruiu algo fundamental em meu pai, e ele não é o mesmo desde então. Não é nada externo. E, mesmo assim, sua carreira como defensor público deslanchou nos anos depois do acidente. Nós perdemos ambos os pais naquele dia.

Jameson e eu somos gêmeos fraternos. Para ele é mais fácil, pois se parece com meu pai. Mas eu sou a cara da minha mãe, por isso meu pai não consegue olhar para mim.

Sim, é uma merda que meu pai tenha nos abandonado emocionalmente depois da morte da sua esposa e filho. Doía quando eu era criança e ainda dói, ocasionalmente. Mas como adulta, eu entendo sua posição. Ele é apenas humano.

Minha adolescência foi tumultuada. Eu não tinha uma válvula de escape para minha frustração e luto, não como meu pai tinha o trabalho, e Jameson, os esportes. Então eu acabei tendo problemas. Deliquências e estupidez.

Meu registro, no entanto, está limpíssimo. Tudo graças a Harrison T. Sloan, pai do ano, e um dos defensores públicos número um do estado.

— E é basicamente isso. — Eu termino meu relato com um suspiro. — Só uma juventude mal aproveitada que finalmente cobrou seu preço. Lamento desperdiçar seu tempo.

Eu realmente não lamento – estou irritada.

Este é o sexto dia, minha sexta sessão de terapia privada em que eu repito a mesma maldita história. Graças a Deus não há terapia aos domingos; eu ia pirar.

Desta vez, há uma pausa de dez segundos, e a figura sentada na cadeira de couro oposta a mim diz:

— Conte-me me mais sobre a sua mãe.

Eu descruzo minhas pernas e então as cruzo de novo. A voz, grossa e profunda, corta o silêncio. Não é uma voz que possa ser facilmente ignorada; nem o corpo ao qual ela pertence. Eu sempre tive uma queda por homens que usam óculos.

Respiro profundamente, e fios de cabelos flutuam no ar, roçando minha bochecha.

— Olha — eu começo, olhando para os meus joelhos. — Eu mal me lembro dela. Sei que cantava bastante. Trançava meu cabelo. Contava histórias para eu dormir. Morreu. É triste. Não há drama aí.

— Amélia...

— Mia — corrijo.

Dr. Chastain é um profissional perfeito. Sua voz não tem nenhum traço de irritação enquanto ele pergunta:

— E quanto à segunda esposa de seu pai? Podemos falar sobre ela?

Meus olhos assustados vagam para seu rosto.

— Como raios você sabe sobre Jill? Que merda aquela vadia disse?

Ele parece inafetado pelo meu surto. Um oceano de imperturbabilidade.

— A Sra. Richmond se recusou a falar comigo, mas o casamento e seu subsequente divórcio estão em um registro público.

Olhos azuis pálidos passam para o bloco de notas em seu colo. Eu respiro um pouco mais fácil sem sua atenção voltada para mim.

— No entanto, eu achei uma foto dela antes do divórcio.

Uh-oh.

Dedos longos e elegantes pegam uma folha de papel, angulando a imagem impressa na minha direção. É Jill, sim – sem sobrancelhas, a pele visivelmente um tom de laranja malhado.

Eu mordo os lábios.

Os olhos do Dr. Chastain se afinam, com um sentimento que eu não sei identificar. Se ele não fosse um robô, eu diria que a expressão é de diversão. A imagem volta para o seu colo. Revirando meus olhos para o teto, tento

controlar a vontade de rir.

— Você não nega a responsabilidade por sua transformação?

Dou de ombros, baixando meu olhar para o peito dele. Mesmo com o disfarce de terno e gravata, consigo notar que ele é extremamente malhado. Promiscuidade nunca foi a minha droga preferida, mas ainda sou uma mulher de vinte e oito anos, de sangue quente. E o Dr. Chastain é um colírio para os olhos.

Permitindo que meu olhar desça ainda mais, entretenho a fantasia de montá-lo bem ali, na cadeira desgastada de couro.

— Amelia.

— Hmm?

— Pare.

O comando de voz é como um chicote. Uma onda de calor sobe por meu pescoço e rosto. Eu rapidamente me viro para a janela mais próxima.

— Desculpe — murmuro.

Ele suspira, e o couro range enquanto ele se move sobre o assento.

— Vamos parar por hoje.

Eu me levanto e estou a meio caminho da porta antes que ele faça o mesmo.

— Obrigada, doutor. Vejo você amanhã.

A porta se fecha como resposta.

Liberando todos os nervos do meu corpo, ando pelos corredores elegantes até o Aquário, o eixo central daquele prédio em formato de U. O apelido é devido às janelas que vão do teto ao chão, que dominam as paredes sul e norte e também à quantidade de câmeras discretas que preenchem o teto.

Esteticamente, o espaço parecia o lobby de um resort luxuoso localizado nas montanhas, coberto de madeira rústica, mesas baixas e mobília discreta. Mas ao contrário de árvores e montanhas do lado de fora da janela, há o deserto.

Montanhas e montanhas de nada.

Eu não tenho muita certeza de onde estou – adormeci no meio do caminho para cá. Sei que estávamos indo na direção leste de Los Angeles, e quando chegamos, o céu ainda tinha o mínimo toque de pôr-do-sol. Algum lugar além de Palm Springs? Ou o deserto de Mojave?

Qualquer que seja o local, é isolado e fortificado. Com o sol brilhando intensamente sobre a terra seca, eu consigo enxergar a cerca alta onde não vejo a sombra de escuridão.

— O que você está fazendo, Loirinha? — pergunta uma voz divertida.
Olho de relance para o dono dela – um homem alto de cabelo castanho e um sorriso provocador.

Tento igualar a expressão.

— O que eu quiser.

Ele ri e caminha até que ficamos lado a lado.

— Acha que é uma cerca elétrica? — pergunta, semicerrando os olhos.

— Nah. É só para manter os paparazzi longe de você.

O homem ao meu lado, Callum Rivers, é um dos modelos mais bem pagos do mundo.

Ele bufa.

— Este lugar é como a Área 51. Não tem como eles me acharem. Estou em um retiro indonésio. Absorvendo toda a *vibe* espiritual.

Eu rio, mas parece forçado. Nascida com um gene de curiosidade agressiva – leia-se: intrometida – é muito difícil não perguntar o porquê de ele estar aqui. Mas tentar descobrir o passado dos outros é proibido. Isso foi informado a mim durante a minha orientação seis dias atrás, e é reforçado durante nossas terapias em grupo.

Nenhuma pergunta ou comentários específicos sobre o passado. Se nós divergimos sobre qualquer tópico além do *aqui e o agora*, eles nos interrompem ou chamam outra pessoa.

Somente o Dr. Chastain conhece nossos segredos.

— Como foi sua sessão?

— Transformadora — eu respondo, monótona.

Ele sorri, com ar de entendimento.

— Estou te dizendo, apenas se abra. É tudo o que ele quer, e você vai se sentir melhor. Ele é um mágico. As coisas que descobre... É tudo válido, acredite em mim.

Eu o encaro.

— Você tem tomado o suco que eles dão aqui.

Ele encosta no meu ombro.

— Melhor do que a vodca.

Minha cabeça se vira rapidamente, mas ele dispensa meu interesse com um movimento da sua mão.

— Só brincando com você. Foi a cocaína. — Ele vira a cabeça. — Ou foi a pornografia?

Balanço a minha cabeça infantilmente.

— Bobo.

Ele sorri, olhos cor de mel brilhando com magnetismo. Eu reconheço isso como sua marca, a expressão molha-calcinha que o tornou famoso. Quando reviro os olhos ao invés de desmaiar, Callum finalmente sorri intencionalmente – um sorriso largo o suficiente para que eu veja seus levemente dentes tortos.

— Eu gosto de você, Mia.

— Sim, sim — digo, dispensando-o. — Você apenas gosta de mim porque fui a única daqui que não tentei dormir com você.

Ele nada diz, mas posso ver que quer perguntar o porquê. Não porque esteja interessado em mim sexualmente – embora ele certamente me acha atraente –, mas apenas por curiosidade.

Para um homem acostumado a ver mulheres de todas as idades e tipos interessadas nele, eu sou uma anomalia.

Em uma outra vida, eu provavelmente seria a primeira a tentar agarrá-lo nu. Callum é de tirar o fôlego, esperto e carismático, e tem um ótimo senso de humor. Mas esta não é uma outra vida, e o fato é que eu não transo com homens de quem gosto. Faz anos. Desde Kevin.

Callum, respondendo ao humor espinhoso que lhe ofereço, pergunta:

— Quer nadar antes do almoço? Nix e Kinsey já estão lá fora.

— Claro. — Na verdade, eu não quero ficar perto de ninguém. Callum é o único residente daqui que não me dá nos nervos.

— Ótimo. Vou pegar minha sunga e te encontrar lá.

Os passos dele desaparecem, mas eu me mantenho na janela por alguns momentos a mais, encarando a vista distorcida. Sob a luz do sol matinal, a cerca distante parece uma miragem, como se mal existisse.

Uma estranha sensação de dissociação me inunda – eu sou a cerca, visível um segundo e invisível no outro. Impossível de segurar. Impossível de alcançar.

O som camuflado de passos quebra meu transe. Eu me viro, pensando que Callum está de volta e que eu estive encarando a cerca por minutos ao invés de segundos. Mas não é Callum.

Dr. Chastain anda através do Aquário na direção da ala oposta que contém a cozinha, área de jantar, ginásio e várias outras salas para meditação, terapia de grupo, e arte. Ele anda com a cabeça baixa, óculos pendendo de seus dedos enquanto a outra mãos esfrega um ponto em sua testa.

Ainda ressoando com o sentimento de invisibilidade, eu o observo,

apreciando seu suave caminhar, o corte de seu terno, seu perfeito cabelo preto penteado e a maneira como sua camisa bem passada contrasta com seu pescoço forte e bronzeado. Seu sobrenome, Chastain, é francês, mas todas as feições deste homem são italianas. Sua mãe, talvez?

Ele está a passos de desaparecer para o corredor adjacente quando para abruptamente.

Eu sou invisível.

Ele fala para a sala vazia:

— Sua mãe te chamava de Mia ou Amelia?

Eu pisco, voltando ao mundo real, mas não consigo abrir minha boca. Minhas pernas são como madeira sólida, enraizadas ao chão, e meu coração uma presença aprisionada e constante no meu peito.

— Amelia — ele diz suavemente, assentindo para si mesmo.

E então ele se vai.

2

o mistério das geleiras



Dia 06

Não nos é permitido compartilhar o porquê de nossos parentes terem nos mandado para este lugar, mas eu ainda tenho um cérebro.

Callum não é a única pessoa famosa aqui, e embora sua presença seja um mistério, Kinsey Kemper e Jason Nixon não têm o luxo de poderem permanecer na anonimidade.

Kinsey é uma ex-pop star adolescente viciada em cocaína e vítima de uma sex-tape viral. Se minhas recordações de cultura inútil estão corretas, ela tem vinte seis ou vinte sete anos, está no seu terceiro tratamento por vício de drogas *e/ou* vício de cirurgia plástica *e/ou* vício em sexo.

As notícias variam, mas se alinham em um aspecto: Kinsey é um desastre. Um exemplo vivo de uma boa garota que foi ao caos, com raízes escuras imensas em seu longo cabelo platinado, peitos falsos perfeitos, lábios carnudos antinaturais e olhos fatigados. Se ela não tivesse agido como uma vaca comigo desde que cheguei, eu sentiria pena dela.

Jason Nixon – que apenas atende por Nix – é o brinquedinho da Kinsey. Ele é um ator independente conhecido apenas por suas malandragens, abuso de drogas e passagens pela polícia. Sua personalidade dramática é quase tão fajuta quanto a da vadia da Kinsey. Estou convencida de que eles nunca encontrariam suas próprias consciências, muito menos personalidades autênticas.

Eu sou um pouco hipócrita, mas ao menos admito isso.

Os últimos membros do nosso grupo heterogêneo são Preston Williams e

Tiffany Beauchamp. Preston é um tufo de gente, magro de todas as formas, desde seu rosto, passando por seus dedos e seus lábios. Ele tem os olhos mais incríveis que eu já vi – de um verde esmeralda que captura a luz ambiente tão bem ou melhor que a pedra verdadeira.

Minha aposta é que ele está nos seus trinta e poucos. Pela voz suave e concisa e sua inabilidade de manter contato visual com qualquer um por mais de um segundo ou dois, imagino que ele trabalha atrás de uma tela de computador. Quando compartilha na terapia em grupo, os temas mais recorrentes são de isolamento e depressão. Isso, combinado com suas mangas longas, me faz concluir que ou ele comete auto-flagelo ou tentou suicídio.

Ao contrário de Kinsey e Nix, Preston me desperta uma nota de simpatia. Tenho vontade de embrulhá-lo e carregá-lo por aí debaixo do braço para mantê-lo protegido.

— Você não tem coração.

As palavras emboladas vêm de Tiffany Beauchamp, nossa última desajustada. Ela está falando comigo, porque acabei de falar em voz alta sobre meu impulso de proteger Preston.

Estamos trabalhando em nossas relações interpessoais hoje – nosso moderador, Frank C., pediu que disséssemos algo gentil sobre outro membro do grupo. Esta foi a única coisa que consegui pensar.

— Por que você diz isso? — pergunto, confusa.

Ela revira os olhos e funga, seu nariz atrevido e sardento arrebitado em descontentamento.

— Se você não sabe, não sou eu que vou te dizer.

Ugh. Por que tem que ser tão irritante?

Estou convencida de que Tiffany tem múltiplas personalidades; ela muda de humor mais do que troca de roupas – o que acontece pelo menos quatro vezes ao dia. Não tendo mais do que dezoito ou dezenove anos, ela é pequena e fofa, com um sorriso que ilumina a sala. Pouco antes de ela ter o impulso de incendiar o lugar.

Eu a imagino como a filha de um senador ou de um CEO bilionário. Uma debutante se afogando em vestidos de grife ou carros caros. Talvez ela tenha sido pega dirigindo bêbada ou tenha batido com o carro. Ou talvez tenha dormido com um dos amigos de seu pai ou tenha roubado as drogas da mãe e acidentalmente tido uma overdose.

O que quer que a tenha mandado para esta prisão de pessoas despedaçadas, foi algo extremamente fodido.

Eu não sinto muito por ela – eu sinto pelo Dr. Chastain.

— Está tudo bem — murmura Preston, aqueles olhos lindos olhando para mim e desviando. — Obrigado.

Eu assinto, remexendo-me no meu assento. Minha pele está coçando do cloro que não tive tempo de lavar antes da terapia. A gratidão dele não me incomoda. Não mesmo.

Nosso moderador, Frank, que se parece como um motoqueiro de coração mole em seus sessenta anos, parece aprovar.

— Muito bom você ter compartilhado isso, Mia. Gosto de como você parece em sintonia com suas emoções.

Eu mal impeço meus olhos de revirarem.

— Que tal você, Kinsey? Você pode compartilhar algo sobre a Mia que você aprecia?

Lá vamos nós.

Os olhos azuis da Kinsey se prendem em mim. Sua boca se move por um minuto, como se lidasse com um gosto ruim. Finalmente, ela geme:

— Ela tem pernas longas.

— Oh, Cristo — murmura Callum.

Frank pigarreia.

— Que tal algo sobre ela como pessoa? Algo que você aprecia sobre sua personalidade ou qualquer outra coisa que venha à mente. — Depois de uma pausa, ele acrescenta. — Algo cortês.

Kinsey separa com os dedos as falhas do seu cabelo descolorido.

— Eu acho que ela... hum... ela parece bem normal. Tipo, bem ajustada.

— Ela olha para mim, olhos se estreitando e queimando. — Você é normal pra caralho. Você não pertence a este lugar.

Eu pisco, espantada.

Sentado na cadeira dobrável ao lado de Kinsey, Nix se mexe.

— Pois é — ele concorda.

Por um segundo, ninguém fala nada. Até mesmo Frank parece sem palavras. Finalmente, ele decide:

— Todos nós pertencemos a este lugar. Estamos exatamente onde devíamos estar.

A coceira na minha pele agora se infiltra nos meus ossos. Penso em Jameson e na sua pálpebra tremelicante, e então na nossa festa de aniversário de dezesseis anos – eu dei ao seu melhor amigo um boquete na garagem, enquanto todo mundo comia bolo. Jameson culpou o amigo, não a mim. Isso

arruinou a amizade deles.

— Eu sou uma pessoa horrível — digo francamente. — Eu uso as pessoas. Eu as como e cuspo fora. Não ligo para ninguém. Eu amo meu irmão, mas é só isso. Todos os outros podem queimar no inferno.

— Diga para a gente como você realmente se sente — murmura Callum.
Eu olho de relance para ele, uma sobrancelha erguida.

— Você achou que éramos amigos? Me desculpe. A única razão pela qual eu falo com é porque não me deixa em paz.

Mágoa transparece em seu rosto antes que ele se vire para encarar uma janela. Eu não sinto remorso.

Eu não sinto nada.

A porta se abre. Todos olham exceto eu. Já sei quem é. Algum sexto sentido me alerta de sua presença, como uma articulação dolorida antes da tempestade.

— Amelia. Venha comigo.

Alguém sendo convocado do grupo não é incomum. Acontece quase todo dia. Todos sabemos que o Dr. Chastain observa e ouve as sessões da tarde do santuário de seu escritório.

Esta é a primeira vez que eu fui convocada, no entanto. Estava meio orgulhosa por ter durado quase uma semana inteira.

— Estou indo, chefia — gorjeio, ficando de pé.

No momento em que eu chego à porta, a área está vazia, avisto a figura de Chastain, de terno, longe no corredor.

Sombras compridas assombram as paredes enquanto eu cruzo o Aquário, vazio, com exceção de um funcionário que rega as plantas. Do lado de fora, o sol encontra-se fixo no oeste. Em cima do canvas azul do céu há listras raivosas alaranjadas e magenta, interrompidas em intervalos por reluzentes nuvens brancas.

Eu me viro e ando pelo corredor que comporta escritórios, salas de exames médicos, e, presumidamente, uma estação de monitoria de segurança. A única sala na qual eu estive é aquela da qual me aproximo; sua porta aberta forma um portal de luz contra o pano de fundo das paredes escuras.

Parando diante dela, permito-me sentir a minha pulsação crescente. Eu não quero estar aqui.

3

peças de quebra-cabeças



Dia 06

Do outro lado da sala, Dr. Chastain está em pé, com as costas viradas para mim. Ele remove o paletó e o pendura sobre a cadeira. Seus movimentos, como sempre, são elegantes e precisos.

De pé, longe do alcance do brilho de várias lâmpadas, eu o observo afrouxar a gravata, então desabotoar os punhos da camisa e dobrar o tecido até seus antebraços. A pele revelada é musculosa e bronzeada, levemente repicada com pelos negros.

Com seus longos dedos de uma mão descansando sobre a mesa, ele ergue a cabeça e se vira até que seu perfil esteja visível. Boca severa que, em breves momentos de repouso, se alivia em pecaminosa carne. Um nariz longo demais para seu rosto, mas que complementa perfeitamente as linhas duras de sua mandíbula.

Os músculos das suas costas tensionam enquanto ele se mexe de novo, apenas o suficiente para olhar na minha direção.

— Se você tiver terminado de me analisar, eu gostaria de falar com você.

Saber que tem consciência de que eu o estive comendo com os olhos não me envergonha. Ele está ciente de que o acho atraente; contei para ele na primeira sessão. Sua única resposta foi uma careta e um comando severo para que me sentasse.

Dr. Chastain suspira.

— Amelia.

Satisfeita por ter conseguido uma resposta – um suspiro dele é o

equivalente de um grito de outro homem – eu sorrio e me acomodo no assento usual durante nossas sessões privadas. Jogando minhas pernas bronzeadas e nuas sobre o braço da cadeira grande de couro, examino minhas unhas.

— Foi meu comentário sobre ser uma pessoa horrível? — pergunto casualmente. — Eu só queria alguma simpatia de meus queridos companheiros de cela.

O farfalhar de suas calças faz meu olhar se erguer. Chastain se inclina contra sua mesa, braços cruzados sobre o peito. Cabelo negro perfeito brilha sob a luz de uma lâmpada próxima.

Eu realmente, realmente, quero passar meus dedos por entres os fios grossos e deixá-los em desalinho. Também quero deixá-lo careca. Talvez raspar suas sobrancelhas também, que atualmente estão unidas em uma careta.

— Por que você acha que está aqui, Amelia?

Eu gemo.

— Por que você me chama assim? É tão previsível, tentando me fazer pensar na minha mãe usando esse nome. Eu esperava mais de você.

Ele se mexe de novo, quadris se erguendo ligeiramente antes de se ajustar debaixo de mesa. Consigo me controlar antes de deixar meus olhos vagarem para sua virilha.

É perturbador o efeito que ele tem em mim. O último homem que me fez transbordar de desejo apenas por existir foi... Merda, faz tempo. Talvez Kyle, o jogador de hóquei do Canadá.

— Sobre o que está pensando?

Irritada por uma razão que não consigo digerir, eu conto a verdade.

— A foda mais gostosa da minha vida.

A expressão de Dr. Chastain não muda. Calma. Contida.

— Você teve uma relação com ele além de sexo?

— Não. — Só porque estou incomodada, eu acrescento. — E não foi sexo. Nós *fodemos*.

Pronto.

Uma resposta física. Seus lábios se fecham. Atrás de seus óculos, seus olhos azuis se tornaram gelo seco.

— Já fodeu alguém que amava, Amelia?

Eu abro meus olhos, dramaticamente.

— Você disse um palavrão, Dr. Chastain! Que coisa feia.

Nenhum sorriso. Nada.

Eu admito derrota, confessando.

— Meu namorado de escola, talvez.

— Donovan Vicks?

Eu fecho os olhos bem apertado.

— Jameson será castrado quando eu sair daqui.

Chastain ignora minha promessa murmurada.

— Vocês ficaram juntos durante seu segundo e terceiro anos, correto?

Minha pele começa a coçar de novo.

— Sim — murmuro novamente.

Eu ouço seus passos se aproximando, mas eu não abro meus olhos. Meu nariz sente o cheiro da sua leve e cara colônia e dos tons almiscarados que exala. Desejo serpenteia dos meus seios até o meu ventre.

— Por que você acha que é uma pessoa horrível? Alguém que usa os outros?

Eu abro os olhos, encontrando-o onde já imaginava que estaria – na cadeira em frente à minha. Está sem gravata, e a pele exposta na base do pescoço me provoca. Implora para que eu a lamba.

— Estou doente — murmuro, esperando que ele compreenda algo que nem eu mesmo entendo. — Quando vejo pessoas, eu não vejo... *pessoas*. Vejo quebra-cabeças a serem resolvidos. Fraquezas a explorar. Respostas a encontrar. Gosto de ver pessoas se destruindo. — Balanço a cabeça. — Não, eu *amo* ver pessoas se destruindo.

— O que você gosta é de vê-los sentir alguma coisa — ele diz, a voz profunda flutuando entre minhas pernas.

Eu tensiono.

— O quê? Não.

Sua cabeça se inclina, olhos pálidos viajando pelos meus traços, deixando queimaduras por onde passam.

— Você choca e machuca, porque suas reações demonstram que eles se importam. Mais do que tudo, você quer que as pessoas se importem.

Meus olhos queimam. Minha garganta dói como se eu fumasse um cigarro até o filtro. Eu rio – é mais como um crocitar, na verdade.

— O que quiser, doutor. Você me descobriu inteira.

Chastain tira os óculos, esfregando os olhos com dois dedos.

— O que você faz – as pegadinhas, as manipulações, as mentiras –, você está em busca de experiências humanas. E, acredite em mim, você seria bem

sucedida em felicidade e gratidão tanto quanto é quando machuca e surpreende.

Eu não tenho nenhuma resposta concisa. Suas palavras arranham e arrancam minhas entranhas, espalhando pedaços de alma por onde passam.

Eu quero me curvar em formato de bola e chorar. Quero pular da minha cadeira, gritar “Você não me conhece!” e jogar uma lâmpada na sua cabeça. Ou estapeá-lo, e então beijá-lo.

Mas nada faço, lutando contra o impulso com todo o meu esforço. Respiro fundo, tentando ignorar a coceira em meus ossos, o redemoinho dentro de mim. Então, o encaro.

Ele finalmente pisca, parecendo jovial sem os óculos, o azul de seu olhar mais estonteante contra os cílios grossos e longos e a pele morena.

— Diga o que quer fazer comigo, Amelia. Que punição ganharei por ter feito fazer *você* sentir?

Não posso. Não vou. E não sei o porquê. Talvez porque embora não goste dele, eu o respeito. Invejo-o um pouco – seu controle e maturidade. Ou porque não quero desapontar Jameson ao ser expulsa daqui.

Ou talvez, porque parte de mim perceba que este é o fundo do poço. Ou termino aqui, ou começo aqui.

— Não.

— Por que não? — ele pergunta, mais curioso do que jamais o ouvi.

Eu olho através da janela e tento apreciar a arte diária do pôr do sol.

— Porque não quero machucá-lo.

— Mentira — ele diz, tão calmo que eu me arrepio. — Você acha que se me contasse isso me daria poder sobre você? Que eu abusaria desse poder?

Eu pisco, atordoada pela confissão – pela sua impressão errada de que tem qualquer poder sobre mim. Meus calcanhares vão ao chão e uma risada nasce na minha garganta.

— Está falando sério? Acha que por saber um bando de fatos sobre minha vida você tem *poder* sobre mim? Que pode me usar como um fantoche? Eu não danço a dança de ninguém, doutor!

Uma sobancelha escura se ergue.

— Eu estava falando em termos de confidencialidade doutor/paciente, Amelia. A que tipo de poder você estava se referindo?

Deus, me tire desse pesadelo.

Eu esfrego meu rosto com minhas mãos, então passo meus dedos pelo meu cabelo até a coroa da minha cabeça. Qualquer expressão em minha cara

deve ser alarmante porque pela primeira vez nas nossas seis horas de conversa, Chastain reage.

Com graça, ele se ajoelha em frente à minha cadeira. O calor de seu peito irradia para minhas pernas. Por um breve momento, sua mão paira sobre meus joelhos, então cai na lateral de seu corpo.

— Você está bem? — ele pergunta, os olhos examinando meus traços.

Debilitada pela proximidade, eu zombo.

— Se eu estivesse bem, você acha que estaria em uma estação de tratamento para jovens fodidos mentalmente?

Ele se abaixa para seus calcanhares, e o tecido de suas calças repuxa contra os músculos de suas coxas.

— O que eu acho é que você é uma mulher inteligente, capaz, e eu tenho fé que nosso trabalho vai ser... como você disse antes? Ah, sim. *Transformador*.

É o traço de humor em seus olhos que me desfaz. Eu rio. A coceira em meus ossos diminui.

Com os olhos azuis ainda dançando, ele se levanta.

— É só isso por esta noite, Amelia. Te vejo amanhã.

Ele se vira, e eu estou dispensada.

4

malucos pela fazenda



Dia 08

A instalação não tem um nome. Não tem site ou mídia social. Nem decreto de propósito oficial.

Callum descobriu sobre ela quando outro modelo, um amigo próximo, desapareceu por seis meses antes de reaparecer como um homem mudado. Antes de seu ato de desaparecimento, ele tinha ataques de pânico debilitantes e agorafobia, ambos que levaram sua carreira para o buraco. O sucesso absurdo de seu tratamento ficou na cabeça de Callum por um ano, até que ele mesmo encontrou o fundo do poço e perguntou ao seu amigo os detalhes.

— Ele chamou isso aqui de o “Oásis” — as palavras de Callum são pontuadas por respirações enquanto corremos lado a lado. A trilha circular ao redor da instalação tem três quilômetros. Estamos na nossa segunda volta.

Limpo o suor da minha testa com as costas da mão.

— E ele te deu um telefone ou algo do tipo? — eu arfo.

Ele assente.

— Sim. Senti como se estivesse em um filme de espião. Primeiro foi pra caixa de mensagens. Só um bipe. Eu devo ter discado umas centenas de vezes antes de deixar uma mensagem.

— Huh.

Ele me encara.

— Posso perguntar uma coisa? Meio pessoal?

Estamos nos aproximando das portas do Aquário. Eu diminuo o ritmo

para uma marcha, e Callum se iguala a mim, bebendo água antes de me entregar a garrafa. Eu dou vários goles, então limpo minha boca.

— Tá, pode. Mas eu talvez não responda.

Ele sorri, parecendo lindo sob a luz da manhã, sua pele resplandecendo com suor.

— Justo. — Seu olhar recai sobre a trilha empoeirada atrás de nós. — Por que você disse o que disse no grupo ontem?

Eu encaro sua cabeça abaixada.

— Eu já me desculpei. Você quer que eu me desculpe de novo?

Callum olha para cima, seus olhos procurando os meus.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Contato visual é demais para mim, então eu deixo minha cabeça pender para encarar o enorme e vazio céu.

— O que você quer que eu diga?

— A verdade.

— Verdade, verdade, verdade — murmuro, então ergo minhas costas e encontro seus olhos sinceros. — Quando eu tinha sete anos, peguei os batons da minha mãe e esmaguei contra as paredes do quarto dos meus pais. Estava irritada que ela não tinha me deixado ir para a aula de natação do meu irmão. Ela me disse o quão desapontada estava. Então saiu com meu irmão Philip. Eu não a vi mais, desde então.

Callum fica quieto.

— Ela morreu.

Assinto.

— Os dois. Acidente de carro no caminho para casa. Mesmo enquanto eu ouvia meu pai gritar no andar de baixo e Jameson chorando, eu continuava esfregando as paredes. Quando terminei, escalei a janela do sótão e pulei do telhado.

Como esperado, Callum fica sem palavras.

Eu termino a garrafa de água e a devolvo a ele.

— Eu não queria morrer. Ainda não quero. Só queria ser livre. — Analisei seu olhar minucioso. — Tem algo errado comigo. Uma falha no meu caráter. Posso ser uma sociopata. Também sou uma mentirosa compulsiva.

Ele balança a cabeça lentamente.

— Você não deveria me contar isso.

Eu dou de ombros.

— Regras feitas pelos homens são só palavras. Limites falsos

estabelecidos por pessoas tentando dar sentidos para coisas. Tentando colocar ordem onde não há nenhuma. — Tento avaliar sua expressão, mas não consigo dizer se é intriga ou repulsa. — Eu falei que era uma fodida.

— Era verdade? Sobre sua mãe? — ele pergunta suavemente.

É parcialmente verdade. Não há nenhum incidente com batons. Mas eu pulei do telhado naquela noite.

— Talvez — conto a ele.

Depois de um momento de silêncio atordoante, Callum ri.

— Você é a pessoa mais intensa que eu já conheci.

Pisco.

— Obrigada, querido.

Balançando a cabeça, ele pergunta.

— Café da manhã?

Olho para meu relógio.

— Não. Preciso tomar um banho antes da minha sessão com o Doutor.

— Quer companhia?

Eu sei o que ele pretende, mas pergunto, entediada.

— Terapia de casal já?

Ele sorri mais ainda.

— A oferta está na mesa. Acho que seríamos um bom casal.

— Sem dúvidas, mas você não faz meu tipo.

Ele fica boquiaberto.

— Por que raios não faço? — ele pergunta, surpreso.

Eu empurro seu peito levemente e conto a verdade.

— Porque gosto de você.



Se o prédio principal é a parte de baixo de um objeto oval, as cabines residenciais são a curva do topo. Existem dez no total – moradias espaçosas com camas *queen size*, toaletes incluindo banheiras completas, áreas de estar tranquilas e uma cozinha pequena. A mobília é simples, as paredes em tons de creme são nuas, mas a cama é confortável, e a pressão da água, decente.

Eu ando além da piscina, turquesa e brilhante sob a luz do sol, e sigo a trilha de pedras que atravessa o jardim de suculentas e o labirinto de meditação para o qual ainda não vi utilidade. Quando o caminho se alarga,

separando a trilha para cada uma das cabines, viro à direita.

Eu havia deixado a porta destrancada, imaginando que a única pessoa que bisbilhotaria seria Tiffany. Ela tem a vibe escusa e cleptomaníaca. Não há nada de pessoal ou de valor monetário lá dentro, de qualquer modo, então não ligo se ela mexer.

Tirando meus tênis, eu os deixo no tapete e entro. A cabine é abafada, mas pelo menos dez graus mais fria do que lá fora, então, agradeço pelas cortinas fechadas. Fecho a porta com meus quadris e tiro meu top esportivo, ligando as luzes.

— Belas tetas.

Meus braços cobrem meu peito nu enquanto me viro para a cama, onde Nix está esparramado em toda sua elegância, resultado de um passado repleto de heroína.

— Caí fora, Nix.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Quero falar com você.

Eu atravesso a sala até o meu armário e abro uma gaveta. Tiro uma camiseta, visto, então encaro a cama com uma careta.

— Isso é invasão de privacidade, babaca.

Nix se levanta, jogando suas pernas para o lado, pousando os pés no chão.

— Não temos privacidade aqui, e você sabe disso. — Seus olhos castanhos se voltam para o teto. — As cabines provavelmente têm escutas para som, se não vídeo. Hi-tech nano tecnologia. Provavelmente na lâmpadas ou algo do tipo.

O pensamento me proporciona desgosto e curiosidade ao mesmo tempo. Se ele tem razão, será que o Dr. Chastain assiste aos vídeos? Eu durmo nua e raramente coberta com os lençóis.

Nix ri, um som leve e raro. Nunca o ouvi rir antes.

— Quê? — reclamo.

Ele aponta para mim.

— Você *gosta* de ser observada.

Eu forço meus ombros a relaxarem enquanto ando até a pequena cozinha em busca de um copo de água.

— Eu realmente não ligo. Já somos cobaias. O que é outra violação dos nossos direitos? — Virando-se com a água em minha mão, eu cuspo: — O que você quer?

A risada dele se torna um suspiro.

— Quero que você me faça um favor.

Instantaneamente fico intrigada.

— Diga-me, tanto o favor, e o que eu ganho com isso.

Nix passa uma mão sobre seu desalinhado cabelo castanho, com uma expressão preocupada.

— Quero que você fique de olho na Kinsey enquanto eu estiver fora. Em troca, eu te dou um papel em um filme quando sair.

Escondo minha surpresa tomando um gole de água e tomo outro para pensar melhor.

— Primeiro de tudo, eu não quero estar em um de seus filmes de merda. Segundo, isso quer dizer que você está indo embora? Não diga nada, é óbvio que está. E terceiro, Kinsey me odeia e eu não sou a maior fã dela, então, o que te faz pensar que eu acataria seu pedido?

— Porque mesmo que você seja uma vadia louca, eu te acho honesta.

Se ao menos ele soubesse.

— Você demonstrou outra opinião na reunião de grupo ontem.

— É, mas isso foi antes.

Meus olhos se estreitam.

— Esta discussão já deveria ter acabado há cinco segundos.

Pela primeira vez, Nix olha diretamente para mim, como se eu fosse realmente uma pessoa ao invés de uma coadjuvante em sua vida.

— Você realmente não liga para nada, não é?

— Não, realmente, não.

Ao invés de desistir, ele se arma. E com armas grandes.

— Então você provavelmente não liga para o fato de o Dr. Chastain visitar a cabine da Kinsey todas as noites.

Algo parecido com terror me invade, seguido por um monte de incredulidade e, finalmente, a ardência ácida do ciúme.

Inacreditável.

Eu faço uma cena como se estivesse limpando minhas orelhas.

— Eu devo ter tido uma insolação, porque você acabou de me contar que o Doutor e a Kinsey estão transando.

As narinas de Nix se alargam.

— Exato.

Não é verdade.

Definitivamente, não é verdade.

É verdade?

Eu pigarreio.

— Eu achei que você e Kinsey estavam transando.

— Nós não... não fizemos nada.

Ele desvia o olhar, mas não rápido o suficiente para esconder a emoção em seus olhos. Sinto a familiar enchente de prazer, como uma criança abrindo seu pirulito preferido. Só que meu doce preferido são os segredos. O gatilho especial que todos carregam e que quando é pressionado faz vidas explodirem.

Nix está apaixonado por Kinsey Kemper. Do tipo de amor que representa filhotinhos, corações e chocolate. Do tipo: *vamos ter filhos e envelhecer lado a lado*.

Nojento. E estranhamente doce.

Enquanto considero o que fazer com o meu novo doce, ele diz:

— Estou indo embora amanhã. Kinsey ainda vai ficar por algumas semanas. — Ele olha para mim em súplica. — Ela tem problemas, eu sei, mas não é uma pessoa ruim quando a conhecemos. Estou preocupado que ele esteja tirado vantagem dela.

— Já considerou perguntar para ela o que está acontecendo?

Ele assente.

— Ela nega qualquer coisa, mas não quer dizer que não acontece. Está passando pano pra ele.

Você acha que eu abusaria de meu poder?

Enquanto lembro das palavras de Chastain, Nix continua mordazmente:

— É difícil, para mim, dizer isso, porque realmente acredito que o Dr. Chastain salvou a minha vida. Sinto-me melhor do que jamais senti em vinte anos. Apenas... não sei o que pensar.

Nem eu, mas não vou admitir isso.

— Está se esquecendo de que não ligo. Jesus, se você está preocupado, crie coragem e contrate um advogado. Tenho certeza de que médicos não deveriam transar com pacientes.

— Não é tão simples.

— Não é meu problema.

Seus ombros caem em derrota; um momento depois, a raiva o faz levantar-se. Ele passa por mim, falando por sobre o ombro.

— Tenha uma vida de merda, Mia.

A porta da frente se fecha atrás dele. Meus lábios se curvam em desgosto enquanto um sentimento estranho me invade. Vergonha? Não...

Culpa.

— Maldição. — Eu saio atrás dele. Nix já está a meio caminho da sua cabine, três além da minha.

— Está bem! — grito.

Nix para e gira. Ele me encara por vários momentos pesados, e então acena com a cabeça até que volta a caminhar.

A porta da cabine ao lado da minha se abre e um descamisado Callum sai dela, virando a cabeça de Nix para mim.

— O que foi isso?

Eu faço um muxoxo.

— O bastardo não está querendo enviar bebidas para mim quando sair.

Suas sobranceiras se erguem.

— Ah, verdade. Ele vai embora amanhã. Vivo esquecendo. — Ele ri. — Você realmente pediu para ele te mandar bebidas?

— Claro que sim. Se eu soubesse que isso aqui ia ser a lei seca, nunca teria entrado naquele carro.

Rindo mais ainda, Callum olha para seu relógio.

— Você está atrasada.

— Merda!

Dou dez passos em direção ao prédio quando Callum grita atrás de mim.

— Ohh, Miiiaaaa? Não está esquecendo de algo?

Mostro meu dedo do meio para ele e continuo andando, ignorando a risada que ecoa.

Na porta de trás do Aquário, tiro minhas meias encardidas e as deixo no cimento, adentro e corro pelos corredores.

A porta do escritório está aberta, Dr. Chastain já se encontra sentado em sua costureira cadeira.

— Amelia — ele diz, olhando-me com uma careta. — Você está atrasada.

Eu me afundo em outra cadeira e pisco inocentemente.

— Eu menstruei e tive que ir no setor médico para pegar alguns absorventes.

— Você é uma boa mentirosa — ele diz, depois de um momento. — Mas você faria muito bem a si mesma lembrando de que eu sou melhor ainda.

Rio para cobrir um traço de nervosismo.

— Não dá para enganar um mentiroso?

Os olhos frios não piscam.

— Exato.

Juro que ainda vou achar um destino pior que a castração. Jameson está destinado a um mundo de dor por me largar nesta fazenda de malucos.

5

toca de coelho



Dia 08

Dr. Chastain consulta o bloco de notas que descansa no seu colo. Não é a primeira vez que eu me pergunto o que está escrito ali. Ele já chegou a um diagnóstico? Tem um plano?

Eu penso no resultado – minha saúde mental – e o que ela significa para Chastain. Amelia Sloan, uma filantropa de coração ferido? Ou será que seu plano é me fazer sair daqui como uma bagunça emocional?

Essa não é a minha primeira viagem pela psiquiatria, obviamente. E, realmente, todos os terapeutas querem a mesma coisa: abrir minhas cicatrizes e confrontar meus medos mais profundos. O que nenhum deles entende é que eu não *tenho* medos.

— Eu gostaria de falar sobre Donovan Vicks, seu primeiro amor.

A memória surge, mostrando o físico de um jovem, musculoso e bronzeado, por conta de sua prática de polo aquático. Cabelo loiro desbotado de cloro, quase branco, que brilhava como uma areola no sol. Covinhas nos dois lados do seu sorriso. Olhos azuis, escuros como o oceano que ele amava.

— Beijava que era um perigo — digo, observando como as partículas de poeira dançam perto da janela. — Colocava flores no meu armário todos os dias.

— Você perdeu a virgindade para ele?

Minha mente vai a mil, ainda pensando em diagnósticos. Posso fingir uma transformação e me tornar Amelia, a de Coração Bondoso? Ou será que Dr. Chastain vai me manter aqui até que eu fique louca?

Fechando os olhos, eu troco a imagem mental de Donovan pela de meu irmão. Preocupado e esperançoso. Pergunto-me se ele dormiria melhor sabendo que estou segura.

Estou segura?

Eu encaro o Dr. Chastain.

— Vamos fazer um acordo.

Sobrancelhas escuras tremelicam sobre olhos atentos e inquiridores.

— Que tipo de acordo?

— Você responde às minhas perguntas honestamente, e eu farei o mesmo.

Ele me observa atentamente por vários segundos.

— Está bem, mas não prometo responder todas às suas perguntas. Se eu as achar inapropriadas, vou negar.

— Certo, então.

Nuvens passam no céu, borrando a luz do sol. Um arrepio atravessa meus braços nus e circula meu peito, comprimindo meus mamilos debaixo da minha camiseta azul. Eu não cruzo meus braços, porque isso só atrairia atenção ao meu peito. E, agora, esta é a última coisa que quero.

— Minha primeira pergunta é: quanto tempo vou ficar presa aqui?

— Trinta dias.

Alívio se derrete pelos meus ombros tensos, fazendo-os cair.

— É isso?

Ele faz uma careta.

— Eles não te contaram na sua entrada?

— Contaram, mas não acreditei neles.

Ele pausa, um sorriso vago no rosto.

— Mas você acredita em mim?

Eu reviro os olhos.

— Não deixe que isso alimente seu ego, doutor.

Rindo, ele ajusta os óculos.

— Certo, é a minha vez. O que você amava em Donovan?

— Seu sorriso — respondo honestamente. — Ao menos no começo. Depois de um tempo, comecei a me ressentir dele.

— Por quê?

— Porque ele sorria para todo mundo. Minha vez. Onde você cursou a faculdade?

— Primeiro Yale, então UCLA. — Ele olha para além do meu ombro. — Meus diplomas estão na parede, Amelia.

Eu tinha visto as placas, é claro.

— Elas podem ser falsas.

— E são?

Analiso-o para descobrir, mas ou ele é um mentiroso melhor do que eu ou está sendo honesto. A primeira opção é tão interessante quanto é perturbadora.

— Provavelmente são verdadeiras — finalmente respondo.

Ele olha para baixo.

— Como sua relação com Donovan terminou?

— Paguei uma menina em uma festa para embebedá-lo e seduzi-lo. Ele caiu na isca e me traiu.

Chastain não parece surpreso com esta informação, mesmo que seja impossível que Jameson tenha contado a ele. Eu nunca contei a ninguém.

— Como isso te fez sentir?

Eu dei de ombros.

— Foi péssimo. Quantos anos você tem?

— Trinta e seis. Quantos anos tinha quando perdeu a virgindade?

Meu divertimento neste jogo está se esvaindo rapidamente.

— Quatorze — eu digo, rigidamente.

— Isso incomoda você?

— Por que deveria? — Eu me irrita. — Foi minha escolha. Estava curiosa, então fui para a praia em um biquíni mínimo e achei um surfista que me ofereceu levar-me para a sua casa. Ele durou cinco minutos, e então gritou comigo por deixar sangue nos seus lençóis.

O problema com segredos – recebê-los é o prazer máximo, mas entregá-los não me dá nenhum. Nem mesmo quando isso me concede uma reação do impassível doutor. Mas o que vejo nos olhos do Dr. Chastain não é desgosto. É pena, e isso me enlouquece.

— Já trepou com alguma paciente, doutor?

Suas narinas se alargam.

— Jamais.

Sua raiva faz pender a balança do poder na minha direção. Um véu de satisfação me cobre.

— Como você veio parar nesta merda de lugar? — pergunto, concisa.

— Minha vez — ele diz, o tom severo fraturando minha superioridade. — Achou que o fato de você não usar um sutiã me afetaria?

Contra todos os efeitos da minha força de vontade, eu coro.

— Não sei, talvez — digo, e vacilo diante da vulnerabilidade que exponho.

Ele tira os óculos, colocando-os sobre o bloco de notas em seu colo. Em seu gesto usual, esfrega a testa com os dedos.

— Você perguntou como eu acabei aqui, e vou responder da melhor maneira possível. — Seus olhos estonteantes encontram os meus. — A resposta mais curta é que um dia alguém me ajudou, e eu venho aqui uma vez ao ano pagar a dívida.

— Uma vez ao ano? — pergunto, confusa.

— Há geralmente seis de nós que se revezam durante o ano. Há uma sobreposição com pacientes, obviamente, porque horários de internação são conforme o necessário.

— Há quanto tempo você está aqui desta vez?

Para minha surpresa, ele responde sem hesitação.

— Quatro semanas. Meu tempo aqui está acabando. Quando Kinsey for embora, daqui a duas semanas, minha rotação acaba.

Eu medito sobre isso.

— Então você irá embora oito dias antes de mim.

Ele assente.

— Dr. Reynolds vai tomar o meu lugar, mas teremos longas reuniões antes da transição.

— Reuniões sobre mim e os outros.

— Sim.

Meu rosto está estranho. Frio ou entorpecido. O que é este sentimento? Eu apenas sei que não quero falar com um estranho. Confusa com minha própria reação, conto a verdade para ele.

— Eu não quero outro médico.

— Não há nada com o que se preocupar, Amelia. Dr. Reynolds é bastante capaz.

— Eu não me importo. Não quero outro médico. Quero *você*.

Ele olha para o bloco de notas. Embora não se mova, tensão irradia de sua figura. Outro homem teria passado a mão pelos cabelos. Suspirado ou se movido.

Eu acertei um nervo. Apenas não tenho certeza qual ou porquê.

— Vamos terminar por hoje — ele diz, finalmente.

— Por quê? — disparo. — Só ficamos aqui por vinte minutos.

Ele assente, ainda não erguendo os olhos.

— Me desculpe, mas a sessão de hoje acabou.

Eu tento me mover, juntar os pedaços da minha dignidade, mas não posso. Como palavras tão simples podem ter tanto impacto físico?

O rosto de Jameson flutua em minha mente, suas feições se contorcendo enquanto eu jurava pela nossa mãe e por Phillip que o acidente de carro havia sido realmente um acidente.

Fora assim que ele se sentira?

— Amelia — diz Chastain com um tom de aviso em sua voz.

— Não — digo entredentes. — Merda, não. Que tipo de terapeuta é você?

Sua cabeça se ergue, e o fogo em seus olhos é tão inesperado — estonteante, lindo, magnético — que eu arfo.

— Um bom terapeuta — ele diz, rígido. — Que sabe suas próprias limitações, que processa emoções complexas e sabe fazer escolhas saudáveis.

— Eu posso conversar sobre a minha mãe — digo sem pensar. — Eu te direi o porquê de ter pulado do telhado na noite em que ela morreu.

Ele se levanta, bloco de notas na mão fechada. Os óculos caem ao chão, em cima do carpete. O fato de ele não parece notar ou se importar é a prova do quanto eu o perturbei.

— Ou você sai, ou chamarei a segurança para te escoltar.

Quem é essa nova versão do Dr. Chastain? Com certeza, ele não é mais robô, a julgar por seu peito arfante, olhos brilhantes de raiva e frustração.

O que eu fiz?

Eu me levanto com as pernas trêmulas. Não há muito espaço entre nossas cadeiras; menos de trinta centímetros separa nossos corpos. Ergo meu queixo para encará-lo. Olhos azuis em chamas. Mandíbula cerrada.

Sinto-me pequena. Fraca. Mas não tenho coragem suficiente para lutar contra isso. Ele é forte demais, seu cheiro é estonteante.

Incapaz de me conter, olho para seus lábios, que se suavizam e abrem.

— Saia, por favor — ele murmura.

Meus olhos ardem. Eu vou chorar? Por quê?

O que há de errado comigo?

— Me desculpe — digo, abaixando a cabeça enquanto caminho instavelmente para longe dele.

Eu ando até a porta e alcanço a maçaneta quando ele fala:

— Você não tem que se desculpar, Amelia, quando a culpa é minha.

Por que isso me faz me sentir pior?

Eu deixo seu escritório, andando cegamente pelo Aquário, e sento-me em

um dos sofás. Minha pele se arrepia. Meu coração se aperta. Eu pressiono a palma das minhas mãos nos meus olhos e engulo o nó da minha garganta.

— O que há de errado com você?

Olho para Kinsey, que está sentada com uma revista no sofá oposto ao meu. Seus peitos e bunda mal estão contidos em um top rosa e short brancos. O cabelo platinado está preso alto na sua cabeça, e o cheiro de hidratante corporal de pêssego é avassalador.

Mesmo que ela seja difícil de não notar, não reparei nela.

— Estou enlouquecendo — respondo.

Ela faz uma careta – ou, ao menos, acho que faz. É difícil dizer com todo o botox.

— Você não deveria estar na terapia? Ou você fugiu?

— Ele me expulsou.

Seus olhos se abrem, surpresos.

— Puta merda, mesmo?

Eu assinto, e ela sorri.

— Na verdade, estou meio impressionada. Ninguém jamais viu Leo agir de outra forma além de, você sabe, “sou um super terapeuta que não se afeta por nada”. Bravo, *chiquita*.

Não sei no que focar primeiro. Talvez no fato de que ela nunca falou tantas palavras para mim antes ou por ela realmente parecer *gentil*? Mas uma palavra se destaca nos meus ouvidos.

— Leo? — repito.

Kinsey balança a cabeça, sua atenção se voltando para a revista.

— Leonardo. Nome delícia para um homem delícia, né? Eu o comeria, com certeza.

Meu peito se aperta, e eu eventualmente reconheço a necessidade de rir. Então o faço, gargalhando enquanto minha cabeça se inclina para trás para encarar o teto.

Falo para as câmeras.

— Se eu não era louca antes, definitivamente sou agora. Bom trabalho, Doutor.

Kinsey ri.

— Você é engraçada, Mia.

Olho para ela com ceticismo.

— Por que você está sendo gentil comigo?

Ela me olha de relance, por cima da revista.

— Nix disse que você é bem legal. Quer que eu faça a sua maquiagem para a festa de despedida dele?

Não, definitivamente não.

— Ok — eu me forço a dizer.

6 afogando-se, não acenando



Dia 08

De Kinsey fazer minha maquiagem partimos para Kinsey fazer meu cabelo, então para insistir que eu pegue emprestado algumas de suas roupas, porque, de acordo com ela, eu me visto como uma mendiga. Ao contrário do meu guarda-roupa básico – consistindo de camisetas, tops e shorts – ela tem de tudo: microvestidos cheios de brilho até jeans de marca abarrotados no pequeno closet.

O resultado? Eu pareço uma prostituta de luxo.

Sento-me na cama de Kinsey, remexendo-me na mini-saia enquanto ela ondula meu cabelo e tagarela sobre o que mais sente falta do mundo lá fora. Do topo da lista: depilação brasileira, pedicure, massagem e seu chihuahua pequenino, apropriadamente nomeado *Teacup*.

Eu mal ouço, oferecendo *Sims* e *Entendi* nas horas apropriadas, enquanto o resto dos meus pensamentos segue em direções mais profundas. Se o que Nix suspeita é verdade, então Kinsey e Dr. Chastain transam nesta mesma cama na qual estou sentada. Uma linha de pensamento repulsiva, mas uma da qual não consigo escapar.

Pergunto-me se ele é da linha papai e mamãe, sempre mantendo o controle, ou se ele perde a cabeça e o corpo para a paixão. Será que usa palavrões? Usa os dentes? Gosta de suas mulheres passivas e obedientes ou atrevidas?

— Por que seu rosto está vermelho?

Afasto esses pensamentos e encaro os olhos curiosos de Kinsey.

— Estamos no deserto no meio de Agosto. Você está pronta?

Vejo-a ponderar antes de apontar que o ar condicionado da cabine está ligado, mas, aparentemente, ela realmente quer ser minha amiga.

Ponto para mim.

— Estou pronta — diz com um sorriso. — Você gosta da minha roupa?

Faço meus lábios se curvarem em um sorriso.

— Você está ótima.

Kinsey conversa todo o caminho para o prédio, seus temas indo do ar seco que está acabando com suas cutículas até a tentação de nadar à noite — que é contra as regras — para o abdômen incrível de Callum e para o quão animada ela está por estarmos nos dando bem.

Continuo com a farsa de fingir ouvi-la. A maior parte do meu foco está dividida entre tentar não cair dos saltos agulhas que ela me fez calçar e no céu noturno. O horizonte a oeste ainda tem uma vaga memória de luz do sol, mas, acima de nós, milhões de estrelas brilham como pequenos diamantes.

— É realmente bonito aqui — digo.

Kinsey, momentaneamente em silêncio, olha para mim, incrédula. Claramente meu comentário não merece resposta, porque ela continua andando. Sigo-a com um suspiro, para além da piscina e para dentro do Aquário.

Frank e outra do nosso grupo de cuidadoras, Charlene, está de pé, perto de um dos sofás, cabeças juntas enquanto murmuram. Quando ouvem a porta, seguidamente pelos nossos saltos, eles se afastam.

— Olá, senhoritas — diz Charlene com um sorriso falso. — Vocês parecem lindas esta noite.

Não gosto muito de Charlene; ela gerencia o grupo nas Segundas e nas Quarta, e sempre parece condescendente. Acho que ela fica feliz em ter autoridade sobre pessoas como Kinsey, Nix e Callum. Pessoas como eu.

Tem um brilho avaliador nos olhos de Charlene quando eles se fixam no meu rosto. Abro a boca para tecer um elogio por ela ter conseguido enfiar as coxas gigantescas em meias calças, mas unhas afiadas se afundam no meu antebraço.

Kinsey me arrasta através do Aquário com um agradável:

— Obrigada, nos vemos na festa!

Uma vez que não podem mais nos ouvir, desvencilho-me de suas mãos.

— Mas que merda foi essa? — sibilo.

— Você ia dizer algo estúpido. Só estava salvando sua pele. Insulte

Charlene, e sua vida vai virar um inferno.

Minha boca pende aberta.

Kinsey sorri.

— Não sou tão estúpida quanto pareço, *chiquita*. Vamos, quero pegar uma cidra e fingir que é champanhe.

— Quando pensei que você não pudesse ser mais estranha...

Ela ri.

— Isso vai ser tão divertido.

Acho que temos conceitos diferentes de diversão, porque no segundo em que entramos na sala onde nossas sessões de grupos são feitas, eu quase fujo. Não por causa das decorações, que são do tipo recicladas e compradas em uma loja de 1,99, ou por causa do bolo comprado no supermercado em cima da mesa. O que me enche de pânico nem é a quantidade de pessoas. Praticamente todos os funcionários estão aqui, incluindo as duas enfermeiras, cozinheiros, faxineiros e vários seguranças que vi vistoriando o local.

A razão de meus joelhos tremerem, me paralisando no local, enquanto Kinsey dá gritinhos e vai até Nix, é que em nenhum momento imaginei que o Dr. Chastain também iria à festa. Mas ele está aqui, do lado de uma das enfermeiras, Nora, perto da mesa com as bebidas.

— Feche a boca — Callum murmura, seus braços me envolvendo por detrás.

Estou tão atordoada que sua presunção não me incomoda como normalmente faria. Abaixando os braços, fazendo-os cair nas laterais do corpo, murmuro de volta.

— Não estava preparada para vê-lo. Ele me expulsou do escritório hoje.

Os lábios de Callum tremem.

— Kinsey contou a Nix, que contou a todo mundo depois que você deixou o grupo hoje. — Ele ri da minha expressão de desgosto. — A propósito, que merda você está usando?

Eu resmungo.

— Nenhuma palavra, Rivers.

Suas sobranceiras castanhas se erguem.

— Nem para dizer o quão gostosa você...

Eu bato em seu peito forte, esquivando-me quando ele tenta vir até mim, e acabo batendo em outra pessoa.

— Desculpe, eu... — Minha boca se cala.

Dr. Chastain assente.

— Amelia. — Ele olha através de mim. — Callum. — Olhos azuis se voltam em minha direção, aterrizando e flutuando como um beijo de borboleta. — Aproveitem a festa.

Enquanto ele sai pela porta, Nix o chama.

— Dr. C, você está indo embora?

Sua figura elegante para e se vira, e em seu rosto está uma expressão que nunca vi. Orgulho. Felicidade. Um sorriso o transforma em um homem que desconheço, como puxar gravitacional de um maldito sol.

— Parabéns de novo, Jason — ele diz, carinhoso. — Espero ouvir notícias suas.

Kinsey dá um gritinho, e Nix também se manifesta, pegando-a pela cintura e a girando pela sala. Quando olho de volta para o portal, Chastain não está mais lá.



Sou uma mulher idiota, muito idiota. Somente alguém idiota, ou louca, sairia de uma festa da sua reabilitação para perseguir seu terapeuta.

Não que minha decisão seja surpreendente. Não para mim, ao menos. E enquanto eu me aproximo da porta fechada do escritório, iluminada pela luz que vem de dentro, percebo que, provavelmente, não surpreenderei a ele, também.

Meu cérebro grita para que eu retorne, mas minha mão se ergue e bate na madeira.

— Entre.

Pare, sua idiota. Corra.

Eu entro, fecho a porta e me afundo contra ela para me apoiar. Estou sem fôlego, como se tivesse corrido uma maratona.

Putá merda, estou um caco.

Do outro lado da sala, Chastain se inclina contra a mesa, com quadris esbeltos apoiados nela. O paletó do seu terno está jogado contra uma das cadeiras de couro. Minha cadeira. Sua gravata está frouxa, o botão mais alto de sua camisa, aberto. Sua barba por fazer escurece sua mandíbula, chamando a atenção para seus lábios carnudos.

Minha boca fica seca.

Quero destruí-lo.

— Amelia — ele diz, cansado. — Do que você precisa?

Uma pergunta perigosa. Mas eu não estou tão louca a ponto de contar a verdade para ele.

— Eu não sei. Nunca sei. Eu só... ajo.

Suas sobrancelhas se erguem sobre os aros escuros dos seus óculos.

— Você esperava me encontrar cochilando? Talvez para conseguir raspar a minha cabeça?

Médico esperto. Quando nada digo, ele responde à minha pergunta silenciosa:

— Você encara meu cabelo bem frequentemente. O jeito como eu o penteio te irrita, não é?

Eu resfolego, então cubro a boca para calar uma risadinha. Dar uma risadinha é imperdoável. Garotinhas e mulheres como Kinsey o fazem. Não eu.

Os lábios de Dr. Chastain se curvam um pouco, seus olhos desafiadores.

Eu rio.

Acenando as duas mãos na direção do seu cabelo imaculado, pergunto agressivamente.

— Como você consegue reparti-lo tão direitinho? Você passa uma hora toda as manhãs com uma escova na mão?

Para meu choque, ele solta um riso abafado, os lábios se transformando em um sorriso suave. E, *maldição*, é um sorriso lindo.

— E quanto *você* demorou — ele imita meu gesto. — Para ficar *assim*?

Eu olho para baixo, para o top brilhante e para a mini-saia.

— É melhor que não saiba.

— É do guarda-roupa de Kinsey, presumo?

Por que, ela se fantasia para você? Já tirou essa saia dela?

Eu assinto, minha língua presa no topo da minha boca.

— Amelia — ele diz baixinho, todo o humor indo embora. — Por que você está aqui?

Meus olhos passeiam pelo escritório, desviando do seu olhar penetrante.

— Callum diz que você fica em algum lugar da propriedade.

Suas sobrancelhas se unem em confusão.

— Sim, tem cabines de funcionários.

Eu assinto.

— Isso é ótimo. Digo, conveniente.

— Amelia — ele começa, em um tom de alerta.

Encarando o carpete aos meus pés, eu mordo meus lábios para impedir o vômito de palavras. Elas escapam de qualquer forma.

— Você me deixaria mexer no seu cabelo? Por favor?

Ele não se move, mas sinto seu foco todo em mim, como se fosse uma lâmina a me cortar.

— Como isso te faz sentir, essa urgência?

Eu mexo minha cabeça descontroladamente.

— É como uma coceira. Dentro de mim. Nos meus ossos. Essa vontade de fazer algo perigoso.

— Tocar no meu cabelo é perigoso? — ele pergunta cuidadosamente.

Tocar em você seria perigoso.

— Sim — murmuro.

Três metros nos separam – uma distância insignificante – mas sou contida tenuosamente por seus olhos. Ele não são gentis ou sem culpa, mas são familiares. Familiares demais. Como se parte da minha psique reconhecesse parte da dele. Somos parecidos. Temos segredos. Mantemos partes de nós mesmos escondidas.

Pergunto-me se mais alguém conhece essas partes ocultas dele e se quero conhecê-las.

Ah, quero sim.

Mas também sei, sem sombra de dúvidas, que há um preço caro a pagar.

A porta atrás de mim reverbera com uma pequena batida. Através da madeira, uma voz feminina fala:

— Leo? Você ainda está aí?

Meus lábios formam seu nome. *Leo*. Seu olhar vai até a minha boca. Então ele pigarreia.

— Sim, Nora, entre.

Eu dou um passo para fora quando a porta se abre, abrindo um sorriso de plástico no meu rosto para a enfermeira ruiva.

— Já estava de saída — digo antes que a surpresa dela se transforme em uma suspeita.

— Desculpe interromper — ela diz, olhos nervosos dirigindo-se para Leo. *Leo*. — Posso voltar mais tarde.

— Está tudo bem — ele confirma.

Nora cora. Não é uma expressão que a deixe bonita; não com suas bochechas manchadas emolduradas pelo cabelo vermelho. Imediatamente, sinto-me petulante ao pensar nisso. Ela nunca foi nada senão gentil comigo.

— Boa noite, Dr. Chastain — digo animadamente. — Obrigada pelo conselho.

Ele acena com a cabeça, impertúrbavel.

— Espero que pense no que eu disse.

O que ele disse? Nada. E tudo.

Não tenho a menor ideia do que ele está se referindo, mas assinto de volta e fujo dali. No meio do caminho além do Aquário, um pensamento me atravessa. Leo tocando em Nora. Fazendo-a corar, fazendo-a chamar seu nome.

— Mia? — pergunta Callum.

Ele e Preston estão do outro lado do Aquário. Atrás deles, vozes e música derivam da festa.

— Você está bem? — Preston pergunta suavemente.

Não.

— Ficarei — digo e saio dos meus saltos, chutando-os para longe. — Venha cá, Preston.

Ele pisca com aqueles maravilhosos olhos verdes e obedece. Atrás dele, as sobranceiras de Callum se arqueiam em surpresa.

— E eu? — ele pergunta de leve.

Eu dou de ombros.

— Você pode vir, também.

Quando Preston está perto o suficiente, eu agarro sua mão e entrelaço nossos dedos. Sua respiração acelera, vindo em baforadas nervosas.

— O que faremos? — ele pergunta. Assustado. Excitado.

— O que eu quiser — murmuro de volta. — Pronto?

Ele engole em seco e assente. Eu sorrio, plantando um beijo rápido em sua bochecha lisa, e então o arrasto para a porta dos fundos do Aquário. Até que as águas escuras da piscinas estejam à nossa frente, continuamos correndo.

Preston gorgoleja, alarmado.

Eu rio e pulo no vazio, o puxando comigo.

7 *sacrificios*



Dias 08 - 09

Enquanto Preston tenta sair da piscina em suas roupas pesadas, eu flutuo na parte funda, braços e pernas balançando, e olho fixamente o infinito céu noturno. Imagino a água ao meu redor cheia de estrelas. Estou voando. *Livre.*

Meus ouvidos estão cheios de água, mas pouco tempo depois, ouço as mudas reverberações do meu nome sendo chamado. Vozes urgentes. Então irritadas. Estou certa de que estão discutindo quem entrará na piscina atrás de mim.

Então ouço a voz *dele*, baixa e mais suave que a do resto, mas mais clara, de algum modo.

— Amelia.

Forço-me a respirar três vezes, então novamente, de forma mais profunda. Curvo meu corpo e afundo. Outro tipo de liberdade, um casulo de água. Nenhuma voz ali. Descanso no chão da piscina, minhas pernas cruzadas e minha mini-saia na cintura.

Escuro. Silencioso.

Minha primeira meditação foi aos treze anos. Não terminou bem, mas a prática faz a perfeição. Eu sei meus limites. Sei como ouvir a batida do meu coração para sinais de estresse. Quando meus pulmões começam a queimar, solto uma corrente de bolhas. Livrando-me de monóxido de carbono. Saboreando a falta de oxigênio. Pontos brancos dançam na minha visão. Pequenas estrelas.

Uma mão forte e masculina pega meu braço, e eu abro meus olhos.

O desapontamento é aterrador.

Callum me puxa para a superfície, então me coloca na borda da piscina.

— Mas que merda... Mia? — ele arfa, me puxando contra ele. Sua mão quente passa pela minha cabeça, sua barba por fazer roça a minha bochecha. Ele murmura: — Você me assusta.

— Eu me assusto, também — digo e finalmente olho através da água, para onde um grupo de pessoas se mantém de pé.

Dr. Chastain não está lá.

Callum me leva até a minha cabine, para longe do tagarelar raivoso de Charlene. *Reunião disciplinar. Haverá consequências.* Ele me guia até o meu banheiro e me deixa pingar enquanto liga o chuveiro e ajusta a temperatura.

Antes de entrar na piscina atrás de mim ele havia tirado suas roupas e ficado de cueca, que agora pendia molhada em sua bunda e pernas. O tecido de seda pouco escondia o que os tabloides haviam apelidado de *Canhão de Callum*.

Quando ele se vira do chuveiro, me pega encarando sua bunda. Espero ele sorrir, ou fazer uma piada, mas ele não o faz.

— Você precisa de ajuda para se despir? — ele pergunta lenta e precisamente.

Eu conheço esse tom.

— Você acha que sou louca.

Ele balança a cabeça.

— Eu acho que você tem muita dor presa dentro de você. — Seus olhos fazem um mapeamento lento de meus traços. — Algo aconteceu com você. Algo ruim.

A superfície dos meus segredos estremece, como se tivesse sido atingida por um iceberg.

— Algo ruim acontece a todo mundo. — Tiro meu top. Ele cai com um estalido molhado no chão, e logo se juntam a ele minha mini-saia e minha lingerie.

— Porra, Mia — reclama Callum, enquanto seus olhos famintos passeiam pelo meu corpo. — Você realmente sabe como levar um homem ao limite.

Minha especialidade.

Passo por ele, certificando-me de que meus seios toquem suas costas nuas, então entro no chuveiro. Água quente cai sobre mim, trazendo um suspiro de alívio à minha garganta.

Piscando para Callum através da água, digo:

— Vá em frente e ultrapasse os limites. Não há ninguém te impedindo.

Sua mandíbula se cerra enquanto dá um passo rígido na minha direção. Um dedo traça meu mamilo, enrijecido pela água, antes de deslizar até o meu ventre. Justo quando acho que o ganhei, ele para, respirando fundo, e recua.

Piscando, ele aperta sua ereção pesada com uma mão, e então me dá um sorriso triste.

— Já tive meu coração partido várias vezes. E você... — Ele balança a cabeça levemente. — Acho que você vai me arruinar.

Eu ignoro o segundo desapontamento – ou seria o terceiro? – da noite.

— Eu não estou oferecendo amor, apenas sexo.

— Este é o meu problema — ele diz com um pequeno dar de ombros. — Não sei a diferença.

Não sinto nenhum prazer com esse segredo, nenhum desejo de tomar o que me é oferecido e usá-lo contra ele. Não quero destruir Callum.

Huh.

— Obrigada por ir atrás de mim, na piscina.

A tristeza abandona seu sorriso.

— De nada. — Ele se vira, mas para com a mão no portal. — Deixe-o entrar. Ele realmente quer te ajudar. Você o assustou pra caramba hoje à noite.

Meu coração bate forte, lembrando-me de minhas limitações. Minha doença.

— Boa noite, Callum.

— Bons sonhos, Mia.

Eu puxo a cortina do chuveiro.



Às dez da manhã, entro no consultório do Dr. Chastain e sento-me, indiferentemente, na minha cadeira. Minha mente está enevoada, meu corpo, letárgico. Dormi durante o horário usual da minha corrida com Callum, e a mudança de rotina me deixou fora de equilíbrio. Não quero estar aqui.

Não há nenhum lugar onde eu queira estar.

— Amelia.

— Leo.

Ele suspira, mas não me corrige.
— Você parece cansada esta manhã.
Eu dou de ombros.
— Sonhos ruins.
Sua caneta arranha o papel.
— Você me contaria sobre eles?
Considero mentir, mas não tenho forças.
— Estava me casando. — Bufo. — Pesadelo total.
— Por que foi um pesadelo? — ele pergunta suavemente.
— Não sei. Tinha essa... sensação.
— Você achou que estava fazendo uma má escolha?
— Não.
— Então o quê?
Percebendo que é tarde demais para voltar atrás, deixo escapar.
— Eu estava feliz. Completamente, totalmente extasiada.
Faz-se uma pausa calculada.
— Por que foi um pesadelo, então?
Fecho meus olhos.
— Você sabe o porquê.
— Você teve um sonho no qual estava se casando e, no sonho, você estava feliz — tom pausado, comedido. — Por que foi um pesadelo?
— Não me faça dizer — murmuro.
— Acho que deveria.
Pressiono meus dedos nos meus olhos.
— Eu acordei! Aí, babaca. Está feliz agora? Foi um pesadelo porque eu acordei!
— E como isso te fez sentir?
Irritada. Com raiva. Triste.
Mas mantenho minha boca fechada.
— Tem alguma razão pela qual você não olha para mim?
Eu baixo minhas mãos para meu colo, mas não encaro seu olhar.
— Porque seu rosto me dá raiva — estalo.
— E por que?
Deixe-o entrar. Ele quer ajudá-la.
— Eu não confio em você — respondo, e ouço, tanto a voz dele quanto a de Callum na minha cabeça.
— Como posso ganhar sua confiança?

Balanço minha cabeça.

— Não sei. Não pode.

— Você confia em alguém?

— Jameson.

— Mesmo que tenha sido ele a nos contatar?

— Sim. Ele apenas estava tentando me ajudar. Me proteger.

— E o que você acha que eu estou tentando fazer?

Entredentes, digo:

— Me quebrar.

Ele não responde. Minutos se passam no relógio de parede de antiguidade. *Tic. Tic.* O céu está nublado, a sala, normalmente clara, sombreada. Considero se ainda estou ou não sonhando. Virando e revirando-me na minha cama, indo de um pesadelo a outro.

Absorvida em meus pensamentos caóticos, não noto que Chastain se moveu até que sinto uma mão nos meus joelhos cobertos por jeans, separando-os. Eu travo, meus olhos pulando contra minha própria vontade para seu rosto. Ele toma vantagem do meu silêncio, colocando-se entre minhas pernas. Mais perto do que jamais estive.

Não perto o bastante.

— Dê-me suas mãos — diz, oferecendo as duas dele, palmas para cima.

— O que está fazendo? — respiro profundamente.

Ele nada diz, apenas me observa e espera. Ele está sem óculos, e seus olhos são suaves e atentos. Seu pulso pulsa contra a pele da sua garganta. Como um doce que eu gostaria de sugar.

Coloco meus dedos gelados sobre os dele, quentes.

Lentamente, ele coloca minhas mãos na sua cabeça. Mesmo com ele ajoelhado, meus braços não são longos o suficiente para que o alcance. Prendo a respiração enquanto ele se move para a frente até que estamos quase peito a peito.

Ele respira contra a minha bochecha.

— Vá em frente, Amelia.

Não reconheço o choramigo que sai de mim quando afundo meus dedos naquele cabelo perfeito. É mais macio do que imaginei, não há quase nenhum produto nele. Arranho minhas unhas no couro cabeludo, puxando e torcendo os fios. Ele respira fundo, seus olhos se fechando e seu queixo caindo.

Eu pego o cabelo com meus punhos e puxo seu rosto para cima. Olhos surpresos encaram os meus. Mais do que tudo, quero beijá-lo.

— Não — ele diz.

Por alguma razão maldita, eu o ouço. Com um puxão final em seu cabelo, solto-o e afundo de novo em minha cadeira. Ele se abaixa nos calcanhares, olhos ainda abertos e surpresos, como se não compreendesse o que acabou de acontecer. Cabelo escuro em perfeito desalinho. Mãos fechadas sobre os joelhos.

Pelas pupilas dilatas, eu assumiria que ele está duro sob as abas escondidas do seu paletó. O pensamento não me excita como deveria. Ao contrário, me sinto incomodada.

— Ainda não confio em você — digo, porque o momento é muito real. Muito pesado.

Eu não queria isso antes?

Queria, mas não mais.

— Você está me enlouquecendo — acrescento.

Chastain se levanta, girando rapidamente. Passos longos o levam de volta para a sua mesa, onde ele se senta pesadamente em sua cadeira de rodinhas. Eu o encaro vagamente até que decido que não aguento mais o silêncio.

— Posso segurar meu fôlego por dois minutos e vinte três segundos.

Ele olha para cima.

— Sim, eu sei.

Meus olhos se estreitam.

— Merda de Jameson. Ele te contou da minha comida preferida, também?

— Ceviche — diz, com um sorriso nos lábios.

Minha própria boca se curva.

— Filme favorito?

Ele faz uma careta.

— *Cães de Aluguel*.

— Ei! É um ótimo filme!

Ele ri. *Realmente* ri, deixando sua cabeça pender para baixo e seus ombros tremerem. Meu sorriso cresce até minhas bochechas arderem.

— Tá certo, Doutor. Eu meio que gosto desse jogo, ver o quanto meu irmão gêmeo sabe sobre mim. Que tal isso: eu já fiz paraquedismo?

— Vinte e seis vezes — ele responde, ainda sorrindo.

— Momento mais embaraçoso?

Ele faz uma careta, pensando, e então seus olhos clareiam.

— Você menstruou na oitava série no meio da sala. — Ele pausa para efeito dramático. — Em calças brancas.

— Filho da puta! — grito. — Vou cometer gemocídio no segundo que vir aquele babaca.

Seu sorriso se suaviza.

— Por que você acha que Jameson queria que eu soubesse tanto sobre você?

Reviro meus olhos.

— Tá, tá. Entendo. Ele confia em você, então eu deveria confiar.

— Você acha que consegue?

Eu encontro seu olhar calmo e calculado.

— Talvez. Se me contar um segredo.

Seus braços se cruzam contra o peito.

— Que tipo de segredo?

— Seu maior segredo.

Seus lábios se curvam, mas não divertidos.

— Acho que não, mas te direi algo pessoal. Que tal isso?

— Te direi depois de ouvir.

Ele admite com um aceno.

— Quando eu tinha treze anos, meu irmão mais velho cometeu suicídio. Eu não entendi até chegar à faculdade, mas agora sei que ele sofria de bipolaridade não tratada.

Não havia diversão novamente.

Com meu silêncio, ele continua.

— Eu sabia que havia algo de errado com ele, mas minha mãe não acreditava em doença mental. Ela acreditava em orações. Nunca irei me perdoar por não acreditar em meus instintos, por não forçá-lo a procurar um médico.

Não há amargura em sua voz, o que me parece um milagre. *Como ele não odeia a mãe?* Se fosse de Jameson que estivéssemos falando, não importava quanto tempo tivesse passado, eu ainda estaria possessa.

— Foi por isso que você entrou neste ramo?

Ele assente.

— O nome dele era Vincent. Vince.

Existe, lógico, a parte de mim que quer se intrometer. Ver o quanto ele se abrirá, o quão profundo me deixará enxergá-lo por dentro.

Eu não sou uma mulher mudada depois de oito dias de tratamento. A coceira que anseia por perigo vai surgir – ela sempre surge – mas, por ora, estou satisfeita.

Respiro fundo.

— Você quer que eu te conte sobre a noite em que a minha mãe morreu?

— Por favor.

Então o faço.

8

estrada da memória



Dia 09

E scondidos no quarto de brincar com uma montanha de Legos, Jameson e eu bisbilhotamos nossos pais no quarto deles.

— Por favor, Harrison, você sabe que eu tenho fobia de água. Por favor, leve-o?

— Já falamos sobre isso — responde meu pai, sério. — Ele precisa aprender a nadar. Jameson e Mia começaram com um ano de idade. Não sei por que tem que ser diferente com Phillip.

— Phillip não é destemido como eles. Água o deixa nervoso também.

— Ele é novo demais para ter medo. Claramente está espelhando o seu.

— Não acho isso. Tomo muito cuidado para não projetar e...

— Lide com isso, Julia. Não vou colocar uma maldita cerca ao redor da piscina. Você é a adulta aqui. Leve Phillip para a natação. Tenho trabalho a fazer.

Jameson e eu trocamos olhares enquanto os passos de nossa mãe passam para o quarto de brincar e vão para o andar de baixo.

— Ele tem medo de água? — murmura Jameson.

Eu dou de ombros.

— Ele é um bobo.

Jameson faz uma careta.

— Não chame Phillip de idiota.

— Tudo bem, vou te chamar de bobo.

— Não sou bobo. Você é idiota. Te odeio.

Mostro minha língua pra ele.

— Também te odeio.

Minutos depois, nossa mãe volta para o andar de cima e bisbilhota o quarto de brincar. Ela veste uma capa de chuva, já que choveu o dia todo.

— Oi, queridos. Vou levar o Phillip para nadar.

— Posso ir? — pergunto.

Minha mãe sorri.

— Não esta noite, Amelia.

— Mas posso ajudar! — insisto. — Não tenho medo da água!

Jameson me belisca, e eu grito, então dou um soco forte em seu ombro. Ele uiva e joga uma porção de legos na minha cabeça.

— Vou assistir TV — ele anuncia, antes de correr da sala e eu retaliar.

— Ele me beliscou primeiro — contei para a minha mãe.

— Eu vi. Vou ter uma conversa com ele mais tarde.

Estranhamente, ela não parece brava. Normalmente odeia quando brigamos. Constantemente nos diz o quão abençoado somos por termos irmãos. O que, claro, entra por um ouvido e sai por outro.

— Eu realmente posso ajudar Phillip a nadar — digo, tirando legos do meu colo enquanto me levanto. Eu vou em direção aos braços abertos da minha mãe, sentindo seu aroma de flores. Ela deixa um beijo no topo da minha cabeça.

— Eu aprecio isso, querida, mas você sabe o que me ajudaria mais?

Eu ergo meu pescoço para ver seu rosto — cabelos dourados, calorosos olhos em tom de caramelo e um enorme sorriso para mim.

— O que, mamãe?

Ela toca meu nariz com seu indicador.

— Arrume o quarto de brincar antes que eu chegue em casa.

— Mamãe! — eu reclamo. — Por que estou sendo punida? Jameson que começou.

Com um afago suave em minha bochecha, ela responde:

— Cuidar dos presentes que os outros nos deram não é uma punição. É um privilégio.

Sabendo que ela está a ponto de me lembrar de um bilhão de crianças que não têm brinquedos para brincar, eu saio de perto dela.

— Tá — resmungo, chutando uma bola de futebol murcha para longe.

— Obrigada, Amelia.

Eu olho para cima de uma pilha de Barbies nuas e desarrumadas.

— *Se eu limpar, posso tomar sorvete depois do jantar?*
Ela ri, olhos brilhando.
— *Minha negociadorazinha. Claro. Você poderá tomar sorvete.*
— *E Jameson não?*
Ela pisca.
— *Veremos. Já volto. Amo você, Amelia.*
— *Também te amo, mamãe.*



— A aula era às seis, e eles sempre chegavam em casa às sete e quinze — eu digo, vagamente. — Às oito, Jameson e eu estávamos morrendo de fome. Pedimos jantar para nosso pai, mas ele gritou conosco, então nos sentamos juntos no sofá e esperamos.

— Seu pai não percebeu quão tarde estava? — pergunta Chastain.

Balanço a cabeça.

— Quando ele estava trabalhando em um caso, tendia a perder a noção do tempo.

— Por favor, continue.

Eu limpo a garganta.

— Jameson atendeu a porta. Dois policiais. Não éramos idiotas. Sabíamos que tinha acontecido algo com Mamãe e Phillip. Lembro-me de pensar que talvez eles tivessem afogado, porque os dois tinham medo de água. Mas tinha chovido enquanto eles estavam na natação, e as ruas estavam escorregadias. Algum filhinho de papai na sua Mercedes virou rápido demais e acabou batendo neles. Saíram da estrada.

— Phillip estava na cadeirinha?

Minha respiração para, e um lampejo de escuridão passeia pela minha mente.

— Sim, mas o carro atingiu o lado do passageiro diretamente. Mamãe morreu quando o airbag não funcionou, e a cabeça dela atingiu o volante, quebrando seu pescoço. Ela não deveria ter morrido, de verdade. Nenhum deles. Foi um golpe de azar.

— Sinto muito, Amelia.

Ele diz como se realmente sentisse, mas eu também sei que ele espera pelo resto.

— Uma vizinha veio cuidar de nós enquanto nosso pai foi com os policiais. Senhora Clemens, eu acho que era seu nome. Boa senhorinha. Abraçou Jameson enquanto ele chorava.

— Você não chorou?

— Ali, não. Eu disse a eles que ia para o andar de cima, para meu quarto, então coloquei meu maiô.

— Ah — ele diz, como se as peças do quebra-cabeça finalmente se encaixassem. — Era fácil demais simplesmente pular na piscina, não era?

Eu pisco com os olhos secos e em chamas.

— Sim — digo com uma voz que não reconheço — crua e rouca. — Eu queria estar perto deles. Queria sentir medo.

— Mas você não sentia.

— Não, não sentia. Mas eu tentei. Subi no sótão e na janela, em direção ao telhado. Não foi a primeira vez que fui lá, mas nunca tinha pulado. A piscina não era longe. Achei que conseguiria.

— Mas havia a possibilidade de não conseguir?

— Sim, espertinho. Foi por isso que pulei.

Ele não faz caso do meu apelido, nem eu esperava que fizesse.

— E você quebrou seu braço?

Assinto.

— Quase quebrei minha cabeça na quina da piscina. Meu braço me impediu disso.

Depois de uma pequena pausa, ele pergunta.

— Você já teve outros incidentes quase mortais?

— Você sabe que sim — eu digo, encarando-o. — Tenho certeza de que Jameson te contou.

— Eu sei da queda livre em San Diego, em que você foi puxada para as pedras pelas correntezas do rio, e eu sei do *base jump* nas Caverna das Andorinhas, quando seu paraquedas deu pane.

Sorrio sombriamente, assentindo para que ele continue.

— Sei que você já fez *bungeejump* e *parasail*, saltou de paraquedas, escalou, já conseguiu inúmeras multas de trânsito. Quantos acidentes de carro?

— Apenas o que me trouxe até aqui. — Eu me curvo. — Que *foi* um acidente, a propósito. Meu chinelo ficou preso debaixo do pedal do freio. Uma idiotice, mas não um ato suicida.

— E quanto ao outro acidente?

Eu faço uma careta.

— Não há outro acidente.

Chastain abre uma gaveta na sua mesa e puxa um arquivo grosso. *Meu.* Ele folheia até achar uma única folha de papel.

— 3 de Março de 2016. Você se envolveu em um acidente de carro envolvendo mais dez carros na 405 após um trailer perder o controle e te cortar.

Eu balanço a cabeça.

— Paciente errado, chefe. Não fui eu.

Ele vai até o arquivo e puxa uma fotografia tamanho A5, segurando-a para que eu a veja. Eu a encaro sem compreendê-la – é o meu rosto, machucado e enfaixado. Estou usando um colar cervical e uma roupa de hospital.

Não tenho a menor lembrança disso. Colocando-me de pé em um pulo, cruzo a sala e arranco a foto das suas mãos.

— Você não se lembra de tirar esta foto?

Meu estômago se revira, e um calafrio percorre minha espinha.

— Não. *Não.* — Forço a mim mesma a olhar para cima, a focar em seu rosto. — Onde você conseguiu isso? Tem certeza de que não é do acidente do mês passado?

— Tem a data na foto — ele responde suavemente.

No canto da fotografia tem a data impressa. *03.03.16.* Mas não faz sentido. Em Março de 2016, eu estava...

Eu estava...

Cambaleio em meus próprios pés. Sinto o sangue correr até meus ouvidos, sufocando o barulho ambiente. Suor frio nasce em todo o meu corpo.

— Não me sinto bem, doutor — murmuro.

Chastain pula de sua cadeira e me agarra enquanto meus joelhos falham. Ele me abaixa até o chão, então tira meu cabelo do rosto.

— Amelia? Você precisa confiar em mim, e se não confia em mim, confie em Jameson. Você está aqui por causa do acidente em Março, dois anos atrás.

— Você está mentindo — digo por entre respirações bruscas. — É um truque. Estou sonhando.

— Respire. Só respire.

Com seus braços debaixo dos meus joelhos, ele me levanta para me

colocar em seu colo e me abraça apertado. Dedos afagam meus cabelos e minhas costas. Começo a tremer e não consigo parar.

— Eu morri? — pergunto afônica. — Isso é... o depois? Você é o demônio?

Ele respira bruscamente.

— Você não morreu, embora eu me ache o demônio quando estou com você. Vamos sair dessa, Amelia. Juntos. Prometo.

Escondo meu rosto em seu peito, agarrada a ele como se fosse a última rocha no maldito oceano.

— Não acredito em você.

— Então terei que acreditar por nós dois.

— Estou quebrada — murmuro.

Seus lábios roçam o topo da minha cabeça.

— Todo mundo está quebrado. Alguns de nós só são melhores em colar os pedaços de volta.

Rio, ainda tremendo. Dentes batendo. Desequilibrada.

— Bem, ao menos não quero mais trepar com você.

— Ah, e por que isto?

Levanto a cabeça, encontrando seus olhos elétricos.

— Não trepo com pessoas que gosto, muito menos naquelas em quem confio.

Ele sorri como se tivesse ganhado na loteria.

— Você confia em mim.

Eu faço uma carranca.

— Nunca vi um homem tão feliz por ser rejeitado. Acho que deveria me sentir insultada. Me ajude a levantar. Não quero estar no seu colo se não te causo nada.

Ele morde os lábios para diminuir o sorriso, mas não dá pra esconder o brilho de diversão em seus olhos.

Com alguns movimentos embaraçosos, ficamos de pé. Puxo para baixo minha camiseta de onde ela subiu no meu estômago, e Chastain ajeita a gravata.

— Você se sente melhor? — pergunta.

— Um pouco perturbada, mas, sim. Obviamente a cura para um surto mental deve ser a certeza de que você não quer transar comigo. Nada como um golpe no ego para colocar as coisas em perspectiva.

Ele morde o lábio inferior tanto que este fica branco. Eu reviro os olhos.

— Ria de mim, Leo. Faça isso.

Ele o faz.

Eu faço uma careta durante todo o tempo, fingindo que não adoro o som profundo e contagiante da sua risada. Finalmente, ele se acalma.

— Finalizamos por hoje? — Espero por sua confirmação e então disparo:
— Amnésia?

Seu humor se esvai rápido.

— Seletiva e pós-traumática, sim.

Abraço meu próprio corpo.

— Tenho um mau pressentimento sobre isso. E se eu não conseguir lembrar? Isso é muito surreal. E Jameson sabe sobre isso?

Ele assente de novo.

— Foi por isso que ele nos ligou. Você está segura, Amelia. Eu vou cuidar de você.

— É o que você acha? — pergunto tristemente, então balanço a cabeça e ando até a porta. — Ninguém pode cuidar de mim, doutor. Há muitas peças desencaixadas aqui dentro.

9

amor e guerra



Dia 09

— **A**mnésia?

— Sim. — Dou uma tragada de um cigarro contrabandeado. — Doido, né?

— Cara... — Callum diz pesadamente. A ponta de seu cigarro brilha na escuridão. — Muito doido.

— Fala sério.

Trocamos olhares petulantes por conta de nosso vocabulário juvenil.

Callum gira para me encarar, seu ombro encostando contra a parede de sua cabine.

— O que você acha que aconteceu?

— Como você disse, algo ruim. — Eu sopro uma corrente de fumaça para o céu estrelado, então jogo o cigarro no chão e o esmago com meu sapato. — Ou talvez nada?

Não gosto da pergunta em minha voz, mas não posso evitá-la. Não estaria aqui se não fosse nada. Só espero que não seja algo extremamente trágico. Alguém estava no carro comigo? Alguém tinha morrido?

Ficamos em silêncio por vários minutos, cada um perdido em pensamentos. Callum termina seu cigarro e quebra o silêncio antes de jogar fora o filtro.

— Uma pessoa pediu uma medida judicial contra mim.

Eu fico tensa.

— Você não precisa...

— Está tudo bem. Eu quero. — Ele suspira. — Outra modelo. O nome dela era Frenchie.

— Que péssimo nome.

Ele ri.

— Sim, todo mundo a chamava de French. De qualquer forma, transamos depois de uma sessão de fotos em Abril. A química era incrível. Passamos um final de semana juntos. Eu me apaixonei.

Nada digo, mais por sentir a curva de sarcasmo na última palavra.

— Achei que ela se sentia da mesma forma — ele continua, um milhão de tons de arrependimento na sua voz.

Sinto meu peito apertar de empatia. *Pobre Callum.*

— Ela te deu um fora? — me forço a perguntar.

Ele assente, sua expressão impassível sob a luz da lua.

— Ela tinha um namorado. Não lidei bem com isso. Pra encurtar a história, eu tentei fazer com que eles terminassem. Pensei que se fosse solteira, ela se lembraria do quanto éramos bons juntos. Obviamente, ela viu minhas ações de uma forma diferente.

Eu mexo na terra com o meu dedão do pé.

— Você a *stalkeou*?

— Sim, embora, no começo, eu não visse exatamente dessa forma. Achei que estava provando meu amor. — Ele pausa. — Eu tenho distúrbio de amor obsessivo.

Considero dizer algo superficial, como o fato de que provavelmente deveria haver milhões de mulheres que achariam bem-vindo ser obsessivamente amadas por ele, mas mordo a língua.

— Você sabe o que é verdadeiro amor? — ele pergunta, a voz rouca de urgência. — Dr. C me descreveu, mas eu acho que a perspectiva de uma mulher me ajudaria bastante.

Escuto meu coração, que está repentinamente batendo muito forte. Ansiedade faz meus braços formigarem.

Não deveria ter fumado aquele cigarro.

— Sou a pessoa errada para perguntar — finalmente respondo. — Quer dizer, eu amo o meu irmão, e eu posso te falar sobre isso.

Ele me encara, silencioso e atento.

— Uh, ele me faz sentir com os pés no chão. Jameson é como um peso que me puxa para baixo, me segurando no mundo. Me sinto confortável quando penso nele. E... hum, acho que grande parte é porque ele sabe tudo

sobre mim. Conhece todos os meus defeitos. E ainda me ama.

— Como você sabe disso?

— Eu apenas sei. Apenas sinto esse... laço. Confiança, eu acho. Não importa o que aconteça, o quanto brigemos, ele me ama e eu o amo. É tudo o que tenho, desculpe.

— Parece bom.

Eu o encaro, vendo seu sorriso suave.

— Sim, é sim.

Estudando seus traços perfeitos, etéreos sob a luz do luar, pergunto-me como é possível que Callum não saiba o que é o amor.

— E seus pais?

Ele dá de ombros.

— Fui adotado.

Eu estremeço.

— Desculpe.

Callum gesticula, como se afastasse minhas desculpas.

— Mas você nunca se apaixonou?

Meu coração palpita ao ponto de golpear minhas costelas de novo.

— Achei que tivesse. Duas vezes. Meu namorado de escola e meu ex-noivo, Kevin.

— Você me contaria? Descreveria como se sentia sobre Kevin?

Ele soa extremamente desesperado, não posso lhe negar nada. Mas a verdade vem como facas em minha garganta.

— Kevin queria cuidar de mim. Eu queria permitir e tentei cuidar dele também. Ele amava a versão de mim de futura esposa perfeita. Eu fui seduzida pela ideia de ser aquela pessoa.

— Isso não soa saudável — ele diz, seco.

Eu bufo.

— Bem, isso aqui não é exatamente um acampamento para pessoas saudáveis.

Ele ri, e eu sorrio de volta para ele.

— No fim das contas, estávamos ambos atuando. Não acho que nenhum dos dois realmente conhecia o outro. Encontrei-o transando com nossa vizinha.

— Ai.

— Fiquei com raiva, claro. Mas não estava magoada. Não senti aquele vazio desesperançoso do qual as pessoas falam. Esvaziei a coleção de discos

dele no jardim da frente e ateei fogo.

Callum solta uma risada.

— Puta merda, Mia. Me lembre de ser sempre seu amigo.

Encosto a cabeça em seu ombro.

— Eu gosto de você, está seguro.

Silêncio nos ronda mais uma vez, mas sem o mesmo peso. Observamos o céu. Espiamos algumas estrelas cadentes. Uma leve brisa passa por nós, arrepiando nossas peles expostas.

— Estou melhorando — ele diz baixinho, quase para si mesmo. — Algumas coisas que o Dr. C me falou estão fazendo sentido.

— Como o quê?

— Difícil explicar. — Ele gira a cabeça em minha direção. — O fato de eu não estar obcecado por você é maravilhoso. É quase o suficiente para fazer me apaixonar por você.

— Por mim? — zombo. — Amigo, sou como uma péssima estrada de dez quilômetros. Você ficaria melhor com Kinsey.

Ao invés de rir, ele diz solenemente.

— Você realmente não se enxerga.

Eu faço uma careta.

— Pare com isso. Nós dois sabemos que eu sou um caos completo.

— Você é? — ele pergunta enigmaticamente. — Não acho que você seja louca. Eu acho que é complicada, passional e aterrorizada pela profundidade das coisas que sente. É mais fácil fingir que não sente nada. Um mecanismo de defesa.

— Errado. — Cruzo meus braços contra o peito, desejando ter outro cigarro. Nós fumamos os últimos dois. — O problema não é que eu não sinto nada, é que eu não sinto *medo*. E, acredite em mim, eu tentei. Já me coloquei em situações terríveis. Perigosas. Tipo entrar em um bar de motoqueiros pelada, situações complicadas assim. Assustei todo mundo que se importa comigo. Todo mundo menos eu mesma.

— Porque você não liga para si mesma — ele constata tristemente.

— Nah — digo com desdém, tendo ouvido aquela frase muitas vezes. Contradigo com a mesma lógica que sempre usei. — Se não ligasse para mim mesma, simplesmente pularia sem um paraquedas.

— Amor próprio e ser suicida são coisas diferente — diz ele gentilmente. — Isso eu sei.

Esfrego meu rosto brutalmente.

— Certo, Dr. Rivers. Você ganhou. — Entreolhando através dos meus dedos, rosno. — Gostava mais de você quando não estava brincando de terapeuta. Chastain já é ruim o suficiente.

Ele ri.

— Ele está crescendo no seu conceito, não é?

— Como um vírus sexy.

Callum acha isso histérico e se dobra com a força de seu riso. Tento manter minha careta, mas meus lábios se curvam. Eventualmente ele se recupera, erguendo-se para limpar seus olhos lacrimejantes.

— Não tente seduzi-lo.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Por que não?

Todos os traços de risada se esvaem de seu rosto.

— Pelo bem de vocês dois. Eu não quero que Dr. C perca tudo por sua causa.

Eu abro e fecho a boca algumas vezes antes de achar minha voz.

— Você está fazendo uma suposição muito grande por ele.

Callum me encara, olhos impassíveis na escuridão.

— Não é uma suposição.

Meu pulso se faz presente, dessa vez, entre minhas pernas. Ignorando a pulsação, digo.

— Só porque você quer me foder não quer dizer que...

— Deixe-me colocar deste modo — Callum me interrompe. — Quando nos conhecemos, você imediatamente ativou meu distúrbio obsessivo. Parte disso significa que eu fiquei hiperativamente atento para potenciais concorrentes. Eu já o vi olhar para você quando ele acha que não há ninguém olhando. — Ele belisca a ponta do nariz. — Não deveria ter te contado.

Mais nervosa do que deveria, finjo afronta.

— Não vou seduzir meu terapeuta, por mais gostoso que ele seja. É errado, mesmo para mim.

— Isso é bom — ele remói.

— Feliz? — eu estalo.

— Sim!

Nossos olhares entram em uma batalha raivosa. Dura menos de dez segundos antes de sorrirmos e sucumbirmos às risadas.

Eu encosto em seu ombro.

— Vou pra cama. Quer vir?

Ele geme.

— Vá se foder, loirinha.

Arqueio as sobrancelhas.

— Essa é a oferta.

Rindo, ele se vira.

— Gosto demais de você para levá-la para cama — ele diz por sobre o ombro.

— Ei, esta fala é minha!

Sua risada desvanece quando ele chega à sua cabine. Quando eu o ouço abrir e fechar a porta, relaxo contra a parede, ainda aquecida pelo calor do dia.

Meu corpo implora pela necessidade de sono, mas minha cabeça gira como uma atração de circo. Complete isso com desorientação e náusea.

Desde a minha sessão esta manhã, tudo que consigo pensar é sobre o acidente sobre o qual não lembro. Passei horas enfurnada na minha cabine, dispensando o almoço para tentar montar as peças dos meses de 2016.

Tenho uma vaga lembrança de uma festa de Natal e então de Ano Novo. Em Fevereiro, eu peguei Kevin me traindo e deixei o idiota. O próximo evento de que me lembro é de andar de jangadas com alguns amigos em Junho.

Entre Março e meio de Junho, não há nada.

Nada.

10

jogos de fumaça



Dia 10

Deve passar da meia-noite, mas eu finalmente me livro do vazio de perguntas da minha mente. A noite está mais escura, a lua já quase se pôs, e a temperatura do ar quase pode ser classificada como fria.

Abraçando-me a mim mesma, hesito entre a cabine de Callum e a minha. Meus tênis marcam a terra fina e coberta por pedrinhas eventuais.

Estou a cinco passos da minha porta quando ouço um gritinho feminino. Parando a meio passo, eu aguço os ouvidos para a repetição do som, e quando não vem, digo a mim mesma que foi minha imaginação.

Então acontece de novo. Desta vez, o gritinho é seguido por um gemido baixo. Meus olhos analisam as cabines, eu só vejo luz sendo emitida debaixo das cortinas de uma delas.

Da de Kinsey.

Meus membros tremem. Como um robô, eu me viro e corro além da cabine de Callum, pela vazia de Nix, e paro.

— Por favor, por favor, por favor...

O pedido baixo chega até mim através da porta entreaberta.

Por que a porta está aberta?

Motivada pela necessidade de saber se a minha pior suposição é verdade, ando na ponta dos pés até a pequena curva de luz. Tenho certeza de que meu coração está batendo forte, mas não consigo senti-lo. Minha única emoção é a esmagadora compulsão de curiosidade.

Tenho uma visão clara da cama e das costas de Dr. Chastain. Debaixo

dele, Kinsey se revira e geme. Mal noto que os dois estão vestidos. Apenas o vejo. Em cima *dela*.

Então Kinsey geme.

— Por favor, não me obrigue. Por favor, eu não quero, eu não quero...

Então, finalmente, sinto algo. Muitas coisas.

Meu punho bate contra a porta aberta.

— Mas que merda! — grito. — Sai de cima dela!

Chastain pula de onde está, saindo da cama e se vira para mim. Seus óculos estão tortos, seu cabelo em desalinho.

Filho da puta.

Eu o odeio.

Totalmente. Irrevolvemente.

Minhas palmas batem contra seu peito antes mesmo que eu note que cruzei o quarto.

— Que merda você pensa que está fazendo? — grito com ele.

Ele olha de volta para Kinsey, que está olhando grogueamente para o quarto. Ela parece fora de si. Olhos vítreos. Cabelos desarrumados e amassados, está quase despida.

— Você a *drogou*? — eu grito, empurrando-o com força. Nem me importo se ele é uma parede sólida de músculos e quase não se move. — Você é um merda! Um maldito monstro!

— Amelia — ele estoura, as maçãs do rosto se avermelhando de raiva. — Volte para sua cabine. Agora.

Uma risada histérica borbulha na minha garganta.

— Você está maluco? De jeito nenhum eu vou deixar você com ela!

— Amelia, está tudo bem — diz a mulher atrás de mim.

Virando-me, vejo a enfermeira Nora de pé perto da cozinha, uma prancheta em seus braços e um olhar ansioso em seu rosto.

A adrenalina se esvai em um minuto, me deixando trêmula e fria.

— Mas que merda está acontecendo aqui? — pergunto a ela.

Kinsey geme, a cabeça dela se movendo de um lado para o outro. Do canto do meu olho eu vejo Chastain se voltar para a cama.

— Terror noturno — Nora responde gentilmente. — Nós estivemos monitorando seu sono desde que ela chegou.

Minha cabeça balança automaticamente.

— Quê? Não. Alguém teria ouvido algo. Acordado. Nix nunca disse... — eu me interrompo, sentindo que havia mais em jogo.

Nora pigarreia delicadamente, lançando um olhar a Chastain. Sem erguer os olhos, ele assente bruscamente.

Nora diz:

— As cabines são à prova de som, mas tem escutas para situações como essa. Algumas das terapias mais profundas acontecem nessas horas. O progresso de Kinsey nestes últimos meses tem sido extraordinário.

Começo a ligar os pontos na minha cabeça.

— A única razão pela qual eu ouvi algo foi porque a porta estava aberta.

O rosto de Nora ganha um tom escarlate.

— Minha culpa.

Meu olhar passeia para a cama, para o olhar vago de Kinsey e sua tortuosa expressão.

— Ela não está acordada?

— Não — responde Chastain em um tom cortante. Olhos gelados encontram os meus; debaixo do gelo, no entanto, há uma tempestade de fogo.

— Está satisfeita? Então, por favor, vá embora.

A culpa se revira dentro de mim, sombreada por um estranho sentimento de perda.

Eu o acusei de estupro.

— Eu... Eu...

— Não tente se desculpar — ele diz, friamente. — Vá.

Eu vou.



Eu sonho com o dia em que morri. Ou melhor, com o dia em que desejei ter morrido.

O céu é de um azul pálido e sem nuvens, típico de Los Angeles. O ar é quente e pesado, cheirando a poluição e vidas desperdiçadas.

Dois caixões estão lado a lado, equilibrados sobre as duas cavidades escuras que serão seus lares para sempre. Um do tamanho de um adulto, outro do tamanho de uma criança. Suas superfícies de mogno são similares e tão polidas que capturam o brilho do sol por entre as árvores e o incidem diretamente para meus olhos.

O clima é uma zombaria. Isto não é real.

Nada é real.

— Como isto te faz sentir? — Chastain pergunta.

Ele está sentado em uma desconfortável cadeira de madeira à minha esquerda, vestido em um terno escuro com uma camisa branca. Não está usando óculos, e seu cabelo parece bagunçado e natural, como se ele tivesse acabado de sair da cama. Nada do penteado perfeito hoje.

Sei que estou sonhando. Ele não está realmente aqui. Nem eu estou – ao menos, não como estive, uma criança de sete anos em um vestido negro que mal me cabia e sapatos que machucavam meus dedões. Sapatos que foram tirados do meu guarda-roupa de onde eles estavam colecionando poeira desde o Natal. Não tivemos tempo ou desejo de comprar novos.

Tomo um novo fôlego, deixando o ar sair lentamente, então limpo minhas palmas suadas em meus joelhos.

— Vazia.

— É assim que você imagina a morte?

Eu olho em volta, apenas vendo imagens embaçadas. Aparentemente quando criança eu não tinha prestado atenção aos outros atendentes do funeral. Eu brevemente me pergunto por que as duas outras cadeiras do meu lado estão vazias – naquele dia horrível, elas eram ocupadas por meu pai e Jameson.

— Amelia?

— Eu não sei como é a morte — respondo, por fim. — Digo, não de verdade.

— Você já chegou perto antes...

Penso na Caverna das Andorinhas e meu paraquedas quebrado. Os momentos em que o meu paraquedas de segurança não respondera aos meus puxões insistentes.

— Leveza, talvez.

Ele assente contemplativamente.

— Onde estão seu irmão e pai?

— Não sei — digo, brava. — Isto é um sonho.

— Não acha interessante que eles não estejam aqui?

Digo ao Chastain do meu sonho.

— Acho que odeio você.

Ele sorri como apenas vi o sorrir uma vez, na despedida de Nix, me dando um vislumbre de um homem mais novo, mais livre. Leo, não Dr. Chastain.

Perceber isso é doloroso, por alguma razão.

Quando não falo, ele me diz, divertido:

— Talvez eles não estejam aqui porque nesta ocasião difícil, você esteve sozinha. Sozinha para processar seus sentimentos sem o apoio das pessoas que ama.

Eu sorrio firmemente para ele.

— Esse sonho é uma droga. Você pode ao menos tirar sua camisa ou algo assim?

Ele ri, profunda e divertidamente.

— Não.

Eu jogo minhas mãos para cima em um apelo sem palavras.

— Tá. Você está certo. Meus avós estavam mortos a esta altura. Minhas tias e tios tentaram ajudar, mas eu não era exatamente receptiva a simpatia.

— Por que não? — Ele faz uma pausa. — Você acha que deveria ter morrido ao invés de sua mãe e irmão?

— Não. Sim. Não sei.

— O adulto racional diz não, a criança emocional diz sim.

— Se você está dizendo, Doutor.

Ele sorri de novo.

— Não sou eu dizendo qualquer coisa, Amelia. Você está conversando consigo mesma através de mim. Sua culpa formou a adulta que é hoje. Não houve ninguém para dizer à criança que você era que o acidente não foi sua culpa, então carregou uma vergonha sem sentido por toda a sua vida.

— Não foi minha culpa — murmuro, não convincente.

— E se você estivesse na aula de natação com eles?

Uma dor dilacerante parte o meu coração. Palavras jorram de dentro mim, desinibidas:

— Minha mãe não teria entrado em pânico e saído mais cedo quando Phillip engoliu água. Eles não estariam na estrada quando aquele idiota decidiu dirigir para se divertir.

Chastain fica em silêncio por um bom tempo. Tempo o suficiente para que eu possa observar as sombras das pessoas presentes no funeral passarem pelos caixões e irem embora. Tempo o suficiente para que eu observe os caixões serem depositados gentilmente nas suas covas.

Finalmente, ele diz:

— Não é sua culpa. Eu sinto muito que ninguém tenha te dito isso na época. Mas estou aqui agora. E te direi todos os dias até você acreditar.

— Por quê? — murmuro, não sabendo o que realmente estou

perguntando.

O Chastain do meu sonho sabe, no entanto.

— Porque nós somos tão doentes quanto nossos segredos. É hora de você deixar outra pessoa cuidar deles por você.

Eu fecho meus olhos contra uma barreira de lágrimas.

— Eu não confio em você — murmuro.

Consigo sentir o sorriso dele nas próximas palavras.

— Sim, você confia.

11

dores de crescimento



Dia 10

De propósito, eu durmo durante o horário da minha sessão com Chastain. Honestamente não estou preparada para enfrentá-lo.
Embaraçada? *Sim*. Com vergonha. *Total*.

Também achei estranho o papel principal dele em meu sonho na noite passada. Está me fazendo questionar coisas que eu prefiro não questionar. Tipo, e se os sonhos significam que, de fato, eu confio nele? O que fazer, então, com a atração que sinto? E a maior confusão de todas: estou realmente atraída por ele ou construí essa obsessão para manter uma distância entre nós?

Gemendo, pulo da cama e tropeço até o chuveiro. A água quente é deliciosa; eu a imagino lavando a mancha da mortificação da noite passada. Lavo meu cabelo três vezes.

Depois de me secar e me vestir, dou uma olhada no meu reflexo. A mulher no espelho não parece jovem. Claro que sua pele não é enrugada, e os fios prematuramente brancos dos cabelos foram camuflados por vários tons de loiro, mas seus olhos são escuros e assombrados.

Assombrados.

Estou sendo assombrada por um monstro sem nome. Fantasmas e memórias, do tipo acessíveis e do tipo que se escondem debaixo da névoa do esquecimento.

Quando saio da minha cabine ao meio dia, quase tropeço em Tiffany, que está sentada de pernas cruzadas na minha varanda. Seu cabelo negro está

puxado em um quase rabo de cavalo. Fios se agarram ao seu suor no seu pescoço e ao redor de suas orelhas pálidas.

Ela não se vira quando fecho a porta atrás de mim.

— Hum, olá?

— Eu comi uma pizza inteira uma vez — ela diz em um tom monótono.

Eu pisco.

— O quê?

— Uma pizza inteira, um pote de sorvete e um saco grande de batata chip.

Ai, Deus.

Não é preciso ser um gênio para descobrir de onde vem tudo isso. Ela deve estar aqui por causa de um distúrbio alimentar. Uma garota do meu colégio sofria de anorexia; ela foi hospitalizada várias vezes e quase morreu. Pergunto-me brevemente o que aconteceu com ela. Se ela passou dos vinte e cinco anos.

Meus membros se sentem estranhamente pesados, eu ando lentamente ao redor de Tiffany para ver seu rosto. Está marcado de lágrimas, há rímel borrando seus cílios.

— Por que você está me contando isso? — pergunto, tirando a acusação do meu tom.

Não sou uma sem coração.

Ela funga.

— Não sei. Eu ouvi você ontem à noite. Sou vizinha da Kinsey, e você — um sorriso vacilante aparece — gritou bem alto. Eu ouvi como você se colocou na linha de frente por ela. Para defendê-la.

Eu balanço minha cabeça.

— Fui uma idiota. Eu estava enganada.

— Eu sei. Já tinha visto Dr. Chastain e Nora aparecerem algumas vezes. — Ela levantou o olhar para mim. — Eu não durmo bem. Saio para andar por aí de noite às vezes. Não conte para ninguém.

— Não contarei — digo antes mesmo de processar o segredo. O impulso de usá-lo como uma arma está adormecido.

Ela dá de ombros.

— Então, de qualquer forma, acho que eu só queria... Sabe, falar com você.

Eu me sento, deixando uns trinta centímetros mais ou menos de espaço entre nós, e olho para o labirinto.

— Aquela é Kinsey?

Tiffany bufa.

— Ela está fazendo isso há uma hora. Saindo e entrando, saindo e entrando. Talvez ela ache que seja um portal mágico para levá-la até *Teacup*.

Mordo meus lábios contendo uma risada. Tiffany me analisa com seus olhos castanhos avermelhados, seus lábios se curvando em um sorriso.

— Então todo mundo acha que você e o Dr. C. têm algo.

Ouçõ um zumbido no ouvido e meu corpo tensiona.

— Não temos. Nem perto disso.

— Por que você pulou na piscina?

— Porque eu quis. O que é isso, um interrogatório?

Tiffany afasta alguns fios dispersos de sua testa, seus olhos fixos nos meus. Buscando. Esperançosos.

— Mia? Você vai me contar a verdade?

Desvio o olhar.

— Sobre?

— Para começar, a piscina.

Essa conversa está avançando depressa demais. Posso sentir o fundo vindo. Sem ponto de fuga.

Eu confio em Tiffany? Não, com N maiúsculo.

Mas isso importa?

— Ele me assusta. Então eu queria assustá-lo também.

Não filtro minhas palavras. Não penso nelas. Apenas as deixo sair da prisão da minha mente.

— Dr. C.? Mas por quê?

Ela soa genuinamente surpresa. E eu suponho que deveria mesmo ficar – todo mundo ama Chastain, afinal das contas. Ele é um maldito mágico.

Sinto os músculos do meu pescoço e das costas travarem com tensão, e sei que não sou capaz de falar mais. Não com Tiffany. Não com Chastain.

Nem comigo.

Ele me vê.

Ao invés de dar uma resposta qualquer, eu digo.

— Não posso te contar agora.

Tiffany coloca uma pequena e delicada mão no meu joelho.

— Está tudo bem, eu entendo.

Afasto o desejo de machucá-la; um que dói tanto que chega a me deixar tonta. — Obrigada. — Engasgo-me. — Hum, podemos continuar a conversa

depois?

Tiffany assente, cheia de simpatia e camaradagem. Como se eu me importasse.

Eu me importo?

— Preciso de café — digo a ela enquanto me levanto. — Depois será hora de levar uma chicotada de Chastain por não aparecer esta manhã.

— Ele não está aqui.

Eu congelo.

— Como assim, *ele não está aqui?*

Tiffany se levanta também, erguendo os braços e cheirando suas axilas. A Casa de Malucos dissolve limites da educação como este.

— Minha sessão é às sete e meia, então sou a primeira do dia. Tinha uma nota na porta avisando que ele estaria de volta amanhã, mas que iria assistir à sessão de terapia de grupo remotamente. Basicamente: não podemos foder com tudo.

— Huh — é tudo o que digo.

Tiffany pula da varanda e vai em direção à cabine dela.

— Tiffany? — chamo e espero ela se virar. — Por que você estava chorando?

Não consigo ver seus olhos, que são sombreados por sua mão, mas consigo ver a pequena curva de sua boca.

— Estou há seis meses sem recaída. Fiquei um pouco sensível com isso, mas depois de falar com você, me sinto melhor. — Ela acena e se vai.

Ótimooo. Na minha experiência, há apenas um método certo de uma pessoa se sentir melhor sobre seus problemas – conversar com alguém que eles acham que tem problemas maiores.

Com um sentimento amargo no meu estômago, vou em direção ao Aquário. Quando passo pelo labirinto, Kinsey acena para mim.

— Ei, Mia! Charlene quer te ver. — Ela olha para seu Rolex. — Agora mesmo. Melhor correr! Aquela vaca lá é má!

Leva um minuto para meu cérebro lembrar o porquê de isso estar acontecendo.

O incidente da piscina.

Kinsey vai embora, com uma leveza nos passos que nunca tinha visto até então.

— Parece que todo mundo está melhorando — resmungo e vou para dentro, enfrentar a música.



Charlene não faz questão de disfarçar a satisfação de me ter no lado errado da audiência disciplinar. Ela, Frank e nosso terceiro moderador de grupo, Ruben, se sentam atrás de uma mesa comprida, enquanto eu os encaro de uma bamba cadeira de plástico que guincha ameaçadoramente toda vez que me remexo. É uma tática mesquinha, mas admito que funciona.

Estou figurativa e literalmente no limite.

— ... não só pelo que fez, mas porque você envolveu outro paciente. Incitar rebelião é uma ofensa séria. — Charlene me encara com indignação satisfatória.

Frank e Ruben trocam olhares. Ao menos não sou a única que pensa que isso é ridículo.

Engulo o que realmente quero dizer a ela.

— Você tem razão. Me desculpe. Não vai acontecer de novo.

Aparentemente pedir desculpas não foi um bom negócio. O rosto de Charlene se torna sombrio com um enraivecimento escarlate. Eu meio que gostaria que meu pai estivesse aqui. Transferir culpa é sua especialidade.

Frank fala:

— Obrigado por se desculpar, Mia. É um ótimo primeiro passo.

Ruben concorda.

Charlene sorri. Não é um bom sinal.

— Infelizmente, ações falam mais do que palavras. Para repor sua ofensa, você irá limpar o Aquário e os corredores adjacentes hoje à noite.

Eu meramente sorrio.

— Tudo bem. Parece justo.

Charlene está prestes a ter um colapso mental, o que me dá uma grande satisfação. Ela esperava que eu fizesse um escândalo. Ela acha que eu ficaria aterrorizada pela perspectiva de fazer tarefas mundanas. Que lavar o chão é algo que está além de mim.

Ah, ela acha que me conhece.

Que divertido.

12

insanidade grupal



Dia 10

É inacreditável que Chastain não tenha desaparecido misteriosamente até agora. Como alguém que vê quatro ou cinco malucos por dia, ele realmente merece uma folga. Eu tenho que dar-lhe algum mérito, senão alguma dose de respeito. Os horários dele são brutais, mas ele nunca parece distraído ou cansado. Frustrado, sim, mas é porque eu pareço trazer seu pior lado à tona.

Ele vê Tiffany das 7:30 às 8:30. O horário de Nix, das 8:45 às 9:45, está atualmente vazio. Eu torturo o pobre doutor das 10:00 às 11:00, a sessão de Preston é das 11:15 às 12:15, e Callum é das 13:45 às 14:45. A terapia de Kinsey é das 15:00 às 16:00, que eu admitia me irritava desde o começo. Sempre achei que isso indicava tratamento diferencial. Vendo o que acontecia com ela à noite, no entanto, esse horário agora fazia sentido. Claramente essa mulher não tem uma noite de sono decente.

O horário do café da manhã é das 7:00 às 8:30, almoço das 12:30 às 13:30, e jantar das 18:00 às 19:30. Nunca vi Chastain na cantina, então imagino que ele coma sozinho no escritório, mastigando sanduíches solitários enquanto se arrepende das escolhas que fez na vida.

A terapia de grupo, onde estou sentada agora, é das 16:00 às 17:15. Uma hora e quinze minutos de conversa forçada e entrosamento. Como normalmente Chastain observa as sessões de seu computador no escritório, isso significa que ele trabalha das 6:30 da manhã até as 18.

Certamente uma vida que eu não curtiria.

Eu tiro uma pelinha do meu polegar, pensando no que Tiffany me contou – que Chastain está nos observando remotamente – enquanto nosso moderador Ruben nos dá o foco do grupo de hoje.

— Hoje vamos fazer uma jornada tirada de um livro de terapia somática, explorando a interação entre mente e corpo no contexto do passado. Quero que cada um de vocês pense em um acontecimento da adolescência, entre os dez anos e os dezenove. Darei a vocês alguns minutos.

A cabeça de Tiffany se levanta.

— Que tipo de acontecimento? Algo ruim ou bom?

Ruben dá de ombros, sorrindo.

— O que primeiro vier à mente.

Não demora muito para uma memória surgir, uma que me faz levar a mão à boca, para esconder o riso. Eu era um horror no colegial, a rainha das pegadinhas. Mas apenas pegava como alvo aqueles que mereciam. Praticantes de bullying. Mesquinhos. Idiotas machistas.

O resto do grupo se remexe com culpa e suspira enquanto reviram suas próprias mentes, vasculhando seus anos de formação. Quando todos finalmente terminam, vejo suas expressões de embaraço ou desconforto.

— Ok, quem quer ir primeiro?

Nós todos trocamos olhares, e Tiffany eventualmente levanta a mão. Com um gracejo desafiador no queixo. Um rubor embaraçoso nas bochechas. Não um bom prelúdio para o que está por vir.

Ruben assente, e Tiffany brinca com a multitude de brincos que cobrem o lóbulo de sua orelha direita.

— Ok, então, quando eu tinha doze eu menstruei pela primeira vez. Liguei para a minha melhor amiga e lhe contei. Ela disse que a mãe dela falou que menstruar engorda.

Kinsey e eu grunhimos em desgosto.

— Continue — urgiu Ruben.

— Perguntei à minha amiga o que deveria fazer. Ela disse que a mãe dela a fazia beber esses *smoothies* todas as vezes que ela sangrava. Então peguei a receita e comecei a beber no dia seguinte. — Ela pausou. — Tudo o que eu realmente queria era chocolate e pizza por uma semana. Foi a primeira vez que percebi o quanto comida controlava a minha vida.

Remexendo-me na minha cadeira, eu decido pela bilhonésima vez que odeio terapia de grupo. Olho para Ruben, esperando que avise a ela para não divulgar detalhes tão pessoais de seu diagnóstico, mas ele meramente sorri.

Em um instante de compreensão, eu entendo o porquê de o Oásis ter aquela regra em particular – ele nos faz desenvolver laços de confiança antes de divulgar nossos segredos. O que, em tempo, é apenas uma conclusão óbvia.

Desgraçados espertos.

— Ótimo, Tiffany. Agora eu quero que você pense como se sentiu durante essa conversa.

Ela lambe os lábios.

— Faminta.

Callum ri, mas Ruben lança um olhar silenciador a ele.

— Continue.

— E... hum, assustada. Eu sentia cólica, também, então estava com dor.

Ruben assente sabiamente, olhando para cada um de nós em retorno.

— Quero que todos pensem nesta frase: *neurônios que se ativam juntos, pensam juntos*. O que isso significa é que quando momentos desconfortáveis ou traumáticos da infância são ligados a uma ação — como fumar um cigarro, comer ou usar drogas — seu cérebro faz a conexão dessas emoções como um mecanismo de defesa.

Eu faço uma careta enquanto as suas palavras caem no poço profundo e escuro da minha memória, e me pergunto se é por isso que odeio chuva e não associo sexo com intimidade emocional. Afinal, estava chovendo quando minha mãe e meu irmão morreram, e eu perdi minha virgindade para um estranho.

Que confusão mental.

— Mia, por que você não fala agora?

Ergo minha cabeça, sentindo minha mente completamente vazia. Não consigo lembrar a memória que ia compartilhar.

— No que você está pensando? — urge Ruben.

Cruzo as pernas. Então as descruzo e abraço meus joelhos.

— A primeira vez que comi salsicha kielbasa. Fiquei doente naquela noite. Até hoje não consigo nem sentir o cheiro dessa coisa.

Ouçó algumas risadinhas ao meu lado. Os olhos escuros de Ruben me saúdam, cheios de empatia; eles não têm o poder penetrante dos azuis de Chastain, mas chegam perto.

— E o que você estava sentindo na noite em que pulou na piscina fora do horário com o Preston?

Mordo meu lábio.

— Ansiosa. Com calor.

— E?

Olho para Callum, que me dá um pequeno aceno de encorajamento.

Murmuro:

— Irritada.

O que não digo – não posso dizer – é que estava fora de mim de ciúmes depois de ver Nora corando por causa de um sorridente Chastain.

Idiota, Mia. Tão idiota.

— Você vê algum paralelo na sua vida por alguma ocorrência similar?

Suspiro, resignada. Claro que vejo. Nunca fui acusada de não ter cérebro. Toda vez que fiz algo perigoso foi porque estava sentindo algo que não queria sentir. Não pulo de paraquedas quando estou feliz.

— Sim — respondo, sem elaborar.

Ruben, sentindo minha ansiedade ou percebendo que não iria conseguir mais nada de mim, muda sua atenção para Preston.

Ouçó o resto das histórias com meia atenção. Preston foi pego se masturbando no chuveiro pelo pai, que lhe falou que ele nunca iria foder uma mulher de verdade. Kinsey caiu de cara no carpete vermelho durante a adolescência e teve de lidar com semanas dos tabloides explorando as imagens. Callum sofreu *bullying* no colégio por ser muito alto e magro.

Vidas muito diferentes, mesma história. Vergonha, segredos e humilhações que formaram nossas identidades. Isso nos levou a inanição, auto-mutilação – Preston me mostrou seus braços – e vício em amor.

Meu veneno pessoal não se encaixa no padrão, mas é, sem dúvida, real. Uma semente de corrupção que foi plantada em mim na noite chuvosa quando, ao contrário de chorar pela perda, pulei do telhado e me senti, por alguns segundos, perto da minha mãe e do meu irmão.

Escapar da realidade é meu vício máximo – perseguir esse sentimento elusivo até eu atingir meu objetivo. Livrar-me das lembranças. Da dor.

Se eu quero morrer? Não.

Se eu quero viver?

Isso é mais difícil de responder.

Quando a terapia de grupo termina, uma ideia ruim nasce na minha mente.

13

lavar o chão



dia 10

As 9:00 da noite em ponto, a chefe do departamento de limpeza, Margaret, me encontra no Aquário. Ela é uma mulher séria, com o cabelo preto preso em um coque apertado e linhas finas franzindo sua boca.

Claramente já tendo participado na punição de um residente antes, ela me dá instruções precisas. Onde despejar e onde repor a água – em um quarto dos fundos que ela abre para mim –, quanto tempo eu devo passar em cada área – vinte minutos – e um aviso: vai inspecionar meu trabalho pela manhã. Ela finalmente olha para mim de cima para baixo, bufa, e me deixa, caminhando e fazendo as chaves em sua cintura tilintarem.

Eu não me importo com o trabalho manual, na verdade. Acalma o queimar de meus ossos, embora não o suprima totalmente. Quando um primeiro corredor está limpo, assim como o chão do Aquário, estou suando, meu cabelo grudado contra minhas têmporas.

Deixei o último corredor para o final. Quando passo o pano da porta trancada até o final – presumidamente a estação de monitoramento de segurança – até a porta de Chastain, paro e me inclino contra a parede para descansar. E, para ser honesta, para repensar meu plano de abrir a fechadura e achar meu arquivo.

Meus dedos brincam com a dupla de grampos nos meus bolsos. Talvez eu não seja capaz de entrar, minhas habilidades estão enferrujadas. Talvez a fechadura seja muito complexa, seu design simplista meramente uma

camuflagem para atrair loucos como eu.

O desejo de saber a verdade dos meses ausentes na minha memória combate um igual e potente desejo de deixar qualquer memória que eu enterrei no lugar onde ela estiver.

Encaro a porta até que a coceira retorne, me fazendo avançar para pressionar a orelha contra a madeira. Não há nenhuma luz dentro, mas não sou idiota. E *Graças a Deus*, porque meu plano vai para o espaço quando ouço sua voz.

—... Eu sei que é difícil, Marianne... Desculpe... Sim, com certeza, claro que quero falar com ele.

Há uma longa pausa enquanto ouço seus passos. Quando ele fala de novo, está tão perto da porta que eu pulo, meu coração saltando pela minha garganta.

— Ei, garotão... Eu sinto sua falta também! Como está a escola? — O que quer que tenha sido dito em resposta o faz rir. Eu derreto contra a porta enquanto o som ecoa contra a madeira. — Sério? Que maravilha, Vince! Mal posso esperar para vê-lo. — Outra risada. — Eu levo a minha prancha se você levar os seus patins... É sério? Então tá, temos um acordo... Eu te amo, também, e sinto sua falta, mas estarei em casa em breve, ok? Dê o telefone à sua mamãe de volta, ok?

Minha respiração é rápida e disforme. Eu me forço a fechar os olhos, procurando uma brecha, algo que prove que o que estou ouvindo não é verdade. Que Leo Chastain não é casado e que não tem um filho. Mas não há alívio. Claro que ele daria o nome de Vince ao seu filho, por causa do irmão.

— Ei — ele diz suavemente. *Intimamente*. E ri. — Sim, eu disse isso para ele. Vou ter fazer aulas de surfe para não fazer feio na frente do meu filho... Você acha? Eu gostaria de ver você numa prancha, também. É um encontro... Ok, diga a Vince e Celia que eu os amo. Vejo vocês em breve. Amo você, também. Até.

Meus olhos ainda estão fechados, toda minha atenção atenta na dor perfurante no meu peito, quando a madeira debaixo da minha orelha desaparece.

Eu grito, agarrando o portal e errando, caindo de joelhos na frente de Chastain.

— Merda — ele berra. — Você me assustou para caralho, Amelia! Mas que merda você está fazendo aqui?

Me mate, eu imploro ao universo.

Sou ignorada.

Sumariamente olho para cima.

— Você sabe algum outro palavrão além de merda e caralho? Posso te ensinar alguns, se quiser.

Ele agarra meu braço despido e me puxa para cima. Tento me desvencilhar, e por um momento em que ele não larga, ficamos ligados como dançarinos.

Ele me larga com um grunhido, dando um passo para trás. A única luz no cômodo é da lâmpada sobre a mesa, que coroa seu cabelo enquanto sombreia sua expressão.

— Vou te perguntar mais uma vez: o que está fazendo aqui? Esperava entrar no meu escritório?

— Não precisa gritar — estouro, movendo-me para o lado para que ele veja o esfregão e o balde. — Estou servindo a sentença pelo crime de ter pulado na piscina.

Seu olhar passa pelo resto corado, meu cabelo úmido, minhas pernas desnudas e tênis.

— Onde você foi hoje? — pergunto, quando realmente quero perguntar: “Com quem estava falando? Por que você não usa uma aliança?”

— Não é da sua conta — ele diz, como eu sabia que diria.

Eu ajeito um fio solto de cabelo atrás da orelha.

— Ok, bem, desculpe surpreendê-lo. Estava apenas me encostando na sua porta para descansar. Nada mais do que isso.

Minhas pernas estão quase dormentes quando me movo para pegar o balde. Dou dois passos quando a voz dele me congela.

— Amelia. Você lembra o que eu disse sobre mentir?

Eu me viro lentamente. Preciso de todas as minhas forças para meramente erguer as sobrancelhas.

— Que eu não deveria mentir, porque você é um mentiroso melhor do que eu?

Sua figura preenche o portal, seu rosto e olhos se tornam visíveis sob as luzes do corredor. Não consigo decifrar sua expressão, mas seu é desagradavelmente intencionado.

Este homem. *Esta merda de homem*. Por que diabos ele tem que ser tão bonito?

— Ainda não te perdoei por suas suspeitas sobre Kinsey e eu.

Pisquei, surpresa.

— Ok.

Com seus olhos treinados em mim, ele pergunta:

— A sua fascinação comigo é devida ao fato de não conseguir me ler? De que você não consegue achar nenhuma fraqueza para explorar?

Eu rio para disfarçar minha pressão sanguínea aumentando.

— Deus, o que você está fumando?

— Responda à pergunta, Amelia.

Eu olho o corredor. *Onde estão as pessoas quando se precisa delas?*

Estou me desfazendo, caindo na porra do chão. Ele está muito próximo da verdade. Uma verdade que eu nem admiti a mim mesma ainda.

— Não estou confortável com esta conversa — eu digo, tensa.

— Não estou confortável com você — ele cospe, e então ele fica rígido, a boca tensa e a mandíbula cerrada.

Meus olhos voam para seu rosto.

— Quê? O que isso significa?

— Nada.

Raiva é uma benção, que surge cálida e brilhante, acalmando as partes ásperas das minhas emoções. Eu aponto um dedo trêmulo contra seu peito.

— Foda-se isso. Foda-se você. Eu nunca fiz nada de mais. E confie em mim, há milhões de coisas que eu quero – e posso – fazer contra você!

— Como o quê? — ele morde a isca.

Eu dou um passo à frente, meu rosto a centímetros do dele e meu dedo acusador entre nós.

— Eu quero arruinar a sua vida!

Seu olhar voa pelo meu rosto.

— Por quê? — ele pergunta silenciosamente, como se realmente quisesse saber.

Porque eu quero você.

Porque eu confio em você.

Porque você me enxerga.

Eu dou um passo para trás, e então outro, até que pelo menos um metro nos separe. Só aí reparo nas suas mãos cerradas nas laterais do corpo. O rápido movimento de seu peito.

Finalmente, eu confronto seus olhos. E neles, meu pior pesadelo é confirmado. Não vejo mais gelo, mas fogo – desejo.

— Você não usa uma aliança! — disparo.

Ele faz uma careta.

— Eu não sou casado. — E sua expressão se torna mais branda. — Você estava ouvindo atrás da porta.

— Claro, idiota — digo agressivamente.

Ele balança a cabeça. Quando olha para mim de novo o fogo desaparece, e ele volta a ser o sério e centrado Dr. Chastain.

— Esta conversa está terminada. Minha vida pessoal não é da sua conta, e jamais será. Por favor, evite ficar bisbilhotando minhas conversas privadas no futuro.

As palavras são um balde de água fria no meu rosto e coração. *E jamais será.* Eu não consigo decidir se sua decisão me faz odiá-lo ou respeitá-lo ainda mais.

Assinto, tensa.

— Boa noite, Dr. Chastain.

Com um olhar apreensivo e derradeiro, ele chuta a porta para fechá-la entre nós.

14

e aí vem o chão



Dia 11

Mais dezenove dias. Mais quatrocentas e cinquenta e seis horas. Dezessete sessões de terapias. Onze delas com Dr. Chastain.

Pela primeira vez desde que cheguei ao Oásis, não tenho certeza se durarei os trinta dias. Não consigo impedir uma sensação de desgraça iminente. Ela me assombra, escondendo-se nos cantos da minha visão. Ganhando tempo antes de o desastre se libertar.

Não mais consigo imaginar minha vida no mundo real, por mais que não a estivesse realmente vivendo antes, meramente estive sustentando uma imitação dela. Eu me diverti na faculdade, acho. Dias selvagens misturaram-se a noites ainda mais selvagens. Shows e festivais. Viagens em vans regadas a maconha. Pintando meu cabelo de azul e fazendo um *piercing* no umbigo.

Flutuando... Jameson era minha única âncora no mundo.

Vazia por dentro.

Sozinha.

Depois da faculdade, lembro-me de conseguir dois ou três empregos por vez para evitar mendigar dinheiro a meu pai ou Jameson. Apartamentos sombrios com tinta descascando nos armários. Então a casa que eu Kevin dividimos, antes da traição e a queima dos discos. Depois, fiquei sem lar e dormi no quarto de visitas de Jameson. Sentindo-me doente o tempo todo, tanto física quanto emocionalmente. Fiquei assistindo a maratonas de *Battlestar Galactica* e comendo panquecas congeladas dentro da caixa.

Um desastre humano.

O que aconteceu comigo?

— Você pode compartilhar comigo sua última memória antes de 3 de Março de 2016?

Brinco com as pontas desgastadas do meu short, recusando-me a olhar para cima. Evitando seus olhos de raio x. Memórias me invadem mesmo assim. Poluídas. Distorcidas. Escavadas dolorosamente do chão terroso.

— Acordei na casa do Jameson. Mas eu... eu não sei por que estava lá. Acho que já tinha meu próprio apartamento àquela altura; já havia se passado alguns meses desde o término. Lembro que Jameson estava se preparando para o trabalho. Ele fez torradas para mim. Tinha muitas nozes e muita manteiga. O cheiro me deixou nauseada.

Caneta arranha o papel.

— Você mencionou sentir náuseas depois de deixar Kevin. Procurou um médico?

— Não. Não era nada, de fato. Tontura. Fadiga. — Dei de ombros. — Apenas... a vida cobrando seu preço, acho.

Uma longa pausa.

— Você parece cansada, Amelia. Dormiu bem?

Estou tão exausta, não consigo nem exibir raiva. Claro que estou cansada. Nosso confronto na noite passada é surreal à luz do dia, mas não dormi até às quatro da manhã.

Eu não mais sei se o calor que vi em seus olhos era real ou não. Pelos últimos trinta minutos, não houve nenhum sinal dele. Não que eu estivesse procurando – não o encarei em momento algum.

— Mais pesadelos — respondo sem compromisso.

— Algo específico?

Massageio as têmporas.

— Vejo-me nadando no meio do oceano. Sentindo cansaço, prestes a desistir. No outro eu estava na beirada de um precipício sem uma corda. Devo ter me revirado muito ou algo do tipo, porque meus músculos estão doloridos desde manhã. E... ah, me lembro de comer um sorvete de casquinha, mas todas as vezes que ia lambê-lo, a bola caía no chão.

— Qual seu tipo de sorvete favorito?

Eu pisco, meus olhos divergindo para cima.

— Isso tem a ver com alguma coisa?

— Apenas responda a pergunta.

— Gelato de pistache.

Tecido caro farfalha quando ele se mexe em sua cadeira.

— Quando foi a última vez que você comeu gelato de pistache?

Eu dou de ombros.

— Não sei. Alguns anos, talvez.

— Por que tanto tempo? Por que se negar a algo que você ama?

— Estou tentando perder peso — estouro, embora sem raiva. — Cristo, doutor, aonde esta conversa vai chegar?

Chastain suspira.

— Está bem. Vamos focar. Diga-me algo sobre Kevin. Como vocês se conheceram?

Eu grunho.

— Esse cara de novo?

— Vamos, me entretenha.

Eu inspeciono minhas unhas, sem esmalte e curtas.

— Ele joga hóquei de gelo na liga amadora com meu irmão. Jameson está sempre me convidando para assistir aos jogos. Eu sempre dou desculpas porque quem quer assistir a um bando de homens adultos revivendo os anos de faculdade?

Chastain solta um som divertido.

— Continue.

— De qualquer modo, eu estava entediada numa noite de domingo e fui.

— Você tem uma queda por jogadores de hóquei? — ele pergunta, seco.

Olho para cima, confusa e surpresa, então me lembro de ter contado a ele sobre Kyle, o jogador de hóquei canadense com o qual tive um pequeno caso.

Um pálido sorriso se abre em meus lábios.

— Sei lá. Há algo de sexy na agressividade. E os ombros largos.

Os olhos de Chastain brilham com riso.

— Então você conheceu Kevin depois do jogo?

— Sim. Ele me chamou para sair. Eu disse não.

— Você disse não?

Estreito meus olhos.

— Tem algum eco por aqui?

Ele sorri de leve, assentindo.

— Eu vou presumir então que ele conseguiu seu telefone, provavelmente com Jameson. — Com minha afirmação, ele continua. — E depois de sair em um encontro com ele, você recusou suas ligações por algumas semanas antes de finalmente ligar de volta.

Eu desvio o olhar, ignorando o desconforto que sinto quando sinto que ele me compreende. Fazendo um aceno com a mão, digo para ele continuar.

— Você deu outra chance a ele. Ele te cortejou. Correu atrás. Você gostou de ser o objeto de sua obsessão. Estava planejando machucá-lo?

— Inicialmente — admiti baixinho. — Mas ele... conosco tudo era tão normal, sabe? Eu me acostumei. Me acostumei ao modo como ele me tratava.

— Você parou de pular de paraquedas? De *base jumping*? De levar seu corpo ao limites?

— Sim — murmurei.

— Vocês conversaram sobre começar uma família?

Eu cerro meus olhos.

— Sim.

— Como você sentiu sobre isso?

— Animada. — A palavra sai meio estrangulada.

Chastain fica em silêncio por tanto tempo que eu abro os olhos para ver se ele ainda está ali. Ele está, me observando com olhos pacientes e surpreendentemente gentis.

— Você parou de usar anticoncepcionais?

A pergunta faz remexer na cadeira. Memórias clamam a minha atenção, criando uma colagem confusa na minha mente. De mim saindo de uma farmácia com uma sacola. Parando na cafeteria favorita de Kevin para pegar seu café preferido e alguns doces.

Andando pela casa com sua bebida, procurando por ele. Ouvindo sons que nenhuma mulher quer ouvir. Do nosso quarto. Na nossa cama. Correndo para o banheiro mais próximo. Vomitando o bagel que comi no café da manhã.

Escuridão me possui, serpenteando minha visão.

— Ah, Cristo — murmuro. — Oh, Deus, não. Não.

— Acho que é hora, Amelia.

A voz dele soa diferente. Minha pele flutua, pânico irradiando junto aos meus nervos.

— Eu não... não lembro.

— Sim, você lembra. Você está segura aqui. Está comigo.

Comigo.

Dentro de mim.

Tudo explode. Minha mente. Meu coração. Minha vida. Eu me jogo para frente, agarrando minha cabeça com os dedos.

— Eu estava... eu...

— Sim — ele diz gentilmente. — Você estava grávida.

15

corra, corra, corra



Dia 11 - 12

Não sinto o ardor dos espinhos que espetam meus tornozelos e coxas. Não sinto o queimar dos meus músculos que trabalham além dos limites de suas estaminas. Não ouço os passos que correm atrás de mim, a voz chamando meu nome.

O que me para não são meus membros protestantes, meu pulso que vibra ferozmente ou o sapato que perdi em algum ponto do caminho. Não são meus pulmões que gritam e resfolegam. Ou meus olhos que queimam e ardem, cheios de areia.

Nem o meu coração partido.

É a cerca de metal que circunda o Oásis que me faz ter uma parada abrupta e dolorosa.

— Amelia! — soa um grito angustiado e masculino.

Areia voa atrás de mim quando ele para. Sinto a vibração de seus joelhos atingindo a terra. Dedos se curvam em meus ombros.

— Está tudo bem — ele diz entre fôlegos. — Estou com você.

A escuridão se afunila para uma densidade perigosa, que espirala em direção a um alvo com uma ponta venenosa. Meu corpo segue, um fantoche para sua demanda primordial. Eu registro o azul de seus olhos, tortuosos e vermelhos da corrida. Seu rosto lindo e corado. O cabelo perfeito não mais perfeito, mas apontando para todas as direções. Sua lingual passeando por seus lábios cheios.

Eu me viro para ele e o beijo. Forte o suficiente para sentir os dentes

contra mim, o calor de seus lábios secos. Ele arfa. Tiro vantagem disso, dando um passo para frente, enfiando a língua em sua boca. Provando-o forte, completamente. Bebendo de sua fonte.

São segundos. Uma vida inteira. Então suas mãos em meus ombros me empurram.

— Não — ele diz sem fôlego.

Outra parte de mim se quebra.

Eu balanço os dois braços, chuto-o com minhas pernas, dando golpes em qualquer lugar onde posso alcançar. Estou gritando.

— Mentiroso! Maldito mentiroso! Deus, oh Deus! Eu escrevi *Papai* no copo dele. Eu ainda nem havia feito o teste ainda, mas eu sabia. *Mas que merda!*

Chastain finalmente me subjuga, segurando-me com seus braços e pernas. Sou inundada por seu cheiro. Sua pele quente e limpa. O almíscar tentador de suor.

— Deixe sair, Amelia. Deixe sair.

Estou caindo.

No vazio.

Sem paraquedas.

Estava no caminho da minha sorveteria favorita, a algumas saídas na autoestrada perto da casa de Jameson. Na noite anterior, ele havia brincado que eu deveria chamar o bebê de Gelato ou Gelata, porque eu não conseguia ficar um dia sem aquilo.

Estava de bom humor. Cantando junto com uma canção popular no rádio. As janelas estavam abaixadas, o sol estava brilhando.

Luzes do freio. Um coro de buzinas. Pneus cantando. O tempo se movendo lentamente. Uma parede branca se balançando através da autoestrada, vários carros na minha frente.

Nenhum lugar para onde correr. Pisando nos freios enquanto virava o volante para a esquerda o máximo que podia. Girando.

Derrapando.

Impacto.

Dor. Do tipo confusa e aguda.

— A única razão pela qual você está viva hoje é porque você virou — Chastain diz nos meus ouvidos que zumbem. — Essa decisão de um segundo fez você atingir a barreira de proteção ao invés do carro à sua frente.

— Eu deveria ter morrido. — Minha voz está arranhada por conta do

abuso. Quebrada, assim como eu.

— Se você merecesse morrer, teria morrido. Mas não morreu. Está aqui. E está segura.

Rio. Um som horrível e desgraçado. Curvando-me – devagar, para que ele não pense que irei atacá-lo de novo – encontro seus olhos com os meus.

— Não diga isso, Leo.

Ele balança a cabeça, lágrimas brilhando em seus olhos. Fogo derretendo gelo.

— Desculpe, mas não posso.

Dessa vez a escuridão é gentil, um farfalhar de penas de seda. Calma se filtra através de mim. E obstinação.

— Terminamos por hoje? — pergunto vagamente.

Ele faz uma careta preocupada.

— Amelia...

— Eu disse, terminamos por hoje?

Ele hesita, machucado, então assente e me liberta. Eu alcanço a cerca e me levanto, não sentindo o arranhar dos anéis de metal. Quando estou de pé, olho para baixo, para o homem de joelhos na minha frente.

— Parabéns, Dr. Chastain. Você venceu.

Suas sobrancelhas se juntam.

— Por favor, Amelia...

Eu o interrompo.

— Onze dias até você ir embora. Oito dias de terapia. Amanhã podemos conversar sobre minha estadia no hospital e sobre o que aconteceu lá. Então podemos passar mais alguns dias discutindo todas as razões sobre o porquê de eu não dever me culpar. E, finalmente, vamos terminar em um tom otimista. Na vida que posso reconstruir fora daqui. — Balanço a cabeça. — Não é essa a sua agenda?

Ele tenta me tocar, mas eu desvio. Sua mão cai, e ele olha para baixo.

Enquanto caminho de volta para a instalação, falo por sobre o ombro.

— Não esqueça de marcar as aulas de surfe. E pelo amor de Deus, seja homem e peça a mãe de seu filho em casamento.



É muito engraçado o poder que sua mente encontra para se proteger. Mais

engraçadas ainda são as maquinações do coração. Entre essas duas forças, como e quando pode o livre arbítrio existir?

Minha colega de quarto na faculdade era uma viciada em meditação, sempre indo em retiros nas montanhas e ouvindo podcasts de gurus ao redor do mundo. Fui a um retiro uma vez em um desses acampamentos para ricos, com cabines e um serviço completo de spa e um centro comunitário para as palestras dos mais bem pagos *coachs*.

Apenas uma memória restou desse final de semana, umas poucas palavras de um palestrante convidado. Um budista tibetano, e o que eu mais me lembro dele eram os olhos. Profundos, escuros. Um lago calmo sob a luz do luar.

Depois da palestra, eu fiquei na fila com mais cinquenta pessoas para agradecê-lo. Quando foi minha vez, perguntei: “Onde posso encontrar a mim mesma?”

Ele sorriu e disse: “Onde você não estiver procurando.”

Na ocasião, a pergunta me amolou. Por que pessoas espirituais sempre tinham que ser vagas para caralho, sorrindo como se tivessem segredos que não estavam dispostas a compartilhar?

Eu não tenho respostas agora, ainda menos do que tinha antes. Mas ao menos entendo o que ele quis dizer. Porque agora – deitada nos fundos empoeirados da cabine, observando as estrelas, enquanto minha mente tenta se costurar – não estou procurando. Sou nada.

E posso sentir. O que o budista chamou de Não-Eu. O reconhecimento de que todas as coisas mudam, que a mudança é constante, que não há Eu permanente e imutável.

Eu entendo.

Eu mudei.



Às 4 da manhã desperto, pegando-me curvada e encolhida sobre a cama. Meus braços, abraçando meu estômago, começam a tremer. Então minhas pernas, meus ombros. Um terremoto de alma, placas tectônicas de mim se partindo.

Mal tenho ciência de Tiffany e Kinsey na cama comigo, me envolvendo entre elas e murmurando palavras de conforto. Ouço a voz de Callum

também, cheia de preocupação.

O que está acontecendo com ela?

Deveríamos avisar ao doutor?

Será que ela está tendo uma convulsão?

— Não é uma convulsão — explode Kinsey. Tem um pesar em sua voz que nunca ouvi. — Ela está de luto.

Luto.

É uma palavra tão curta. De uma emoção tão banal. Ficamos de luto por tudo, não é? Morte. A passagem do tempo. A perda de um animal ou uma pessoa. O final de uma série de TV.

Mas luto é um processo. Tem estágios, etapas e aceitação gradual. Eu me trapaceei nesse ciclo natural. A onda rítmica da perda – o soco, o empurrão e finalmente o acariciar suave – é, em contrapartida, contrário um tsunami preenchendo o céu, derrubando tudo em seu caminho. Não consigo ver nada; mas consigo sentir tudo.

Cicatrizes se abrem, e lá, na parte mais profunda da minha psique, que os vejo. Minha mãe e irmão. A cabeça de Phillip cheia de espaguete porque era mais divertido brincar do que comer. A risada da minha mãe, radiante como o sol, flutuando através do jardim enquanto eu e Jameson ensinávamos Phillip a dar cambalhotas. Mil momentos, mil memórias.

Luzes piscando.

Caixões.

O grito rouco de meu pai.

O choro de meu irmão.

E agora o meu.

O tsunami passa, levando pedaços de mim com ele.

16

o labirinto



Dia 12

Não sei se o Dr. Chastain espera que eu apareça na sessão de terapia hoje, mas apareço. Estou funcionando com ódio pelo mundo e tive apenas uma hora de sono, mas eu preciso vê-lo. Preciso vê-lo.

Caminho até seu escritório e me jogo em minha cadeira.

— Bom dia, doutor.

Olhos azuis preocupados analisam meu rosto.

— Se você quiser tirar o dia de folga...

— Não, estou bem — digo rapidamente.

Não estou bem e provavelmente pareço pior. Uso uma calça de pijama toda amarrotada, uma camiseta surrada, e meus cabelos estão bagunçados. Só consigo imaginar minhas olheiras porque não me dei ao trabalho de me olhar no espelho.

Quando Chastain não fala imediatamente, pergunto.

— O que está na agenda de hoje? Mais revelações? Hmm... deixe me adivinhar: esse lugar é uma fachada para um experimento social governamental para determinar... — Faço uma careta. — Ah, esquece, não consigo pensar em nada. Minha cabeça dói.

Chastain se move no lugar, ajustando os óculos.

— Você gostaria de dar uma volta?

Eu viro a cabeça, considerando a proposta.

— Tática interessante, doutor. Gosto disso. Mudança de cenário para combater minhas associações negativas e atuais com este escritório.

Ele fica em silêncio. Observando-me. A expressão é gentil, sem qualquer expectativa pelo meu comportamento. Hoje, posso fazer ou dizer qualquer coisa que ele me permitirá. Bem... *quase* qualquer coisa. Se eu dissesse todas as coisas que quero fazer com ele, como queimo de desejo de possuí-lo para me fazer esquecer, ele provavelmente me sedaria.

Eu me levanto de qualquer jeito.

— Ok, vamos lá. Mas preciso me trocar.

Chastain se levanta também, seus olhos indo aos meus pés.

— Não achei que você fosse do tipo de mulher que usa pantufa de coelhinho.

Eu bufo.

— Toda mulher é do tipo que usa pantufa de coelhinho.

Ele curva o lábio por um milésimo de segundo.

— Anotado. Depois de você, Amelia.

Andamos lado a lado para minha cabine, em silêncio. Chastain me espera do lado de fora enquanto troco calças de pijamas por shorts curtos e pantufas por tênis. Depois enfiar um boné de beisebol na minha cabeça e pegar óculos de sol, me junto a ele na varanda.

— Você quer se trocar, também? — pergunto ceticamente, olhando seu terno escuro, de origem italiana, e sua camisa de botão branca.

Ele me encara.

— Vou ficar bem. — Ele aponta para o labirinto. — Você já foi até lá?

Franzo o nariz.

— Andar em círculos e chegar a lugar algum? Sim, sou bem versada nisso.

Ele sorri suavemente.

— Vou tomar sua resposta como um não. Vamos.

Na entrada do labirinto, ele me choca para caralho ao pegar minha mão. Seu aperto é quente e seco; o meu, tenho certeza, é o oposto. Na verdade, estou repentinamente fria e úmida em todos os lugares.

— Não acho...

— Labirintos foram construídos e são usados desde os tempos antigos — ele diz, me puxando para dentro. Já que não seguir significa soltar sua mão, eu o deixo me guiar pela entrada. Um leve apertar em meus dedos mostra sua aprovação.

Conforme nossos passos acham um ritmo similar, ele continua.

— Há dois tipos de labirintos. Em alguns, como este, há apenas um

caminho; um que leva do início ao final. O propósito do labirinto é espelhar e realçar a jornada interna da parte mais profunda de nós mesmos. Uma vez dentro, nós refletimos, e então saímos dele com um maior entendimento de quem nós somos.

— Parece um discurso hippie — eu gracejo, mas estou completamente envolvida por sua voz profunda e calma, sentindo a pressão de sua palma contra a minha.

O labirinto por si só não tem muito para olhar, é basicamente um bando de poeira moldada por bordas curtas em volta do caminho curvo. No centro, há um único banco de pedra sombreado por uma enorme árvore de Josué. A despeito de mim mesma, quanto mais caminhamos, mais calma me sinto. Nosso progresso parece cada vez menor para nos levar à saída.

— Consegue sentir? — ele diz suavemente. — Sua respiração está mais profunda e seus ombros relaxaram.

Eu lanço um olhar surpreso ao seu perfil e deparo-me com um sorriso suave em seus lábios. Só porque sou uma vaca mal-humorada, digo:

— Você sabe que exercício abaixa pressão sanguínea e produz endorfinas, certo?

Seu sorriso apenas cresce.

— Andar no labirinto é simbólico. Sim, seu corpo responde ao ar livre e exercícios, mas sua mente responde também. É a mente que viaja mais fundo que o corpo. — Olhos azuis viajam pelo meu rosto. — Se puder, descreva o que está sentindo agora.

Incapaz de convocar uma resposta mordaz, olho para o caminho sob meus pés. Pequenas pedrinhas se desfazem sob meus tênis, e uma delicada brisa combate o calor esmagador do sol. Estamos sozinhos aqui. Sozinhos no mundo, mas juntos. Sua mão não parece separada da minha, mas uma extensão do meu corpo.

— Sinto-me... — Engulo com força. — Isolada. Como se houvesse uma névoa me protegendo contra o quão partido meu coração está. Ainda está lá, a ferida aberta em meu peito, mas não estou devastada por ela.

— Bom.

— Tudo isso pode ser explicado pela pouca quantidade de sono que tive na noite passada — resmungo.

— Talvez, mas isso importa? Por que apenas não abraçar o sentimento? Você está segura aqui, Amelia. Não há julgamento, nenhuma necessidade de fingir. Ir para as profundezas, *em direção* à dor, pode parecer

contraproducente; mas quando o fazemos achamos que, mesmo no mais profundo luto, encontramos um feixe de luz. Sempre há a possibilidade de cura. Sempre.

Finalmente alcançamos o centro. Chastain me leva até o banco e nos sentamos à sombra, sem falarmos por vários minutos. Enfim, ele pergunta.

— Como se sente agora?

— Como se eu pudesse ficar sentada aqui pelo resto da vida — digo honestamente.

Ele sorri, seu olhar fixo em um ponto distante. Nossas mãos permanecem unidas sobre o meu joelho nu. Ele não tentou me soltar, e mesmo que tentasse, não sei se eu deixaria. Sua presença é a única coisa que me deixa sã.

— Você me contaria um segredo? — pergunto, as palavras escapando de mim por vontade própria.

Silêncio reina por tanto tempo que quase retiro o pedido.

— Penso frequentemente no que meu irmão seria hoje se ele estivesse vivo. Se ele teria conseguido a ajuda da qual precisava. Às vezes, tenho sonhos tão vivos com ele que quando acordo, por alguns minutos, penso que ele ainda está aqui.

As palavras se filtram por mim como neve fresca, suave e delicada.

— Outro — murmuro.

— Na maioria dos dias, não faço ideia do que dizer a você. Nenhuma das técnicas usuais funcionam, o que dificulta demais que eu me acostume. Nunca tratei de alguém completamente impermeável e ao mesmo tempo tão transparente. E eu estava profundamente aterrorizado por ser cedo demais para você lembrar. Tive medo de causar a você traumas irreparáveis.

Lambo meus lábios e provo a primeira onda de lágrimas silenciosas e salgadas.

— Se fosse uma menina, eu iria chamá-la de Julia, em homenagem à minha mãe. Um menino seria Jackson. Eu nunca contei para Jameson porque... eu tinha essa sensação. Esse medo. Não consigo explicar. Talvez seja algo que todas as mulheres sintam quando têm vida dentro delas; esse medo primordial de que algo ruim está pairando. Não sei. Mas, agora, me pergunto se essa sensação não existisse porque, no fundo, eu sabia que não merecia algo tão maravilhoso na minha vida. Que isso ia ser tirado de mim.

As lágrimas vêm mais forte. Convulsões silenciosas em meu torso. Chastain se move, seus dedos me solta, mas antes que eu sinta falta deles, seus braços me envolvem. Eu encaixo minha cabeça debaixo de seu queixo e

me derreto contra ele. Ele é meu único porto seguro no planeta.

— Sinto muito, Amelia — murmura. — Sinto muito, muito mesmo. Mas você está errada. O que aconteceu foi um acidente horrível. Você merecia aquela criança, como merece toda a felicidade que a vida tem a oferecer. Algum dia, você terá. Eu prometo.

— Não acredito em você — digo.

— Você acreditará.

17

águas calmas



Dia 15

Duas semanas depois do acidente, eu acordei no hospital. Meus ferimentos múltiplos não significavam risco à minha vida, mas eu fui sedada pesadamente até então. Aparentemente eles haviam me acordado antes, mas eu estivera extremamente confusa, facilmente agitada – leia-se: propensa à violência – e em geral um saco de se lidar.

Quando fiquei lúcida e branda por sólidas vinte e quatro horas, uma terapeuta de rosto gentil me contou as notícias do meu aborto. Trauma irreparável. Não havia pulsação.

Eu contei a ela que não sabia do que ela estava falando – eu não estava grávida.

Depois, Jameson veio e tentou me contar o que aconteceu. Ele estava chorando. Muito. Desculpando-se, porque sabia o quanto eu queria o bebê, mesmo que fosse de um idiota como o Kevin. Ele desejou ter me comprado gelato extra na noite antes do acidente, quando eu o fiz sair para satisfazer meus desejos. Ele se sentia culpado.

O que era idiota – eu nunca estive grávida.

Houve momentos durante minha permanência no hospital que duvidei da minha sanidade. A terapeuta continuava a voltar. Todos os dias, ela se sentava ao lado da minha cama. Todo os dias, ela dizia que estava ali para ouvir, se eu quisesse falar.

Se não fosse uma proposta louca, eu poderia decidir que havia sido vítima de uma pegadinha maluca. Só que ossos quebrados não são engraçados. Nem

ouvir as pessoas dizendo que você abortou seu bebê de onze semanas.

Eu realmente não lembrava.

Quando tive alta, Jameson me levou de volta ao seu apartamento. Agora, eu tenho uma vaga lembrança de um frasco de analgésicos. Eu tomei um monte deles. Talvez demais. Principalmente porque sentia que estava sonhando e precisava acordar. Porque todo mundo acreditava na mesma mentira. Estava cansada de ser tratada como sendo de vidro e precisava escapar. Escapar dessa vida de novela.

Oops.

— Uma tentativa de suicídio não é um *oops* — diz Leo suavemente.

Leo.

Não consigo mais pensar nele como Chastain. Não desde de perder o controle e beijá-lo. Ele tem gosto de águas frias em pedras quentes. Estrelas ardentes no firmamento congelante. Não consigo tirar o gosto dele da minha cabeça. Sei que jamais tirarei — por muito, muito tempo.

Nem esquecerei a experiência do labirinto. A troca de segredos, a caminhada longa até ele e dentro dele. Minhas lágrimas em sua camisa e a marca de sua mão na minha. A longa caminhada até a saída e a pura exaustão de ter um veneno expurgado de uma ferida profunda.

Dormi por quatorze horas seguidas.

Hoje não há sinal da incerteza que ele revelou sobre meu tratamento. Estamos de volta ao profissionalismo. Ao menos do lado dele.

Quando não respondo à provocação, ele eventualmente pergunta.

— Do que você lembra em seguida?

Suspiro.

— De você.

Ele assente.

— Você lembra de onde estava?

— Universidade da Califórnia, Los Angeles. Unidade Psiquiátrica.

Leo espera que eu continue, mas não o faço. Agora sei porque sinto um laço entre nós. Não é uma conexão mágica ou simples atração, mas memórias enterradas.

Temos um histórico, Leo e eu. Ele era o chefe de Psiquiatria no comando do meu caso na UCLA. Diagnosticou-me em horas. Me deu alta três dias depois. Encontrou-se com Jameson e meu pai, e explicou o que aconteceu. Que eles não deveriam forçar para que eu me lembrasse. Que eu precisava de apoio e normalidade. Que a mente tinha um modo de se curar.

Ou, no meu caso, de se quebrar.

— Embora não seja incomum que um paciente tenha amnésia retrógrada e antirtrógrada pós-traumática, sua situação é única. Na maioria dos casos, memórias de eventos anteriores raramente voltam depois do trauma. Entendo o que isso significa, mesmo que seja doloroso.

— Então você acha que eu estou em algum tipo de negação, não que tenho amnésia.

— Sim, de certa forma. O fenômeno é chamado de confabulação. O acidente causou uma resposta exagerada de estresse. Isso, somado ao ferimento na cabeça, é provável que sua retenção de memória tenha sido bloqueada por uma resposta adaptativa para evitar estresse.

— Amo quando você fala assim, todo inteligente comigo.

Os lábios dele se curvam. Um pequeno tremor. Odeio que esta visão aqueça os espaços frios dentro de mim. *Odeio, odeio, odeio* o quanto esse efeito parece crescer dia a dia.

— Você mentiu para mim — digo levemente, olhando para a janela atrás de sua mesa.

— Você não estava pronta para ouvir a verdade.

— Tá, tá — pauso, mordendo o lábio. — Não entendo porque me esqueci de você também.

Ele dá de ombros.

— A mente é um reino misterioso. Pode ser que você tenha me associado com o trauma de tomar os analgésicos.

Eu faço uma careta e me remexo na cadeira.

— Te deixa desconfortável falar da tentativa, não é?

— Bem, sim — explodo. — Não quero morrer. Não pensei nisso dessa forma. Eu só queria acordar. Realmente achei que essa fosse a solução. Merda... pareço louca.

— Você não deveria ter tido alta do hospital — diz gravemente. — Sinto muito que não tenha sido propriamente diagnosticada, Amelia.

Balanço a cabeça.

— Não é culpa deles. Eu provavelmente parecia e soava normal. Eu sou boa em esconder a loucura.

— Você não é louca — ele diz, e então pausa. — Bem, talvez uns dez por cento ou algo assim.

Eu lanço um olhar para ele. Seus olhos brilham para mim. *Merda*. Um sorriso brinca nos meus lábios, o primeiro genuíno em dias.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Agora que você se libertou disso, vamos falar o porquê de o acidente não ter sido sua culpa, então?

Eu gemo.

Então rio.

Espertinho.



— Você ficou sabendo? — pergunta Kinsey.

— O quê?

Ela olha por cima do ombro, passos sempre corretos no caminho do labirinto. Estamos nisso há quase uma hora. Estou contando os segundos até que ela tenha que sair para a sessão de terapia às três da tarde.

— Vamos receber gente nova hoje. Estão *recebendo ele* agora mesmo. Aparentemente, o cara está destruído.

— Ótimo.

Ela para e eu quase enfio a cara em suas costas.

— Você podia ao menos *tentar* soar animada.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Por que eu deveria estar animada? Quem quer que ele seja, deve estar sentindo dor. Nenhum de nós quer estar aqui. Você sabe disso, não sabe?

Ela me encara.

— Se eu não gostasse tanto de você, acharia que é uma vaca.

— O mesmo pra você.

Kinsey ri e me dá um abraço improvisado. Ela é mais forte do que parece, e eu reclamo, implorando por ar, até que ela me liberta. É quase doloroso admitir, mas eu realmente gosto dessa garota. Ela é descaradamente... Kinsey. Não sei exatamente o porquê de ela estar aqui; e eu sou a última pessoa que tentaria lhe arrancar a verdade, e é por isso que ela não me deixa em paz.

— Oh! Tenho que ir! Quero pegar um café antes do meu horário a sós com o Dr. Gostosão. — Com um risinho, ela passa por mim com seus sapatos de grife que provavelmente custam mais do que todo os salários que ganhei no ano passado.

Aliviada com a desculpa de sair do sol, vou em direção à minha cabine.

Mudo o caminho no último segundo, quando vejo Callum e Preston jogando damas na varanda vizinha.

Parando ao lado deles, coloco as mãos na cintura.

— Sério, vocês também? Estão esperando o cara novo?

Preston sorri timidamente, Callum faz uma careta, olhando para o tabuleiro.

— Seu filho da mãe, você vai ganhar de novo.

Preston ri.

— Eu escrevo códigos de computadores complexos para viver. Você achou que eu não ia te dar uma canseira nas damas?

Callum grunhiu.

— Achei que ao menos ia ter uma chance.

Chuto a bota de Callum, e ele ri, então estente um braço e agarra minhas pernas. Eu caio, gritando, mas momentos depois acabo deitada ao lado dele.

— Shhh — ele chia. — Lá vem ele.

Viro-me e vejo Leo e Ruth, a outra enfermeira, acompanhando um homem para fora do Aquário. Madeixas longas e castanhas cobrem seu rosto abaixado, sombreando seus traços. Ele é quase tão alto quanto Leo e anda com a confiança de um homem maduro. Um que sabe ser arrogante sem parecer que está tentando ser.

— Não é um modelo — murmura Callum.

Julgando pelas tatuagens que cobrem a maior parte da pele de seus braços, tenho de concordar.

— Por que importa quem ele é? — queixo-me, embora tenha de admitir, estou intrigada.

Meu olhar vaga para Leo, seu perfil me provoca enquanto ele fala suavemente com o homem. O grupo passa pelo jardim de meditação, passando pelo labirinto, e então pelo caminho que leva até nós.

— Definitivamente um músico — murmura Preston quando ele está a uns metros de distância de nós.

Como se ele ouvisse as palavras, o homem olha para cima. Olhos negros pousam em Preston, viram-se para Callum e caem em mim. Eles se abrem, e então se estreitam.

Minhas costelas suprimem meu próximo fôlego.

— Uh-oh — murmuro.

— Mia? — ele chama.

— Mas que merda? — murmura Callum, seu braço se apertando ao meu

redor. — Você conhece esse cara?

Estou presa em um olhar raivoso e sombrio, congelada com meus olhos abertos. Vergonha irradia pela minha espinha.

— Um, sim — murmuro. — Seu nome é Declan Foster. Nós fomos... amigos na faculdade.

Leo salva o dia, seu aperto no braço tatuado de Declan se firma enquanto ele guia a adição mais nova do Oásis para além de nós e para a cabine mais próxima. Olhos azuis gelados me espetam, e então desaparecem.

Quando a porta se fecha com um baque, Callum suspira.

— Nunca é entediante quando você está por perto, loirinha.

— Ha, ha. — Viro minha cabeça para encará-lo; algo em sua expressão mata seu humor. — Será que o universo colocou um alvo na minha cabeça ou algo do tipo? *O tempo de paz acabou, Mia, aí vem o carma!*

A voz suave e levemente admirada de Preston me interrompe.

— Lembrei quem ele é. É o guitarrista de Amy Falls. — Os olhos dele encontram os meus por sobre os ombros de Callum. — Amy... Amelia.

Eu estremeço.

— É uma coincidência.

Tem que ser. Quem dá nome a uma banda em homenagem a alguém que namorou— no sentido mais figurado possível — por três semanas? Ridículo.

— Ridículo — digo alto, apenas para confirmar.

A maioria daquelas três semanas foram regadas a sexo e drogas. Dez anos depois, eu só me lembro de detalhes vagos. Claro, pensei nele ocasionalmente com o passar dos anos. Principalmente quando ouvia uma de suas canções na rádio.

— O que quer que tenha acontecido, ele está magoado — Callum murmura.

— Éramos crianças — replico, mas apenas parece que estou tentando convencer a mim mesma.

Callum me dá um abraço.

— Ao menos você só tem mais duas semanas.

Duas semanas é um tempo longo demais.

18

cortinas de fumaça



Dia 16

— **P**recisamos falar sobre isso?

— Sim, Amelia. É importante.

Meu joelho começa a se agitar. Coloco uma mão na pele nua, enfiando meu calcanhar no chão.

— Está bem. Dói, doutor. É uma confusão de sentimentos fodidos. Quero chorar e nunca parar, e, ao mesmo tempo sinto que não mereço chorar.

— Por que isso?

Encontro seu olhar. Ele me sustenta; permite que eu tome um fôlego profundo. Apesar da batalha entre minha mente e meu coração, confio nele. Posso estar um pouco apaixonada, mas já admiti isso a mim mesma. Provavelmente não sou a primeira paciente, nem serei a última, a ter esses sentimentos conflitantes.

— Eu me obriguei a esquecer o bebê para evitar a dor da perda... — Engulo com força. — Ele ou ela. Sinto culpa, como se tivesse desistido do meu direito de luto. Já faz quase dois anos.

— Por que você acha que o tempo importa?

— Porque importa.

— E se eu contasse a você que a morte do meu irmão ainda é bem real para mim? Que você sempre lamentará e sentirá falta da sua mãe e irmão?

Meus ombros tensionam.

— Eu diria que provavelmente quero saltar de um avião.

— Você quer saltar de um avião?

Suspiro.

— Leo, por favor. Só porque você me entendeu não quer dizer que eu sou uma pessoa diferente. Dez por cento de loucura, lembra?

Ele não sorri.

— Quem disse que eu quero que você seja diferente?

A lâmpada diminuta em meu coração fraqueja, e então morre diante de sua próxima pergunta.

— Declan Foster queria que você fosse diferente?

Meus joelhos param de se agitar.

— Achei que esperaríamos um dia ou dois antes de ele surgir na conversa — murmurei.

Ele pausa, tirando os óculos. Não acredito que nunca percebeu que tirar os óculos é se entregar. Quase quero contar para ele. Talvez compartilharei essa informação no último dia, quando nunca mais o verei.

O pensamento dói, latejando cegamente em alguma lateral do meu coração morto.

— É relevante agora — ele diz, com alguma entonação na voz. — Os monitores o pegaram saindo da sua cabine no meio da noite.

— Doutor, você está com ciúme? — pergunto, forçando leviandade.

Olhos frígidos se estreitam.

— Preciso mesmo dizer o quão danoso uma relação sexual pode ser para a reabilitação — tanto a sua quanto a de Declan?

Uma excitação familiar corre por minhas veias. Este é um jogo que sei jogar, um que vai afastar minha mente das minhas preocupações por algum tempo. Leo acha que não tem fraquezas a serem exploradas? Mentira. A fraqueza dele é que ele se *importa*.

Dou de ombros, sorrindo sem graça.

— Qual é o problema de gastar um pouco de energia? Declan não é como Callum. Sexo não vai machucá-lo.

Leo se senta, lábios em uma linha fina. Finalmente, ele solta uma respiração lenta. O brilho de seus olhos se esvai. Seus ombros relaxam.

Merda.

Eu caio em minha cadeira, derrotada.

— Você é uma porra de uma fortaleza, doutor — resmungo.

Ele toca em seu lábio inferior com a caneta, me encarando.

— Eu sei que vocês não transaram, Amelia.

Eu bufo.

— Não, não sabe.

— Declan me contou esta manhã o que aconteceu. Que ele te confrontou sobre o que você fez.

Babaca.

É, não foi bonito. O homem tinha um ressentimento sério sobre eu ter desaparecido depois de nosso caso. E eu tinha mesmo desaparecido – dei um número falso e saí da cidade. Tinha acabado de me formar na escola e nada me manteria em São Francisco. Mas se nosso encontro no meio da noite era um indicativo, Declan e eu temos tanto potencial quanto a fracassada carreira de atriz de Kinsey.

Nós passamos por muita coisa na última década, e os maníacos por sexo que éramos no começo de nossos vinte anos estavam mortos e enterrados – ou pelo menos qualquer química que tivemos certamente estava. Ele não me disse porque está na Fazenda de Loucos exceto que “*precisava de uma folga de todo mundo*”. Mas o amarelar de seus olhos certamente aponta para um vício de bebidas. Ele certamente não seria a primeira estrela do rock a cruzar a linha de festas para a dependência.

Depois que ele brigou comigo por desaparecer por todos esses anos e eu ter me desculpado, ele se acalmou o suficiente para me agradecer por inspirá-lo em várias canções. Eu não me incomodei o suficiente para perguntar sobre o que elas eram, mas não era difícil adivinhar que não eram muito lisonjeiras.

Por fim, ele permaneceu na minha cabine por talvez meia hora. Assim que deixamos o passado para trás, ficou evidente que não tínhamos nada a falar.

Belisco a ponta do meu nariz, sentindo uma enxaqueca surgir.

— Eu uso as pessoas. Você sabe disso. Eu sei disso. O que você quer que eu diga?

— Você evita intimidade emocional. Por quê?

Minha mandíbula se cerra.

— Ah, eu não sei... falta de exemplos na minha vida de relações adultas saudáveis. Livros de romances que oferecem ideais irreais. A mídia. Meu pai indo para o saco com um sem número de putas depois da minha mãe. Perder minha virgindade com um desconhecido, ser traída, etc. — Eu me movo para a frente, apontando um dedo em sua direção. — Ou talvez eu apenas seja uma mulher liberal. Por que sexo tem que ser um investimento grande e emocional? Talvez você esteja vivendo no século errado, doutor. Estigmatizar as mulheres desta forma é tão anos 2000.

Leo me olha por um momento com algo parecido com ternura nos olhos. Ou talvez seja pena.

— Você já transou com alguém que amava, Amelia?

— Sim. Foi de tirar o fôlego. Emocionalmente orgástico.

Ele continua encarando, esperando.

Eu encaro de volta.

Encaixando a caneta no seu bloco de papel, ele joga os dois no chão. Os óculos são os próximos, dessa vez de forma mais gentil.

— Posso te contar uma história? — pergunta suavemente.

Confusa pela mudança abrupta, assinto. Quando ele começa a falar, no entanto, eu imediatamente desejo poder retirar meu consentimento.

— Quando eu estava na faculdade, tinha uma garota que frequentava uma aula comigo. Linda e animada. Ela sorria o tempo todo e todo dia havia uma flor diferente em seus cabelos. Um dia, eu finalmente tive coragem para chamá-la para sair. Nós nos apaixonamos. Foi o melhor ano e meio da minha vida até que ela me deu um fora.

Eu pisco.

— *Ela deu um fora em você?*

Ele sorri ironicamente.

— Como você já percebeu, eu não sou o homem mais flexível ou mais fácil de lidar. Ela era uma boêmia auto-proclamada. Decidiu largar os estudos e perseguir a paixão por esculpir. E por mulheres. Eu fiquei devastado.

Eu balancei a cabeça, confusa.

— Espera, *mulheres*? Puta merda, isso é tema de novela.

Ele apenas sorri.

— No quesito de términos, o nosso foi bem amigável. Como eu poderia culpá-la por querer seguir seus sonhos? Ou por perceber que ela preferia relações duradouras com mulheres?

Eu estremeço.

— Ai.

— Sim, bem, eu não tive notícias dela por quase um ano. E quando tive...

— Ele cai em silêncio, cílios sombreando seus olhos. — Foi sua parceira, Celia, que fez Marianne me ligar.

Celia... Marianne...

Eu pulo da minha cadeira.

— Ela é a mãe do seu filho? Vince?

Leo assente.

— Ela estava grávida quando vocês terminaram e não te contou? Isso é...
— Eu pauso, considerando. Até onde sei, Kevin ainda não sabe que estive grávida de um filho seu, mesmo que momentaneamente. Antes do acidente, fiz sérios planos de nunca deixá-lo saber.

Finalmente admito.

— Acho que não posso jogar pedras, posso?

Leo me analisa atentamente.

— Pergunte-me se eu me arrependo ter meu coração partido por Marianne. Se me arrependo de algum momento daquela relação.

— Eu entendo — digo amargamente. — Você não se arrepende de se abrir para o amor e ganhou uma criança maravilhosa. Ótimo para você, doutor. Você é emocionalmente estável. Aposto que ama dormir de conchinha depois de fazer amor e fazer massagem nos pés, também.

— Amelia — ele diz repreensivamente. — Meu ponto é, como você bem sabe, eu me curei. Ter meu coração partido foi a pior dor que experimentei desde perder meu irmão. Mas me curei. Você pode, também.

Não consigo evitar de soltar:

— Está se oferecendo para me curar?

Quase perco os sinais. Mas não perco. O brilho quente em seus olhos. O agudo levantar de seu peito. O breve olhar para minha boca.

Não sei porque continuo me torturando. Ou a ele. Talvez porque ele seja a minha distração. Uma fantasia nada divertida e certamente irreal. Estabilidade. Família. Amor.

Leo olha para o relógio.

Falo antes dele.

— O tempo acabou.

Assentindo, ele se levanta. Sigo, meu braço encostando levemente na manga de seu terno enquanto passo por ele. Minha pele se agita na intersecção de nossos dois mundos.

Mundos que nunca irão se unir.

— Amelia.

Paro com uma mão na maçaneta.

— Sim?

— Não há mais nada mais assustador do que a intimidade. Se você realmente quer conquistar o medo, mostre a alguém tudo de si.

Eu saio sem responder.

Já mostrei.

19 basofobia



Dia 18

Na sexta à tarde, no grupo, nos contam que vai haver um evento surpresa e especial naquela noite. Frank nos diz, animado, que é uma tradição que ocorre todos os anos em 18 de Agosto. Por que esta data específica? Oras, é o aniversário de Dr. Leo Chastain. E o que faremos... você pergunta? Vamos *acampar*.

Mas que fantástico!

Kinsey está horrorizada, Callum animado, Declan e Preston, indiferentes. Tiffany pergunta por detalhes como se estivesse planejando um assalto a banco. Eu... *meh*. Gosto de acampar, e dado ao tipo de dinheiro que este local gera, duvido que iremos dormir com o feno.

Talvez se eu não achasse que haveria monitores na nossa cola, eu aproveitaria mais a ideia. Assar marshmallows na fogueira com Charlene, *a Chata*, monitorando cada palavra nossa não parece diversão, mesmo que Chastain esteja lá sem terno, parecendo sexy e aventureiro.

— Vai haver uma pequena caminhada, de quase cinco quilômetros, para o local de acampamento — Frank continua, o entusiasmo não se desfaz diante de nosso desânimo. — Vocês irão fazer as malas para duas noites na mata. Preparem-se para temperaturas altas durante o dia e potencialmente baixas durante a noite.

— Espere — Kinsey se irrita. — Você não falou nada sobre *duas* noites.

Frank se surpreende momentaneamente.

— Não contei? Minha culpa, então. É o evento de final de semana.

Vamos voltar no domingo.

— Alguém me mate — murmura Tiffany.

Frank mostra os primeiros sinais de irritação.

— Este é um privilégio, e todos os anos os residentes se divertem muito. Tentem não julgar sem saber. Ah, e coloquem um maiô na bagagem porque tem uma pequena fonte termal na área.

Callum soca o ar.

— Demais!

Até mesmo Declan dá um meio sorriso, parecendo estar 70% vivo.

Percebendo o olhar de alguém, olho para baixo para encontrar a expressão tempestuosa de Kinsey em direção a mim. Ela está claramente irritada por eu não estar espelhando seu descontentamento. Dou de ombros; ela bufa e revira os olhos. Que seja. Ou ela vai se acostumar com a ideia de que não sou sua ajudante ou ela me deixará em paz. Com alguma surpresa, percebo que espero que seja o primeiro. Ela é quase... uma amiga.

— Mais alguma pergunta? — questiona Frank, erguendo uma sobrancelha a Tiffany, que assente.

— Quantos acompanhantes teremos?

Eu me ergo, interessada na resposta.

Os olhos de Frank se afinam.

— Por quê?

— Só curiosidade.

Somos todos surpreendidos quando Fran cai no truque do tom *Sou-super-fofa-e-inocente* de Tiffany. Ele relaxa, sorrindo.

— Apenas eu e o Dr. C., o que significa que vocês vão carregar todos os suprimentos e montar as barracas.

Essa é a deixa para o grunhido dramático de Kinsey.

Frank continua, lançando a cada um de nós olhares de aviso.

— Para onde estamos indo, não há sinal de celular por quilômetros. Se vocês fugirem, irão se perder, ficarão desidratados e serão comidos por coiotes. Talvez notemos que vocês se perderam a tempo de mandar uma equipe de busca, talvez, não. Talvez não conseguíssemos achá-los e usaremos uma quantidade absurda de fitas vermelhas para mandar um helicóptero vasculhar o local. Mas vocês estarão mortos então.

A sala fica quieta, até mesmo o olhar chocado de Kinsey para no rosto de Frank. Eu rio, alta e abruptamente, assustando a todos.

— Algo engraçado, Mia? — Frank pergunta, fazendo uma careta.

Ainda sorrindo, dou de ombros.

— Apenas apreciando sua audácia por uma nova perspectiva, Frank.

Ele, por sua vez, demonstra uma expressão de choque.

— Oh, bem, er... — Com uma tosse, ele prontamente me ignora. — Ok, é isso, pessoal. Vão se arrumar.

Sou a primeira a sair pela porta, andando rápido. Até que atravessemos o Aquário, ouço Kinsey reclamando com Tiffany. Provavelmente sobre a iminente falta de água quente e secadores de cabelo.

Imediatamente, sinto uma onda de culpa.

— Qual o motivo da sua careta? — Callum pergunta, me alcançando para abrir a porta. Nós caminhamos sob luz do sol, nossas mãos se movendo para sombrear nossos olhos do brilho da piscina.

— Ugh, estou incomodada por você estar certo.

Ele solta uma risada breve.

— Sobre o quê?

Eu estreito os olhos, percebendo o olhar interessado de Declan por sobre seu ombro.

— Você me disse que se eu desabafasse, me sentiria melhor, e você estava certo. — Antes que ele possa dizer *Eu te disse*, resmungo. — Apenas não sei se gosto dessa melhor versão de mim.

— Por quê? — Os olhos escuros de Declan me escaneiam quando ele nos alcança.

Eu foco no sorriso fácil de Callum, e ele responde por mim.

— Porque *sentimentooooos* — ele canta alto. — Tantos *sentimentooooooooos*.

Eu reviro os olhos, suspirando.

— É por isso? — pergunta Declan.

Para uma estrela do rock foda, ele parece bem inocente agora, seu corpo vibrando com curiosidade e seus olhos procurando os meus. Mas como contei a Leo, ainda sou 10% loucura. Como ainda fico acordada por aproximadamente quinze ou dezesseis horas ao dia, isso significa que me permito uma boa hora e meia de mau comportamento. Ainda não atingi a cota de hoje.

Paro de andar, os homens parando comigo. Encaro Declan bem nos olhos, e digo:

— O que você realmente quer saber é se eu me perdoo das merdas que fiz, para você saber se tem alguma esperança de fazer o mesmo. Desculpa,

companheiro. Minha opinião de mim mesma só decresceu desde que vim para cá.

— Jesus, Mia — murmura Callum, e então ele fala para Declan: — Não a escute. Ela acabou de passar por um ponto de virada na terapia com o doutor e está lidando com o luto. Pense assim: nós passamos anos desenvolvendo essas cascas protetoras ao nosso redor com mentiras e negações, e, aqui, trabalhamos para sair dos nossos casulos. O que está dentro, no entanto, é...

Declan e eu compartilhamos um olhar, e então nos dissolvemos em risadas.

Callum nos encara.

— Vocês são idiotas.

Declan dá um tapa em suas costas.

— Bom pra você, amigo. Você é uma linda borboleta agora.

Callum bufa.

— Vá se foder.

Atrás de nós, a porta para o Aquário se abre. Kinsey, Tiffany e Preston passam por ela, seguidos de Frank.

Lançando-nos uma careta, Frank grita:

— Eu mandei fazerem social ou arrumarem as malditas malas?

— Vamos fazer isso! — grita Callum.

Olho para Declan.

— Bem vindo à Cidade dos Loucos.



Nossa animação por ultrapassarmos a cerca tem vida curta. Caminhar cinco quilômetros em um chão relativamente plano deveria ser – teoricamente – fácil. Callum e eu, provavelmente, poderíamos chegar até o local do acampamento em menos de uma hora, mesmo com mochilas e sacos de lona com suprimentos. Infelizmente, não estamos sozinhos, e no ritmo em que caminhamos, vamos ter que armar as barracas no escuro.

Eu realmente me sinto mal por Kinsey e Tiffany. Depois de dois quilômetros, elas já parecem exaustas, seus cabelos amassados, rostos avermelhados, e os passos vacilantes. Mesmo Frank, com seu peso extra, e Preston, com seus membros finos, não têm nenhum problema em manter o ritmo. Declan não está tendo problemas, embora seja um alcoólatra em

remissão, também. E, naturalmente, Leo está injustamente perfeito em suas calças de correr, tênis e uma camiseta branca.

A despeito do meu condicionamento físico, ainda sinto o peso adicional que estou carregando. Fios rebeldes de cabelo grudam-se no meu pescoço e rosto, e minhas canelas e ombros ardem. Leo, ao contrário de mim, poderia estar caminhando em uma esteira em uma academia com ar-condicionado. Ele mal está suando, carregando tantos suprimentos quanto Callum, e parece outro gostosão fazendo um passeio. A cereja do bolo na minha frustração sexual é seu cabelo idiota. Completamente ao vento, madeixas escuras e nenhuma defeito à vista, é uma lembrança visceral do que senti quando passei os dedos por eles.

Passo a maior parte da caminhada desejando que minha atração por ele fosse somente física. Minha libido nunca me dominou. Mas, tristemente, quando olho para ele – frequentemente e por muito tempo – tudo o que vejo é o olho de um furacão. Quero me jogar nele, entrar dentro da sua pele e me manter segura e aquecida até que tudo não seja mais tão assustador.

Estou muito fodida.

20

luz do luar



Dia 18

Alcançamos o local do acampamento antes do cair da noite. Por pouco. Há sinais de uso por lá– uma fogueira central com um tripé para pendurar panelas, alguns bancos improvisados feitos de madeira desbotada de sol sobre pedras e uma área generosa plana, sem pedras, para as tendas.

O céu é de uma mistura aquarelada de roxos e vermelhos, e a montanha distante reflete o último fogo do poente. A visão é uma lembrança de tirar o fôlego do quão vasto o universo é, do quão pequenos somos. Enquanto tiro a mochila das costas e estico os músculos doloridos, experimento a rara benção do contentamento. Por ora, ao menos, não há nenhum lugar onde eu prefira estar.

Enquanto Kinsey e Tiffany cuidam de seus pés machucados, o resto de nós arma as barracas sob o resto de luz do dia. Três tendas no total, espaçadas por dez metros em um semicírculo. Frank está com Callum e Prestom, Leo vai dividir com Declan e nós três, mulheres, ficaremos com a última. Enquanto analiso a ideia de dormir em sacos de dormir dentro da nossa tenda, considero a beleza de adormecer sob o céu.

A ideia se desfaz tão logo o sol vai embora e a temperatura cai. O resto de nós coloca moletons e calças, Frank acende a fogueira na cova coberta de pedras. Leo aparece com o jantar – uma panela do acampamento e pacotes congelados que ele mistura com água. São ouvidos resmungos ao redor do acampamento sobre o tom rústico; isto até que o cozido comece a esquentar e

a exalar um cheiro de dar água na boca.

Escuridão nos cobre como um lençol pesado, mas a lua não apareceu no céu ainda. Apesar do silêncio, o deserto canta à noite. Pequenas brisas de vento carregam para nossos ouvidos o canto dos grilos, o pequeno farfalhar de asas ao longe, o piar de corujas e o ocasional tamborilar de pequenas patas. Tanto quanto possível, ainda podemos ouvir o pingar das águas das fontes termais.

Duas potentes lâmpadas halogênicas iluminam o acampamento inteiro enquanto nos reunimos para um jantar que constitui em cozido, pão de fermentação natural e maçãs. Não sei se em respeito pela natureza ou por nossa fadiga, mas quando falamos, nossas vozes são murmúrios.

Foco na comida, ouvindo a conversa banal ao meu redor. Algumas vezes, olho para cima para encontrar o olhar de Leo em mim através do fogo. Minha loucura está em hibernação, no entanto, porque não sustento o olhar por mais de um segundo antes de desviá-lo. É muito mais difícil com ele parecendo não tão profissional e... normal. A distância emocional entre nós parece difusa da minha parte, embora duvido que ele experimente da mesma confusão.

Sou sua paciente, e ele, meu terapeuta. É isso. Mas aqui, agora, enquanto ele sorri de algo que Callum diz e a luz do fogo ilumina seu rosto relaxado e feliz, tenho dificuldade em me convencer que não somos um grupo de amigos em uma viagem de acampamento de final de semana. Mesmo focar em Kinsey e Tiffany não ajuda – o exercício, ar fresco e a barriga cheia deu às duas mulheres semblantes maravilhados.

Fico aliviada quando Frank me pede para ajudar a limpar depois do jantar. Lanço-me na tarefa de lavar os pratos e utensílios com sabão biodegradável e guardá-los em uma mochila atrás de umas das tendas. Escondo-me no escuro pelo máximo de tempo que consigo, até que a voz de Callum me encontra.

— Mia! Tire o avental. Está na hora de *s'mores* e Verdade ou Consequência!

Arrastando os pés, volto em direção ao fogo. Uma das luzes halogênicas foi desligada; a outra está longe o suficiente, entre as duas tendas, então a noite cai entre nós. A fogueira é o que nos resta, iluminando os sete rostos que se viram na minha direção.

— Estou cansada — digo, sem fôlego.

Frank fala primeiro.

— Ah, sim, se preferir, você pode...

— De jeito nenhum! — interjeita Kinsey. — Mulher, sente sua bunda aqui agora. Estou vivendo a juventude que nunca tive!

E então vem a tortura máxima em forma de um tom profundo e provocador.

— Você está com medo, Amelia?

Meus olhos se viram para Leo. *Sim, seu babaca. E você realmente quer brincar? Esqueceu o quanto eu quero te quebrar?* Seu sorriso se esvai lentamente, embora seu olhar não se desvie do meu rosto. Desafio não desaparece de seus olhos sombreados.

Declan, que está sentado ao lado de Leo, olha de mim para ele, suas sobrancelhas se erguendo. Então ri.

— Doutor, suas bolas são certamente maiores que as minhas. Se ela estivesse me olhando assim, eu provavelmente imploraria por minha vida.

— Por favooooor, Mia? — implora Kinsey.

— Sim, vamos — acrescenta Tiffany.

Callum cacareja como uma galinha. Eu corto o contato visual com Leo e dou um passo para frente. Sentando e cruzando as pernas no chão, pego um marshmallow do pacote e o enfio no palito.

— Que comecem as conexões — anuncio e então aponto meu marshmallow impalado ao meu redor. — Mas não digam que não avisei.

— Oh, oh, eu vou começar! — guincha Kinsey. Os joelhos dela pulam enquanto ela morde o lábio, pensando. — Mia, verdade ou consequência.

Ergo o dedo do meio para ela e todos riem.

— Verdade.

— Sério? — murmura Callum, surpreso pela minha escolha.

Estou surpresa, também. Só escapou de mim.

Frank limpa a garganta audivelmente.

— Precisamos estabelecer algumas regras?

Kinsey o dispensa com um gesto.

— Não. Eu vou pegar leve. Então, Mia... memória mais embaraçosa, por favor.

— Sem graça — murmura Declan.

Eu nem tenho de pensar sobre a resposta.

— Quando estava na oitava série, eu menstruei pela primeira vez no meio da aula enquanto usava calças brancas. Eu não sabia o que tinha acontecido até levantar e um garoto falar que eu tinha cagado sangue e estava morrendo.

Quando a risada morre, olho ao redor do grupo, esmagando meu primeiro impulso de escolher Leo.

— Tiffany, verdade ou consequência?

— Consequência.

— Hmm. Ok, desafio você a trançar a barba do Frank.

Ambos Tiffany e Frank grunhem em protesto, mas o resultado vale a pena. A atenção é desviada de mim, e a barba de motoqueiro de Frank é feita em estilo Francês.

Declan vai em seguida, e então Callum, e então Preston. Frank desafia Declan a comer um ovo cru, que é trazido de um cooler e comido com uma facilidade desanimadora. Callum e Preston escolhem verdade, mas o humor fica leve, ambas as perguntas e as respostas engraçadas.

— Ok, um, Doutor Chastain? — pergunta Preston hesitante. — Verdade ou desafio?

— Verdade.

— Você tem algum hobby? E se sim, quais são eles?

— Vamos lá, Preston! — exclama Callum. — Essa foi uma pergunta sem graça.

Preston dá de ombros, indiferente.

— Sim, eu tenho hobbies — responde Leo. — Gosto de fazer caminhadas, andar de bicicleta, caiaque... qualquer coisa ao ar livre. Vamos ver, eu também coleciono livros – primeiras edições – e minhas tardes preferidas são passadas em casa, lendo, ouvindo jazz e fumando cigarros importados.

Todos estão rindo da resposta, especialmente Kinsey.

— Você também gosta de jantares românticos e caminhadas na praia ao pôr-do-sol?

Leo ri, olhos brilhando. Meu estômago se tensiona e cai ao meus pés. Eu não posso mais. Não posso.

Fico de pé em um pulo.

— Vou dormir — anuncio e corro para a tenda em meio a protestos surpresos.

Até que esteja lá dentro, percebo que provavelmente deveria mijar, talvez escovar meus dentes... *Foda-se*. Caio de cara no meu saco de dormir e puxo o capuz do meu moletom para bloquear o som das vozes.

Demora um pouco, mas meu corpo eventualmente derrota minha mente e a leva até o sono.

21

iluminados pela lua



Dia 18

Uma necessidade imediata e dolorosa em minha bexiga me acorda no meio da madrugada. Kinsey e Tiffany estão desmaiadas ao meu lado e o acampamento está quieto. As paredes da minha tenda brilham, iluminadas, e demoro alguns segundos para perceber que não são as lâmpadas, mas sim a lua.

Titubeando com meus pés, pulo as pernas de Tiffany e abro a porta. Felizmente, a tenda é nova e o som é abafado. O mundo lá fora está diferente de como eu o deixei. Iluminado pelo luar, o cenário é tão lindo quanto estranho, como algo tirado de um filme de ficção científica. Sombras permeiam, dando aspectos ondulados para plantinhas espinhosas e transformando-as em gigantes de pedras. Ao menos, não há necessidades de lanternas.

Calor ainda irradia do solo, vindo do sol, mas o ar está deliciosamente frio. Sigo o caminho até uns arbustos para um local a uma distância segura do acampamento e faço minhas necessidades. Quando estou caminhando de volta, ouço algo que me faz parar.

O gorgolejo de água.

Penso nos coiotes? Em cobras? Em me perder? Não, não penso. Não há voz de cautela. Nenhum monitor de razão. Nenhum medo. Minha mente está vazia e sombria como os espaços entre as estrelas.

Não é difícil achar a trilha curta, desgastada por vários pés pelo passar dos anos. Meus passos são desapressados, minha pulsação, constante. Todos

estão dormindo. Qual é o mal de explorar? Talvez pular nua nas fontes termais? Não seria a primeira vez.

Enquanto meus olhos se ajustam plenamente à noite, a lua se torna um sol reverso. Tão forte. O odor de enxofre aumenta, abusando de meu nariz e aumentando minha excitação. Ando por uma pequena inclinação e por volta de uma trilha de pedras. Diante de mim está uma piscina de água escura e perfeita, talvez com dois metros de diâmetro. Fumaça sai de sua superfície.

Uma respiração entrecortada me diz que não estou sozinha. Quando vejo o único ocupante, seus ombros largos e nus brilham molhados, mas não estou surpresa. *Por que não estou surpresa?* Seguindo este pensamento vem outro: *Ah, é porque estou sonhando.*

— Amelia — diz a voz rígida.

Não peço por permissão quando tiro meus tênis e meias e arranco meu moletom fora. Há os sons da noite, mas tudo que consigo ouvir é sua respiração, repentinamente alta. Tudo que consigo sentir é o assombro da minha pele sensível enquanto meus jeans são retirados, então minha camisa, e finalmente meu sutiã e calcinha.

O Leo do sonho olha para baixo e murmura.

— Poderia ter me avisado.

O eu do sonho responde.

— Qual seria a graça?

A água espirra e ondula enquanto ele se move na fonte e me oferece uma mão, seu olhar se desviando cuidadosamente.

— Aqui, escorregue um pouco.

O contato de seus dedos é uma revelação. Outra se segue quando um pé, depois um outro, atingem a água.

Meu Deus, não estou sonhando.

— Puta merda, é quente.

A despeito da firmeza com que me segura, eu escorrego. E por isto não ser um sonho, não escorrego direto em seus braços. Leo tenta me pegar, mas eu caio de lado, acidentalmente chutando suas bolas —*merda, ele está nu*— e despenco de cara na água.

Eu saio da água tossindo e expelindo um nariz cheio dela.

— Eu sinto muito — tusso.

Leo está tão longe de mim quanto pode, embora ainda permaneça na fonte. Seus ombros estão tensionados defensivamente, e eu estou convencida de que ele está checando se suas bolas ainda estão lá. Foi um impacto sólido.

— Foi de raspão — ele grasna. — Vou viver.

— Desculpa — repito fracamente.

Ele não diz mais nada, seus olhos se fecham em uma dor prolongada. Movo-me no assento natural de pedra, tentando recordar de um momento em que tenha me sentido mais desconfortável do que estou. Pelo menos minha pele não sente que está derretendo mais. O lado ruim é que estou agoniantemente atenta ao fato de que estou nua. E. Ele. Também.

— Desculpe interromper sua diversão — murmuro. — Acredite ou não, eu realmente achei que estava sonhando. — Quando Leo permanece parado, eu percebo o que digo. Forço uma risada. — Ooops. Vamos fingir que não falei isso.

Ele deixa a cabeça pender contra uma pedra lisa, braços caindo para os lados e olhos se abrindo para o céu.

— Puta merda. *Merda*. Filho da... Merda.

Suas palavras murmuradas se registram com atraso em meus ouvidos. Uma calma estranha se apossa de mim, infiltrando-se em meus pensamentos, enquanto uma onda potente de adrenalina acelera meu coração, faz minha respiração rarear e meus dedos formigarem.

— Verdade ou consequência, Leo?

Sua cabeça se volta para baixo.

— O quê?

— Você me ouviu.

Uma pausa, então um murmúrio.

— Não faça isso.

Sou uma pessoa horrível. Uma escrava do impulso. Uma usurpadora e uma *manipuladora*, e ele é o prêmio máximo. Há uma grande chance de que se eu pressioná-lo – pressioná-lo até quebrá-lo – ele nunca vá me perdoar. Ou a si mesmo. Mas, novamente, não é como se tivéssemos um futuro juntos. E ele vai embora em quatro dias.

O que fazer... o que fazer. Nova, saudável Amelia? Ou velha, impulsiva Amelia?

Quatro dias.

Meu peito se aperta com a possibilidade de nunca vê-lo de novo. Não posso fazer isso— não posso não fazê-lo. Então acabo respondendo por ele. Por nós dois.

— Consequência.

Eu empurro a pedra e me levanto. Água se esvai do meu peito, do meu

cabelo molhado. Ar gelado enrijece meus mamilos e me dá calafrios. Mas nenhuma dessas sensações se compara ao que sinto quando vejo o olhar de Leo.

Agonia.

A prova de seu desejo me dá tanto alívio que meus joelhos quase cedem. Dou um passo fraco para frente, e então outro. Há uma pequena cova onde ele está sentado, e a água bate em meu umbigo. Seu olhar escaneia cada parte de mim que a lua revela. Necessidade nua e crua firma seu semblante, combinando com seus ombros curvados e as mãos, que sei que estão fechadas em punhos debaixo de água.

— Eu não imaginei isto — murmuro.

— Não, você nunca imaginaria — ele diz, rouco, como se a afirmação fosse dolorosa. Estou certa de que seja, mas não consigo processar o quanto isso é errado, porque minha alegria é imensa.

Dou outro passo, cada segundo se estendendo para cem enquanto capturo cada detalhe. O levantar e cair de seu peito. As mandíbulas cerradas. O suor em suas sobrancelhas. Sobrancelhas sobre olhos que parecem prateados sob a luz da lua. Brisa quente em contraste com o ar gelado, água cálida e a pulsação frequente e entre minhas pernas. Prometo me lembrar disso para sempre.

No meu último passo, minhas coxas encostam nos seus joelhos. Dois segundos se passam —*uma eternidade*—antes que suas pernas se abram lentamente. Uma derrota a mais, mais uma fissura. Fico onde estou e levanto uma mão para seu rosto, meus dedos dançando de seu queixo para sua boca. Seus lábios se abrem e meu indicador se move para dentro. Ele suga a ponta, e então morde.

Quase entro em colapso.

— Leo — gemo.

Ele quebra.

Suas mãos encontram meus quadris, me puxando para frente. Meus joelhos são afastados e então minha bunda é agarrada quando ele me ergue para ficar entrelaçada em sua cintura. Meus sentidos se fragmentam, dominados. Pele quente contra a minha, dedos puxando meu cabelo. Um sibilar de seus lábios enquanto me esfrego contra ele, provocando nós dois. *Grosso. Duro. Longo.*

Mordo seu pescoço, então lambo o lóbulo de sua orelha e murmuro.

— Como algo que me faz sentir tão bem pode ser tão errado?

Seus dentes acham meus ombros, tão forte que eu estremeço. Dor aumenta meu prazer. Estou tão próxima do clímax que seria engraçado em circunstâncias diferentes.

— Talvez seja bom *porque* é errado — ele murmura contra a minha pele.
— Talvez eu esteja passando tempo demais com você.

— Você não acredita nisso.

Suas mãos, ancoradas em meu cabelo, puxam minha cabeça até que ele consegue me olhar nos olhos. Nossos rostos estão tão próximos que consigo sentir sua respiração em meus lábios, que formigam com a antecipação de prová-lo de novo.

— Me conte a verdade — imploro negligentemente.

Seus dedos me apertam, irradiando uma sensação de fogo pela minha cabeça.

— A verdade? Certo. Eu quis você desde o primeiro momento em que te vi. Foda-se, Amelia. Foda-se você e seu sarcasmo, suas mentiras, seus olhos que me contam mais do que sua boca jamais contou, seu cheiro que me enlouquece e seu coração lindo e machucado. Você é perfeita pra caralho, e eu vou direto pro inferno.

E então ele me beija.

22

levante e ande



Dias 18-19

Eu sei que o mundo ainda está girando, que a lua uma hora irá se pôr e que esta noite irá acabar. E então será um sonho de verdade – impressões dispersas, tempo roubado muito perfeito para ser real. E nunca acontecerá de novo.

Mas nada disso importa quando os lábios de Leo encontram os meus. Não importa o quão lúgubre minha imaginação seja quando ele está envolvido, eu errei feio. Debaixo dos ternos, do controle e da inteligência afiada, ele é uma porra de um *animal*. Mas eu também sou.

Quando ele puxa meu cabelo, eu puxo de volta. Quando ele morde meu mamilo, eu cravo minha unha em seus braços. E quando, no batalhar de nossos movimentos, a cabeça de seu pau encosta na minha entrada, eu agarro a base grossa e o empalo a mim mesma, centímetro a tortuoso centímetro.

Ele geme, longa e profundamente, quanto ele alcança meu fundo. Fico completamente parada, ofegante e estremecendo em desconforto. Nem sei se ele está todo dentro de mim, mas certamente *espero* que sim.

— Hum... só me dê um segundo—

Leo flexiona os quadris. Meu corpo pega fogo, cada nervo explodindo em faíscas.

— Oh Deus, Leo...

Uma mão se ancora em meus quadris, e ele grunhe.

— É isso que você quer, então tome.

Eu quase gozo somente por essas palavras, e então ele investe de novo,

tão forte que eu vejo estrelas. Estou tão molhada para ele que a água ao redor de nós não importa, e, finalmente, na terceira estocada, meu corpo se ajusta e a dor desaparece.

— Você é perfeita — ele murmura. — Tão quente e apertada. Melhor do que eu poderia ter imaginado.

Completamente fora da minha mente e corpo, eu gemo que nem uma puta. Nunca estive com um homem tão depravado quanto eu, e a realização de estar com quem estou – e de que ele nunca será meu – quase arruina o melhor sexo da minha vida.

Leo Chastain é sujo, imoral. Nunca deixarei que se esqueça de mim. *Isso é um erro enorme.*

Todos os pensamentos desaparecem quando ele encontra um ritmo devastador e clama minha boca de novo, sua língua explorando fundo. Ele me beija como se me possuísse, como se nunca tivesse o bastante de mim. Nós escorregamos contra a parede lisa da fonte, suas pernas poderosas fazendo todo o trabalho. Fodendo-me. Desfazendo-me.

Meu orgasmo vem aos poucos. Tremores que se avolumam e avolumam, até que ele tem que cobrir minha boca para calar meus gritos. Minhas unhas se cravam em seus ombros, o desejo de gritar seu nome se esvai por entre meus dedos. Ao invés de acelerar como a maioria dos homens faria, ele diminui o ritmo e me deixa rebolar contra ele.

— Vamos lá — ordena. — Deixe-me ver como você se move.

Então o faço, cavalgando nele em pequenos círculos, meu clitóris achando a pressão perfeita contra sua pélvis. Eu domino meu próprio prazer, desfaço-me de minhas inibições – não que tenha muitas – e desisto de qualquer noção de criar barreiras em meu coração no quesito em que este homem esteja envolvido. Francamente, agora não importa porra nenhuma.

Ele é um monstro com vinte e um centímetros de pau, fala sujo e puxa cabelo durante o sexo, embalado em belo terno e tem mania de controle. Estou arruinada para o resto da vida.

Mas que maneira doce de...

Eu gozo com um grito silencioso enquanto ele murmura no meu ouvido o quanto desejaria que eu estivesse cavalgando seu rosto. Que ele consegue me sentir agarrando-me nele, que agora aquela buceta pertence a ele. Enquanto eu volto, transicionando de um estado de languidez e um mar de endorfina em seus braços, ele lambe o suor de meu pescoço e então acaricia a minha pele. Nossos braços estão apertados ao redor do outro, nossos corações

pulsando no mesmo ritmo rápido e furioso. Imagino-os tentando sair de nossos corpos para se unirem.

Eventualmente percebo que ele ainda está duro como uma pedra dentro de mim.

— Leo? — murmuro, me mexendo um pouco.

Sua cabeça se levanta, um sorriso preguiçoso mas ainda voraz no rosto.

— Você achou que tínhamos terminado? Eu acabei de começar. — Seu sorriso desaparece quando seu polegar se move pelo meu lábio inferior. — Tenho que pegar leve com você. Sua boca já está inchada, e não acho que podemos dar uma explicação de picada de abelha.

Eu balanço a cabeça rapidamente, pressionando dedos contra seus lábios.

— Não. Digo, ok, pegue leve nos beijos, mas não fale sobre... isso. Não há nada para falar. Estamos de acordo.

— E que acordo é esse? — pergunta, uma sobrancelha levantada.

— Não me faça falar. Por favor, deixe-me sonhar pelo tempo que temos antes de acordar.

Os olhos dele analisam meu rosto. Finalmente, há uma mudança quase imperceptível em sua expressão.

— Esta noite, então. — Ele deposita um beijo leve sobre meus lábios. — Mas prometo que você me sentirá por semanas.

Grata por ter evitado o tópico da nossa inevitável implosão, eu remexo meus quadris preguiçosamente.

— Não sei se acredito em você.

Dedos fortes abrem minha bunda, e seu polegar atinge possessivamente um lugar que nenhum homem alcançou antes. Eu me inclino para frente com um gemido.

O sorriso de Leo é de pura vilania. Ele para? Nem um pouco. E quando voltamos para o acampamento horas depois – eu primeiro, ele quarenta minutos depois de mim – todos os buracos de meu corpo foram possuídos por ele, de uma maneira ou de outra.

Eu tenho um novo buraco, também. Largo o suficiente para passar um avião, um que atravessa direto pelo meu coração.



A lua está se pondo quando finalmente ouço Leo retornar para o

acampamento. Pergunto-me se o tesão foi suficiente ou se ele está em pânico de nós sermos descobertos.

Pergunto-me se eu ligo para isso.

Girando para o lado, quase grito quando vejo os olhos de Tiffany abertos e me observando. Quando meu coração para de tentar quebrar as minhas costelas, eu respiro devagar.

— Não pretendia acordar você — murmuro. — Precisava mijar.

Ela pisca, calma e atentamente.

— Você se esqueceu dos meus problemas de insônia?

Se eu não tivesse vinte anos de prática com mentiras, eu poderia começar a chorar. Ao invés disso, ergo uma sobrancelha.

— Tá, então eu dei uma volta. O que você é, a polícia da tenda?

— Você não tem que fazer isso, Mia — ela murmura de volta. — De qualquer forma, seu cabelo está molhado e você está cheirando a enxofre. Tudo bem, eu não vou contar a ninguém. Acho maravilhoso, na verdade. Você e o doutor são como Romeu e Julieta.

Ah, mas puta merda.

Tento mascarar a verdade mais uma última vez. — Nada aconteceu. Sim, eu o segui, encontrei-o nas fontes termais. Tentei dar em cima dele. Falhei. Você realmente acha que o impenetrável Dr. Chastain arriscaria a carreira por uma porra de uma boceta?

Ela revira os olhos.

— Uma pergunta melhor seria: será que eu acho que ele está irremediavelmente atraído por você, de uma maneira estranha, intensa e trágica? Oras, sim, eu acho.

Encaro-a até meus olhos juntarem lágrimas. Piscando, eu falo, rouca.

— Obrigada por não dizer nada. Mas não quero falar sobre isso. Não agora, nem amanhã, nem nunca. Manterei esse segredo até morrer. Se você tem algum respeito por ele, você também manterá.

— Claro que sim — ela sibila, afrontada. — Nunca trairia nenhum de vocês.

Sentindo sua sinceridade, minha expressão se alivia.

— Obrigada.

Eu me viro para encarar a parede da tenda e tentar o meu maldito máximo para pensar em outra coisa que não nosso último e mais longo beijo e no fato que ele teve um gosto amargo de adeus.

— Mesmo Romeu e Julieta ficam juntos no final — murmura Tiffany.

Eu mordo minha língua.

23

tempestades de raios



Dia 19

Tiffany e Kinsey já saíram quando eu finalmente acordo em uma tenda quente sob os sons lá fora, de sapatos derrapando e vozes baixas. Bocejando, eu me levanto e esfrego meus olhos, e então abro a porta e espio para fora.

O que vejo não faz sentido. Callum e Declan estão desfazendo as outras tendas, falando e rindo. Frank está agachado diante da fogueira, jogando areia sobre as brasas. Olho ao redor, procurando por Tiffany, Preston e Kinsey, e finalmente os encontro andando da direção das fontes termais. Minha vergonha só dura um segundo antes que as memórias da noite passada sequestrem minha mente e corpo.

Cobrindo meu rosto com as mãos, tento me livrar das visões. Minhas pernas sobre seus ombros, sua boca me sugando entre elas. Seu membro escorregadio e duro golpeando o fundo da minha garganta. Seus dedos agarrando minha bunda, aumentando nosso prazer enquanto ele me colocava contra as pedras e me cavalgava por trás.

Como, no final, ele me ajudou a me vestir com mãos gentis, sem dizer nada, e me deu um beijo lento e duradouro, e me mandou de volta para o acampamento.

— Você está se sentindo bem? — pergunta Callum. — Tiffany disse que devíamos deixar dormir porque ficou acordada a noite toda. Você não está doente, está?

Meus dedos se abrem, expondo um olho.

— Só tive problemas para dormir — murmuro. — Por que estamos arrumando as coisas? Achei que íamos ficar aqui por duas noites.

As sobrançelas de Callum se erguem.

— Você realmente devia estar fora de si para não ouvir o que aconteceu esta manhã.

Pânico me acomete, minhas mãos dormentes caem no meu colo.

— Do que você está falando?

Callum passa uma mão pelo cabelo.

— Um jipe passou e pegou o Dr. C. logo depois do amanhecer. Não faço ideia do que aconteceu. Frank não sabe também. Estamos todos preocupados que seja algo com a família dele ou algo do tipo. Declan disse que quando ele acordou, o Doutor estava no telefone de satélite. — Ele suspira pesadamente.
— Não acho que ele vai voltar, Mia.

Um zumbido insuportável grita nos meus ouvidos.

— O que você quer dizer com não vai voltar?

— Declan ouviu algo sobre ele dizer que Dr. Reynolds deveria começar imediatamente. — Ele olha para o horizonte. — Merda, espero que o filho dele esteja bem.

Eu também.

Mas há uma voz pérfida dentro de mim que não se cala e que está convencida de que não há nada de errado com o filho de Leo. Nada. Errado foi o que fizemos. O que ele me deixou ver. O que ele ofereceu e o que eu dei de volta.

A única coisa errada sou eu.



O Oásis finalmente surge adiante, todo envidraçado, brilhando como uma miragem sob o sol da tarde. Eu não me lembro da caminhada, excetuando por Tiffany me forçando a beber água algumas vezes de sua garrafa. Não sinto calor, não sinto a bolha em meu calcanhar direito. Não sinto remorso, confusão, medo ou loucura.

Se tem algo flutuando sob a névoa branca da minha mente, é resignação. Aceitação. Graças a Leo Chastain, eu perdi a habilidade de mentir para mim mesma. Eu o quebrei – assim como queria ter feito– e não me sinto bem sobre isso.

Eu estava errada em me preocupar em ele se culpar. Sei disso agora. Quando Leo se libertou de seu rompante insano sob a luz do luar, ele provavelmente sufocou em culpa e ódio contra si mesmo. Sem dúvidas ele está colocando cem por cento da responsabilidade sobre si mesmo. Ele é assim. Eu não esperaria menos de um homem que carrega a culpa do suicídio do irmão – algo que ele não tinha absolutamente nenhum controle sobre.

Em sua mente, ele quebrou sua regra mais sacra. Quebrou seu precioso controle e botou em risco não apenas sua carreira, mas meu tratamento.

A verdade tem gosto de cinzas em minha boca.

É *minha* culpa.

Eu fiz isso a ele.

— Ei, cadete espacial.

Eu olho para Declan, cuja presença silenciosa esteve ao meu lado por um tempo.

— Sim?

— O que quer que você esteja pensando, não pode ser tão ruim.

Um pico de raiva me inunda.

— Só porque nós transamos um milhão de anos atrás não quer dizer que você me conheça.

Choque faz o queixo dele cair.

— Opa, mas que diabos? Eu só estava sendo gentil.

— Merda, desculpa. — Fadiga e fome embranquecem minha visão por um momento. — Não me sinto muito bem.

— Quer que eu pegue sua mochila? — ele pergunta.

Nós estamos próximos o suficiente do Oásis, tanto que consigo ver a figura singular de pé próxima de dentro das portas frontais abertas. Ele se vira rápido e desaparece, mas eu sei que é ele.

Tiro a mochila das costas, e então entrego a ele.

— Sim, por favor. Você pode colocar minha mochila na minha cabine?

Parecendo confuso e preocupado, Declan assente e pega minha bagagem. Meu corpo fica imediatamente mais leve. Mais rápido.

Rapidez.

Eu começo uma corrida, ignorando os gritos atrás de mim. Mais perto, perto... Meus tênis atingem o asfalto, mas não diminuo. Nem nas escadas, pelas quais passo em um pulo. Nem quando a enorme sombra e o ar condicionado da instalação me chocam. O Aquário está vazio agora, mas sei onde ele está.

Não paro de correr até que estou na sua porta. Não bato antes de abri-la com força.

— Leo — seu nome engasga e morre na minha garganta.

Uma mulher está sentada detrás da mesa. Leo se vira devagar da parede de onde está removendo as credenciais plastificadas. Seu olhar encontra o meu vagamente, então se direciona para a mulher.

— Gretchen, esta é Amelia Sloan.

Nenhum deles comenta o fato de eu estar sem fôlego, coberta de suor e poeira da minha corrida.

— Você está bem, querida? — pergunta Gretchen.

Dr. Reynolds, minha nova terapeuta.

Preciso de três tentativas para achar minha voz.

— Sim, hum... eu ouvi dizer que você estava indo embora, Dr. Chastain, e quis dizer adeus. Espero que esteja tudo bem com sua família.

Ele assente. Distante. Profissional.

— Obrigado. Tudo está bem. Meu filho teve um ataque de asma sério e foi levado para o hospital, mas ele está bem agora. Já que a Dr. Reynolds estava para chegar hoje, de qualquer forma, eu vou embora alguns dias mais cedo.

Eu não deveria saber que ele está mentindo, mas sei. Este homem nunca mentiu para mim. Nunca. Até este momento. Eu o encaro, esperando que ele o retire suas palavras. Mas ele não o faz.

Minhas escolhas são claras: fazer drama ou agir como uma mulher madura que se importa com outras pessoas, especialmente ele, e não quer que ele sofra. O modo como a Dr. Reynolds me olha – com simpatia e compaixão – me faz querer vomitar. Ela claramente acha que estou implorando porque sou uma louca apaixonada por meu terapeuta.

Ela está certa, mas... fodam-se ela e sua simpatia.

Engulo, sentindo minha garganta seca.

— Ok. Bem, se cuide. Obrigada por tudo. — Eu travo na última palavra. Para meu horror, lágrimas enchem meus olhos. Acenando para o homem que nem olha para mim, eu disparo. — Tenha uma boa viagem!

Eu corro dali, meus tênis guincham sobre o piso. Passo pela porta dos fundos e pela piscina. Sem qualquer outro pensamento, eu pulo. Água gelada me envolve, flui ao meu redor, sobre mim, dentro de mim. Cega as pontas cerradas da minha dor.

Leo se arrepende do que aconteceu. Eu não. Ele está fugindo da vergonha

do ato. Ficarei contente de reviver em sonhos pelos anos futuros. Ele se rendeu aos desejos físicos.

Eu me rendi ao meu coração.

Perder Leo seria uma dor pior do que a revelação de perder o meu filho? Estranhamente, não é. Ao menos, não do mesmo modo. Afinal, você não pode perder algo que nunca teve.

24

passo para o abismo



Dia 22

Terça-feira. 10:25 da manhã. Oito dias mais deste lugar, e então estarei livre para viver a minha vida. Não sei como será, mas sei que qualquer direção que seguir, será diferente que a de vinte um dias atrás. Então é algo a se considerar, eu acho.

A porta para o escritório da Dr. Reynolds —o *escritório dele*—está aberta. Eu paro lá dentro, então pisco antes de analisar o interior. O layout é o mesmo. A mesma mesa, prateleira, gabinete e o mesmo conjunto de quadros nas paredes. Mas as cadeiras de couro desapareceram, sendo substituídas por poltronas de veludo de um atraente tipo. Entre elas há uma pequena mesa de café com uma plantinha succulenta e uma caixa de lenços de papel. Um aromatizador elétrico está localizado em uma mesinha lateral, jogando pequenos jatos de ar de lavanda no ar.

Todas as mudanças, incluindo a adição de flores frescas na mesa e plantas vivas em um canto, apagam a presença de Leo quase inteiramente. Não consigo me decidir se é um alívio ou um novo nível de tortura.

— Entre, Mia.

Dr. Reynolds está sentada em uma das cadeiras, sorrindo para mim, um bloco de notas em branco em seu colo. Uma parte de mim quer corrigi-la —*meu nome é Amelia*—, mas uma grande parte gosta que meu nome pertença a ele.

— Bom dia — murmuro, então vou até a outra cadeira oposta a ela e me sento.

— Ouvi dizer que você não estava se sentindo bem ontem. Como se sente hoje?

— Melhor, obrigada. Acho que era uma dessas viroses rápidas.

Pois é, se essas viroses rápidas fossem capazes de te fazer chorar até seus olhos incharem. Passei a maior parte do Domingo e da Segunda curvada dentro da minha banheira com um travesseiro e com um lençol, porque o banheiro é a única área na cabine que não tem nenhuma escuta. Tiffany e Kinsey me trouxeram smoothies, lanchinhos e chocolate contrabandeados em intervalos. Não tenho certeza se Kinsey sabe o que aconteceu ou não; se sabe, ela está se mantendo discreta.

— Fico feliz que tenha se recuperado. — A Dr. Reynolds tem uma voz calorosa e clara, do tipo que me faz lembrar de professoras do jardim de infância. Uma voz *confiante*. — Vamos falar sem rodeios, está certo? Gostaria de conversa da relação entre você e o Dr. Chastain.

O sangue esvai da minha cabeça, me deixando momentaneamente tonta.

— O quê?

Ela sorri suavemente.

— As anotações dele deixam claro que vocês dois formaram um laço profundo em um período curto de tempo. É memorável o progresso que fizeram juntos.

Não faço ideia do que ela está falando, mas assinto como se fizesse.

— Acho que sim.

— Para ser perfeitamente honesta, Mia, estou me perguntando o que ele fez para ganhar a sua confiança. Eu li o seu diagnóstico e... — Ela dá de ombros delicadamente.

Eu quase sorrio.

— Você está chocada.

Ela assente com um sorriso culpado, embora soe falso.

— Com o tipo de trauma que você experimentou quando criança e novamente dois anos atrás, e novamente com seu comportamento contínuo que inclui imprudência e tendências narcisistas, estou surpresa e perplexa pelo seu progresso. — Perdendo o sorriso, ela revela sua verdadeira face— uma mente afiada e esperta que quer me despedaçar e estudar cada caco. — Diga-me, o que você acha do diagnóstico do Dr. Chastain de que vocês exibiram empatia crescente um pelo outro e que, por isso, seu antagonismo decresceu desde que chegou?

— Esta é uma pegadinha, Dr. Reynolds?

O sorriso maternal retorna.

— Claro que não. Apenas gostaria de determinar a *sua* opinião do seu progresso.

Com um suspiro reflexivo, eu olho através dela e da janela mais próxima.

— Você está seguindo pela linha da sociopatia — conto para ela, cansada. — Acha que enganei Chastain o suficiente para que ele acreditasse que mudei. Que manufaturei as emoções e respostas esperadas de mim.

Ela não responde. Encaro-a para ver suas sobrancelhas erguidas em expectativa. Devo lhe dar um desconto, ela está interpretando a terapeuta linha dura muito perfeitamente. Tentando me irritar. Ver se eu me despedaço e revelo meu verdadeiro eu.

Posso ter mudado um pouco – mas não tanto. Ela não vai conseguir o que quer de mim.

— Tentei no começo — murmuro. — Ele enxergou através de mim. Você quer saber o porquê de eu confiar no Chastain? Ele não me deu uma escolha. Ele forçou e forçou de todas as formas possíveis. Era... fácil falar com ele. Antes que eu percebesse, esqueci como mentir e contei a verdade.

— E como isso te fez sentir.

Levanto uma sobrancelha.

— Foi alarmante *pra caralho*. Como se ele tivesse poder sobre mim. Eu não gostei disso.

— Não gostou, ou não gosta ainda?

Ah, *aí está*. Ela não é idiota e claramente percebeu a minha *vibe* desesperada e romântica quando invadi o escritório no sábado.

Sem medo, eu a olho nos olhos.

— Chastain me ensinou que relações, mesmo entre paciente e psicólogo, não precisam ser uma disputa de poder. Que quando duas pessoas deixam suas barreiras caírem, a mágica acontece. *Confiança* acontece. Se ele cruzou uma barreira profissional comigo neste escritório? Não, ele não fez. Se eu cruzei, tenho certeza de que ele deixou anotações detalhadas, inclusive suas opiniões de que eu tentei assumir o controle desta “relação” usando minha sexualidade para tirar sua autoridade.

A Dr. Reynolds não se importa em esconder sua surpresa ou dúvida restante. Não posso dizer que a culpo.

— Bem, Mia — ela diz, finalmente —, essa foi uma resposta profunda. Obrigada pela sua honestidade. Você deveria se sentir orgulhosa pelo trabalho duro que fez. Como descreveria seu atual estado mental?

As batidas do meu coração finalmente parecem se acalmar. Para minha surpresa, não considero mentir para ela. Sem analisar se ela é ou não um lobo em pele de cordeiro, preciso muito de conselhos.

— Estou assustada.

— Por que isso?

Olho para o teto para evitar encará-la.

— Não sei mais quem eu sou.

— Acho que é uma resposta perfeitamente natural pelo trauma que você passou e também pelo processo de terapia aqui no Oásis. Deixe-me perguntar algo diferente, Mia. Já considerou que não saber quem você é significa que você pode ser qualquer pessoa que você deseja ser?

Meu olhar recai em seu rosto.

— Isso é um pouco abstrato.

Ela sorri como se eu tivesse contado uma piada.

— Sim, pode ser, mas podemos afunilar um pouco. — Ela pausa para anotar algo no bloco de notas, então olha para cima. — Há duas tarefas primárias que quero realizar com você no seu tempo restante. Posso compartilhá-las?

Eu engulo uma resposta sarcástica.

— Por favor.

— Primeiro, eu quero usar um método popular no programa de Doze Passos, que consiste em compilar uma lista de pessoas que machucamos e fazer um plano de restituir ou pedir desculpas. Então quero cuidar deste problema que você trouxe, de identidade. Vamos falar sobre o que essa vida ideal parece: vocação, amor, amigos, família, etc. Vamos também discutir os primeiros passos para estes objetivos, e também determinar se você se beneficiará de terapia contínua.

Eu afundo na minha cadeira e forço um sorriso.

— Soa como um bom plano.

25

contagem para a liberdade



Dia 22

A despedida de Kinsey é um evento mais modesto que o de Nix, a ausência de Leo uma ocorrência mais palpável. Eu, certamente, não estou fazendo nada para ajudar no clima – passei a última meia hora sentada em uma cadeira no canto, observando, mas sem participar da celebração. Sou deixada em paz.

Todo mundo acha que estou triste por Kinsey ir embora. E, surpreendentemente, estou mesmo. Vou sentir falta dela... por exatamente seis dias. Ela mora em Los Angeles, também, e já pediu meu número de telefone e uma promessa para sairmos para tomar café. E, também surpreendentemente, já estou ansiosa por isso. Não me lembro de algum período da minha vida que tive alguma amiga próxima. Ou amigos, na verdade.

Deus, eu sou uma idiota.

Declan se senta na cadeira próxima à minha.

— Ei. Essas coisas são sempre tão deprimentes assim? Eu esperava mais brilho pelo tanto que pagamos. — Seu olhar vai até o teto. — Decoração de loja de 1.99? Sério?

Meu sorriso é fraco.

— Eles fazem de propósito. Tudo aqui é feito de propósito. É bom que se lembre disso.

O peso de seu olhar atinge a lateral do meu rosto.

— Callum me perguntou se eu dei o nome à minha banda por sua causa.

Você sabe que não, né?

Assenti, olhando-o.

— Você tem uma irmãzinha chamada Amy que costumava cair muito.

Ele pisca surpreso.

— Quando você ficou famoso, talvez eu tenha procurado no Google só para ter certeza.

Ele dá uma risadinha; ela se esvai em um suspiro.

— Merda, quando foi que tudo deu tão errado?

Considero a pergunta enquanto olho ao redor da sala. Tiffany e Preston estão rindo de qualquer piada rídica que Ruben acabou de contar. Frank e Dr. Reynolds estão conversando com uma sorridente Kinsey. Callum e Charlene estão distribuindo fatias de bolo para o resto do pessoal.

— Não acho que algo deu errado, de fato — digo lentamente. — Talvez alguns de nós só tendem a sentir as coisas mais profundamente. Tão profundamente que tentamos fazer parar de qualquer forma que conseguimos.

Ele grunhe.

— Então qual que é o ponto, huh? Por que estamos aqui?

Encontro seus olhos escuros e cansados.

— Porque dentro de nós há uma pessoa que quer viver e ser feliz.

— E você é, Mia? Feliz?

Eu rio.

— Não. Só que isso não tem nada a ver com o Oásis. Mas sabe de uma coisa? Hoje eu posso dizer honestamente que eu quero viver. E isso, meu amigo, é um maldito milagre.



A festa morre por volta das dez, e Kinsey e eu andamos de braços cruzados até sua cabine. Ela está no céu com a perspectiva de ver *Teacup* amanhã. E ligar para Nix.

— Então... você e Nix, huh? — brinco.

Seu braço tensiona no meu.

— Não sei. Talvez. Eu não tinha percebido o quanto gostava dele até que ele foi embora.

Pensando nos sentimentos de Nix por ela, digo.

— Você deveria ver aonde isso vai. Embora, estatisticamente falando,

relacionamentos iniciados na reabilitação...

— Cala a boca — ela me interrompe com um sorriso. — Mesmo que não aconteça nada com o Nix, você não vai se livrar fácil assim de mim. Somos *bffs* agora.

Suspiro dramaticamente. Ela meramente dá uma risadinha e tapinhas no meu braço. Quando alcançamos sua cabine, nos sentamos nos degraus e caímos em um silêncio confortável.

— Mia?

— Sim?

— Obrigada por não perguntar porque eu estou aqui.

Eu olho de relance para ela.

— De nada. Espero que isso não signifique que você está prestes a me contar.

Ela ri suavemente.

— Vadia. Você não quer saber?

Dou de ombros. Segredos não têm o mesmo gosto de antes. Não sinto a coceira desde... Chocada, tento reviver as últimas semanas. *Ah, aí está.* Desde que meus próprios segredos se ergueram até a superfície e encontraram ar.

— Eu quero contar para você — murmura Kinsey.

Eu me viro para ela, dando-lhe total atenção.

— Ok.

— Eu fui molestada quando criança. De uma forma muito ruim em um período de dois anos. Foi meu tio – o irmão da minha mãe. Ele costumava ficar conosco alguns meses por ano. Minha mãe não conseguia dizer não a ele. Ela dizia a meu pai que ele só precisava de alguma ajuda para se sustentar, que era família, e meu pai sempre caiu na lábia. De qualquer forma, ele sempre entrava no meu quarto à noite. Até o Dr. Chastain, eu nunca tinha contado a ninguém. Merda, eu enterrei essa história tão fundo que nem me lembrava da maioria das coisas. Nunca percebi que isso que me aconteceu quando criança estava conduzindo escolhas na minha vida. Tudo que sabia era que eu me sentia diferente. Errada. Por isso os terrores noturnos. — Ela pausa. — O Doutor me contou que você invadiu minha cabine uma noite. Que você interpretou a situação errado e o encarou para me proteger.

Eu estremeço de vergonha.

— Uh, sim. Sinto muito pelo o que aconteceu com você, Kinsey.

Ela agarra minha mão e aperta forte.

— Você é uma boa amiga, Mia. Eu te admiro muito. Todos nós admiramos.

Minha mandíbula cai.

— Mas por que raios admirariam?

Ela sorri, balançando a cabeça.

— Você não vê, mas nós vemos. Seu problema, se você tem um, é que você é *muito* viva. Quando todo o resto de nós tenta esconder nossas asas quebradas, você tenta voar com elas.

Estou tão chocada que apenas permaneço encarando-a. Meu coração reverbera no peito.

— Eu dormi com ele — solto. — Com Leo. Na noite que acampamos. Foi por isso que fugiu, não por causa do filho.

Kinsey pisca rapidamente, processando, então cai em risadas e me empurra com força, fazendo-me desequilibrar no degrau. Então ela cai de costas, rindo tanto que lágrimas escorrem de seus olhos.

— Oh, meu Deus, estou morrendo — ela arfa, em busca de ar. — Morrendo pelo quão maravilhoso isso é.

— Não é maravilhoso — sibilo. — Eu destruí o pobre homem e agora ele me odeia e provavelmente a si mesmo. Quem faz isso? Quem transa com o próprio terapeuta? E mantenha a voz baixa, tá? Isso é uma porra de um segredo.

Secando as lágrimas, Kinsey se senta e cruza os dedos sobre o coração.

— Não vou contar a ninguém, Mia. Prometo. — Ela se acalma. Um pouco. — Você vai procurá-lo quando sair? O consultório dele é em Los Angeles.

— Não. Merda, não. O que eu diria? *Ei, Doutor, desculpe por quase destruir sua credibilidade e carreira. O que acha de namorar ex-pacientes?* — Estremeço. — Prefiro ficar no Oásis o resto da vida.

Os braços de Kinsey envolvem meus ombros.

— Ei, você sabe que ele é igualmente responsável pelo o que aconteceu, né? É um homem adulto. Poderia ter te mandado pastar.

As palavras dela, embora bem-vindas, não ajudam a acalmar a tempestade dentro de mim. Cobrindo meu rosto com as mãos, murmuro:

— Nem sei se o que sinto é real ou algum efeito colateral da terapia. Eu nunca fui tão vulnerável a alguém que não fosse meu irmão. Provavelmente fodeu com a minha cabeça.

— Eu não sei as respostas, Mia — ela murmura contra meu cabelo. —

Apenas sei que não somos as mesmas pessoas de quando chegamos aqui. E que você vai me encontrar para tomarmos café semana que vem. Arrependimento vive no passado e no medo do futuro, mas não existe no presente. Vamos viver o momento, um dia de cada vez.

Minhas mãos falham, e eu a encaro.

— Nem sei por onde começar com essa mistura de besteiro pseudo-espiritual.

Ela sorri.

— Essa é a minha garota. Então, me conta, o Leo é grande ou o quê?

Eu grunho. Então lhe conto sobre a melhor transa da minha vida. Kinsey escuta com olhos abertos e, quando termino, ela diz sucintamente: — Você está fodida.

Me conta uma novidade.

26
adeus

Dia 28

Cedo na manhã de segunda, sou acordada de sonhos estranhos, onde eu surfava em uma onda de areia, por batidas na porta da minha cabine.

— Mia, abra! — grita uma voz familiar.

Preso no momento viscoso entre o acordar e o sono, decido que ainda estou dormindo. As cortinas ainda estão escuras por causa da noite lá fora. Não há chance alguma de Jameson estar do lado de fora agora.

A porta se mexe, e a voz baixa explode:

— Me dê as malditas chaves!

O som da porta se abrindo me acorda completamente. Eu me levanto de imediato, puxando as cobertas sobre meu peito nu, para ver duas silhuetas à minha frente. Uma delas acende as luzes da cabine.

Meus olhos se ofuscam.

— Javali? Mas o quê... — Minha voz falha quando vejo o homem ao seu lado. — Le...Dr. Chastain? O que está acontecendo?

Jameson atravessa a sala em segundos, bloqueando minha visão de Leo. Meu irmão tenta me alcançar, e então faz uma careta.

— Esqueci que você dorme nua. Vista-se. Temos que ir, Miau.

Pisco, confusa.

— Huh?

Uma gaveta se abre e Leo joga uma camisa na cama. Sentindo-me como se estivesse no Além da Imaginação, observo-o abrir o closet e tirar minha

mala, e então começar a jogar todas as minhas roupas dentro. Seus ombros estão tensos, seu olhar nunca se desvia para mim.

As últimas névoas se dissipam da minha mente.

— Mas o que diabos está acontecendo? — explodo para Jameson. Ele me oferece a camiseta, e então encontra meu olhar. O que vejo em seus olhos faz meu estômago se revirar.— Javali? — murmuro.

Ele acena, engolindo em seco e esfregando os olhos.

— Foi o papai. Ele teve um ataque cardíaco sério ontem à noite. Está estável agora mas tem cirurgia marcada para daqui a dois dias. Não conseguia falar com ninguém aqui, então liguei para o Dr. Chastain. Ele foi o gentil o bastante para me trazer até aqui.

Olho para Leo, não para obter confirmação, mas apenas porque não consigo evitar. Não acredito que ele esteja aqui. Pela primeira vez, ele está olhando de volta para mim. Não há uma máscara profissional – apenas o homem, cansado, bagunçado e sincero.

— Sinto muito, Amelia — ele diz suavemente.

Eu assinto, entorpecida, então limpo minha garganta.

— Será que vocês poderiam sair por um segundo para que eu me vista?

Eles saem.



Uma hora depois, sento no fundo do Lexus SUV de Jameson enquanto este corre pelos quilômetros até Los Angeles. O amanhecer nos persegue, um caleidoscópio de tons azuis e laranja atrás de nuvens brancas.

Tudo depois de me vestir foi um borrão – Callum e Tiffany lá fora vestindo seus pijamas, me dando abraços apertados e pedaços de papéis com seus telefones; o rosto inesperadamente triste de Charlene me esperando no Aquário; um abraço e um beijo na bochecha da enfermeira Nora. E então apertei meu cinto, Jameson detrás do volante. Leo hesitando na porta da frente, e então se sentando ao meu lado, no banco de trás.

Pelos últimos quilômetros, a cada dois minutos um pensamento aleatório sai de minha boca.

— Ele sempre amou bacon.

— Ele jogava tênis duas vezes por semana.

— O aniversário de sessenta anos foi ano passado.

— Não fui à festa porque ele convidou a namorada.

Finalmente, viro-me e encaro Leo.

— Isso é culpa minha?

Jameson interjeita.

— Quê? Mas claro que não!

Leo me observa, triste por alguns momentos, então me alcança e tira meu cinto.

— Venha aqui, Amelia. — Seu braço mais próximo de mim se eleva, me chamando.

Eu me movo em direção a ele como uma flor procura a luz do sol, arrastando-me pelo pelo assento de couro para me aninhar ao seu lado. Ele encontra o cinto do meio e me prende ao seu lado, então me abraça.

— Não, não é sua culpa. Absolutamente.

Minha bochecha está contra seu peito, meus braços encontram conforto entre nós. O queixo de Leo repousa na minha cabeça. Não sinto o cinto no meu quadril e estômago. Apenas sinto ele.

Eu acho que deveria chorar. *Não deveria estar chorando?*

Não percebo que perguntei em voz alta até que Leo diz.

— Pessoas processam o choque da dor emocional em maneiras diferentes. Alguns afunilam sentimentos dominantes para negação, raiva ou violência. Outros choram, procuram conforto em entes queridos ou se isolam.

— Onde eu pertenço nessa lista? — murmuro.

Ele pausa, o suspiro aquecendo meu couro cabeludo.

— Você é uma sobrevivente. Não vai fugir disso. Não acho que possa mais.

— Por causa do seu trabalho brilhante dentro da minha cabeça?

Estou apenas brincando. Honestamente não sei como teria suportado essas notícias um mês atrás. Teria ao menos aparecido no hospital? Talvez. Por alguns minutos. Para confortar Jameson, para brincar de filha que se importa –bem porcamente, acrescentaria.

E agora? Apenas sinto uma tristeza sem forma. Pelo passado, pelo presente fraturado, por palavras não ditas e por esforços não feitos. A despeito da minha relação com meu pai, ele ainda é o meu pai. O único pai que ainda tenho. E pensar que ele está sofrendo, sem saber que sua filha ainda se importa... dói. Quero mudar isso.

Leo finalmente responde à minha pergunta.

— Não por mim, Amelia — diz gentilmente. — É por sua causa.

Respiro pesadamente, minha respiração atingindo a coluna de sua garganta. Apesar de tudo, me sinto segura. E é por isso que lágrimas caem dos meus olhos.

Porque ele não é meu. Não pode ser.

— Não é justo — murmuro.

Seus braços se apertam contra mim. Acha que estou falando de meu pai. Ele não sabe.

Silêncio nos envolve. Luto profundo e necessário invade minhas veias. Um milhão de desejos passam por minha mente.

Leo.

Manhãs de domingo na cama. Ensinando-o a surfar. Café e croissants na Venice Beach, minha cafeteria favorita. Sorrisos secretos e olhares silenciosos cheios de significados. Passeios com nosso cachorro. Porque, claro, teríamos um cachorro. Brigas e perdões, buscas pelo presente perfeito para seu filho.

Amá-lo. Ser amada.

Os últimos pensamentos são a gota d'água. Um soluço se liberta; emoções reprimidas há tanto tempo se esvaem. O caçador se torna a presa quando o medo me suprime. Medo por meu pai, Jameson e a mim mesma. Por Kinsey, Callum, Nix, Tiffany, Preston e Declan. Por nossos futuros, por nossas vidas precárias e preciosas.

Sinto tudo. Tudo o que há para sentir. Sei que é medo por causa do gosto metálico na minha boca. Porque lembro do gosto que senti na noite chuvosa em que Jameson e eu abrimos a porta para os dois policiais.

Leo me aperta mais forte, mais intensamente, seus braços se tornam uma parede de esperanças vãs. Meu coração se quebra de novo. Mais. De uma forma diferente. Porque dei a Leo Chastain o que jamais dei a homem algum – uma versão completa e verdadeira de mim.

— Desculpe — ele murmura suave e intensamente. — Se eu tivesse te conhecido em outro tempo, em outro lugar...

O que ele está dizendo...?

Esperança nasce.

E então morre.

— Vou sentir sua falta — ele completa. — Por favor, seja feliz. Seu coração é grande e lindo demais para ser escondido.

As palavras são ditas com um tom final.

Um adeus.

parte 2 – a vda





— Então, ahn, você parecia bastante confortável com seu psiquiatra no carro. Vocês estavam só abraços e suspiros na maior parte da viagem até aqui.

Ignoro Jameson e me concentro no zumbido elétrico da máquina de bebidas. Minha cabeça parece que passou pelo liquidificador, latejando pelas lágrimas que verti por Leo. Por mais que tivessem sido bem-vindos, não houveram abraços ou suspiros. Pelo menos, não do tipo que Jameson estava falando. Leo agiu como Leo — profissional, gentil mas feroz e brutalmente honesto.

— *Nada mais de acidentes ou performances, Amelia. Quando sentir que o mundo é demais, lembre-se de que seus sentimentos não são fatos. A tempestade sempre passa. Sempre. Ache algo que te traga felicidade e que canalize sua paixão.*

Nenhuma promessa de me ver de novo, nada de pedir meu telefone ou de me passar o dele. Nenhuma resposta a não ser uma afeição de médico platônica. Quase o odeio por sua habilidade sobre-humana de ignorar o que aconteceu entre nós.

Quase.

O que é realmente estranho é que não sinto a necessidade de pular de um penhasco ou de um avião agora. Não estou com vontade de atingir o limite do meu cartão de crédito ou de surfar ondas gigantescas nem de sair da cidade para vadiar em Puerto Vallarta. Eu fiz isso uma vez, e não foi tão glamuroso quanto imaginei.

— Você vai falar comigo ou continuar olhando para as paredes?

— Olhando para as paredes.

— Nossa, ela fala! Aleluia!

Meus lábios tremem, cansados demais para sorrir. As luzes fluorescentes começam a me drenar, pulsando na minha visão periférica, porque foi um longo dia de espera no hospital. Já saímos e entramos no quarto do nosso pai várias vezes nas últimas horas. Ele está drogado e semi-consciente, mas de fato abriu os olhos o suficiente para nos dar um sorriso.

— Obrigado, Javali — murmuro, arrastando meus olhos da máquina de bebidas para seu rosto. — Por me mandar para aquele lugar. Desculpe por tudo que te fiz passar. Especialmente nos últimos dois anos.

Ele assente, analisando meus traços.

— De nada. Dr. Chastain não me disse muito, mas ele falou que você se lembrou de tudo.

Meus olhos ardem.

— Sim, eu lembro. Algo dentro de mim se desligou quando mamãe e Phillip morreram, mas o que quer que seja, está ligado de volta. Acho que Dr. Chastain talvez tenha salvado a minha vida.

Ele assente, olhos se estreitando com alívio.

— Eu acho que você está certa. Te disse que eles tinham as melhores drogas.

Eu tento uma risada.

— Se por drogas você quer dizer terapia, então, sim. As melhores drogas da Costa Oeste.



Um dia depois, após a cirurgia e quando meu pai está descansando confortavelmente no quarto de repouso, ligo para Kinsey e pergunto se ela quer uma colega de quarto temporária. Seu grito de aceitação quase estoura meu ouvido.

Me enfio em um táxi para uma casa em Hollywood Hills, onde uma Kinsey, nova morena e com look natural, me recebe com lágrimas e abraços. Conheço o famoso *Teacup*. O merdinha mijá no meu pé em cinco minutos. Mas tenho que admitir: ele é muito fofo.



Cinco dias depois, Jameson e eu levamos meu pai para casa do hospital. Uma enfermeira que atende a domicílio, de rosto gentil e animada, chega depois de nós. Seu trabalho infeliz pelas próximas seis semanas será organizar seus remédios e ajudá-lo a desenvolver uma dieta saudável. Ele não está feliz, mas está vivo.



Uma semana depois, consigo um trabalho de período integral em um restaurante em Venice. Então pego dinheiro emprestado de Jameson para fazer um depósito para um apartamento a uma distância curta do meu emprego.

Por mais que eu goste dela, uma semana morando com Kinsey acabou se tornando seis dias longos demais.



Um mês depois, pego minha prancha de surfe na casa de Jameson. Não sinto vontade de surfar ainda, mas a quero por perto. Também marco uma consulta com uma nova terapeuta recomendada por Kinsey. Felizmente, a Dra. Wilson não é nada como a Dra. Reynolds. Ela me lembra um pouco a minha mãe.

Enquanto a vejo toda semana, vou contando a verdade. Não porque não tenho nada a perder, mas porque pela primeira a vez em um bom tempo, eu tenho.



Dois meses depois, eu ainda tenho um emprego, um apartamento, uma terapeuta e surfo todas as manhãs antes do trabalho. Papai está melhor, graças a um esforço massivo de sua enfermeira, Jessica, que ainda o visita algumas vezes para checá-lo. Nós também começamos uma tradição de família: café-da-manhã todo domingo na casa de Malibu. Às vezes Jessica também vem.

E eu fiz algumas amigas. Algumas no trabalho e umas duas que conheci nas águas. Todas mulheres. Fazemos coisas como ir ao cinema, em shows e em museus de arte. Atividades que antes me faziam bocejar só de pensar. Eu

meio que gosto delas agora.

Meus melhores amigos, no entanto, são Kinsey e Nix. O estranho-porém-perfeito casal me arrasta para a cidade pelo menos uma vez por semana. Nós três mantemos contato com Callum, que está de volta a Nova Iorque, e Tiffany, que mora em Massachusetts – eu estava certa sobre o pai dela ser um senador. Também vi um flyer recente sobre uma nova turnê da Amy Falls e uma foto de um tabloide recente de um Declan sorridente e parecendo mais saudável.

Onde quer que Preston esteja, espero que esteja bem.



Minha terapeuta faz com que eu mantenha um diário escrito a mão. Minha tarefa diária é passar ao menos dez minutos rabiscando algo que venha à mente. Foi difícil no início – em alguns dias eu esquecia de fazer – mas agora eu espero ansiosamente o final do dia para escrever. Chamo isso de meu exorcismo diário.

Durante a terapia, frequentemente discutimos tópicos que aparecem na minha escrita. Medos e incertezas sobre o futuro. Arrependimentos ou assuntos não resolvidos do passado. Na sessão de ontem, cometi o erro de mencionar que estava escrevendo muito sobre Kevin. Pensando sobre o tipo de namorada que fui e sobre me sentir incomodada por como as coisas terminaram.

Graças à minha confissão, agora tenho um novo dever de casa. Dever este que faz meus ossos coçarem. Pela primeira vez desde que deixei o Oásis, quero pular de um avião.

Vou surfar ao invés disso, por horas e horas, até que mal consigo me manter de pé quando atinjo a areia. A coceira ainda está lá, mas não me controla mais.

28

algodão doce



Amanhã é Halloween, mas você não conseguiria perceber isso pelo clima. Os ventos de Santa Ana – também conhecidos como os ventos do Diabo – atingiram a cidade por dias, simultaneamente abaixando as temperaturas e o clima. Ao menos surfar tem sido épico.

Passo as primeiras horas da manhã na água, banhando-me no sal e no sol, então corro para casa para tomar banho e troco de roupa para o trabalho. Na pequena varanda do lado de fora da minha porta, eu coloco a minha prancha na sombra, então tiro minha roupa de mergulho e a jogo sobre o pequeno corrimão para secar. Até que puxo a minha chave de casa da correia ao redor do meu pescoço, ouço um miar distinto e arranhões vindo de dentro.

Sorrindo, abro a porta e olho para baixo para Ferdi, nosso gato comunitário. Ele esfrega seu corpo gigante contra a minha perna e então se curva entre meus calcanhares, quase me fazendo cair. Uma vez que passei por sua inspeção, ele se senta sobre suas patas traseiras, fixa seus olhos verdes brilhantes no meu rosto e começa a ronronar, como se fosse uma máquina enferrujada.

Ninguém sabe seu nome real, ou se ele já teve um, mas é enorme, preto e branco, e me lembra o livro preferido da infância de Jameson, *A História de Ferdinando*. Como o protagonista, Ferdi prefere deitar sob o sol, dormindo, do que caçar ratos. Provavelmente porque ele é bem alimentado e tão preguiçoso quanto qualquer gato doméstico.

Ainda assim, ele teve alguns problemas na vida. Uma de suas orelhas perdeu o topo, a borda se curou rasgada com cicatrizes. Uma cicatriz fina também intersecta seu nariz preto e o canto de sua boca, dando a este gatinho

um sorriso torto.

— Ei, Ferdi — eu o chamo, fechando a porta e me curvando para acariciá-lo entre as orelhas. — Achou outra entrada por aqui, huh?

Estou no segundo andar e este pequeno complexo tem um portão codificado para nossa segurança, então normalmente deixo uma ou duas janelas abertas para que a brisa do oceano entre. Apesar do peso, Ferdi é misteriosamente ágil. Uma noite depois de um mês que me mudei, ele andou pelo telhado, fez um buraco na tela de uma das janelas do meu quarto e pulou na minha cama.

O resto é história.

Ferdi me segue pelo apartamento, que fica em um ensolarado e animado porto pelo qual me apaixonei à primeira vista. Depois do Oásis e das semanas cansativas que passei entre o hospital, a casa de Kinsey e o quarto de hóspedes de Jameson, o apartamento pareceu um presente dos céus. Ainda parece.

Checando o tempo no microondas, dou a Ferdi a comida crua especializada que custa uma fortuna – não quero que ele sequer pense em escolher um companheiro novo. Então eu vou em direção ao banheiro para tirar o resto de sal e areia.

Vinte minutos depois, estou seguindo meu caminho pelo tráfego de pedestres em direção ao restaurante e pensando no meu dever de casa da Dra. Wilson. Mais do que isso, pergunto-me se é mesmo possível. Digo, não é *impossível*. Apenas não quero fazê-lo.

Tenho que me resolver com Kevin, o que inclui contar sobre o bebê que perdi. *Ugh*. Dra. Wilson disse também que nada sobre telefonar ou mandar cartas. Precisa ser cara a cara. Para me curar.

Ser mentalmente saudável é difícil para caralho.



Café Magnólia – localizado na bela passarela da praia de Venice – é enganosamente rústico na aparência. Nada de toalhas, guardanapos de pano ou copos de vidro. O menu é impresso uma folha de papel preta, protegida em plástico com itens como panquecas, cheeseburgers e saladas com preços acessíveis. Estamos abertos sete dias por semana das nove às dez, e apenas em dias de não funcionamento não há filas lá fora.

A despeito da falta de extravagância, a decoração branca minimalista e a falta de opções do menu, Magnólia é popular desde antes da abertura. O proprietário, um famoso dono de restaurantes famoso por colocar temas de flores neles, tem o toque de Midas quando se trata de local, ambiente, e preços.

O dono e sua família são visitantes frequentes e, de longe, as pessoas mais gentis que já conheci. Eles pagam muito bem, oferecem grandes benefícios e rumores dizem que ainda deixaram suas filhas criarem o menu.

Um maldito *sonho*.

É segunda à tarde, durante entre a corrida entre o almoço e o jantar, e estou gerenciando a estação de garçonetes enquanto nossa atendente de meio-período, Gloria, faz uma pequena pausa. Não me importo, porque observar as pessoas é incomparável. Em minutos, vejo um homem de collant, um grupo de fisiculturistas de sunguinha e umas cem mil diferentes expressões de estilo e quase nudez. Esqueitistas costuram a multidão. *Punks* com correntes e tatuagens fumam cigarros, apesar da lei de proibição. Garotas adolescentes pulam por aí com muita maquiagem e em roupas que fariam seus pais pirarem. *Hippies* flutuam por entre nuvens de maconha.

Um grupo de assombrados forasteiros passam pelo café, todos usando camisetas de manga comprida, calças, chapéus e óculos de sol. Aparentemente eles não receberam o recado de que o tempo na Califórnia do Sul é tão inconstante quanto uma adolescente.

— Oi.

Sorrio para a figurinha à minha porta.

— Ora, ora, olá.

Ele talvez tenha sete ou oito anos, lindo de uma maneira inocente – as garotas não o descobriram ainda – com um cabelão de cachos morenos, olhos expressivos e escuros em um rosto queimado de sol. Vestindo roupas de mergulho e uma camisa molhada sobre os ombros estreitos, desconfio que tenha passado a maior parte da manhã nadando no oceano.

Esperando uma mãe ou um pai a qualquer instante, olho pela porta aberta. Embora uma corrente de pessoas passem pela passarela, nenhuma parece estar vindo em nossa direção.

— Seus pais estão chegando? — pergunto gentilmente.

Ele assente, seu sorriso tão largo que duas covinhas aparecem em suas bochechas.

— Meu pai está. Seu cabelo é legal. É da mesma cor do algodão doce que

eu comi no píer na semana passada.

Eu rio, levantando minha trança do meu ombro e fingindo morder uma mecha de cabelo rosa – um último ato de rebelião.

Fazendo uma careta, eu coloco a língua para fora.

— Eca. Não tem gosto de algodão doce.

O Garoto Misterioso ri à minha custa, o som doce e borbulhante aos meus ouvidos.

— Você é boba! Claro que não é algodão doce. É *cabelo*! — Ele olha por sobre o ombro e acena. — Pai! Aqui!

Uma figura alta passa pelo canto, cabeça baixa olhando o celular. Uma mão mexe no aparelho sem esforço, enquanto a outra acaricia as mechas da cabeça do filho.

— Desculpe, amigo, estou quase terminando de responder este e-mail. Você já decidiu onde comer?

O menino lindo sorri feliz para mim.

— Sim, aqui. A moça é legal e tem cabelo rosa. Ei...Por que vocês parecem tão pálidos?

Não consigo respondê-lo.

29

implosão



Puta merda, puta merda.

Enquanto meu cérebro se derrete, meus olhos engolem avidamente cada centímetro do homem à minha frente. Um homem que nunca pensei ver de novo fora dos meus devaneios. Mas ele está aqui. *De verdade*. E mais lindo do que me lembro.

O cabelo negro de Leo está mais comprido do que meses atrás, bagunçado e quase seco do banho de mar recente. Ombros largos estão escondidos em uma camiseta preta, esculpindo braços musculosos. Shorts de banho abraçam seus quadris estreitos, deixando suas panturrilhas bronzeadas nuas.

Eu me movo em direção a ele, como se estivesse em queda livre e ele fosse o chão. Os próximos segundos se estendem pela eternidade. A saudade que pensei ter enterrado grita como uma ventania violenta em meus ouvidos.

— Tudo bem — Leo diz, guardando seu celular no bolso de seu short e olhando para cima.

— Oi — eu sussurro.

Ele pisca, olhos tão azuis que dói olhar para eles. Seus lábios se abrem em um suspiro ágil.

— Amelia — ele diz suavemente.

O menino –*Vincent* – agarra a mão do pai.

— Você conhece ela? — ele pergunta animadamente. — Que louco. Ela parece legal demais para você, Pai! Como você conheceu uma garota de cabelo rosa?

Pela primeira vez depois de pintá-los, experimento um momento de

arrependimento. Ele passa, mas não antes de uma ideia atravessar meus pensamentos. Mesmo depois do Oásis – talvez mais ainda depois dele– eu não pertencço ao mundo de Leo.

Ele ainda está me encarando, embora tenha recuperado sua pose. O doutor calmo e sério. O rubor em suas bochechas é apenas causado pelo sol. A rigidez em seus ombros é consequência do embaraço do momento. Nossa noite roubada paira entre nós, pálida sob a luz do dia.

— Como você está? — ele finalmente pergunta. — É bom te ver.

Eu pigarreio alto demais.

— Bem! Ótima, de verdade. Trabalho aqui, obviamente, e estou só... você sabe, vivendo a vida.

Engulo mais o vômito de palavras e mentalmente estapeio a mim mesma. *Grande show, Mia. Muito elegante.*

Leo, no entanto, só sorri calorosamente, as rugas discretas e encantadoras aparecendo nos cantos de seus olhos livres de óculos.

— Como seu pai está?

— Muito bem, obrigada. Saudável como um cavalo ultimamente. — Faço um esforço para falar com uma cadência normal, mas ultrapasso a linha e acabo soando chapada.

Minha vida é foda.

Leo passa uma mão pela mandíbula barbeada, olhos brilhantes quase risonhos. Seu olhar passa pelas minhas minhas bochechas rosadas e então se ergue.

— Gosto do cabelo, a propósito. Combina com você.

— Parem de paquerar! — Vince se manifesta. — Estou com fome!

Nós dois rimos com aquele modo animado de que as crianças têm de dizer algo embaraçoso. Pegando dois menus, eu os levo para uma mesa com vista para a passarela. Assim que estão sentados, murmuro algo sobre pegar água para eles. A voz de Vince me para antes que eu possa escapar.

— Você surfa? — pergunta, sorrindo para mim. — Você parece uma surfista.

Eu olho para Leo, que me observa com um sorriso suave que transforma minhas entranhas em geleia.

— Claro que sim — digo a Vince. — Quase todo dia. Você também parece um surfista.

— Eu pareço? Que legal! — ele grita, animado, e um braço mirrado atravessa a mesa. Um Leo sorridente e orgulhoso dá um soquinho na mão de

seu filho adorável.

Eu morro um pouco pela fofura.

Enquanto Vince se ajeita no seu assento, digo a Leo suavemente:

— Ele é incrível.

Olhos azuis brilham para mim.

— Ele é.

— Ei, Pai! Por que essa moça não nos ensina? — Sem esperar uma resposta, ele se vira em minha direção. — Ele fica dizendo que vai conseguir alguém para nos dar aula, mas sempre esquece. Ele é rico, também. Vai te pagar.

Quantos sentimentos você pode nutrir ao mesmo tempo? Uma maldita coleção inteira, de fato. Surpresa pela proposta. Animação pela ideia de passar tempo com eles. Tesão – Leo Chastain sem camisa e molhado *à luz do sol*? Sim, por favor. Vergonha, também, porque Vince claramente pensa que sou uma garçonne pobre e que provavelmente precisa do dinheiro. O que é uma verdade infeliz.

E culpa. Culpa, que dura pelo menor dos momentos, mas por ter esquecido que Leo foi meu psicólogo. Que ele me viu no meu pior e que conhece cada um dos cantos retorcidos e escuros do meu coração e alma.

Estou no inferno.

— Podemos falar sobre isso depois, Vince — oferece Leo, entregando um menu a seu filho. — Vamos comer algo. Eu disse à sua mãe que te levaria para casa às quatro.

Vince dá de ombros, com a atenção dirigida a seu estômago.

— Obrigado, Amelia — murmura Leo. — Será que podemos pedir um chá gelado e uma limonada, por favor?

— Sim, é claro. — Eu assinto tantas vezes que me sinto uma lunática, e finalmente escapo para a cozinha.



— Oh meu Deus, o que você disse? O que você fez? O que estava vestindo? Ele ainda é o terapeuta mais gostoso da face da terra?

Eu não deveria ter ligado para Kinsey. *No que eu estava pensando?* Consolo-me por saber que ela descobriria mais cedo ou mais tarde. A mulher tem um radar para drama. Melhor arrancar o band-aid agora do que quando a

ferida estiver infeccionando.

Riiip.

— Depois que fiquei encarando-o como uma *stalker* assustadora por um minuto, eu disse olá. Então servi o almoço, porque este é o meu trabalho. Estava usando um legging e a camiseta do café. E, sim, ele ainda é gostoso. Barba por fazer, cabelos desarrumados pelo vento, um metro e noventa de puro bronzeado, músculos e me-leve-para-casa-e-me-coma, gostosura.

Kinsey suspira sonhadora.

— Ele estava usando óculos?

— Não.

Outro suspiro.

— Ele sorriu pra você?

Jesus.

— Sim, e ele ainda tem todos os dentes, também. Faz menos de quatro meses, Kins. Não dez anos.

Ela ri.

— Oh, Mia, você é tão engraçada. Eu sinto sua falta! Venha hoje à noite. Nix e eu vamos pedir comida tailandesa daqui a pouco.

Eu reviro os olhos, mas estou sorrindo.

— Nós jantamos juntos anteontem. Além disso, peguei comida antes de sair do trabalho.

— Que seja. Você ainda vai vir depois de amanhã, não é? Você prometeu — ela diz com seu tom persuasivo e cantarolante.

Ah, sim, a tão antecipada festa de Halloween. Antecipada pela parte dela, é claro. Eu prefiro me esfaquear no olho do que festejar na casa de Kinsey com os maravilhosos merdinhas jovens e incansáveis de Hollywood, mas ela está certa. Eu prometi.

— Sim — resmungo.

— Você vai me contar qual é a sua fantasia? A curiosidade está me matando.

— Sem chance.

— Mas...

— Tenho de ir! Diga oi ao Nix e não se esqueça de usar camisinha. — Desligo antes que ela possa responder.

A cabeça de Ferdi se ergue do meu colo, os perturbadores e perceptivos olhos verdes encontrando os meus. Suspiro.

— Acho que devo pensar em uma fantasia, huh?

Uma piscada lenta, que traduzo em linguagem de gato para “*Dã*”.

30

andar na prancha



— É sério isso? — reclama Kinsey.

Olho para baixo, para mim mesma, e então faço uma careta para ela.

— O que quer dizer? Esta fantasia é clássica.

— Clássica quer dizer *entediante*. — Rindo, ela pega no zíper do meu traje de mergulho, que está no alto da minha garganta. — Surfista zumbi? Sério?

Eu dou de ombros.

— Talvez não seja original, mas olha a minha maquiagem. Passei duas malditas horas vendo tutoriais do YouTube.

Seu nariz se arrebita.

— Tá, a maquiagem está muito boa. Você parece aterrorizante.

Sei exatamente o motivo de ela estar sendo dura comigo, mas é mais divertido evitar o assunto. A própria fantasia dela é uma versão sexy da Alice de *Alice no País das Maravilhas*, o que significa que Nix provavelmente é o Chapeleiro Maluco. Com um breve olhar pela sala, confirmo que a proporção de pele exposta e roupas é drasticamente desproporcional. Eu, por outro lado, estou usando meu traje de mergulho total, que me cobre dos pulsos aos tornozelos.

O clima decaiu hoje e está um pouco frio à noite. Vou ficar bem quentinha e confortável, me divertindo do lado de fora, onde a maior parte da festa está, enquanto todos vão congelar.

Basicamente, sou um gênio.

Virando-me para Kinsey, abro a boca para elogiar sua fantasia – ou talvez para apontar os arrepios em seus braços –, mas antes que consiga dizer uma

palavra ela agarra meu zíper e o abaixa até meu umbigo.

— Ei!

Kinsey sorri largamente ao ver meu decote exposto, que exhibe meu biquíni por debaixo da roupa.

— Bem melhor.

Puxo o zíper de volta.

Ela puxa de volta para baixo.

Isso acontece mais três vezes antes que ouçamos a risada feroz de Nix.

— Deixe a garota em paz, Kins! — ele diz, envolvendo com um braço os ombros da namorada. Ele estreita os olhos para mim. — Zumbi surfista, huh? Legal.

Eu arqueio uma sobrancelha para uma Kinsey que faz caretas.

— Viu?

Kinsey não muda de ideia.

— Amizade requer fazer concessões, Mia.

Relutantemente, eu abaixo o zíper para além da altura do meu decote.

— Está bem, mas só porque você disse o quanto esta festa é importante para você.

As feições dela se suavizam.

— Obrigada. — Ela lança um olhar para o belo jardim. Tem uma banda ao vivo tocando, uma quantidade de decorações de Halloween de qualidade — incluindo atores cujo único propósito é assustar os convidados. Garçons vestidos de zumbis carregam bandejas com aperitivos temáticos, e os bartenders estão vestidos como vampiros.

— Parece que todo mundo está se divertindo? — ela pergunta, lançando olhares nervosos para mim e Nix.

— Claro, amorzinho! — Nix diz rapidamente.

— Eu acabei de chegar, mas parece que tem mais de cem pessoas no seu jardim. — Eu aponto para um grupo próximo. — Olha só, eles estão rindo. Risadas significam diversão. Ah, e dançando. Dançar também é diversão.

Kinsey acena, tensão saindo de seus ombros. Nix beija suas têmporas. Este é seu primeiro ano em que sua festa anual não é movida a pura depravação. Sem drogas. Sem bebidas pesadas, apenas cerveja e vinho. A lista de convidados também sofreu cortes dos anos anteriores, de uma lista de trezentos para meros cento e cinquenta.

— Obrigada, gente, me sinto melhor. — Kinsey se sacode levemente e sorri para Nix. — Hora de fazer a social!

Eu aponto para uma direção vaga.

— Eu vou... uh...

Eles riem de mim. Kinsey me sopra um beijo.

— Tente se divertir, Mia. E lembre-se, você não pode sair antes da meia noite.

Eu dou a ela uma continência irônica.

— Está certo, chefia.

Vou em direção ao bar mais próximo.



Às onze e meia, a festa está firme e forte. Durante maior parte, se manteve tranquila. Nada de vidros quebrados ou ligações para a polícia. Dito isso, o Incrível Hulk está segurando o cabelo da Mulher Maravilha enquanto ela vomita em um arbusto. Um lobisomem está acariciando os peitos de Betty Boop perto da cerca, e tem um casal na jacuzzi que pode ou não estar transando em público.

Estou acampada em um ponto ao redor da piscina há mais ou menos uma hora ou algo assim, dando conta da minha terceira cerveja, observando pessoas, e em geral aproveitando os efeitos repelentes da minha maquiagem horripilante e do meu corpo coberto. Contrariando os olhares de compaixão dos passantes, não estou entediada ou solitária. Fiquei mandando mensagens de texto para amigos, que estavam em vários bares e outras festas, incomodando Jameson, por ele ficar em casa para distribuir doces, e gozando do fato de que não tenho trabalho amanhã e posso acordar mais tarde.

— Este assento está vazio? — pergunta uma voz masculina e abafada.

Não olho para cima para ver a máscara ele está usando. Com os olhos fixos no meu telefone, aponto para o assento ao lado do meu.

— Não.

O homem senta com um suspiro, jogando pernas e pés calçados com botas sobre o assento. Ele cheira bem. Estranhamente familiar. Ignorando a necessidade de encará-lo, mando uma mensagem para Jameson.

MIA: A Jessica vai para casa no domingo?

JAMESON: Acho que sim.

MIA: Deveríamos começar a chamá-la de mãe?

JAMESON: Uau!

MIA: Cedo demais?

JAMESON: Você está bêbada? Me deixe em paz!

MIA: Que seja...

Eu posso, de fato, estar um pouco bêbada.

— Bela noite, não é?

— Sim — murmuro, distraída.

— Um pouco fria, no entanto.

Temos um senhor bate-papo aqui.

Eu abaixo o telefone e olho para a minha companhia, preparada para dissuadi-lo de qualquer ideia que ele possa ter de conseguir algum sexo casual. Está vestido de pirata, completando o look com um tapa-olho, uma bandana cobrindo a parte inferior de seu rosto e um chapéu chique, que, pelo ângulo, obscurece a maior parte do seu olho visível. Uma camisa branca ondulante está aberta no colarinho para expor um pescoço bronzeado e uma parte de pele lisa. Calças pretas apertadas floreiam malditas pernas longas e torneadas.

Afastando minha mente do esgoto mental, olho para cima de novo, tentando ver seu rosto sem sucesso. *Talvez ele tenha um problema de pele? E por que parece tão familiar?* Estou a duas cerveja de responder aquela pergunta ou considerar a ideia por mais de um segundo ou dois.

— Eu passei pela inspeção? — ele pergunta com uma risadinha.

Aquela risadinha.

Minha respiração para. Minha pele se arrepia. Movendo minha mão para frente, tiro a bandana do rosto. Ela se prende nas suas orelhas, e ele faz um pequeno barulho de dor.

— Desculpe, mas não me arrependo — digo.

Ele ri, tirando o resto da bandana e o chapéu. A próxima coisa a sair é o tapa-olho, sendo virado para cima para expor um claro olho azul. Os dois estão fixados em meu rosto, sua expressão ilegível.

— Feliz Halloween, Amelia.

Sem me recuperar do choque, continuo sem fôlego.

— O que você está fazendo aqui?

— Kinsey mandou um convite para o meu consultório no mês passado. Eu não pretendia vir – não é exatamente profissional – mas então percebi que você provavelmente estaria aqui e o profissionalismo voou pela janela.

Ele diz isso de maneira tão prática, como se as palavras não fossem capazes de explodir o meu cérebro.

— O quê?

Seu olhar se dirige ao meu peito. Eletricidade segue o caminho de sua carícia visual. O zíper ainda está acima dos meus seios, mas de repente me sinto mais nua do que os nadadores pelados na piscina.

Leo coloca uma mão sobre a boca, olhos seguindo os meus.

— Não sou bom nisso, então apenas vou dizer a verdade. Nunca estive tão atraído por ninguém na minha vida quanto por você. Pensei que estes meses mudariam as coisas, mas não mudaram. Não sei o que fazer com isso, ou o que estou pedindo, ou se você mesmo...

— Você está me cantando? — interfiro.

— Não sei. Talvez. — Ele engole em seco. — Não sei se posso te oferecer uma situação, hum... normal.

Mas o que QUÊ.

Os pés dele atingem o chão entre nossas cadeiras. Colocando os cotovelos nos joelhos, ele abaixa a cabeça, balançando-a como se não tivesse noção de onde colocá-la. Eu quero muito tocar as mechas escuras, puxar seu rosto e beijá-lo até que nos enlouqueçamos, mas minhas emoções estão agitadas como crianças depois de overdoses de açúcar. Nem todas elas são animadas, também. E uma delas parece muito com rejeição.

— Diga-me o que fazer, Amelia — ele diz suavemente. — Diga-me o que você quer.

Minha libido me recorda das fontes termais. Um jato quente me enche, pelos meus seios e entre minhas pernas. Eu revivi aquela noite tantas vezes que eu poderia estocar a lembrança.

Será que quero mais do que tivemos?

Claro que sim, grita a minha vagina. *Melhor transa da sua vida!*

Espere um maldito minuto, questiona o coração. *Ele está pedindo por sexo, não um encontro.*

Um encontro significaria.... bem, sair. Uma potencial relação como iguais. Sair juntos em público.

Ele é um respeitável psiquiatra.

Eu sou sua ex-paciente.

— Leo?

Ele olha para cima rapidamente, com anseio.

— Sim?

Eu abro minha boca, e então fecho e desvio o olhar. Do outro lado da piscina, eu observo Kinsey e Nix. Eles estão próximos, sorrindo, se beijando

e se abraçando. Incólumes da minha crise de consciência, isolados pelo seu amor. Por alguma razão, a visão deles me acalma. O cérebro toma vantagem, socando a vagina em um nocaute.

Quando eu me viro para Leo, ele fala antes que eu possa:

— Você não tem de responder. Eu entendo. E, merda, estou *orgulhoso* de você. Minha única desculpa é de que não estou pensando claramente desde que te vi ontem. Me desculpe.

Eu ensaio um sorriso vacilante.

— Não se desculpe. Por nada. Você me trouxe de volta à vida.

Ele me estuda por um momento, e então acena e se levanta.

— Se serve de consolo, você fez o mesmo por mim.

Vê-lo ir embora é definitivamente um dos cinco piores momentos da minha vida.



Fazer escolhas difíceis era um novo desafio do meu eu saudável e era bom apenas na teoria. Na realidade, era uma merda. Leo Chastain me pediu sexo sem compromisso, e eu o rejeitei. Por que raios fiz isso? Por causa de alguma princesa interior dizendo que eu merecia mais? O ritual entediante de jantar e cinema antes do sexo? O vai e vem de ligações ignoradas e os jogos estúpidos e costumeiros que homens e mulheres jogam?

Mais importante, e se não tiver nada a ver com o fato de eu merecer algo melhor? E se minha escolha não tiver a ver com algum tipo de auto-respeito ou algum novo e mal direcionado senso de dignidade enraizado, mas, sim, um instinto patriarcal que diz que não posso confiar nos meus impulsos? Que não me é permitido seguir os desejos do meu corpo e ter uma transa poderosa, sem compromisso, com meu ex-médico?

— É só o que seria? Sexo? — pergunta a Dra. Wilson, uma sobrelha arqueada.

Cansada da minha confissão, afundo no sofá acolchoado de seu escritório.

— Não sei responder isso. Não estou apaixonada por ele. Entendo que houve algo como uma Síndrome de Estocolmo acontecendo por um tempo, e que não o conheço além do que ele confidenciou nas nossas sessões.

— Mas...?

Olho pela janela para a palmeira mais próxima.

— É complicado. Tenho muito respeito por ele. Confio nele, sinto-me... segura, acho, porque ele já viu o pior de mim.

Dra. Wilson faz um som de consideração.

— Achar aprovação é um motivador poderoso na procura por relações.

Infelizmente, ele sugeriu que não quer uma relação, provavelmente por causa das ramificações profissionais. Isso é algo com o qual você conseguiria viver ou te faria imaginar que ele está com vergonha de você?

Não me incomodo em responder essa pergunta.

Ela não sabe o nome de Leo ou exatamente quando ele me tratou, mas ela é inteligente e afiada, e acertou a personalidade dele. Também não me julgou por isso, um dos motivos pelos quais eu fiquei com ela.

— Você já teve tesão por um paciente, doutora?

Como eu sabia que faria, ela desvia do assunto.

— Terapia pode criar uma forte pseudo-intimidade entre duas pessoas. Quando essas duas pessoas também têm uma forte química física, essa proximidade pode ser confundida com outra coisa.

— Amor? — pergunto retoricamente.

Ela assente.

— Obviamente não sei os processos mentais desse homem e apenas posso falar da minha própria experiência. Mas talvez o conflito dele não seja muito diferente do seu. Uma batalha do que ele deseja e do que seja esperado dele. Considere suas palavras finais no Halloween.

Você fez o mesmo por mim.

Balanço minha cabeça.

— Ele não estava querendo dizer que eu o trouxe de volta à vida. Certo? Talvez ele tenha ouvido errado o que eu disse.

As malditas sobrancelhas se erguem.

— Por que você diz isso?

— Porque eu tenho problemas de autoestima — murmuro roboticamente.

Dra. Wilson sorri suavemente.

— Acho que é hora de desenraizar de você a noção de que a vida é uma série de escolhas boas e ruins, Amelia. É muito mais do que isso.

— Eu sei — afirmo.

— Sabe? — Ela espera que eu olhe para ela antes de continuar. — Que tal, ao invés de focar tanto no que você *deveria* ou *não* fazer e no que *é* ou *não* saudável, você focasse no que te faz feliz?

Já tivemos essa conversa antes. Céus, Leo já disse a mesma coisa para mim em algum ponto.

— Você não entende — digo, cansada. — Eu não confio nas coisas que me deixam feliz. Exceto surfar. E sushi. Todas as outras coisas me empurraram para um mundo de dor.

— Você não confia em si mesma *ainda* — ela responde gentilmente. — Está tudo bem, Amelia. Não há linha de chegada aqui. Temos que terminar agora, mas quero que você pense em algo para mim quando escrever em seu diário à noite.

— No quê?

— Como se talvez todos os saltos de paraquedas, *base-jumping*, dirigir embriagada, etc... não fossem para se sentir próxima da sua mãe e irmão, mas uma busca por alguma coisa. Um efeito colateral, se me permite.

Olho vagamente para ela.

— Não estou entendendo o que você quer dizer, doutora.

— Como você se sente quando chega ao chão depois de pular de um avião?

— Invencível — murmuro.

Dra. Wilson sorri.

— Você nunca precisou de medo, Amelia. Você apenas precisava se sentir segura.



Quando chego em casa, Ferdi não está lá para me dar as boas vindas. Ele adora se esgueirar no começo da noite, então não fico tão surpresa com o quão pateticamente solitária me sinto sem ele.

Para afastar minha ressaca pós-terapia e minha iminente devoração de uma pizza congelada completa, acendo umas poucas velas e coloco um disco de Miles Davis antes de entrar no meu quarto. Troco meu vestido casual por jeans rasgados e um suéter azul-marinho, e então arrumo meu cabelo em um coque bagunçado. Por exatos 3.2 segundos, também considero lidar com a pilha de roupa no chão do meu closet.

É... nem pensar.

Enquanto o forno pré aquece, eu levo meu celular para o sofá e acesso o Facebook. Pessoas gratas. Pessoas tristes. Pessoas com raiva. Bebês babões. Cachorros fofos. Mais do mesmo, mais do mesmo.

Então vejo um *status* do meu irmão, que é o mesmo de ver luzes brilhantes no céu.

Jameson Sloan

Hoje às 17:04

Venha ver os Buracos de Gelo no jogo de hóquei hoje à noite na Arena de Gelo, 20:00! São as preliminares e precisamos de apoio!

O fato de ele não ter me mandado mensagem para me convidar significa duas coisas. Ou ele se lembra da minha predileção por homens adultos se batendo com pedaços de madeira e discos, ou Kevin vai jogar hoje à noite.

Meus ossos começam a coçar. Quando contei à Dra. Wilson sobre a sensação, ela me disse que eram meus instintos tentando falar comigo. Se é esse o caso, então agora eles estão gritando “Pare de procrastinar nesse pedido de desculpas, babaca! Fale com o Kevin depois do jogo, e aí você nunca mais terá de vê-lo de novo!”

Merda.

Eu me ergo do sofá, desligo o forno e impulsivamente ligo para o meu pai. Ele atende ao segundo toque.

— Mia! Jessica e eu estávamos falando de você. Você vai ao jogo de Jameson hoje à noite?

Ainda não estou acostumada com o quão feliz ele soa quando ligo para ele. Mas... merda, é bom.

— Uh, vocês vão? — checo.

— Sim. Vamos sair em alguns minutos. Podemos ir pegá-la?

No fundo, ouço Jessica dizer “Venha conosco!”

O que dizemos quando o universo conspira para algo acontecer? Ah, claro.

Azar.



Ah, hóquei de gelo, como eu amo te odiar. Mas que mulher pode realmente odiar tal demonstração grandiosa de masculinidade? A pura força física necessária para esquiarmos tão rápido, tão graciosamente, é assombrosa, assim como a acuidade mental para se manter atento a um disco voador tão pequeno.

Não vou a um jogo desde que eu e Kevin terminamos. Nem para torcer para meu irmão, que ofereceu umas dez vezes expulsar Kevin do time. Honestamente não ligo e disse isso a ele. Não é como se assistir aos jogos fosse meu passatempo favorito.

Embora Jameson nunca tenha mencionado nada sobre defender a minha honra, umas semanas depois do término eu o ouvi explicar para nosso pai a razão dos seus punhos feridos e machucados. Meu gêmeo deu umas porradas no traidor, e Kevin quase parou no hospital. Mas só porque homens são estranhos, aparentemente a reencenação do Clube da Luta resolveu o assunto – Kevin ainda joga na defesa dos Ice Holes.

Jessica e eu sentamos na fila de cima dos assentos fora do campo, mastigando pipoca afogada em manteiga e estremecendo todas as vezes que alguém atinge uma parede. Meu pai não aguenta ficar tão longe da ação e está pressionado contra a barreira de acrílico acompanhado de outros entusiastas, alternando entre torcer e xingar.

— Ele deveria ficar tão animado assim? — pergunto, enquanto o assisto bater no vidro. Ele não é único a ficar maluco desse jeito, mas perdi o que quer que causou a histeria.

Jessica sorri e dá tapinhas no seu relógio.

— Ele não tem permissão de gritar mais de uma vez a cada cinco minutos. Se fizer, temos de ir embora.

Meus olhos se arregalam.

— Você é brutal.

E então, meu pai se vira e olha para nós. Jessica mostra cinco dedos para ele. Ele sorri envergonhado, e então assente e se vira de volta para o vidro.

— Podemos ficar com você? — pergunto animadamente.

Jessica sorri, corando um pouco.

— Isso depende do seu pai, Mia. Oh, olhe o Jameson!

Meu irmão passa com maestria entre os oponentes, o disco voando bem à frente do seu bastão. Parecendo fazê-lo sem esforço, ele ginga algumas vezes, faz um giro maravilhoso e joga o disco no gol assim que a buzina anuncia o final do segundo tempo.

— Você quer algo? — pergunta Jessica. — Vou ao banheiro e pegar um refrigerante.

Balanço minha cabeça.

— Estou bem, obrigada.

Ela se move com agilidade pela arquibancada enquanto os times saem do gelo para respirar. O placar está 2-1 para os Ice Holes. Vejo os companheiros de meu irmão se reunirem no banco. Três assentos ao lado de Jameson, Kevin remove seu capacete e joga água dentro de sua boca.

Estranhamente, ver seu rosto não aumenta a minha ansiedade. Eu nem mesmo estou nervosa. Por muito tempo, minha memória seletiva pintou Kevin como um vilão que merecia um desmembramento lento, mas como Dra. Wilson está tentando me ensinar, coisas não simplesmente *boas* ou *más*. Sim, ele me traiu, mas eu tive parte da culpa no nosso término, também. Eu estava fingindo ser alguém que não era, e isso não era justo com nenhum de nós dois.

— Amelia!

Olho ao redor na multidão para a fonte da voz, mas não vejo ninguém olhando para mim.

— Aqui!

Um braço fino acena para mim da terceira fileira. Anexado ao braço está um rosto familiar – e chocante –, sorrindo de orelha a orelha. *Vincent*. Eu me choco por um momento, então sorrio e aceno de novo. Escaneando a área, não vejo Leo. Duas mulheres estão ao lado de Vincent, todos eles vestindo chapéus e jaquetas. Poderiam ser Marianne e Celia?

O que raios eles estão fazendo aqui?

Meu olhar corre em direção ao banco do time adversário. Como nuvens se abrindo, dois jogadores se movem, e a camisa número 17 entra em minha visão.

Chastain.

Pelo amor de Deus, é sério isso?

— Você está aqui para ver meu pai?

Durante o lapso de tempo em que meu cérebro quase derrete, Vincent escalou a arquibancada. Não há muita gente nas fileiras de cima, então ele se equilibra do lado dos meus pés fincados e sorri para mim.

Meu vocabulário finalmente retorna à mim.

— Ah, não! Meu irmão está no outro time.

Seu nariz se enrugou.

— Aw, mas que droga. Vamos acabar com eles no último tempo.

Não posso evitar de rir.

— Ah, é mesmo?

Vincent assente com confiança.

— Meu pai quase foi profissional. Ele é o melhor jogador da liga.

Minha mente traz recordações de uma das sessões no Oásis e Leo perguntando, “*Você em uma queda por jogadores de hóquei?*”

Uau, universo. Só uau.

— Você gosta do meu pai?

Focando na cara de Vincent e em sua animada curiosidade, eu assinto.

— Ele é bem legal.

— É. Para um velhaco. Quantos anos você tem? Você tem namorado?

Essa criança.

— Eu, uh, tenho vinte e oito. E, não.

Para a minha eterna gratidão, a buzina interrompe a próxima, e sem dúvida embaraçosa, pergunta de Vincent. Os times invadem o gelo, patinando pela superfície recém polida. Eu perco o número 17 de vista, mas não por muito tempo. A figura – familiar, mesmo de armadura – para no vidro oposto ao assento abandonado de Vincent. Através do visor transparente, vejo o olhar questionador de Leo para as mulheres.

Tudo que posso fazer é observar, uma espectadora para a hilaridade da vida, enquanto as mulheres se viram e apontam, enquanto o olhar de Leo se levanta, vasculhando, e cai em mim como um golpe em meu rosto.

Seus olhos se alargam. Sua boca se abre.

— Aí está ele! — grita Vincent, levantando-se e acenando.

Leo se recupera, sorrindo e acenando para seu filho. Meu estômago dá uma pequena revirada, então meus ovários se juntam em uma oscilação irrepreensível. O olhar final de Leo é para mim, e é tão cheio de calor que meus dedos do pé se curvam. Todas as minhas desculpas e defesas se esvaem como fumaça.

E bem assim, eu sei – vou subir nesse trem e cavalgá-lo até ele colidir.

O disco cai e é um pandemônio instantâneo no gelo. Cutucando Vincent no ombro, eu pergunto sobre o barulho.

— Você acha que pode me dar o telefone do seu pai?

— Claro? Por quê?

Penso rápido.

— Eu, hum, quero falar com ele sobre aquelas aulas de surfe.

O rosto de Vincent se anima.

— Legal!

A mentira não cai bem, mas a verdade não é uma opção. Apenas espero que quando ela me morda na bunda, não doa muito. E que não machuque mais ninguém.

Colocando minha culpa de lado, sorrio para Vincent enquanto salvo o número de Leo no meu telefone, e então prometo que vou me esforçar para convencer o seu pai sobre as aulas. Duvido que Leo vá fazer algo a respeito, mas ao menos é uma promessa que posso manter.



No meu sofá, com uma taça de vinho e um ronronante Ferdi, reflito sobre a noite surreal que tive. Desde o número de telefone que está cavando um buraco no meu celular, a ver meu pai e Jessica se beijarem pela primeira vez, para finalmente chegar na minha conversa franca e surpreendente com Kevin depois do jogo.

Quase não falei com ele. Vincent estava certo – o time de Leo detonou os Ice Holes. O próprio Leo fez quatro gols, basicamente fazendo de trouxa todos os adversários. Vincent me disse em segredo que o pai dele jogou horivelmente nos primeiros dois tempos, e que ele estava com medo de que perdessem. Embora não quisesse pensar nisso, não pude deixar de me perguntar se a mudança drástica aconteceu por ele saber que eu o estava observando.

Experiência me contava que Kevin levava a vitória – e a derrota – muito a sério, e eu quase evitei de me desculpar quando ele estava tão na merda. Mas o desejo de me ver livre disso logo me ganhou, e depois de dizer adeus a Vincent e contar a Jessica que Jameson me levaria para casa, acampeei perto do carro de Kevin e esperei.

Dra. Wilson e eu imaginamos alguns cenários do que aconteceria quando eu contasse a verdade a Kevin, dos melhores aos piores. Na realidade, foi algo no meio. Ele ficou surpreso ao me ver, feliz por saber que eu estou bem e se desculpou múltiplas vezes pela infidelidade.

Eu me desculpei por destruir sua coleção de discos, e finalmente contei a ele sobre o bebê. Ele não ficou com raiva por eu não ter contado antes, mas confuso porque eu não querer o seu suporte – financeiro ou o que quer que

fosse. Tentei explicar, mas eventualmente percebi a futilidade de articular algo que eu não percebia por mim mesma.

No final da conversa, estávamos conversando sobre a fogueira do jardim da frente como dois amigos revivendo dias de guerra. Ele desconsiderou a minha oferta de repor os discos ou pagar por eles, e então rimos de novo quando brinquei que nós estaríamos mortos até que eu conseguisse pagar de volta. Nós nos abraçamos e foi isso.

Até a hora em que fui procurar por Jameson – e o encontrei cantando uma loira perto da bilheteria – o estacionamento estava praticamente vazio e Leo e sua família estavam longe dali.

Agora, meu celular parece um pedaço de chumbo em minha mão. Nina Simone cantarola no meu tocador de disco, e Ferdi faz ioga de gato para alcançar sua barriga com sua língua.

— Foda-se tudo — murmuro e engulo o resto do meu vinho.

MIA: Oi, é a Amelia. Eu reconsiderarei a sua oferta

A resposta dele vem vinte minutos depois, tempo suficiente para que eu me enfie em um buraco de arrependimento, coma dois pedaços de queijo, beba outro copo de vinho e considere seriamente pintar meu cabelo de azul.

LEO: Não acho que haja, na mesa, uma oferta para aulas de surfe

MIA: A outra oferta, espertinho

LEO: Ah, bom. Onde você mora?

MIA: Venice...

LEO: Saindo da casa de Marianne. Posso chegar aí em 20 minutos. Qual é o seu endereço?

Meu coração atropela minha garganta. Ah, merda. Uma parte de mim esperava que ele nunca respondesse. Outra parte esperava um encontro daqui a vários dias. Depois de uma consulta com uma depiladora e vários exercícios de kegels. Não *agora*.

Ferdi me dá um sorriso felino e lambe suas patas.

Eu mando meu endereço para Leo, porque aparentemente ainda sou uma escrava do impulso. Ao menos a *este impulso*. A *ele*. E porque mesmo agora, minha pele parece encravada de fios elétricos e tudo o que quero é que Leo

aumente a voltagem mais e mais até que eu exploda. E, finalmente, porque ainda sou dez por cento louca.

Mesmo que Dra. Wilson diga que eu não devo pensar tanto em *errado e certo*, que deva perseguir o que me faz feliz, tenho a sensação de que isso não é o que ela quis dizer.

Tarde demais, canta a minha vagina alegremente.

O coração está estranhamente silencioso.



Mesmo que eu já esteja esperando, sobressalto-me quando ouço a batida. Mandeí mensagem com o código do portão alguns minutos antes, recebi a resposta de que ele estava perto e passei o intervalo de tempo olhando a porta e cheirando minhas axilas para garantir que meu desodorante ainda está funcionando.

Meus dedos espasmam na maçaneta, mas consigo virá-la e abrir a porta. *Leo*. A visão dele rouba meu ar, sua figura tomando a maior parte do meu portal, a brisa do oceano flutuando ao redor dele e trazendo seu cheiro até mim. Minha boca saliva.

Ele está vestindo uma calça e uma camiseta preta, o cabelo está molhado de um banho recente. Nossa troca de olhares dura até que ele pigarreja.

— Não sabia se você abriria a porta.

Minha primeira tentativa de falar é um som ininteligível. Tusso em embaraço e tento de novo.

— Hum, oi. Pode entrar.

Ando para trás para deixá-lo passar, então fecho a porta e a tranco. Encostando nela para dar às minhas pernas trêmulas uma folga, observe-o analisar meu pequeno santuário. Meus olhos capturam cada movimento, meu cérebro não está convencido de que ele está realmente aqui.

— Gosto deste lugar. É bem você. — Virando-se, ele sorri suavemente. — Colorido. Eclético. Amável.

— Obrigada — guincho. — Você quer algo para beber? Não tenho nada chique. Só água ou vinho. É como a Santa Ceia aqui. — Rio, então coloco a mão sobre boca.

Leo sorri, olhos dançando.

— Você está nervosa.

Eu estremeço.

— O que me entregou?

Ele dá um passo em minha direção.

— Para ser honesto, estou nervoso, também.

— Você não parece nervoso — replico, então perco o controle da minha boca. — Você parece perfeitamente calmo, como se não fosse nada demais. Você faz isso frequentemente ou algo do tipo?

Seu sorriso se alarga quando sua sobrancelha se ergue.

— Fazer o quê? Ficar por meses obcecado por uma mulher que não posso ter? Fazer decisões impulsivas como *stalkeá-la* em uma festa e praticamente implorar por sexo? Dirigir acima do limite de velocidade para chegar na casa dela como um viciado atrás de heroína?

— Uh...

Três passos diminuem o espaço entre nós. Ele coloca as mãos em meu rosto, o contato de seus dedos quentes ricocheteiam no meu braço, através de meu peito e se afundando como uma dose de licor no meu estômago.

Com o olhar fixo na minha boca, seu dedão alisa levemente meus lábios. Eu observo seus cílios tremularem e sinto o início de algo perigoso. Algo muito, muito perigoso.

— Amelia — ele murmura. Seus olhos se erguem para os meus, em um tom de indigo sob a luz da vela. — Eu quero tanto você... tanto.

O perigo nunca pareceu tão bom.

34

brilho incandescente



Leo ergue meu queixo gentilmente, com reverência, e roça seus lábios nos meus. Há um segundo –um único, perfeito segundo –em que suspiramos juntos em alívio, em derrota absoluta. Não há volta agora. O trem saiu da estação do amor.

Suas mãos fortes saem de meus braços e vão até a minha cintura, dedos alisando para clamar o espaço em meus seios sem sutiã. Meus mamilos estremecem em antecipação, mas ele apenas me provoca com carícias lentas, enquanto ele rouba beijos profundos e lentos da minha boca. Cada célula do meu corpo está acordada e gritando *mais por favor agora*, mas quando estremeço, com urgência, ele apenas murmura.

— Eu não esperei tanto tempo para me apressar.

Afastando-se dos meus lábios, ele beija minha bochecha, minha mandíbula, e então ele acha um ponto bem sensível em meu pescoço, bem abaixo da minha orelha. Ele murmura uma aprovação quando me curvo para frente, procurando fricção, mas não encontrando nenhuma.

— Leo — suspiro. — Por favor.

Ele pausa a adoração da minha garganta e fala contra a minha pele.

— Gosto de ouvir você implorar, Amelia. Mas também gosto de quando você toma o que quer.

Puxo seus quadris contra mim. Nós gememos juntos pelo contato de duro contra macio. Seus dentes mordiscam a minha garganta antes que a cabeça dele se erga, seus olhos achando os meus.

— Você sente o quanto eu te quero?

Estou, de fato, me esfregando nele como uma gata no cio. Assentindo

sem pensar, envolvo uma perna em seus quadris para melhor acesso. Seu sorriso se molda ao meu.

— Onde é o quarto?

— Em algum lugar ali. Quem liga? — murmuro.

Achando o cós das suas calças, eu as puxo para baixo. Elas não se movem muito, mas meu cérebro não entende que minha perna é um obstáculo. Continuo com meu puxar ridículo até que Leo ri e agarra minhas coxas, me erguendo em seus braços.

Eu lambo e mordo sua mandíbula, pescoço e orelha, enquanto ele anda pelo corredor até o banheiro, dá meia volta, e acha meu quarto iluminado por velas. Ele me carrega até a cama, colocando uma pressão deliciosa entre minhas pernas. Pelo meu gemido delirante, parte do seu controle se desfaz — o suficiente para dar atenção aos meus seios, acariciando e esfregando como se sua missão na vida fosse memorizar seu formato. Quando sua boca se fecha sobre um monte apertado, através da minha camisa, o animal dentro de mim saí à superfície.

Eu desajeitadamente ataco suas roupas, murmurando sem sentido coisas como *devagar é uma droga e me dê o que quero agora*, até que ele vibra com risadas e finalmente me ajuda com minha missão. Sua camisa se vai primeiro, indo embora com uma mão, então suas calças são chutadas desajeitadamente por suas pernas. Enquanto ele está ocupado, consigo tirar minha própria camisa, meu short e minha calcinha. Depois de um suspiro conjunto, outra derrota, nossos corpos finalmente se unem sem nada entre eles.

Sua mão procura o vão entre minhas pernas. Abro-me para ele, arqueando para capturar seus lábios. Ele geme contra a minha boca.

— Você está molhada para mim, Amelia.

— Sempre — murmuro, minhas mãos procurando e encontrando seu pau grosso. — Você está duro para mim, Leo.

Ele se move brevemente entre minhas palmas.

— Sempre — ele murmura de volta e mergulha um, e então dois, dedos dentro de mim. — Você ainda usa o DIU?

— Adoro quando você fala essas coisas eróticas para mim.

Eu sinto seu sorriso contra meu rosto. Seu polegar circula meu clitóris, me provocando mas *não é onde* quero a pressão. E ele sabe disso. É claro que sabe.

— Sim — concedo. — E não estive com ninguém desde você.

A cabeça dele recede, olhos surpresos em mim.

— Mesmo?

Eu faço uma careta.

— Sim, mesmo. Paus de desconhecidos não fazem meu tipo.

Seu nariz se enruga mesmo quando seus lábios se movem em um sorriso. Meu coração desperta, se apertando dolorosamente pela fofura de sua expressão. Para distrair a mim mesma, aperto de novo seu membro. Ele lateja em minhas mãos.

Uma pequena careta enruga sua expressão.

— Eu... Eu preciso estar dentro de você. Você precisa de mais preliminares?

Ele está brincando?

— Você está brincando?

A careta se desfaz, varrida por uma necessidade feroz. Em todos os meus anos de vida sexual, nunca vi um olhar como este nos olhos de nenhum amante. Como se eu fosse mais do que necessária – como se fosse digna de adoração.

Uma mão se ancora atrás do meu pescoço, outra desaparece entre nós, e Leo me beija. Ele me beija até que somos um gosto e uma respiração. Por toda esta fome, ele se enfia dentro de mim devagar, quebrando barreiras de sensações que nunca pensei existirem.

Embora ele já tenha estado dentro de mim antes, dessa vez é diferente. Diferente para *caralho*. Não há frenesi, nenhuma sensação de proibido. Suas mãos capturam meus pulsos sobre minha cabeça enquanto seus olhos permanecem em meu rosto, estudando cada nuance de mudança das minhas expressões. Cada sair lento e cada suave estocada me abre cada vez mais, mais fundo. Nunca fui possuída tão plenamente nem estive tão atenta à minha feminilidade.

— Você é linda, Amelia. Sexy para caralho. Você não faz ideia do que faz comigo.

Embora essas palavras deslizem perigosamente perto do meu coração, eu respondo envolvendo meus tornozelos atrás de suas costas.

— Mostre-me, Leo.

Ele solta meus pulsos, puxando-me contra ele com seus braços apertados ao meu redor. Com a cabeça encostada no meu ombro, seu ritmo muda. Forte, fundo. Quase perdendo os sentidos, não tento diminuir meus gritos. Sem dúvida ouvirei um sermão dos meus vizinhos amanhã, mas agora eu não dou a mínima.

— Oh, Deus, Leo, sim, aí, bem *aí!*

Um evento cataclísmico formiga meus dedos das mãos e do pé, atravessa meus braços e pernas, estremece meu peito e finalmente aquece o ponto onde nossos corpos se unem. Eu grito em êxtase. Dentes se apertam tão forte no meu pescoço que vejo estrelas, e o prazer me inunda. Explode.

Ele diz meu nome e acha seu próprio ponto de ruptura. Quando relaxa e me beija suavemente, eu começo a chorar.

A soluçar, de verdade.

Leo se vira de lado e me abraça contra seu peito. Ele murmura palavras que não consigo ouvir, mas sinto seu calor e o toque cálido de sua mão faz incansáveis jornadas para cima e para baixo nas minhas costas.

Finalmente encontro sanidade suficiente para dizer.

— Não sei o que há de errado comigo. Desculpe.

— Não se desculpe — ele diz suavemente. — Você se sente triste ou ansiosa agora?

Balanço a cabeça, soluçando.

— Sinto como se o seu pau monstruoso tivesse me aniquilado.

A mão em minhas costas para.

— O meu o quê? — Curvando-se para ver meu rosto, Leo me observa com os olhos e a boca nem abertos. — Você falou *pau monstruoso*?

Mordo o lábio e assinto.

— Disse, sim.

Ele ri – uma risada profunda que nunca ouvi antes – e beija as lágrimas das minhas bochechas.

— Diga para mim que está bem.

— Bem. Totalmente bem. Melhor do que bem. Não consigo enxergar direito, no entanto. Ei, o que aconteceu com os seus óculos?

Ainda rindo, ele diz.

— Fiz cirurgia a laser no mês passado.

— Ah, isso explica tudo. — Bocejando, eu me curvo sob seu calor. Em meus últimos momentos de consciência, digo: — Me acorde em vinte minutos. Quero mais.

Um beijo suave pressiona minha testa.

— Durma, Amelia.

Eu o faço.



Quando eu acordo, o sol brilha através das minhas fracas cortinas, irradiando fortemente na minha cama vazia. Eu contenho a sensação de pânico por tempo suficiente para sentar e ver meu celular ligado à tomada da cômoda. Definitivamente não é onde o deixei na noite passada.

Decerto, as primeiras notificações são três novas mensagens de Leo, todas enviadas entre cinco e meia e seis e meia desta manhã.

LEO: *Tinha toda a intenção de te acordar em vinte minutos, mas também dormi. Acordei às quatro com um gato gigante dormindo no meu peito. Talvez tenha perdido alguns anos da minha vida. Pode me avisar da próxima vez?*

LEO: *Só para você saber, não tentei escapar. Você deve ter o sono dos deuses porque derrubei pelo menos cinco peças de mobília na tentativa de achar minhas roupas, chaves, etc.*

LEO: *O que você vai fazer hoje à noite?*

Eu li as mensagens mais de uma vez, com um sorriso estúpido no rosto, e então mandei uma mensagem de volta. Sua resposta instantânea me diz que ele estava esperando por isso. Talvez preocupado de que eu não respondesse.

Homem bobo.

MIA: *Vou trabalhar até às nove. Depois...?*

LEO: *Bom dia! Esqueci de mencionar que achei um bilhete interessante dos seus vizinhos na sua porta da frente. Parece que você tem paredes finas. Quer vir para minha casa hoje à noite?*



O trabalho voa em uma daquelas correntes que acontecem quando sua mente está ocupada com arco-íris e unicórnios – e homens sexy com paus monstruosos. Não consigo parar de sorrir. Meus colegas me provocam, meus clientes deixam gorjetas maravilhosas e quando saio do trabalho eu corro para o meu apartamento.

Enquanto encaro minha mochila quase-cheia e feita, me perguntando se Leo espera que eu passe a noite lá, meu celular vibra com uma ligação.

— Oi, Kins — cantarolo.

— Oi — ela responde, sem vida.

— O que houve?

— Preciso confessar algo que está me fazendo muito mal.

Mordo meus lábios contendo um sorriso, sabendo exatamente do que ela vai se desculpar.

— Sim? — pergunto sem me comprometer.

— Sim, hum... lembra quando eu disse para você não sair da festa de Halloween antes da meia noite? Bem, era porque...

Não posso aguentar mais e rio.

— Você sabia que Leo poderia se atrasar. Está tudo bem.

— Oh, meuDeus! Estive surtando, preocupada de que algo ruim acontecesse e seria minha culpa. Eu o vi conversando com você, mas aí ele foi embora sozinho, e você foi pra casa sozinha, e...

— Vou para a casa dele hoje à noite.

— O quê? — ela grita. — Conte. Agora.

Conto para ela os detalhes de tudo o que aconteceu desde o Halloween, e

então espero seu rompante excitado. Não acontece; ao contrário, ela parece incomumente quieta.

— Kinsey?

— Estou aqui. — Ela pausa, e então suspira. — Você acha que está tudo bem com isso? Uma relação de sexo sem compromisso? Digo, é do *Leo Chastain* que estamos falando. Você está praticamente apaixonada por ele.

Eu rio nervosamente.

— É só sexo, Kins. Não estou apaixonada por ele. Mal o conheço.

Outra pausa.

— Não acredito em você. Vocês têm mais do que uma conexão física.

Também não acredito em mim mesma.

— Estou ciente dos riscos — conto para ela, sóbria. — Sei que ele pode partir meu coração. Mas eu não posso... Não quero parar. Eu o desejo. Quero estar por perto enquanto ele me quiser. Não posso explicar, de fato, mas não me sinto como costumava sentir — como se ele fosse um meio para um fim, alguém que eu poderia usar. Ele é... diferente. Eu sou diferente.

— Merda — ela grunhe. — Ok, Mia. Eu amo você e vou te apoiar não importa o quê. Apenas... seja cuidadosa. Não quero que se machuque.

— Eu sei. Te amo também. Vou te ligar amanhã.

— Ai de você senão ligar.

Terminando a ligação, fico parada, ansiosa, perto da minha mochila. Kinsey não disse nada que eu já não soubesse, mesmo que eu tivesse afundado a verdade dentro de uma caixinha trancada na minha cabeça. Por mais que eu diga a mim mesma que não tenho sentimentos por Leo, que minha ligação é meramente um subproduto da pseudo-intimidade das nossas várias sessões no Oásis, sei que não é tão simples assim.

Dessa vez, quando eu cair, não haverá paraquedas. Nada além do vento entre mim e o chão.

Que assim seja.



A casa de Leo não é o que eu esperava. Quando o Uber me deixa do lado de fora, checo de novo o meu telefone para ter certeza de que estou com o endereço certo.

Sempre imaginei que ele vivesse em um condomínio de luxo ou em uma

propriedade grandiosa toda em vidro, madeira e linhas simples. Ao contrário disso, ele mora no parque Eco, em uma rua calma com bicicletas de crianças estacionadas na varanda da frente, com jardins pequenos mas bem cuidados e trilhas sombreadas por árvores altas.

A estrutura da casa à minha frente me dá a impressão de que está de pé há um século ou mais, mas temo polimento imaculado de um remodelamento intensivo. Metade do jardim é de grama, a outra metade é cheia de canteiros. Há uma cerca, pelo amor de Deus. Não é branca, mas, ainda assim, *uma cerca*.

Caminho até a porta, combatendo um ataque de ansiedade de *o-que-raios-estou-fazendo-aqui*. Duas bicicletas descansam contra a treliça coberta de vinhas da varanda, uma de adulto e outra de criança. Há um bastão de beisebol esquecido sobre a grama, junto a uma bola de beisebol e uma arma de nerfes colorida pelo sol.

Sigo até a varanda e paro para respirar. Estou sem fôlego. *Por que diabos estou sem fôlego?*

Estou apenas 30 por cento recuperada quando a porta da frente se abre, derramando luz e uma música suave. Remexo-me, em pé, e coloco um sorriso no rosto, esperando não parecer uma pessoa louca.

— Oi — digo.

Leo sorri, cruzando os braços e se encostando contra o portal. Ele está com calças de trabalho e uma camisa branca, sem gravata, as mangas enroladas até os cotovelos. Uma toalha de cozinha está sobre seu ombro, e seu cabelo está arrumado, mostrando a familiar partição perfeita. Isso, de todas as coisas, é o que me acalma.

— Você veio caminhando? — ele provoca, notando minha face corada e minha respiração ofegante.

Tiro alguns fios de cabelo solitários do meu rosto.

— Posso mentir para você?

Seu sorriso cresce.

— Vá em frente.

— Sim, vim. Precisava do exercício.

Ele morde o lábio inferior, olhando por cima do meu ombro.

— É uma viagem cansativa da rua até a varanda, não é mesmo?

Eu assinto.

— Praticamente uma maratona.

Um sorriso nasce, os olhos se enrugando.

— Venha para cá, Amelia.

— Ok — murmuro, sem me mover.

Então ele vem até mim, e seu sorriso suaviza quando ele tira a minha mochila das costas e captura minha mão na dele.

— Ainda te deixo nervosa — ele diz levemente, enquanto me guia para dentro da casa. Mal noto os arredores a não ser pelas paredes pálidas e o piso de madeira. Sua mão é quente como um pequeno sol contra minhas palmas suadas.

— Não. Digo, sim. Eu não estava esperando... — Minhas palavras morrem, encarando a bela sala de estar com sofás confortáveis, uma mesinha de estar baixa abarrotada de brinquedos e outros objetos, lareira e uma TV plana.

— Você achou que eu vivia em uma caixa impessoal, não é?

Meu olhar vai viaja até seu rosto, analisando sua expressão irônica.

— Talvez.

Ele dá uma risadinha, deixando minha mochila perto da porta da frente.

— Está com fome? Eu cheguei em casa tarde e acabei de cozinhar o jantar. Há o bastante para dois.

Meu estômago está revirado, mas assinto.

— Posso comer, sim.

Seus dedos apertam os meus e então os soltam.

— Eu estava prestes a jogar uma massa na água. Você gosta de molho bolonhesa? Não consigo lembrar se você é vegetariana.

Pare de ser tão perfeito, babaca. Não consigo lidar com isso.

— Não sou. Está ótimo. Adoro massa e carne. Eu, carne e massa temos um histórico.

Put a merda, Mia. Meus olhos se reviram, esperando que um raio me atinja e acabe comigo naquele momento.

As mãos de Leo cobrem meu rosto e me lembram do presente. Os olhos azuis brilhantes estão a centímetros de mim. Não sei como pensei que eles eram frios. Não há nada de frieza neles.

— Ei — ele murmura.

Eu solto o ar que estava preso no meu pulmão.

— Oi. Desculpe o surto.

— Não precisa se desculpar. Não quero que você finja comigo. Quero que você diga o que está pensando e sentindo. Pura honestidade aqui, ok?

Não vai acontecer, companheiro.

Assinto.

— Certo.

Seus lábios tocam os meus levemente, sugerindo que se abram. Rendo-me e me aproximo mais a ele, tensão saindo do meu corpo quando sua língua encontra a minha. O beijo é inebriante, seu toque e calor permeando meus sentidos.

Eu o toco por cima da calça, deleitando-me com seus gemidos.

— Vou desligar o fogo — ele grunhe contra minha boca. — Podemos pedir comida depois.

Isso eu conheço.

Isso eu quero.

Com isso eu posso lidar.

36

aceleração



Deixamos para lá a ideia de pedir comida e acabamos fazendo a massa e reaquecendo o molho à uma da manhã. Então cambaleamos até o andar de cima e abraçamos o coma até o alarme de Leo apitar à maldita hora das seis da manhã.

Gentilmente tirando o braço de debaixo da minha cabeça, ele desaparece para dentro do banheiro. O chuveiro se liga um minuto depois. Eu me agarro ao fio de calor que o corpo dele deixou e alterno entre dormir e acordar até que a água se desliga. Então me ergo da cama na névoa do alvorecer para mexer na minha mochila, procurando por roupas limpas.

Estou na cama, sentindo-me um zumbi por dormir pouco, com os cabelos desgrehados, quando Leo reaparece. Ele sorri para mim enquanto abotoa sua camisa preta.

Faço uma careta.

— Como você parece tão animado e certinho? Não é natural. Me sinto atropelada.

— Prática — ele fala e beija o topo da minha cabeça antes de se mover para a cama mais próxima. Ele cheira incrivelmente bem. Eu? Nem tanto.

Caio de volta na cama e estico meus braços, reclamando por estar dolorida em lugares que não deveriam estar doloridos. Voltando da cama, Leo se senta do lado dos meus quadris para colocar meias. Memorizo seu lindo e relaxado perfil, o flexionar dos músculos das suas costas, os pulsos grossos e suas fortes e talentosas mãos. Até o farfalhar de sua camisa enquanto se move é música para mim.

Meu peito se sente incrivelmente cálido. Aquele tipo de ações domésticas

parecem tão reais.

Ele gira, pegando-me no flagra enquanto o observo.

— Estou feliz que tenha passado a noite comigo — ele diz, suave.

— Eu também. Sua cama é dez.

Ele sorri.

— Então foi por isso que ficou. Eu sabia.

Suprimo um sorriso.

— Você é um bom travesseiro, também.

Ele dá uma risada e alcança sua gravata. Percebendo o final do nosso tempo juntos, eu me levanto e tento domar o ninho de rato que está sobre minha cabeça, então calço meus sapatos e tento arrumar a minha mochila. Quanto termino, espero embaraçosamente perto da cama enquanto ele coloca a gravata de frente ao espelho.

— Então, hum... — Eu engulo o nó na minha garganta. — Isso é...

Olhos dançantes encontram os meus no espelho.

— Apenas diga — ele diz.

— *Vou te ver de novo?*

Leo abandona sua gravata por fazer e atravessa o quarto até mim. Ele está fazendo o máximo para não rir. Levantando uma mão, alcança uma mecha de cabelo rosa.

— Você é a mulher mais adorável e engraçada que já conheci.

— Pfft. Claro que sou.

Ele me beija intensamente, e então dá um passo para trás. Subitamente sério, ele pergunta.

— Você *quer* me ver de novo?

Irreverência me escapa.

— Sim.

Percebo alívio em seus olhos? Não sei, mas seu sorriso acorda partes de mim que *realmente* precisam de um dia de folga.

— Que tal sexta à noite? — ele pergunta, olhos de volta ao espelho e em sua gravata. — Podemos jantar juntos.

Quase me afogo em euforia.

— Em um restaurante?

Ele congela.

— Estava pensando em cozinhar para você aqui.

Ah.

Afundo em uma onda de desapontamento e abro um sorriso. Felizmente,

Leo não olha para mim até que este seja genuíno.

— Parece ótimo. Que horas?

Gravata pronta, ele tira o paletó do terno de um cabide e o veste.

— Terei que checar. Não consigo lembrar que horas é a minha última consulta. Você trabalha?

Assinto.

— Mas só até às três.

— Perfeito. Você está pronta? Posso te deixar no meu caminho até o consultório.

— Ah, está tudo bem, posso chamar...

— *Amelia*.

Eu bufo.

— Esse tom não funciona comigo mais.

Ele me encara. Paciente. Esperançoso. Bonito para caralho. Eu cedo com um gemido.

— Tá, tá. Mas não porque você usou o *tom*. Eu faço o que eu quero.

Ele ri.



Quarta e quinta se arrastam. Eu passo pelas monções. Surfo. Trabalho. Bebo com minha colega Trish na quarta à noite, janto com meu Pai e Jessica na quinta. Escrevo no meu diário à noite. Alimento Ferdi. Caminho pelas minhas longas e insones noites. Quase ligo para a Dra. Wilson para implorar por uma consulta de emergência, mas me apoio nos meus amigos ao invés disso.

Graças a Deus por eles, ou eu não faria a menor ideia de como surfar no que está acontecendo entre mim e Leo. Meus mais novos amigos estão plenamente surpresos pela minha falta de técnicas de namoro. Eu digo a eles que não estamos namorando, mas eles dizem que encontros para transar ainda contam como encontros, pelo menos no contexto de como evitar parecer pegajosa. Não devo mandar mensagens como *Sinto sua falta* ou o temido *Você sente minha falta, também?*, e eu não posso ligar para perguntar sobre o seu dia. De acordo com eles, sou como uma garota de treze anos com seu primeiro *crush*. Eles não fazem ideia do quão certos estão.

Kinsey e Nix, por outro lado, sabem da verdade. Eu nunca – na minha

vida inteira – fui eu mesma em uma relação, e a consequência é que estou totalmente fora de ritmo. Mesmo nos melhores momentos com Kevin, estive ciente de que estava encenando um papel. Agindo ou parecendo alguma outra pessoa. Quase como se tivesse em um palco, com olhares sobre mim, julgando cada passo.

Com Leo, é discutível. Ele é o olhar. Ele vê cada uma das minhas tentativas patéticas de agir como uma pessoa diferente, alguém que eu acho que ele deseja. Ele demanda a minha versão nua e crua, sem filtros.

Eu não sei se ele entende os custos disso. Estou caindo, e a única questão é quando eu encontrarei o chão.



Sexta é um dia livre, inesperadamente. Trish tem um show ao qual ela quer ir na semana que vem e pergunta se posso trocar os turnos. Passo a maior parte da manhã na cama. E não porque gosto de dormir, o que eu amo. Acordo paralisada com o medo de que Leo planeje cancelar nossa noite.

Só tive notícias dele uma vez nos últimos dois dias. Um texto curto avisando que estará em casa às cinco. Quando respondi que o veria às cinco e meia, sua resposta nem foi uma palavra inteira. Apenas uma letra.

S.

Eventualmente faço café e tomo um banho, esperando que a rotina alivie a névoa em minha cabeça. Não acontece. No meio da tarde, limpo meu apartamento por completo e lavo três cargas de roupa. Nada de Leo, mas não posso evitar o sentimento de desgraça iminente.

Ligo para Callum e dou sorte, pegando-o entre sessões de fotografias.

— Loirinha!

— Estou enlouquecendo.

Ele ri.

— De novo?

— Não é engraçado — eu me queixo. — Vou ver Leo hoje à noite.

Ele assobia.

— Terceira vez, huh? Ele já encontrou os colhões?

Callum, assim como Kinsey, acha Leo um cu por se recusar a me namorar oficialmente. Ou ser visto comigo em público. Ou mandar mensagens ou ligar entre escapadas de sexo.

— Eu concordei com isso. — Lembro tanto Callum quanto a mim mesma. — Ele tem sido completamente honesto.

— Ele sabe que você tem sentimentos por ele, Mia! É um merda. Estou desapontado com ele.

— Ele sabe? — ecoo, mentalmente vasculhando as memórias das últimas duas semanas. — Não sei. Obviamente as minhas partes femininas gostam das partes masculinas dele. Nós nos damos bem quando não estamos transando, também. Mas eu fiz algo ou disse algo para demonstrar que tenho sentimentos por ele? Talvez esteja esperando que eu dê esse passo? Ou está preocupado sobre, uh, meu estado mental?

— Lembre-me de nunca namorar meu psiquiatra — grunhe Callum.

— Não estamos namorando! E ele não é meu psiquiatra! Droga, Callum. Você não pode dizer algo para me fazer sentir melhor? É tudo o que quero de você!

A risada dele finalmente morre.

— Há duas opções. Opção um: você conta a ele que quer uma relação e vê o que acontece. Opção dois: você não balança o barco. É tão simples – e difícil – quanto parece. Mas a maior questão é o que *você* quer ser. Você quer ser a versão antiga de você? Alguém que afoga seus próprios sentimentos e age de maneiras destrutivas? Ou você quer viver uma vida honesta?

Eu não deveria ter ligado para Callum.

37

desconcertada



Eu medito sobre a ligação enquanto me arrumo para ir para a casa de Leo. Estou no piloto automático. Não até que olho no espelho e percebo o que estou vestido. Um modesto vestido branco e meu único par de saltos. Até mesmo coloquei brinco de diamantes. *Mas que merda?*

Depois de uma crise existencial de cinco segundos, arranco o vestido e coloco um short jeans, uma camiseta confortável e um cardigã leve. Tênis converse detonado? Com certeza. Ao contrário de fazer algo com meu cabelo, coloco um gorro na minha cabeça. Ao invés de maquiagem, coloco um gloss e pronto. Sinto-me desafiadora. Quase raivosa.

Porque Callum estava certo. Ao contrário de meu foco no inverso, estava cegamente presa em hábitos antigos. Obcecada em meios de conseguir o que quero de alguém. Uma camaleoa no coração que nunca se sentiu seguro o suficiente para apenas *ser*.

— Foda-se isso — digo ao meu reflexo.

Enquanto peço um Uber e saio da casa, ignorando o dilema final. Se digo a ele que quero mais e tiro o trem dos trilhos esta noite ou mantenho minha boca fechada.

Uma hora e quinze minutos depois –porque é sexta à noite em Los Angeles – bato na porta de Leo. Minha mão mal sai da madeira quando esta se abre.

— Isso foi rá...

Sua mão engole a próxima consoante. Braços agarram minhas coxas, ele me ergue do chão, entra ré na casa, e chuta a porta para fechá-la. Suspensa

em seus braços, me perco nos sons rudes e carentes e no calor de sua boca contra a minha.

Quando paramos para pegar ar, Leo esfrega seu nariz contra o meu.

— É tão bom ver você. Sentir você. Sentir seu gosto. — Ele pontua suas palavras com beijos suaves em minhas bochechas e lábios.

O sorriso em meu rosto pode parecer bobo, mas não ligo. Ao encarar a verdade nua em seus olhos, não ligo mais se sou uma tola apaixonada. Não ligo se ele não quer namorar comigo agora, ou mesmo semanas daqui por diante. Vou esperar ele resolver o que quer que o faça hesitar. Vou arriscar a possibilidade de que ele nunca resolva. Porque o que vejo em seu rosto é um espelho do que sinto em meu coração.

Por enquanto, é o suficiente.

Peças de nossas roupas deixam uma trilha desde a entrada, pelas escadas e pelo corredor até o seu quarto. Quando espero que ele nos leve à cama, ele, ao contrário, vai em direção ao banheiro.

— Eu tenho uma queda por você molhada — ele murmura contra a minha boca, e então se serve do meu sorriso como resposta.

Nós nos beijamos enquanto ele mexe com o registro, acariciando e me explorando, enquanto a água esquentava. Ele é suave, linhas flexíveis e ângulos duros. Restos de loções pós-barba e um delicioso almíscar masculino. Com suas mãos e boca em mim, sinto-me suave e maleável. Totalmente querida e completamente possuída.

Chegamos ao chuveiro, movendo-nos sob a fonte grossa e decadente de água. Um dedo se move para dentro de mim, e então outro, enquanto nossas línguas fazem sua dança lenta e sensual. Eu remexo os quadris contra sua mão, então cantarolo em protesto quando seu corpo sai de perto do meu. Abrindo meus olhos, o encontro de joelhos diante de mim, meu corpo prevenindo a corrente de sentimentos em seu rosto. O desejo irradiando em seus olhos azuis faz meus joelhos tremerem e uma onda de sangue corre ao centro do meu corpo.

Leo se ajoelha à minha frente, mãos afastando minhas coxas para o deleite da sua visão.

— Você foi feita para mim, Amelia — ele grunhe, e então me beija onde eu preciso mais dele.

Agarrando seu ombro com uma mão e a parede com a outra, gemendo com a sensação, e então de novo com o primeiro estalido de sua língua. Ele começa a lamber com vontade, entre meus lábios e passando para circular

meu clitóris.

Meus gemidos ásperos o deixam ávido. Com a boca ainda pressionada contra mim, ele posiciona uma de minhas pernas sobre o seu ombro e me abraça com suas mãos fortes, agarrando a minha bunda. Então ele se afasta apenas o suficiente para me lançar um olhar intenso.

— Cavalgue meu rosto, Amelia. Não pare até gozar.

Eu assinto sem forças.

— Não vou protestar.

Um sorriso perverso vem em minha direção antes de ele...

fazer

a

festa.

Eu gozo com um grito agudo, seu nome saindo dos meus lábios. Há menos de um segundo no qual eu me reconecto com a gravidade antes que seja erguida contra a parede do chuveiro e impalada com cada centímetro dele. A invasão é violenta, o ardor apenas me proporciona mais prazer.

Minhas pernas instintivamente se prendem ao redor de sua cintura, meus braços se prendem ao seu pescoço. Encontro sua boca e me alimento com o gosto dele, o meu gosto, até que nós dois ofegamos por ar.

— Alguma vez foi assim? — ele murmura em meu ouvido.

Mal consigo falar a esta altura, então apenas balanço minha cabeça. Com um pequeno grunhir de aprovação, ele vai ao limite. O ir e vir de nossos corpos aumenta. Meu senso de tempo e lugar estremece e explode quando ele se enfia de novo e de novo naquele lugar de prazer denso e brutal.

— Porra, Leo, eu vou... — o resto se perde em um grito de prazer.

Ele se endurece, apertado dentro de mim, e goza com um rugido. O choque colateral faz meu útero pulsar como pequenos fogos de artifícios. Eu estremeço em seus braços e reaprendo a respirar.

— Puta merda — ele arfa. — Não consigo sentir minhas pernas.

Eu engulo uma risada.

— Não me deixe cair!

Seus olhos, cheios de admiração e ternura, encontram os meus.

— Nunca.



Caixas de comida chinesa enchem a mesinha de centro. Tem um filme passando, mas nenhum de nós está assistindo. Minha cabeça está no colo de Leo, e eu folheio uma revista de arquitetura enquanto ele passa pelos seus e-mails no telefone.

Passando por uma propaganda de um resort tropical com a frase *Ache o Seu Novo Oásis*, uma pergunta surge na minha cabeça.

— Ei, você sabe se o Preston está bem?

Leo congela por um momento, então olha para baixo para mim. Sentindo seu desconforto, eu me empertigo rapidamente.

— Está tudo bem. Desculpe ter perguntado. Eu só, uh, nunca trocamos contato e estava pensando sobre ele.

Sua expressão se suaviza.

— Ele está bem. Muito bem, na verdade.

Suspiro.

— Bom. Ótimo, obrigada.

Pelo resto da noite, ignoramos o quão perto chegamos de notar o problema óbvio ao nosso redor.

38

o problema



Era sábado à tarde, e Leo e eu estávamos entrelaçados na cama, que rapidamente se tornava um dos meus lugares favoritos do mundo. Os lençóis e travesseiros no chão, vítimas de nosso recente rompante de luxúria. A cabeça dele repousava no meu peito, olhando para baixo, e nos últimos minutos seus dedos estavam brincando com meu abdômen. Eu sei qual era o seu foco – as três pequenas pintas abaixo do meu umbigo.

— É o cinturão de Orion — murmuro, alisando o cabelo dele nas têmporas. — Jameson tem o resto da constelação – menos o cinturão – no seu ombro direito.

Leo gira e se vira para me olhar.

— Sério?

— Sim. Minha mãe foi a primeira a notar. Ela era obcecada com a ideia de que carregávamos pedaços um do outro. Quando brigávamos, ela nos dizia que não importava o que sentíamos, nós sempre completávamos um ao outro, como se fosse um código escrito nos nossos corpos. Lembro-me de um dia que ela chegou toda animada da loja de arte. Ela sempre tinha essas ideias estranhas e artísticas, embora a maioria acabasse no lixo. Mas essa ficou bem legal. Ela usou papel manteiga para traçar nossas pintas e usou nossa constelação combinada para comparar com a de verdade.

— E?

Sorrio com a memória.

— Eram bem parecidas. Meio assustador, de verdade. Para nosso sétimo aniversário, ela presenteou cada um de nós com uma cópia emoldurada da constelação como aparece em nossos corpos. Fez para parecer como um

mapa estelar.

Lábios suaves pressionam meu esterno.

— Você ainda o tem?

Assinto.

— Está no meu quarto.

— Quero vê-lo na próxima vez em que for lá.

Meus dedos param em seu cabelo, meu olhar fixo no teto abobado de seu quarto.

— Ok — forço-me a dizer.

— Ei — ele diz suavemente. — Volte aqui.

Encontro seus olhos com esforço.

— Estou aqui.

Ele se senta e eu o sigo, sentando-me contra os travesseiros e puxando os lençóis sobre meus seios.

— O que há de errado? — Leo pergunta gentilmente.

Balanço a cabeça.

— Nada. Estou bem. O passado, você sabe. É uma viagem.

— Amelia.

Eu sorrio.

— Sim, doutor?

Assim que o apelido sai de minha boca, meu estômago se revira. *Idiotice, Mia*. Imediatamente, o corpo de Leo se enrijece.

— Fiquei pensando por quanto tempo iríamos evitar o assunto. Por acaso te incomoda muito o fato de que eu ter sido seu terapeuta?

Eu escondo o pânico com uma risada.

— Essa pergunta não deveria ser minha?

Leo suspira, virando-se e passando as pernas para fora da cama. É tarde — alguma hora depois da meia noite. Estamos os dois cansados, mas, por alguma razão, não tentamos dormir. Sexo antes do jantar, sexo depois do jantar, sexo para sobremesa. Somos insaciáveis, cada vez mais do que a anterior. Mais intimamente. Mais profundamente. Algumas vezes, hoje à noite, esqueci que não estávamos juntos, que nunca *estivemos juntos*. Que não somos uma mina prestes a explodir a cada passo.

Minha escorregada é o passo.

— Sim — ele finalmente diz. — Me incomoda.

A dor desperta uma nota dissonante em meu coração.

— Ok. Digo, eu entendo. Obviamente. E eu não quero que você

arrisque...

— Não é sobre a minha carreira, ao menos, não desse modo. Claro, se alguém cavar fundo o suficiente, eles descobririam que estivemos no Oásis ao mesmo tempo, mas aquele lugar está cheio de acordos de sigilo. Nada viria dali. E eu só te tratei perifericamente depois do seu acidente em 2016.

— Então eu não entendo — digo, desamparada. Para meu horror, lágrimas enchem meus olhos. — Então eu não sou o suficiente para você?

Ele gira em minha direção, feições repletas de terror.

— O quê? Não! Cristo, por que você diria algo assim?

Eu rio, estridente.

— Porque você não quer me namorar, talvez? É o cabelo rosa? A diferença de oito anos? O fato de que sou uma garçonete com um diploma inútil em história da arte? Que eu não sou digna de um relacionamento a longo prazo? Que estive no Oásis em primeiro lug...

Leo agarra meus ombros.

— Querida, pare. Por favor, pare.

Eu respiro fundo, sentindo meu peito apertar e meu coração martelar minhas costelas. O rosto de Leo surge em foco quando seco minhas lágrimas. Minha face queima em embaraço.

— Desculpe — eu me engasgo.

— Nunca se desculpe por me contar como se sente — ele diz, afiado. — Eu que deveria me desculpar por não perceber que você talvez se sentisse rejeitada. Nada do que você disse é verdade, Amelia. Eu não me importo com qual seja o seu trabalho, sua educação ou qualquer coisa do tipo.

— Então por quê? — murmuro.

E seus olhos tremulam, e ele desvia o olhar, mas não antes que eu veja. Culpa.

E então eu sei.

— É por causa do que aconteceu entre nós no Oásis, não é? É isso que o incomoda, com o que você não consegue lidar. Que você era tecnicamente meu médico quando fizemos sexo.

As mãos dele caem de meus ombros.

— Sim — ele admite suavemente. — Eu tentei, Amelia. Houve momentos em que até me esqueci disso.

— Mas foi consensual — digo, mesmo sabendo que não é o problema para ele. O conflito é profundo e pessoal, um que não poderia.

Virando olhos perturbados para mim, ele murmura.

— Você lembra a conversa que tivemos sobre poder? Eu sabia o quão difícil seria para você se abrir totalmente para mim, e eu pedi que confiasse em mim para que eu não abusasse do meu poder.

Eu balanço minha cabeça entorpecida, sentindo-me completamente indefesa. Não consigo criar um argumento válido contra sua argumentação. Não há outra maneira. Então conto a ele a verdade.

— Foi minha culpa, Leo. *Minha*. Passei vinte anos destruindo pessoas. Você foi, de longe, o mais difícil, mas, no fim, também se destruiu. Consegui o que queria, e esta foi a minha punição. Você nunca irá se perdoar, não é?

— Você está olhando para si mesma através das lentes erradas — ele diz suavemente, com olhos ternos. — Você não é, nem nunca foi, a pessoa destrutiva que acha que é. Você é... uma força da natureza. Uma onda perfeita. Todos que acham que podem navegá-la estão destruídos, mas, confie em mim, cada um deles faria de tudo para navegar de novo. Mesmo por alguns segundos.

Eu quero me deleitar em suas palavras como um gato sob a luz do sol, mas não posso. Não quando as rodas de nosso trem estão soltando faíscas. Não quando o condutor está gritando para que todo mundo pule para fora. Não quando meu cérebro apenas pode pensar em metáforas estupidamente fodidas.

— Mas que merda você quer *dizer*?

Ele leva uma mão aos cabelos. Há algum tempo, ele teria tirado os óculos.

— Você poderia culpar uma onda por quebrar na praia?

Eu jogo minhas mãos para cima.

— Pelo amor de tudo que é bom no mundo, você poderia parar com as metáforas?

Ele dá um pequeno sorriso, mas dura apenas um segundo.

— Eu não te culpo pelo o que aconteceu, Amelia. Não *consigo* te culpar. Eu era responsável. Poderia ter dito não. Deveria ter dito não. Mas quando você se ergueu, a maneira como a luz da lua... Eu perdi a cabeça.

Eu me recolho física e mentalmente.

— Então foi isso? Um erro, você se culpa e nunca vai se recuperar disso, fim? Transar comigo agora é o quê? Algum tipo de autoflagelação pelo seu pecado?

Ele esfrega o rosto pesadamente, murmurando.

— Eu não quero isso.

Pela primeira vez, a verdade é fácil de falar.

— Nem eu.

Nós nos vestimos. Ele me leva para casa.

39

escapada tropical



Jameson é o único motivo para que eu consiga ir para o café da manhã de domingo. Ontem à noite eu disse a ele que não ia porque não tinha dinheiro para um Uber. O que era meio verdade – estive gastando mais do que o normal –, mas ainda é uma desculpa esdrúxula. Para evitar um sermão sobre organização de dinheiro, agradei a oferta de ele me pegar, prometi estar pronta às nove e desliguei.

A razão pela qual eu *não* quis vir esta manhã está me encarando com olhos preocupados.

— Pare de me encarar, pai, estou apenas cansada.

— Você está sentada nesse sofá assistindo futebol americano há uma hora. Você nem gosta de futebol. Tem certeza de que está bem?

— Sim. Totalmente bem. Tem mais molho?

Papai assente, e, com um olhar preocupado, vai até a cozinha onde Jessica está fazendo sanduíches. Um ursinho de goma atinge o outro lado do meu rosto. Lanço um olhar penetrante para Jameson, arreganhado do outro lado do sofá.

— O quê? — cuspo.

— Você está fazendo aquela coisa.

— Que coisa?

— A pessoa-falsa-que-não-sente-nada.

— Vá se foder, Javali. Não estou reprimindo nada. Como eu te disse na viagem pra cá, simplesmente não quero falar sobre isso. Por que você quer saber sobre minha vida sexual, de qualquer forma? Esquisito.

Outro ursinho de goma atinge meu ombro. Este se junta ao primeiro em

minha boca.

— Você tem razão. Pensar em você transando me dá vontade de vomitar. Ainda não superei você ter seios.

— Uau. Tão maduro.

— Eu sei que você não quer que nós te tratemos como vidro, Miau. — Seu tom sério me obriga a olhar para seu rosto. — Mas acho que nós acabamos nos preocupando um pouco quando você fica assim.

Faço uma careta.

— Assim como?

Jameson ergue uma sobrancelha e aponta para partes diferentes de mim.

— Seu cabelo não é escovado há dias. Você está vestindo uma camisa vermelha neon, short amarelo e sandálias com meias. Você parece um aposentado na Flórida.

Suas palavras descem pelas vias erradas. Curvo-me em uma crise de tosse, mas também estou rindo tanto que não consigo respirar mesmo que quisesse. Jameson me dá tapas nas costas. Papai e Jessica correm da cozinha para perguntar o que está errado. É um caos.

Quando Jessica aparece com sua cara de enfermeira, eu levanto as duas mãos.

— Eu estou bem — digo, rouca, limpando as lágrimas de meus olhos e engolindo em seco por uma garganta dolorida.

Olhando para cima, para as três pessoas que me observam, como se não soubessem se devem chamar uma ambulância ou achar uma camisa de força, me recomponho.

— Desculpe se estou parecendo um aposentado na Flórida — conto para eles.

— Mas o quê? — pergunta meu pai, enquanto Jessica inclina a cabeça, analisando minha vestimenta e assentindo, pensativa.

Jameson bagunça meu cabelo.

— Ela está bem. Você está bem, não está?

Eu assinto, suspirando.

— Eu estava saindo com uma pessoa, fiquei com ele por um período ridiculamente curto, mas realmente gostava dele. Acabou ontem à noite. Só estou triste. Foi a minha primeira tentativa sã de uma relação.

Jameson e papai trocam olhares de terror abjeto. Jessica revira os olhos para eles, e então se senta ao meu lado.

— Ah, querida — ela lamenta. — Eu sei do que você precisa.

— O quê — meu pai explode. — Do que ela precisa?
Jessica me dá um sorriso conspiratório.
— De uma tarde no spa.
Sabia que gostava dela.



Quando Jessica e eu chegamos no spa chique em Malibu, estou esperando uma massagem sueca. Ao invés disso ela nos inscreve em algo que se chama Escapada Tropical, que consiste em três horas longas e incluem um banho tropical, uma massagem de uma hora, uma máscara facial, manicure e pedicure.

Enquanto Jessica me dá o cartão de crédito de meu pai, eu murmuro:
— Você tem certeza de que ele está de acordo com isso?
Ela me lança um olhar surpreso.
— Sim, Mia. Seu pai te daria a lua se você deixasse.
Eu vasculho o rosto dela atrás de outras intenções.
— Ele te dá o cartão de crédito dele muitas vezes?
Jessica ri, não ofendida, e entrelaça o braço dela no meu.
— O tempo todo. Ainda não usei até agora, no entanto. Mas não suporto futebol, então vamos fingir que estou fazendo isso por você.
Solto uma risada fraca.
— Gosto de você, Jessica.
Ela pisca.
— Também gosto de você, Mia.

Três decadentes e maravilhosas horas depois, eu cambaleio até o vestiário feminino para me vestir. Sinto que passei por um liquidificador. De uma maneira boa. Klaus, o Grande Russo, me massageou até unir todos os meus pedaços de Amelia.

Bêbada de endorfina, preciso de três tentativas para fechar o meu sutiã.
— Filho da p...
— Amelia, não é? — pergunta uma voz estranha.

Eu olho por sobre o meu ombro, esperando um funcionário do spa. Ao invés disso, vejo uma mulher maravilhosa, de uns trinta anos, com longos cabelos escuros e um grande sorriso. Seus olhos são expressivos, irradiando animação, e ela está usando o robe branco do spa.

— Uh, sim? Nos conhecemos?

Devo dinheiro a você?

Você pariu secretamente um filho do meu irmão?

É pior.

— Sou Marianne. — Uma mão delicada e feminina se estende para mim.

— A mãe de Vincent.

Meu coração martela contra a minha coluna.

— Oh! Oh, uau. Ok. Espere um pouco. — Eu rapidamente visto a minha camisa, internamente me arrependendo da escolha ousada de cor. A camisa vermelha e o short amarelo não são do mesmo estilo, a cor vermelha é primária e o short tem um tom entre limão e laranja. Jameson estava certo. Eu pareço um aposentado cego.

Sorrindo como se não estivesse morrendo por dentro, aperto a mão de Marianne.

— É um prazer conhecê-la. Desculpe não ter me apresentado no jogo de hóquei. Você devia estar se perguntando quem era a garota estranha falando com seu filho.

Ela ri, um som contagiante.

— Oh, eu soube quem era você no segundo em que te vi. Vincent nos contou tudo sobre a moça bonita e gentil com o cabelo rosa. Alguma sorte com as lições de surfe?

Não perco o brilho de reconhecimento em seus olhos.

— Não. Leo achou que ligar para fazer uma proposta de negócios foi um pouco presunçoso.

Marianne parece desapontada.

— Droga. Realmente esperava ouvir que vocês estavam namorando.

Não sei quantos choques mais meu coração pode aguentar.

— O quê? Não. Que loucura. Nós, uh... nós nunca —

O que aconteceu com minha capacidade de mentir?

— Eu sei que ele foi para a sua casa depois do jogo de hóquei na semana passada.

Congelo. Totalmente.

Meus joelhos decidem fazer uma pausa, depositando-me gentilmente no banco de madeira.

— Jesus — murmuro. — Não sei o que dizer.

Marianne se senta ao meu lado. De perto, ela parece ainda mais amável. Definitivamente consigo ver um jovem Leo louco por ela. Eles teriam sido

lindos juntos; a prova disso vive no filho deles.

— Não estou aqui para interferir ou para oferecer conselhos — ela diz suavemente. — E por mais que eu queira, não vou usar de desculpas para explicar o quão complicado Leo é. Acho que você já sabe.

Suspiro.

— Não o acho complicado. Ele só possui uma moralidade excessiva.

Marianne ri deleitosa.

— Você o conhece bem. Devo supor que vocês já viveram um tipo *diferente* de relação, além da de amizade? Prometo não julgar.

Estranhamente, posso garantir que ela não vai mesmo. Assinto lentamente.

— Estivemos.

— Bem. — Ela faz um beicinho. — Merda.

Eu dou de ombros, ignorando a dor em meu peito.

— É o que é. Não posso mudar o passado, infelizmente. Ou a mente de Leo.

Marianne me lança um olhar longo, analisando-me, e então sorri suavemente.

— Foi realmente bom te conhecer, Amelia. Espero vê-la de novo em breve.

Ela me dá um aperto no ombro, então se levanta e vai até a saída. Parando na entrada do vestiário, olha para trás.

— Tenho um conselho a dar. Acate-o ou não. Conheço Leo há muito tempo. Ele é muitas coisas, cabeça dura é uma delas, mas ele é muito corajoso. Se você significa para ele o que acho que significa, dê algum tempo para que mude de ideia.

— Obrigada, Marianne — digo educadamente.

Mas estou mentindo.

40

abrace o vento



Meus dias livres nesta semana são longos. Tomo como um sinal e encho meu calendário com atividades que costumavam me deixar feliz. Na quarta pulo de paraquedas na manhã e voo de parapente à tarde. E, então, na quinta, pego o primeiro barco para a Ilha Catalina e passo o dia nadando de SCUBA. Até a hora que chego em casa, meu cartão de crédito me odeia, mas me sinto bem. Orgulhosa pelo fato de não ter passado meu tempo me lamentando. Rastejo para a cama naquela noite e desmaio sem pensar uma só vez em Leo.

Ao invés disso, sonho com ele. É um sonho antigo, aquele em que estou surfando em dunas de areia. Só que dessa vez as dunas parecem ondas reais, o vento feroz joga areia em meus olhos. Leo está acenando do topo de uma duna próxima, entrando e saindo da minha visão. Não importa o quanto eu tente alcançá-lo, as ondas de areia sempre me afastam, para longe...

Acordo completamente suada, com luz no céu o suficiente apenas para me dar uma desculpa de levantar. Fico grata por trabalhar no turno do café da manhã, pois não estou com bom humor para surfar. Tomo um banho longo e bebo dois copos de café. Às sete e meia, pego uma barra de granola e vou. Ferdi sai comigo, iniciando qualquer jornada que seu dia promete.

Embora novembro esteja a toda, há uma onda de calor na cidade. E uma onda de calor significa que milhares de pessoas vão para a costa. O restaurante fica cheio no café da manhã, esvazia horas depois e tem movimento aumentado de novo para o almoço. Do lado de fora, a passarela e a praia estão cheias com o fluxo usual de turistas e locais.

— Estou morrendo — arfa Trish, apoiando-se contra a pilastra em uma

breve pausa. Sua pele negra brilha com um fio de suor, suas bochechas estão profundamente vermelhas. O ar condicionado parou de funcionar uma hora atrás. Os ventiladores de teto zunem sobre nossas cabeças, mas sem uma brisa eles apenas agitam o ar quente.

Abanando-me com um menu, eu assinto.

— Não deveria ter me dado ao trabalho de tomar um banho esta manhã, isto é certo.

Olho ao redor do estabelecimento para checar minhas mesas, e, quando me viro, uma figura familiar surge na porta.

Déjà vu.

Vincent acena para mim e entra.

— Oi, Amelia! Está quente hoje, huh? Aposto que gostaria de estar surfando.

— Oi — digo fracamente, meu olhar passando por ele, mas não encontrando um adulto. — Você não deveria estar na escola?

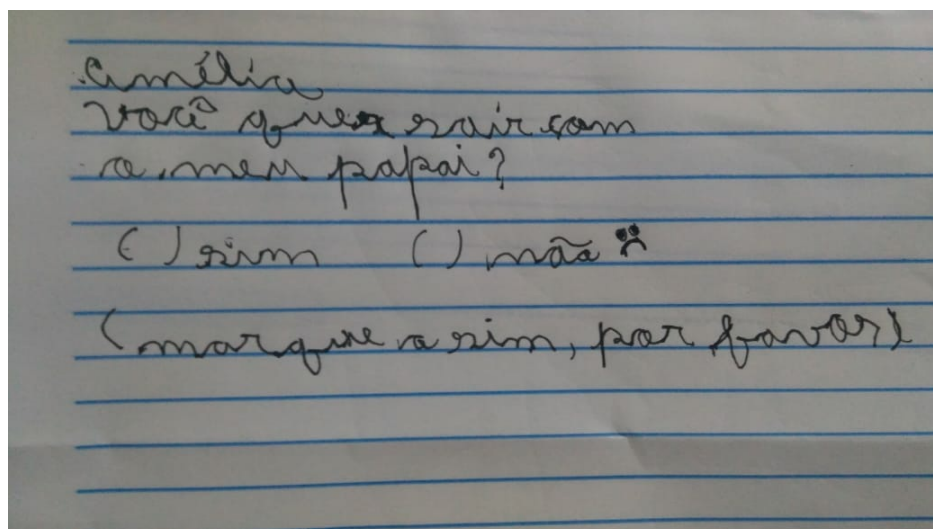
— Foi meio período hoje. Papai me pegou. Ele esqueceu algo no carro, mas vai estar aqui em um segundo. Ah, eu tenho que te entregar isso.

Eu aceito um pedaço de papel riscado, ciente do foco ávido de Trish e do meu próprio coração latejante. Isso não pode significar o que eu acho que significa.

— Abra! — diz Vincent animadamente.

— Sim, abra — silva Trish do canto da sua boca.

O papel é liso, quase gelado. Eu o abro e encontro um quadrado com alto escrito no centro



Trish se inclina sobre meu ombro.

— Aqui está uma caneta — ela murmura, puxando uma atrás da sua orelha e entregando-a para mim.

— Oi, pai!

Minha cabeça chicoteia para cima. A primeira coisa que vejo é um buquê de flores silvestres. A segunda é um par de olhos azuis cristalinos e esperançosos. Pisco forte, mas ele ainda está ali. E também está Vincent, que pega as flores e coloca em meus braços.

Atrás de mim, ouço vários “aaah” e “oohs” de clientes e colegas.

— Ela ainda não circulou uma resposta, pai — murmura Vincent.

Leo olha para o papel, amassado entre os talos de flores. Não consigo sentir meu rosto, mas devo estar sorrindo, chorando, tremendo ou qualquer coisa assim, porque Leo está sorrindo.

— Você está ocupada hoje à noite? — ele pergunta.

Balanço a cabeça.

— Posso te pegar às seis?

Aceno.



Ele me leva para um restaurante japonês popular em Santa Mônica. O lugar está cheio de gente, e os garçons devem trabalhar meio-período como acrobatas por quão rápidos e ágeis eles se movem entre os corredores estreitos entre as mesas.

Até estarmos sentados, fiquei nervosa de *Leo* estar nervoso, e constantemente analisei-o em busca de algum sinal de estresse. Embora não tenha achado nenhum, não me convenci da mudança de sua atitude até o momento em que sentamos e ele se estendeu a mão por cima da mesa para alcançar seus dedos com os meus. Naquele momento, me vi no céu.

O restaurante era tão barulhento que não falamos muito, mas nos comunicamos em toques sutis. Ele mal desviou o olhar de mim durante nossa refeição, seguindo o caminho de cada porção que seguia até a minha boca com olhos famintos. O ar entre nós ficou dolorosamente elétrico.

Nunca soube que comer poderia ser como uma preliminar.

Quando lambo uma gota de shoyu de meus lábios, a expressão de Leo se torna uma expressão de dor. Ele levanta uma mão.

— A conta, por favor.

Rindo como adolescentes, corremos de volta para seu carro. Em um acordo silencioso, ele dirige para minha casa. É mais perto. Quando conseguimos entrar, minha mão voa para dentro das suas calças e meu sutiã é pendurado em minha cintura. Tirar o resto das roupas não é tão gracioso, mas é perfeito para caralho.

— Deus, Amelia — ele grunhe, distribuindo beijos pelos meus seios enquanto me carrega para o quarto.

Estou desfeita. Morrendo de vontade de tê-lo dentro de mim. Mas também bêbada pelas minhas reações. Sinto-me brava. Sinto-me *livre*.

Antes que Leo me coloque na cama, eu me livro de seus braços, empurro seus ombros e seu peito. Ele cai de costas, olhos abertos de surpresa, sua masculinidade excitada para o deleite da minha visão.

Colocando meus dedos entre minhas pernas, agarro meu seio com a outra mão.

— Você quer isto?

Ele sibila, seu membro latejando de antecipação.

— Você não faz ideia do quanto. Venha para cá, por favor.

Eu arrasto dedos molhados pelo meu clitóris e brinco comigo mesma, me deleitando com seu grunhido de agonia. Não demora muito para que eu chegue perigosamente perto do orgasmo.

— Gosto de quando implora, Leo, mas também gosto de quando você toma o que quer.

Em dois rápidos segundos, estou encarando o colchão. O corpo quente de Leo se abaixa sobre as minhas costas, dentes em contato com meus ombros. Ainda estou superando a sobrecarga sensorial quando ele me coloca de joelhos e se enfia dentro de mim.

— Puta merda! *Sim!*

Não sei de quem as palavras escapas, se elas são faladas ou se vêm da minha mente. Mas as próximas dele soam altas e claras, pontuadas por penetrações profundas e possessivas.

— Quero ficar com você — ele murmura sombriamente. — Essa boceta me pertence. É minha por direito, mas fui muito covarde para reivindicá-la. Não vou cometer o mesmo erro duas vezes. Você entende?

Meu boquinhá suja.

— Sim, sim, sim — arfo com cada respiração.

— Diga que você é minha.

— Sou sua!

— Nada vai se colocar entre nós — ele grunhe. — Não vou permitir. Você. É. *Minha*.

— Oh... Deus...

Gozo com tanta força que minha visão embranquece. Leo goza logo depois de mim – sua respiração quente é como um grunhir na minha orelha. Ele colapsa sobre mim. O peso dele é tão épico que não me importo por mal conseguir respirar, e apenas murmuro um protesto quando ele nos vira para que eu fique aninhada em seu peito. Acariciando o cabelo suado de minhas têmporas, ele gentilmente levanta minha cabeça.

— Amo a expressão de seu rosto agora.

— Ahhhhn?

Seu sorriso é presunçoso.

— Exatamente. Recém fodida. Sem barreiras, sem pensamentos, apenas sentimentos.

Eu sorrio e beijo seu peito.

— Cala a boca, Leo. Não estou pensando. Falar requer pensamentos.

Ele ri e enlaça seus braços fortes ao meu redor, mudando de novo nossa posição para nos colocar de lado. Eu me aqueço no acalanto de seus membros calorosos, meu rosto encostado contra seu pescoço.

— Amelia?

— Hmm?

— Eu falei sério.

— Eu sei. Minha boceta pertence a você.

Ele belisca meu quadril.

— Isso também, mas eu quis dizer a outra parte.

— Muitos pensamentos — eu gemo.

— Quero ficar com você — ele murmura.

Meu coração se incha, tão cheio, tão aquecido.

— Ok — murmuro de volta. — Posso ficar com você também?

— Já sou seu.

Com um sorriso no rosto e paz no meu coração, eu me afundo no sono.

41

brilho



Leo é horrível na prancha.

Real e verdadeiramente horrível.

Há algumas pessoas que sobem na prancha pela primeira vez e a dominam como se estivesse no sangue delas. Algum código celular que as permite harmonizar seus corpos com a água e a prancha debaixo delas. Há uma curva de aprendizado, obviamente, mas é muito mais fácil para elas expandir a nova habilidade. Não sou uma surfista extraordinária, de qualquer maneira, mas sou uma das sortudas. Está no meu sangue.

O maior tempo que Leo se mantém de pé é cinco segundos, o tempo contado como cortesia de um Vincent que ri histericamente. Para ele, por outro lado, é natural. Ficou de pé na primeira tentativa, até mesmo conseguindo fazer algumas viagens nas ondas.

Depois do milésimo caldo, Leo nada até onde eu e Vincent estamos, na parte mais funda da água, nossas pranchas flutuando próximas. O sol é quente sobre nossas cabeças, embora estejamos em trajes de mergulho completos, porque a água está fria para caralho em dezembro.

Leo está compreensivelmente desapontado pela sua performance, mas ele é maduro o suficiente para rir de si mesmo.

— Realmente impressionante — ele diz, saindo da prancha e limpando água de seus olhos.

— Você é uma droga, pai! — exclama Vincent. Leo joga uma quantidade de água em seu rosto. — Ei!

— Não me envergonhe na frente da moça, amigo!

Vincent gargalha.

— Você não precisa de *mim* para isso.

E uma batalha de água se inicia.

Observando-os gritando e rindo, estou bêbada de felicidade. As últimas cinco semanas com Leo foram assustadoramente perfeitas. Durante a semana, nós organizamos os horários para nos vermos a cada dois dias. Ele tem uma escova de dentes no meu banheiro; eu tenho uma no dele. Quando o meu trabalho permite que tenhamos um final de semana juntos, tiramos proveito disso. Já fomos fazer trilha, andar de caiaque e de bicicleta. Uma vez, passamos o dia inteiro fazendo amor.

A despeito da insistência de Leo, não passei a noite com ele nos dias em que fica com Vincent, mais por respeito pelo laço deles. Mas os dois estão trabalhando comigo – Vincent gosta de me dizer o quão chato é que não estou lá para o café-da-manhã.

Vincent... Deus, eu adoro esta criança. Ele é espirituoso, esperto e gentil, assim como o pai. Já o levamos para um jogo do Kings, para um parque e tivemos várias noites de pizza e filmes. Mas o meu momento favorito foi quando o levei para a casa de um amigo, para uma festa do pijama, porque Leo estava ocupado com uma ligação de emergência de um paciente. Dirigir o carro do Leo – com o filho de Leo – e saber que ambos, pai e filho, sentem-se seguros comigo para isso foi um momento definidor na minha vida. Eu fiquei em êxtase por dias.

Passamos o dia de Ação de Graças separados, mas Marianne estendeu um convite para que eu me juntasse a eles para a sobremesa. Depois de Leo me assegurar várias vezes que o convite era genuíno, eu engoli em seco e apareci. Claro que me preocupei à toa. Ela e Celia eram duas das pessoas mais gentis e humildes que conheci. Elas se animaram com os gestos mais casuais de afeto de Leo – uma mão nas minhas costas, um beijo na minha bochecha, um sussurro no meu ouvido.

Estou apaixonada por ele.

Tão perdidamente apaixonada.

Lá no Oásis, quando Callum me perguntou com que o amor se parecia, eu não sabia o que responder a ele. Só conseguia visualizá-lo pelos padrões não saudáveis do passado. Aparentemente eu não fazia a mínima ideia do que como era o amor, porque eu nunca *estive* apaixonada.

Minha resposta seria diferente hoje. Amor é acordar no meio da noite e sentir a mão de alguém na sua. Amor é brigar pelo controle remoto, brincar com o pé do outro durante o jantar, mijar com a porta aberta e planejar

aniversário e férias. Amar é o chão mais firme do mundo e uma queda sem fim.

— Por que você está sorrindo? — pergunta Vincent, me cutucando no braço.

Eu sorrio para ele.

— Estou feliz.

— Também! E sabe do que mais?

— O quê?

Ele joga água na minha cara. Leo ri histericamente – até que Vincent e eu atacamos.



Depois de deixar Vincent na casa de Marianne e Celia, Leo e eu pegamos burritos para viagem e levamos de volta para a casa dele. Comemos na sala de estar, sob a luz da lareira e de frente a uma enorme árvore de Natal que nós três decoramos na semana passada.

Engolimos nossa comida, limpamos tudo e voltamos para nosso lugar favorito diante da lareira com taças de vinho. Não está realmente frio para isso, mas Leo sabe que eu curto o clima.

— Então, o que você me comprou de presente de Natal?

Leo sorri para mim, a luz do fogo brincando com suas feições. Apoiando-se em um cotovelo com seus pés nus perto do fogo, ele parece aquecido, contente e ridiculamente sexy.

— Não é da sua conta.

— Ah, vai — eu resmungo. Trocando de tática, passo uma mão da sua coxa até sua virilha. — Posso te compensar se você me contar.

Ele dá uma risadinha, levantando seus quadris para me dar melhor acesso ao seu zíper

— Você vai fazer isso de qualquer forma.

Dou um tapinha em seu estômago, então viro minha cabeça.

— Você está certo. Mas ainda quero saber. Ou abrir um presente.

Ele fica boquiaberto.

— O que há de errado com você?

— Minha mãe era como uma criancinha no Natal. Era seu feriado favorito, mas ela não conseguia aguentar até o dia. A começar pelo dia vinte e

dois, ela nos deixava abrir uma presentinho depois do jantar. Basicamente você está desrespeitando uma tradição Sloan se não me deixar abrir algo.

Leo ri.

— Isso é golpe baixo.

Eu ofereço o meu sorriso mais doce.

Grunhindo gentilmente, ele se arrasta em direção à árvore e tira uma pequena e fina caixa de um galho, e a joga no meu colo.

— Aí está, mestre da manipulação.

Eu dou um gritinho e bato palmas animadamente, então levanto a caixa. É leve em minhas mãos, embalada de qualquer jeito em papel jornal com um laço genérico vermelho no topo. Já que o embalar de Vincent é quase digno de Pinterest, eu sei que este desastre foi causado por Leo.

— Você realmente perdeu sua vocação como dublê de Papai Noel.

Ele ri.

— Ei, não é a embalagem que conta. E eu me esforcei nisso – usei os classificados de domingo. Vamos, pare de olhar e abra. O suspense está me matando.

Rasgo o papel, expondo o papel cartão e abro a tampa da caixa. Embaixo do pequeno papel de seda está um delicado colar de ouro. Minha respiração para, e eu ergo o colar para ver o pingente circular.

É uma onda.

— Leia a inscrição.

Eu viro o pingente. Encravado atrás do delicado centro do ícone estão as palavras que trazem lágrimas instantâneas aos meus olhos.

Minha onda perfeita.

Olho para Leo. Para seu sorriso suave e olhos que dançam com esperança e hesitação.

— Você gostou?

Jogo-me em braços que já me esperam.

42

uma onda perfeita



Na tarde antes da Véspera de Natal, Kinsey, Nix e eu vamos para o centro da cidade de Santa Monica para fazer compras e sentar no colo do Papai Noel – porque apenas estamos fingindo ser adultos bem ajustados. Depois de vinte minutos na fila, no entanto, estou tão miserável quanto as crianças gritantes que não querem sentar no colo de um homem barbudo e estranho.

— De quem foi essa ideia? — eu grunho, estremeendo depois de um grito particularmente agudo.

— Vamos — Nix tenta me persuadir. — Não desista! Estamos começando novas tradições.

Kinsey olha entre nós, pesando a animação de Nix e minha angústia. Ela dá um beijo em Nix e pega o meu braço.

— Mia e eu vamos comprar chocolate quente. Já voltamos. Mande mensagem se você chegar perto da entrada.

— Ok, benzinho. — Ele aponta um dedo para mim. — Sem escapar.

Eu rio.

— Tá, tá.

Escapando da presença de pais estressados e bebês traumatizados, nós seguimos até um Starbucks próximo. Já posso sentir o gosto de um chocolate quente mentolado, e pelos passos ansiosos de Kinsey, o desejo dela por algo doce rivaliza com o meu. A atmosfera é festiva, o ar está gelado, e o sol, fraco, e a despeito da onda de alegria, o humor da multidão é celebratório. Faz com que me lembre da minha infância, de segurar a mão da minha mãe enquanto nós mastigávamos bengalas doces e comprávamos presentes de

último minuto para papai e Jameson.

Pensar nela é algo que não faço em décadas – a segurança de sua presença, o casulo de seu amor incondicional. Emoções calorosas e pesadas preenchem meu peito e fazem meus olhos arderem.

Oi, mamãe. Sinto sua falta.

Perdida no meu momento particular, em companhia da memória da minha mãe, não percebo imediatamente quando Kinsey para. É apenas quando o agarrar de seu braço me puxa para trás que volto para o presente.

— Mas que raios, Kins? — Olho em volta, então para o seu rosto. Sua expressão está surpresa, a cor desaparecendo de suas bochechas. — O que foi?

— Ali — ela diz, paralisada.

Sigo o caminho de seu olhar para um pequeno pátio fora do Starbucks. Pessoas passam na minha frente, me dando uma breve e surpreendentemente clara visão de três homens ocupando uma mesa do canto. Um homem ri, os outros dois estremece. Os três gesticulam, conversando de maneira leve, familiar. Como se conhecessem um ao outro há anos.

Não faz sentido.

Nada disso faz sentido.

Tudo desacelera e diminui – a multidão, o barulho, a música de um pedinte próximo. Mesmo o cintilar de luzes de Natal nas lojas e postes desvanecem.

O rosto de Kinsey flutua perto do meu, seus olhos largos e preocupados.

— Mia? O que você quer que eu faça?

Meus dedos se curvam, uma alça de uma sacola de compras parece pesar contra a minha palma. Dentro dela está um presente para Jameson e guloseimas para as meias de Leo e Vincent.

Engulo em seco. Foco no rosto de Kinsey.

— Leo — ecoo, meus olhos voltando a ele.

Como se dizer seu nome conjurasse uma magia negra, os olhos de Leo finalmente me encontram através da multidão. Eles se abrem. Sua pele morena se empalidece. Apesar do som caótico, ouço o arranhar de metal sobre o cimento que sua cadeira faz quando ele se levanta rápido. A cadeira cai, colidindo contra a cerca de metal. Os outros homens se agitam, meio se levantando, os dois falando ao mesmo tempo.

— Por que seu irmão está tomando café com Leo? — ruge Kinsey. — E mais importante, o que o *merda* do seu ex-noivo está fazendo com eles?

Meus lábios estão gelados.

— E-eu não sei.

Leo se agita entre as mesas, indo em direção à saída do pátio e, presumidamente, a mim. Jameson olha em volta desesperadamente e finalmente me vê. Os lábios do meu gêmeo formam meu nome, suas feições colapsam em linhas de angústia.

— Amelia! — grita Leo.

Sinto meus olhos queimando quando Kinsey explode:

— Volte para Nix e diga a ele que vamos embora. Vou te encontrar no carro. Vá, Mia!

Mais do que grata pelas ordens, eu vou, correndo em pés entorpecidos em direção à fila de Papai Noel. Nix me vê vindo, seu olhar de boas-vindas imediatamente desaparece. Arfando em busca de ar, eu caio em seus braços.

— Emergência. Temos de ir — eu arfo. — Kinsey vai nos encontrar no carro.

Ele fica imediatamente em alerta e pronto para partir para violência.

— Ela está segura? — ele estoura.

Assinto.

— Completamente. Ela já está atrás de nós.

— Está bem. — Ele analisa meu rosto. — Devemos correr?

Eu penso em Leo e na última vez em que o vi, ansioso e correndo atrás de mim.

— Sim — digo de forma desesperada. — Sim, por favor.

Então corremos.



Na retrospectiva, tudo faz sentido, não é?

Tarde da noite, enquanto me reviro insone na cama no quarto de visitas de Kinsey, com olhos inchados, eu penso no Oásis. Sobre Leo, meu irmão e Kevin. É como juntar peças de um quebra-cabeças que eu não sabia que existia, e a figura que ele cria é tão misteriosa quanto assustadora.

“Posso segurar meu fôlego por dois minutos e vinte e três segundos.”

“Sim, eu sei.”

Meus olhos se estreitam.

“Merda de Jameson. Ele te contou da minha comida preferida também?”

“Ceviche,” diz com um sorriso nos lábios.

Minha própria boca se curva.

“Filme favorito?”

Ele faz uma careta.

“Cães de Aluguel.”

Todos os detalhes pessoais, grandes e pequenos, que Leo sabia sobre mim. Todas as vezes em que caí de paraquedas, os detalhes do meu perfil secreto, meus momentos mais embaraçosos, meu namorado do colégio, façanhas e pegadinhas durante os anos... E mais e mais.

Nunca me ocorreu que havia algo suspeito no seu nível de conhecimento. Como ele parecia ter tudo memorizado, recitando sem hesitar ou checar suas anotações. Só imaginei que ele fosse muito bom no que fazia. E que Jameson fosse muito esquisito e tivesse secretamente compilado um dossiê sobre a minha vida.

Apesar da mínima interação que testemunhei hoje, é óbvio que Jameson e Leo se conhecem há muito tempo.

Como? Como não percebi isso?

Tristemente, a resposta é facilmente.

Eu fui uma irmã e amiga de merda para meu irmão na maior parte dos nossos vinte e oito anos. Nossas vidas sociais nunca se cruzaram, e eu sempre fui muito apática sobre o que estava acontecendo com ele.

Enquanto ele ia para a faculdade de direito, eu estava bebendo em Cabo no iate de um estranho, fazendo mochilão em Machu Picchu e esquiando no Canadá com pessoas que conheci enquanto surfava. Enquanto ele arranjava um emprego de gente grande e começava uma *startup*, eu estava pagando as contas como garçonne e fazendo grana extra trabalhando em fazendas de maconha durante os meses de colheita.

“Foi um pesadelo fodido conseguir colocar você neste lugar, Mia. Você não faz ideia do que eu tive de...”

“Então, ahn, você parecia bastante confortável com seu psiquiatra no carro. Vocês estavam só abraços e suspiros na maior parte da viagem até aqui.”

O que eu não entendo – o que não consigo entender – é porque simplesmente nenhum deles me contou. Por acaso Leo achava que meu tratamento sofreria se soubesse que ele era amigo do meu irmão? *Por acaso sofreria?*

Provavelmente.

Mas por que esconder de mim depois do fato? Por acaso Jameson sabia que eu namorava e dormia com Leo há quase dois meses? Por acaso *Kevin sabia?* E onde raios Kevin entrava neste cenário?

Meu celular começou a explodir logo que eu e Nix alcançamos o carro. Depois de ler as primeiras poucas e implorantes mensagens de Leo, desliguei o aparelho e o entreguei para Nix. Era isso ou colocá-lo debaixo do pneu para destruí-lo. Quando Kinsey se enfiou no banco do passageiro minutos depois, ela não falou, apenas acenou para Nix, que ligou o carro e nos tirou de lá.

Não sei o que Leo disse para ela. Ela trouxe o assunto à tona quando chegamos na casa dela, mas balancei minha cabeça e saí da sala. Embora parte de mim quisesse devorar quaisquer explicações, o resto de mim está bravo demais para escutar.

“Me conte um segredo.”

“Que tipo de segredo?”

“O seu maior.”

“Acho que não.”

Claro, o que me machuca mais é a prova de que Leo não é quem eu achei que era – alguém em quem eu confiava implicitamente, alguém em quem eu acreditava com todo o meu coração. As últimas semanas não foram perfeitas como achei. Elas foram construídas em uma fundação quebrada. Enquanto eu abraçava e me deleitava na transparência da minha intimidade, ele estava usando uma máscara.

“Você é uma boa mentirosa, mas seria bom se lembrasse que eu sou melhor do que você.”

Ele é o melhor mentiroso.

O melhor de todos.

43

vista aérea



Quero pedir demissão e me mudar para bem, bem longe.
Deus, como quero fugir.
Mas é Véspera de Natal. Meu pai e Jessica ficarão arrasados se eu não aparecer para jantar.

Kinsey e Nix ainda estão dormindo quando uso o telefone da casa para chamar um táxi. Deixo meu celular no balcão da cozinha com uma nota dizendo que irei ligar para eles depois.

Em casa, encontro Ferdi curvado no meu sofá. Eu deito do lado dele e coço suas orelhas, e seu ronronar vibra através dos meus dedos. Lágrimas escorrem de meus olhos quando percebo o quanto amo esse monstrinho.

— Vou comprar uma coleira para você de Natal — sussurro contra seu pelo. — Não me abandone, Ferdi.

Ele mia e começa a arranhar meu queixo com sua língua. Seu bafo é horrendo, mas sua afeição espontânea compensa. Terapia de gato é a melhor de todas.

Tomo banho. Visto-me. Bebo chá e consigo comer um pedaço de torrada. Termino de embrulhar os presentes de papai e Jessica. Consigo até mesmo embrulhar o presente que escolhi para Jameson ontem. Mesmo que agora tudo que queira é cobri-lo de mel e jogá-lo numa colmeia, ele ainda é meu irmão.

Empacotando tudo em sacolas diferentes de compras, dou um beijo de adeus em Ferdi e pego meu casaco e chaves. E então percebo que não tenho um celular. Pegar um táxi em Los Angeles é impossível a não ser que você esteja diante de uma boate na hora de fechamento desta.

Felizmente, o terceiro vizinho cuja a porta eu bato está em casa. Vinte minutos depois, estou no banco de trás de um táxi que cheira como comida chinesa velha. Realmente preciso de um carro.

Ou me mudar para Nova Iorque. Ou talvez Paris ou Amsterdã.

Até a hora em que sou deixada na casa do meu Pai, o sol está se pondo. A casa brilha com as luzes profissionalmente penduradas. Palmeiras alternam com luzes vermelhas e brancas e um Papai Noel massivo e inflável acena no jardim da frente.

Nunca vi uma decoração como essa desde que minha mãe estava viva, e por alguns minutos paro na calçada, absorvendo tudo. O quão grata sou por Jessica. O quão sortuda sou por ter uma relação com meu pai.

— Mamãe teria amado isso, huh? — pergunta Jameson, andando ao meu lado.

Assinto.

— Podemos conversar, Miau?

A porta da frente se abre e nos deparamos com papai e Jessica. Eles estão vestindo suéteres de Natal combinando e chapéus de Papai Noel, e sorriem de orelha a orelha.

Suspirando, olho para Jameson.

— Agora não. Talvez depois. *Talvez*.

Ele assente.

— Quando você estiver pronta. Quer que eu pegue essas sacolas?

Hesito, e então as entrego para ele. Estão pesadas.

— Obrigada.

Ele espia dentro de uma delas.

— Tem algo para mim ou você queimou meus presentes?

Meu sorriso é contido, mas real.

— Queimei todos.

Ele abre um sorriso largo.

— Imaginei.

— Venham, vocês dois! — grita nosso pai. — Arrumamos a máquina de karaokê!

— Ele está brincando, né? — sussurra Jameson enquanto caminhamos para a porta da frente. — Me diga que ele está brincando.

Balanço minha cabeça, sorrindo apesar dos meus sentimentos.

— Acho que ele quer compensar o tempo perdido, Javali. Prevejo rios de gemada e filmes preto e branco no nosso futuro.

Minha aposta se prova correta.



Está tarde. Papai e Jessica estão na cama. Jameson e eu limpamos a cozinha e estamos no sofá da sala. Como vamos passar a noite, decidimos reviver nossa catástrofe pré-adolescente e nos embriagar com Schnapps de menta adulteradas. Até agora evitei ser tragada para o território do beber para esquecer, mas o risco cresce com cada gole.

Eventualmente nós esgotamos a conversa informal. Silêncio dura menos de um minuto antes que Jameson diga.

— Pronta?

Estou?

— Não sei. Talvez esteja bêbada demais para isso.

— Posso te contar de novo amanhã.

Endireito minhas costas, esfregando meu rosto com força.

— Foda-se, tá. Conta logo.

Jameson espelha minha posição, sentando-se e me encarando.

— Não vou falar por Leo ou Kevin, apenas por mim mesmo. — Quando assinto, ele continua: — Quando você sofreu o acidente, achei que fosse te perder. Não fisicamente, de fato, mas de todas as maneiras que contavam. Você esteve se esvaindo por anos, e tudo o que pude fazer foi observar. Eu nunca soube como te ajudar. Está me acompanhando?

Assinto, resistindo à vontade de agarrar sua mão.

— Leo foi um dos membros fundadores da nossa liga de hóquei. Ele começou os Ice Holes alguns anos antes de eu me juntar. Cerca de cinco anos atrás, nós saímos para beber depois de um jogo. Foi logo depois de você ligar de um telefone do México e me contar que seu paraquedas não abriu na Caverna das Andorinhas. Eu fiquei mal, para dizer o mínimo. Antes que eu percebesse, estava contando tudo ao Leo. Eu não sabia com o que ele trabalhava, apenas que era um bom ouvinte. Ele tem uma maneira de simplificar as coisas, de dar uma nova perspectiva.

— O que ele te disse? — sussurro.

Jameson abre um sorriso.

— Que você se beneficiaria de terapia.

Mesmo que eu não queira, acabo rindo.

— Imaginei.

— De qualquer forma, passou um ano e você apareceu em um jogo. Àquela altura eu e o Leo tínhamos uma piada interna de que eu devia dinheiro a ele por todas as nossas sessões casuais de terapia. Na maior parte delas nós apenas saíamos e falávamos muito de você, de como eu poderia manter barreiras saudáveis e não ficar preso em preocupação ou medo.

Eu aperto a ponte do meu nariz.

— Jesus. Estou surpreendente grata por estar bêbada.

— Idem. — Jameson suspira. — Não é fácil. Existem coisas que convenientemente ignorei, como o olhar de Leo quando aponte para você na multidão.

— O que você quer dizer... — não consigo tirar as palavras da boca.

Ele acena.

— O cara caiu de quatro.

Balanço a cabeça, sem esperanças.

— Eu nem o vi. Não o encontrei depois do jogo.

Jameson dá de ombros.

— Pois é, ele saiu logo depois. Não sei porquê. Você e Kevin começaram a namorar, e eu me esqueci disso. As coisas começaram a melhorar. Você parecia feliz.

— E então *boom* — digo, levantando meu copo e afogando as mágoas.

Ele assente de leve.

— Eu não sabia para quem pedir ajuda a não ser Leo. Não falávamos sobre você há um tempo. Ele tinha saído do time e começado um novo a esta altura. Quando você veio para casa do hospital e... tomou aqueles remédios.

— Ele limpa a garganta. — Liguei para Leo, e ele dirigiu a ambulância para a UCLA, onde trabalhava.

— E ele me diagnosticou — concluo.

— Sim, com alguma coisa que não lembro o nome.

— Confabulação — digo levemente. — Fabriquei memórias novas para repor as que faltavam. No meu caso, o trauma do acidente fez com que eu eliminasse todas as memórias de estar grávida e depois.

Jameson alcança minha mão, agarrando-a antes que eu possa retrair meu braços. Tensiono por um momento, então cedo e deixo seus dedos enlaçarem firmemente os meus.

— Papai e eu esperamos, Mia. Deixamos você ter seu espaço. Não mencionamos o acidente. Leo disse que levaria tempo.

— Mas aí eu tive outro acidente, e você pensou que tinha tentado me matar.

— Eu não sabia, honestamente. Mas o que quer que tivesse acontecido, você não estava melhorando como esperávamos. Então liguei para Leo de novo. Ele finalmente me contou sobre uma instalação de tratamento intensiva, ultra-privada na qual ele trabalhava alguns meses do ano.

— Você que o convenceu?

Jameson sorri ante a afronta da minha voz.

— Eu tive de convencê-lo a admitir você enquanto *ele* estava lá. Ele disse que não queria te tratar. Disse que...

— Que era um conflito de interesse.

— Algo assim, sim. Desculpe não ter lhe dito, Mia. Quando Leo e eu fomos para o Oásis para te pegar, concordamos que não era a hora. Não com papai no hospital e todo o caos. Da minha parte, foi puramente egoísta. Eu tinha acabado de conseguir minha irmã de volta e não queria que você me odiasse.

Encaro a árvore de Natal até que as luzes se tornem um borrão.

— Mia? Me desculpe.

— Você sabia que nós estávamos namorando? — pergunto.

Ele suspira.

— Sim.

— E mesmo assim escondeu a verdade de mim?

— Sim. Estava com medo de que você...

— Obrigada por me contar — interrompo, e então uso a mesinha de centro como alavanca para me levantar. Afasto minha mão das de Jameson.
— Vou para a cama. Você dorme no sofá.

Cambaleio duas vezes no caminho para o quarto de hóspedes. Enfio-me debaixo das cobertas completamente vestida, curvo-me sobre um travesseiro e espero as lágrimas virem. Elas vêm, lentas e pesadas. Silenciosas.

Desejo poder desligar meu coração de novo. Desfazer todo o trabalho dos últimos meses. Apagar a marca de Leo em mim. Rejeitar essa fragilidade. Este amor.

Mas não sei como.

44
ache as estrelas

O Dia de Natal é agri-doce. Embora eu me esforce para esconder, uma veste de melancolia me assombra. Desejo ter meu telefone. Desejo assistir Vincent abrir presentes.

Desejo...

Que nunca tivesse conhecido o Dr. Leo Chastain.

As revelações adicionam mais peças ao quebra-cabeça, que, embora mais claro ainda, está incompleto. Eu entendo agora as intenções de meu irmão. E ver Leo, Jameson e Kevin dividindo uma xícara de café e conversando não parece mais tão chocante. Eles jogam hóquei no mesmo time há anos.

Desejo não ter tantas perguntas sem respostas. Desejo que meu peito não fique tão pesado. Desejo não ficar com tanta raiva, porque sinto a falta dele. Desejo entender, perdoar, cair no espaço seguro que estávamos criando no mundo.

Não sei se consigo.

— Quer conversar sobre isso? — pergunta Jessica, jogando-se na cadeira do quintal, perto da minha.

Fecho os olhos. Foco no calor do sol no meu rosto. Ouço o vento rufar por dentre as árvores do jardim, os cachorros latindo, carros distantes e música de Natal abafada de dentro da casa.

Dentro da minha mente, ouço a voz da Dra. Wilson.

“E se ao contrário de focar tanto no que deveria ou não fazer e no que é ou não é saudável, você focasse no que te faz feliz?”

“Você não entende. Eu não confio nas coisas que me fazem feliz.”

E lá estava o problema. Por mais que eu não queira que seja verdade, Leo me provou que estava certa. Eu não deveria ter confiado nele.

— Não há como perdoar alguém que mentiu para mim — conto a Jessica, virando a cabeça para olhar para ela.

Ela estuda meu rosto.

— Quão ruim foi a mentira?

— Numa escala de um a dez? Talvez um seis. — Erguendo-me, balanço os pés no chão, encarando-a. — O papai te contou onde eu estava antes do ataque cardíaco dele?

Ela assente.

— Em um programa de tratamento de algum tipo. Ele disse que você teve um trauma depois de um acidente e aborto. Eu sinto muito, querida.

Eu sorrio, tensa.

— Está tudo bem. Fico feliz que você saiba. Nos poupa de uma conversa embaraçosa. De qualquer forma, eu me apaixonei por meu terapeuta. Nós nos encontramos no meu trabalho alguns meses atrás e começamos a sair juntos.

Os olhos dela se abrem comicamente.

— Oh. Deus.

Eu bufo.

— Isso só para resumir.

— Você se importa se eu perguntar sobre o quê ele mentiu?

Não tenho ideia de como vou explicar, mas tento.

— Ele, hum, me conhece há anos, mas eu não o conhecia até ir para a reabilitação. Ele e Jameson são amigos, mas nenhum deles me contou.

A cabeça dela se inclina.

— Ele explicou o porquê?

Olho para cima para ver uma águia voando sobre nós.

— Este é o problema. Estou tão incrivelmente braba com o fato de que ele mentiu que não consigo ouvi-lo. Eu *quero*, mas me sinto... tão destruída por dentro por causa disso. Posso dizer honestamente que nunca confiei num parceiro antes dele. Nunca estive tão estúpida e cegamente apaixonada. Sabia que ia implodir, mas me envolvi com ele mesmo assim.

— Parece que está com mais raiva de si mesma do que dele — sussurra Jessica.

Meu olhar para nela.

— Affe.

Ela sorri gentilmente.

— Para mim, quando estou em dúvida a respeito do comportamento de alguém, é uma boa ideia analisar o meu primeiro. Talvez seja tão difícil perdô-lo porque você não consegue se perdoar também. Não sei de tudo nesta família, mas sei que você teve sua cota de problemas. Você se perdoou, Mia?

Encaro-a.

— Não gosto mais de você.

Ela ri, e então se levanta, depositando um beijo na minha cabeça.

— Ainda gosto de você. Quando estiver pronta, pode pegar meu carro emprestado, se quiser.

Ela anda de volta para a casa. Abraço meus joelhos contra meu peito e observo o céu lentamente escurecer.

Por acaso, eu me perdoei?

Por mentir, roubar e manipular? Por preocupar tanta gente, e então dissimular e diminuir essa preocupação? E então ignorar e ressentir meus irmão e pai? Por achar fraquezas nos outros e explorá-las? Por me arriscar, ultrapassar as barreiras, colocar pessoas no limite... Por quebrá-las?

Penso na lista de compensações que fiz no Oásis com a Dra. Reynolds – que ela sofra uma incurável infecção fúngica — e meu progresso. A lista em si foi incrivelmente curta. Sete nomes. Poderiam ser oito, mas eu já havia me desculpado para Declan por ter desaparecido.

Reparações com meu pai e irmão foram feitas, ao menos no sentido de desculpas formais. Ainda estou compensando-os depois de uma vida de babaquices, reconstruindo confianças, etc. Lidei com Kevin. Até mesmo liguei para Jill, a ex-mulher do meu pai; ela ficou chocada ao ouvir de mim, inicialmente suspeita, mas, no fim, surpreendentemente receptiva.

Os outros dois eram mais aleatórios – eu devia a um velho amigo duzentos dólares que peguei emprestado e nunca paguei, e sem querer dormi com o namorado da minha colega de quarto quando estava completamente bêbada. Ela nos pegou no ato e ficou devastada. Esse, de longe, foi o mais duro, a culpa pior. Depois de mandar uma mensagem no Facebook perguntando se ela gostaria de se encontrar para o café, ela respondeu que preferia jogar fogo no corpo. Finalmente mandei um pedido de desculpas, mas não recebi resposta.

Apenas um nome restante na lista. Um que ignorei até agora.

Amelia Sloan.

O meu.



Não pego emprestado o carro de Jessica, mas acabo fantasiando como seria aparecer na casa de Leo no furor dos presentes de Natal e glória. Ele diria que me ama e imploraria convincentemente para que eu o perdoasse. E porque sou uma pessoa maravilhosa, eu aceitaria. Mas não antes de dizer o que penso – enquanto Vince não estivesse por perto.

Ao invés disso, Jameson me deixa em casa tarde naquela noite. Vou trabalhar cedo na manhã seguinte, mas, mais importante, preciso alimentar Ferdi. Com Leo ou sem Leo, a vida continua.

Kinsey e Nix aparecem para trocarmos presentes e me devolverem meu telefone. O esforço para agir como se nada tivesse acontecido é mais apreciado do que irritante. Eles enlouquecem sobre o vale que lhes dei para pularem de paraquedas juntos, e quase desmaio quando me dão um novo traje de mergulho que só poderia ter em meus sonhos.

Quando eles finalmente se vão, já passa das onze. Preparo-me para ir para cama, então me curvo no sofá, abraçada a um ronronante Ferdi. Finalmente, ligo meu celular.

Treze mensagens de texto.

Seis ligações.

Três mensagens de voz.

Algumas das mensagens são de amigos me desejando feliz Natal. A maioria das ligações e mensagens de voz são de Jameson. Há uma ligação perdida de Leo e nenhuma mensagem de voz. Meu coração bate em um ritmo *staccato* no peito, mas abro as mensagens de Leo. Depois da explosão inicial de *Não é o que você pensa e por favor, me deixe explicar*, ele me manda mais uma.

LEO: *Não vou a lugar algum. Quando você quiser conversar, estarei aqui.*

45

um passo para frente



Oito dias depois, os planos para as minhas reparações para comigo mesma vêm – como todas as boas ideias – no chuveiro. Os momentos anteriores não são um ponto alto da minha vida, porque passei sentada com os joelhos contra o peito, chorando de me acabar, enquanto a água quente se tornava fria. Apenas após a experiência pitoresca de quase me afogar em catarro é que me dou uma folga e me arrasto nos meus pés.

Inclinando-me na parede, encaro sem ver a parede de vidro do box. Não estou pensando em nada em particular, meu cérebro e corpo exaustos de correr em círculos incessantes desde o Natal. Fiz de tudo para me manter ocupada, trabalhando até em horas extras e passando o tempo livre com amigos e família.

Como contei para a Dra. Wilson ontem, não estou evitando o assunto inacabado com Leo tanto quanto estou esperando um sinal. Algum momento interno de *aha!*, que signifique que estou pronta para encará-lo. Encarar a verdade. Embora cada dia seja permeado pela dor da saudade que sinto de Leo e Vince, a última coisa que quero é agir impulsivamente. Há uma criança no meio, e sem dúvidas as coisas já devem estar confusas para ele.

Qualquer que seja minha próxima ação, quero ter certeza. Quero estar livre de qualquer bagagem emocional que eu tenha – os últimos grilhões do meu passado. Até que isso aconteça, não importa o que Leo me conte, não estarei no estado mental para ouvi-lo. Perdoar a mim mesma tem de vir antes de perdoá-lo.

É aí que a ideia surge. Uma ideia tão aleatória, tão incomum a mim, que

eu sei que é séria. A ideia de deixar de ser quem eu era de uma vez por todas e abraçar quem eu quero ser.

Com uma onda de energia, saio do banheiro e visto umas roupas. Saio correndo da casa vinte minutos depois, um gorro sobre meu cabelo molhado e moletom com capuz três vezes o meu tamanho sobre jeans. Entro no Mini Cooper preto de Jessica e aciono o motor. Ainda não consigo pensar no carro como meu, apesar de ser.

Papai comprou para Jessica um novo Lexus de Natal. Ele fez todo um evento – deixando-o na calçada na manhã de Natal, com um laço enorme vermelho no topo. A pobre mulher quase teve um ataque cardíaco e quase abandonou o navio dos Sloan. Só depois de Jameson e eu garantirmos a ela que *nunca* vimos meu pai tão maluco por uma mulher desde nossa mãe, ela aceitou o presente. E alguns dias depois, ela me assegurou que nunca esteve tão louca por um homem, então eu aceitei as chaves do carro antigo dela.

Só vitórias por aqui.

Dirijo direto para a casa do meu pai, surpreendendo-o e a Jessica no meio do jantar. Dispensando o convite para pegar um prato, sento-me na cadeira vazia da cozinha e boto para fora as palavras.

Meu pai está em êxtase.

— Isso soa perfeito, Mia. Absolutamente perfeito para você. — Ele e Jessica compartilham um sorriso.

Minha ideia é como um bebê pequeno e de pele macia com a qual não sei o que fazer, não sei como alimentar nem cuidar.

— Posso precisar de ajuda — digo hesitantemente. — Não com o dinheiro, já desperdicei muito do seu. Quero ajuda com outras coisas. Merda, nem sei o que dizer. Apenas...

— Apoio moral? — oferece Jessica.

Sinto-me inundada de alívio.

— Sim.

— O que precisar — meu pai responde ansioso. — Seremos seus fãs número um. Certo, Jess?

Ela assente.

— Absolutamente. Tenho algum tempo amanhã de manhã, se você quiser se sentar comigo. Podemos pesquisar, planejar seus próximos passos. Ficarei feliz em visitá-la em Venice.

Cheia de gratidão, sorrio.

— Parece ótimo. Quer tomar café da manhã comigo, também?

— Definitivamente.

— Posso ir também? — pergunta meu pai.

Jessica e eu trocamos um olhar. Balançamos nossa cabeça, juntas. Papai suspira em um desapontamento exagerado, mas há um brilho em seu olhar.



— Um mestrado em psicologia da educação? — ecoa Jameson, olhos abertos enquanto ele abaixa a xícara de café da sua boca. — Isso é para quê? Ser conselheira escolar?

— Sim — confirmo. — Um conselheiro escolar de ensino fundamental para ser exata. Jessica me ajudou a procurar alguns programas locais. Com empréstimos e trabalhando em períodos integrais, acho que posso concluí-lo em dois ou três anos.

Ele pisca.

— Puta merda, Miau. Acho que posso dizer honestamente que isso soa perfeito para você.

— Você acha? Foi o que Papai e Jessica disseram também. — Mordo meu lábio, acariciando Ferdi sem pensar enquanto encaro uma janela próxima. — Sinto que estou dando um passo grande em uma direção potencialmente errada. Vinte e oito é um pouco velha para dar uma completa guinada. E se eu não conseguir fazer?

Jameson se inclina, capturando meu olhar no dele. Ele tem uma expressão séria que eu nomeio como o Semblante dos Advogados Sloan. Papai tem a mesma expressão.

— Nunca é tarde demais, e não somos velhos. Mia, você *sempre* faz o que quer, não importa o quão forçado ou quão impossível soe. Lembra no seu último ano, quando aquelas garotas idiotas te desafiaram a tentar ganhar a coroa de rainha da formatura? O que você fez?

Eu reviro os olhos.

— Acho que dificilmente seja uma comparação justa.

Jameson me ignora.

— Você ganhou! A surfista selvagem que preferia grafitar o carro do vice-diretor do que ir para as aulas.

— Ei, nunca fui pega por isso! E, de qualquer forma, sempre fiz meu dever de casa e tive boas notas.

Jameson ri.

— Meu ponto, obrigado. Você nem *queria* ser rainha da formatura, mas ganhou porque colocou isso na cabeça. Você odiava a escola, mas se provava excelente porque amava estudar. — Ele se inclina para trás, presunçoso e triunfante. — Olhe tudo pelo que você passou, o quão longe chegou. Você é o ideal de conselheira. Além disso, crianças te adoram.

Outra parte da minha preocupação se esvai.

— Obrigada, Javali. Por estar aqui. Por me deixar me apoiar em você. Sinto como se estivesse começando de novo; ou começando pela primeira vez. É um pouco assustador.

Ele assente.

— Estou sempre aqui por você, irmã. Sabe quem mais gostaria de...

— Ainda não.

Ele suspira.

46

flash verde



Estou pronta.

Um total de dezesseis dias se passaram desde que tive notícias de Leo. Dezesseis excruciantes, transformadores, fodidos e assustadores dias. Meu telefone pesa milhares de quilos quando disco seu número. Apesar de programar minha ligação para quando sei que ele está trabalhando e não ser capaz de atender, estou tão nervosa que fico sem fôlego.

Sua voz na gravação, embora estéril e profissional, ainda me enche de ansiedade. *Deus, sinto sua falta.* Usando o roteiro que a Dra. Wilson me ajudou a escrever, deixo minha cuidadosa mensagem de voz. Então espero.

E espero.

Às seis da tarde, ele responde.

LEO: Estarei aí.

Mal durmo naquela noite, excitada e amedrontada. Sei que há uma chance de que isso termine horrivelmente. Que minha recusa tenha lhe dado a chance de reavaliar seus sentimentos e pensar se quer ou não uma relação comigo. Mas é um risco que quero correr. Um risco que *tenho* de correr.

A viagem para Pasadena é bem suave, sem muito tráfego tão cedo no sábado. Chego no Jardim Arlington vinte minutos antes do nosso encontro às nove e sigo as direções de Kinsey para o local correto. Os jardins são lindos

na manhã orvalhada, a luz do sol caindo em raios por entre as árvores. Viro para um canto e lá está — o labirinto.

Parando na frente do design de pedra está Leo, de costas para mim, as mãos enfiadas nos bolsos da sua jaqueta leve. Quando meus passos se aproximam, sua cabeça se ergue e sua voz suave alcança meus ouvidos.

— Este design é considerado um dos mais sagrados do mundo, o seu primeiro aparecimento data mais de cinco mil anos atrás.

Eu me aproximo de onde ele está. Minhas mãos tremem para tocá-lo.

— Eu sei. Foi baseado neste que você modelou o labirinto do Oásis, não é?

Ele assente, finalmente se virando, e seu olhar absorve minhas feições como se nunca fosse me ver de novo.

— Feliz Ano Novo, Amelia.

Sorrio fracamente.

— Para você também. Primeiro eu gostaria de falar, e, então, se ainda quiser, podemos andar pelo labirinto?

— Claro.

Seguimos até um banco próximo e nos sentamos com cerca de trinta centímetros de distância. Parece errado, mas também certo, o espaço necessário para essa conversa. Como prometi a mim mesma, não hesito e caio de cabeça em queda livre.

— Jameson já me contou como vocês dois se conheceram e como fui o tópico favorito de vocês em conversas por alguns anos.

Cotovelos nos joelhos, Leo encara o chão.

— Ok. — Não há surpresa na sua voz, apenas resignação. — Qualquer pergunta que tenha, vou contar apenas a verdade absoluta.

Eu observo o design intrincado e espiral. Quando tenho certeza de que não há raiva em minha voz, finalmente falo.

— Quero saber o porquê de você ter mentido para mim por meses. Por que me pediu para confiar em você, embora não confiasse em mim?

— Claro que confio em você, Amelia. Não teve a ver com confiança. — Ele se endireita, girando para me encarar. — Lembro-me do exato momento em que comecei a sentir algo diferente de preocupação profissional pela irmã do meu amigo. Depois de alguns meses ouvindo sobre você, perguntei a Jameson se ele tinha uma foto. Ele me mostrou uma foto de você na praia depois de sair da água. Você estava amarrando seu cabelo, sua prancha na areia ao seu lado, com seu traje de mergulho.

Lembro-me do momento e da foto. Foi uma das poucas vezes em que Jameson passou protetor solar e foi à praia comigo.

— Não sei o que eu esperava — Leo sussurra. — Talvez a versão feminina de Jameson, cabelos castanhos e olhos azuis. Mas lá estava você, loira e com olhos castanhos, bronzeada, com um sorriso provocativo e jovial. De repente, tudo o que descobri pareceu diferente. Percebi o quão cativado estava por você.

— Com tudo o que soube de mim, você ficou *cativado*? Eu era uma bola de canhão.

— Você era selvagem e desinibida.

— Era uma bola de demolição.

— Você era uma onda perfeita.

Suspiro, meu queixo caindo no meu peito.

— Ainda não soa saudável.

Do canto do meu olho vejo seu sorriso presunçoso.

— Obsessões raramente são. Mas é a verdade. Até mesmo antes, eu tinha sentimentos por você. Quando você apareceu no nosso jogo naquela noite, eu tinha todas as intenções de falar com você.

— Por que não falou? — sussurro.

— A resposta curta é que tive várias chamadas perdidas de Marianne e uma mensagem de que Vince estava com catapora. A resposta longa... — Ele suspira. — Quando eu saí do vestiário, vi você falando com Kevin. Seu foco e seu sorriso estavam todos nele. Fiquei incrivelmente enciumado e com raiva de mim mesmo por nutrir esses sentimentos improváveis por uma mulher que nem conhecia. Acredite em mim, houve um milhão de vezes nestes últimos dois anos em que me arrependi de não se aproximar de você.

Meus olhos ardem com lágrimas.

— Graças a Deus você não o fez — digo a ele seriamente. — Eu não estava pronta para você, Leo. Daria um jeito de foder com tudo.

Ele ri sem alegria.

— Ao invés disso, achei outro jeito de fazê-lo. Desculpe por não ter sido honesto. Eu sabia que tratar você no Oásis era uma má ideia. A pior, de fato. Mas pesei a possibilidade de te ajudar e decidi que o risco valia a pena.

As palavras me preenchem, me elevam. Estou flutuando, livre. *Você nunca precisou de medo, Amelia. Só precisava se sentir segura.* Dra. Wilson estava certa. Leo estava certo. Eu mereço isso.

Mereço ser feliz.

— Fico feliz que você tenha arriscado — digo a ele. — Eu não me arrependo de nada. Nem as sessões, as fontes termais, nem nada do que aconteceu desde então.

— Nem eu. Você tem de saber, Amelia, que mesmo que eu tenha sofrido com o que aconteceu no Oásis, não foi por sua causa. Você *nunca* foi um erro.

Fechando meu olhos, absorvo o momento. A paz e o acerto. E então eu olho para ele, para seu rosto lindo e triste. E como ele me ensinou, eu falo a verdade.

— Eu amo você, Leo Chastain. Eu te perdoo. Você pode me perdoar por desaparecer nas últimas...?

Seus lábios encontram os meus em uma carícia doce e suave. Uma mão se move pelo meu cabelo, encaixando-se em minha nuca gentilmente enquanto beija minhas bochechas, meus olhos, minhas têmporas.

— Não há nada a perdoar — ele sussurra. — Porra, eu te amo muito. Provavelmente amo há anos, embora a forma como me sentia antes não se compare com o que sinto agora. Você entrando no meu escritório pela primeira vez foi o melhor e o pior momento da minha vida.

Eu dou uma risadinha, me afastando para ver seu sorriso.

— Porque o melhor e pior?

Seu polegar acaricia minha bochecha ternamente.

— Foi o pior porque você me olhava como se quisesse me devorar, e eu não sabia se conseguia, ou se queria, impedi-la.

— E o melhor? — sussurrei.

— Foi o melhor porque eu sabia que iria ajudá-la. Que você era minha, sempre foi minha, e eu era seu também. Você não me trouxe de volta à vida, Amelia. Você me *deu* vida.

Não sei se devo soluçar ou rir, então, ao invés disso, beijo-o. Beijo-o até a escuridão dos dezesseis dias se dissolver completamente. Eventualmente ficamos cientes dos arredores, a presença de crianças e adultos no jardim.

— Podemos levar isso aqui para um lugar privado? — ele murmura em meu ouvido.

Eu rio e me levanto, puxando-o comigo.

— Sim, mas tem algo que precisamos fazer primeiro.

Ele faz uma careta, desapontado.

— Você realmente quer andar pelo labirinto?

— Não. — Checo o meu relógio. — Nós vamos pular de paraquedas com

Kinsey e Nix daqui a exatamente uma hora, então é melhor irmos andando.
O choque no rosto de Leo é tudo.



Leo

Deixando minha mala encostada na porta da frente, sigo o som das vozes até a cozinha. Parando despercebido no portal, absorvo a cena à minha frente. O espaço está um caos. Cascas de ovo gotejam no balcão, caixas vazias de mistura para bolo no chão, farinha por todo o fogão. Ferdi está sentado na mesa de jantar, rabo balançando enquanto ele analisa seu reino.

É absolutamente perfeito.

Amelia e Vince estão virados de costas para mim, tagarelando enquanto decoram com glacê com cupcakes para um evento de caridade da escola. Vince se prende a cada palavra da madrasta, encarando-a com adoração cega. *Tal pai, tal filho.*

Olho para minha esposa, seu cabelo loiro em um coque bagunçado, sua camiseta grande demais e leggings sujas de massa e glacê de chocolate. Estou dividido entre admirar minha família e a necessidade de carregá-la até o chuveiro para uma rapidinha.

— Você acha que seus amigos vão fazer bullying com você? — pergunta Amelia, seu tom preocupado atraindo a minha atenção das formas provocativas da sua bunda.

Vince é rápido para responder.

— Que nada! Eles acham você legal. Já têm inveja porque eu tenho três

mães e nenhuma das deles é tão legal quanto as minhas. Eles vão ficar com mais ciúmes por eu te ver quando eu quero.

Amelia bagunça o cabelo dele.

— Oh, obrigada, querido. Fico feliz de ser uma das suas mães.

Faço uma careta, tentando descobrir do que eles estão falando.

— Além do mais — continua Vince. — Só vou ficar no fundamental até o ano que vem. Papai diz para não me preocupar com coisas que não posso mudar.

Agora entendo. Amelia acabou de conseguir seu emprego dos sonhos trabalhando como conselheira escolar. A escola fundamental calha de ser no distrito escolar de Vincent, uma benção enorme, já que é perto de casa e significa menos horas longe.

— Seu pai é bem esperto.

— É, para um idoso.

Pigarreio ruidosamente. Eles se sobressaltam, girando com sorrisos culpados.

— Oi, querido! Como foi o trabalho?

— Pai! Olha só esses cupcakes!

Não consigo segurar a careta.

— O trabalho foi bom. Os cupcakes parecem ótimos. O que vocês querem para o jantar?

Vince dá um sorriso.

— Amelia disse que eu poderia ir para a casa de Theo jantar. Eles vão pedir pizza e então vamos jogar o novo videogame que ele ganhou de aniversário.

Meu sorriso cresce quando vejo as intenções malignas da minha esposa.

— Parece legal, amigão. Quando você vai sair?

Vince olha esperançoso para Amelia, que o libera com um aceno de mão.

— Vai, vai. Vou terminar aqui. Não se esqueça de agradecer aos pais de Theo! Vamos te pegar às oito.

— É na quadra vizinha!

— Não quero que você ande no escuro sozinho.

— Mas eu tenho quase onze anos!

Amelia bate seus cílios, e a discussão está acabada.

Vince murmura.

— Tá. — Ele sai da sala.

Tomo vantagem do momento, cruzando a cozinha e puxando-a para meus

braços.

— Você sabe nos manipular muito bem, não é?

Ela sorri.

— Você gosta disso.

Encosto o nariz contra a pele macia e quente debaixo de seu queixo, sentindo o cheiro de seu perfume como se fosse meu primeiro ofegar de oxigênio. Depois de um dia longo, talvez realmente seja. Já me sinto revitalizado.

— Sabe do que mais eu gosto? — sussurro, beijando debaixo de sua orelha onde sei que ela tem sensibilidade extra. Amelia responde com um gemido ofegante.

— Affe, vocês! — exclama Vince. — Vocês ao menos podem esperar eu sair?

— Tchau, Vince. Amo você! — grita Amelia.

— Divirta-se na casa do Theo! — adiciono.

Alguns segundos depois, a porta da frente bate. Rio contra o cabelo dela.

— Você acha que o estamos traumatizando para sempre?

Ela ri, inclinando-se nos meus braços.

— Você é o psiquiatra.

Eu sorrio.

— Então a resposta é não. Definitivamente, não. Além disso, é o meu dever dar o exemplo de como tratar uma parceira que ele ame.

— Mmhmm — ela diz, olhos provocadores.

Limpo uma mancha de glacê de sua bochecha e ela agarra meu dedo, chupando-o em sua boca. Meu pau lateja, excitado. Passando um braço por sua cintura, ando para trás, trazendo-a comigo. No meio caminho pelas escadas, quase caio quando ela suga outro dedo em sua boca quente.

Com uma risada abafada, ela se esfrega contra mim.

— Bem, olá aí embaixo.

Em resposta, eu a pego no colo e a carrego pelo resto do caminho até nosso quarto. No momento em que meus joelhos atingem a cama, já perdi toda e qualquer paciência. Felizmente, ela também. Enquanto tiro minha gravata e cinto, ela arranca sua camisa e tira suas leggings, caindo sobre os lençóis. De joelhos, assisto minha deusa abrir as pernas e se tocar.

— Você está molhada para mim, Amelia — minha voz é baixa, rouca. Estou duro como uma porra de uma pedra e ainda nem a toquei.

Ela arqueia as costas.

— Sempre.

Não me incomodo com meus sapatos ou meias, nem em remover minhas calças. Elas pendem de meus quadris enquanto rastejo por sobre ela e circulo minha língua ao redor de um belo e arrebitado mamilo.

— Esqueça as preliminares — ela geme, as mãos pequenas me tocando e me guiando para sua fenda. — Eu preciso de você.

Capturo sua boca, enfiando minha língua contra a dela, e então me levanto para observá-la enquanto me afundo em seu corpo. O rubor de suas bochechas, sua respiração incerta, o amor e desejo em seus olhos... Nada na Terra é mais bonito. Ou feroz. Corajoso. Raro.

Suas pernas se posicionam ao redor dos meus quadris, unhas se cravando na minha cintura. Cedo aos meus desejos e aos dela, achando um ritmo que a eleva a um belo caos, suplicante e suado. Ela goza forte e rápido, pulsando e me apertando, e eu a sigo gulosamente, cruzando os limites.

— Foda... — gemo contra sua boca.

— Acabamos de fazer isso — ela sussurra de volta.

Rindo, eu nos giro para que ela descansa contra o meu peito. Somos uma confusão molhada e pegajosa, do jeitinho que eu gosto. Amelia fica parada por menos de um minutos antes de apoiar os braços e queixo no meu peito.

Ela ri. Provocativa e jovial.

— Adivinha?

Coloco uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha dela.

— O quê?

— Vince vai ser um irmão mais velho.

Preciso de alguns segundos para que as palavras dela sejam registradas na minha mente preenchida de prazer. E então elas são absorvidas por completo. Felicidade me preenche como a luz do sol, construindo um sorriso e então enevoando meus olhos com lágrimas.

— Sério? Você testou?

Ela assente, sorrindo em êxtase.

— Oito vezes. Você sabe, só para ter certeza. Oh, você está chorando?

Eu a abraço, beijando-a com força.

— Eu te amo. Estou tão feliz. Você está feliz?

A risada dela ecoa pelo quarto silencioso.

— Tão feliz que estou voando. Tenho um favor a pedir, no entanto.

Acariciando o nariz dela com o meu, respondo a pergunta que ela não fez.

— Julia se for menina, Jackson se for menino.

Ela suspira contente.

— Ah, e...

— Gelato de pistache no congelador.

Os olhos dela se suavizam com emoção, gratidão e amor, e a leve sombra da velha mentira que contou a si mesma. Que ela não merece felicidade. Que não merece nada disso.

Beijo-a até que se lembre que merece, sim.

FIM.

Espero que tenham gostado da história de amor não convencional entre Amelia e Leo. Se vocês tiverem um minuto, por favor, considerem deixar uma breve avaliação na Amazon.

Beijos,

L

agradecimentos



Aos meus leitores – não poderia fazer isso sem vocês. Vocês têm minha gratidão eterna por ficarem comigo nesta viagem louca. E, sem ordem particular, por seu apoio, encorajamento, honestidade e fabulosidade geral:

Danielle Rairigh, Katy Ames, Monica Robinson, Rachel Childers, Saffron A. Kent, Nicole French, Jenny Aspinall, e Gitte Doherty.

Emily Lawrence e Judy Zweifel, pelas imaculadas edição e revisão. Qualquer erros que encontrarem serão meus mesmo (porque eu tinha de mexer *em só mais uma coisinha*).

Minhas alfas e betas deusas: Steph Poe, Dawn Walsh, Anna Fay, Sarah Leal, Brienne St. Germain, Haley McGraw Smith, Amy Lutz, Lee Allen, Chery-ann Townsend, Lisa Curro e Sheila Marie.

E meu marido – obrigada por ser meu parceiro, meu líder de torcida, minha prancha e meu porto na tempestade da vida. Eu escolho você, sempre.

lmhalloran.com